RIMAS
DE LVIS DE CAMÕES.

PRIMEIRA PARTE.

NOVAMENTE ACRESCENTADAS, & emendadas nesta Impressão.

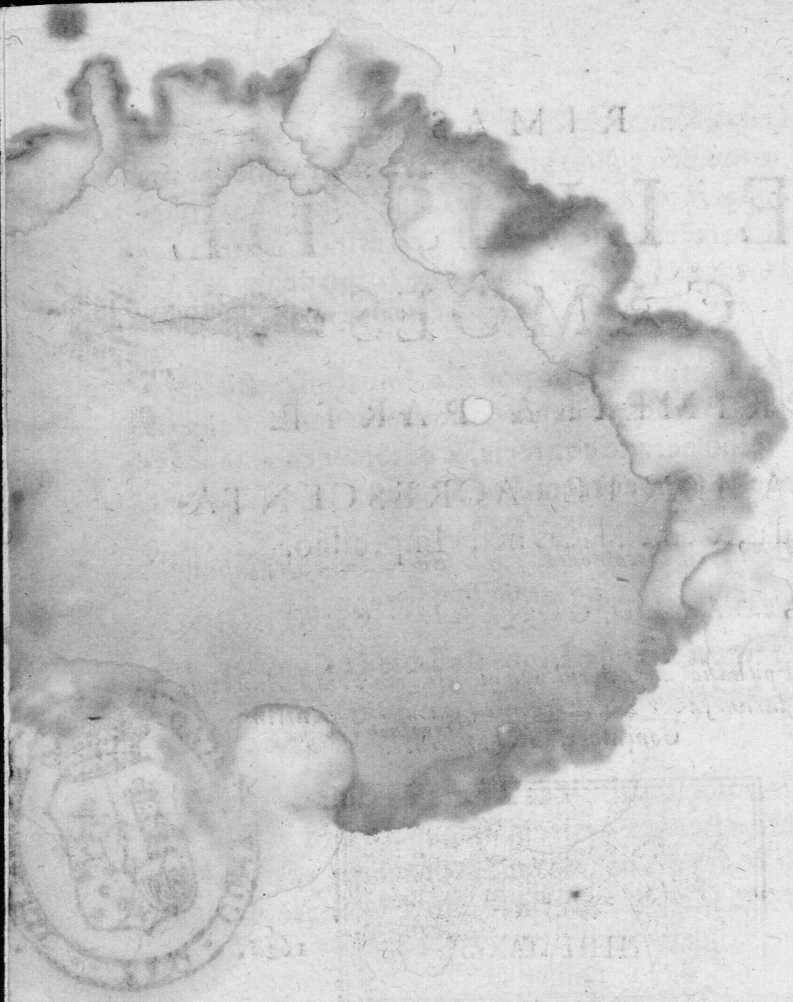
DIRIGIDAS A D. GONÇALO COVTINHO.

Com dous Epithafios à sua Sepultura que está em Santa Anna que mandaram fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçalvez da Camara.

Anno 1621.

EM LISBOA. *Com todas as licenças necessarias.*
Por Antonio Aluarez.

A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros.
Com Priuilegio Real.
Tayxadas a 160. reis em papel.



VI estas Rimas de Luis de Camões impressas no anno de 1598. & assi como vam enmẽdadas em quatro, ou cinco lugares, que julguei por indecentes, me parece que se podem imprimir. Em nossa Senhora da Graça de Lisboa, a onze de Iulho de 1614.

Frey Antonio Freyre.

VIsta a informaçam podesse imprimir este liuro de Camões, & depois dimpresso venha a este cõselho pera se conferir, & dar licença pera correr, & sem ella nam correra. Em Lisboa a 18 de Iulho de 1614.

O Bispo de Nicomedia. Bertolameu da Fonseca. Antonio Dias Cardoso.

POdese imprimir este Liuro de Luis de Camões, aos 29 de Agosto de 1614,

Damiam Viegas.

QUe se possa imprimir as Rimas de Luis de Camões visto a licença que tem do Sancto officio, & do ordinario, & depois de impressas tornaram pera se tayxarem, & sem isso nam correram, ao 1. de Septẽbro 1614

L. Machado.

TAyxam este liuro de Luis de Camões em cento, & sessenta reis em papel, a 20. de Dezẽbro de 1614.

Fernam Dayres Dalmeida. L. Machodo.

A DOM GON.
C, ALO COVTINHO.

VAS Razões, Senhor me mouerão a tirar de nouo a luz esta primeira parte das Rimas do admiranel Luis de Camões Principe dos Poetas. A primeira, serẽ ellas taes, que merece o autor este nome. A segunda, ter eu a v. m. por meu senhor, para me valer de seu emparo nos casos aq̃ se arrisca quẽ sae a publico, & ambas me obrigão a offerecellas a v. m. nesta quinta impressão como o fiz na primeira, porq̃ tambem naõ quis defraudar ao Poeta do fauor q̃ em v. m. tinha recebido, estando desenganado q̃ com nenhũa outra pessoa lhe podia melhorar seu partido, & pedirlhe que sofra arrimalas a seu nome. Porque se me render louuor de bom juyzo a escolha que fiz de tão alta poesia para a imprimir, quero ficar de todo acreditado, na eleiçã do padroeyro que tomo para a defender. Quam alta, & quam excellente obra seja esta, bẽ posso escusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mundo, na mais pura, & emendada impressaõ que pude auer. Nella está retratado, antes viuo aquelle admiranel engenho, dequem affirmo q̃ se viuera, pudera fazer immortal o nome Portugues, & ainda das feridas de nossas calamidades, em que tantos falsos escritores tam pesadamẽte nos magoaraõ, soubera tirar louuores, & tropheos. Naõ posso declarar como espanta a agudeza de seus cõceitos, como obri

ga a

ga a propriedade das palauras, como enleua o encareci-
mento das razões. Que alteza tem de sentenças, que mei
taphoras, que hiperboles, que figuras tã Poeticas? Adm-
rauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, &
Canções, a melencolia tam musica das Elegias, a bran-
dura tam namorada das Eglogas. Que direy da policia
& facilidade do verso, da elegancia dos termos? da rique
za da lingoa? Por hũa parte me parece que tira a todo ho
mem a esperança de ser Poeta: por outra toda a disculpa
aos que vaõ mendigando lingoajes estrangeiros para cõ
pòr nellas, & tachão a nossa de esteril, defeito seu, mais
q̃ culpa della. Apontey estas cousas, que v.m. não ignora
porque quero que entẽda q̃ sei conhecer o preço do que
dou. Por onde me cy por muy obrigada a minha ventu-
ra, por me apresentar occasiaõ, em que desejando muyto
seruir a v. m. quasi igualey a vontade com a obra. Mas
tambem confesso q̃ lhe não deuerei nunca poderme dar
cousa que iguale ao merecimento de v.m. Em cujos lou-
uores não quero entrar, porq̃ vejo diante o mar Oceano
muyto mais largo, & estendido do que na verdade he. Ba
ste que se fiz algum seruiço a v.m. com as Poesias de Ca-
mões, muyto mayor o fiz a elle, em as entregar a v.m. de
quẽ se sabe que em dotes de animo, he mayor que todos
seus iguaes, & nas do corpo igual atodos os mayores do
mundo. Porque quanto a isto que menos importa a casa
dos Coutinhos he hũa das muy poucas, que começaram
com o Reyno em Portugal, & com ella permanecerão.
Mas que digo começarão? No mesmo tempo do primei
ro Rey Afonso consta per escripturas antiguas, que auia
Coutinhos, que erão conquistadores per si. Para o que
era necessario terẽ o sangue illustre; era obrigar o pouo
& riqueza para o pagar, que sam os dous effeos que con-

seruão a nobreza. De como se continuou por estes qua-
trocẽtos annos por virtude propria, mais q̃ fauor alheo,
não testemunho todos os lugares, em que Portugueses
fizerão feitos de valor, semeados de ossos de Coutinhos.
E como a virtude per si mesmo sem outra valia se susten
ta, deu a este Reyno doze, & mais casas, que oje cõ esplẽ-
dor illustre se continuã liberais de valerosos peitos para
a guerra, & não auaras de profundos juizos para a admi-
nistração da paz. Entre estas deu dous Condados, dos qua
es, & do mais antigo, & verdadeiro desta familia (in-
da que oje extincto por se juntar com a casa Real, pello
casamento do Infante dom Fernando, irmam del Rey
Dom Ioão o terceiro, cõ a senhora Dona Guimar, vlti-
ma possuydora delle) he v.m. descendente per linha ligi
tima masculina. Quãto as partes do animo de que Deos
dotou, o bom indicio nos deu v. m. dellas na sua em-
presa da Oliueyra, que tanto tempo ha que vsa em suas
armas. Porque esta he aquella q̃ engeitou o Reinado das
outras aruores, que dignamente lhe offereciã. E esta he
aquella que he Symbolo da paz, & brandura cortesaã de
que v.m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mistu
ra com as armas todas as boas sciẽcias, e disciplinas, com
tal cõcerto, q̃ reciprocamẽte se cõmunicã admiranel lu-
stre, como as vemos em v.m. na letra, MIHI TAXVS.
Estou contemplando o queixume geral dos grandes en-
tendimentos, que sentencioſamẽte se descobre nella: os
quaes hũa vez por não serẽ conhecidos daquelles aquem
elles faltão, & outra por serẽ dos mesmos enuejados, nũ-
ca alcanção o que merecẽ. De maneira, que o saber pel-
la Oliueyra, significado, que lhes ouuera de ser occasiam
de sobirem a grandes estados, lhes causa effeitos de con-
tradição, & odio, entendidos no veneno do texo. Outras
muy-

muitas aplicações se podẽ descubrir nesta empresa, assi ao sentido moral, como ao namorado, q̃ todos me dam certos penhores do profundo juyzo de v.m. das quais nã trato, pollas não danar cõ a pobreza de meu estilo, e por deixar q̃ especular aos bõs engenhos. E bẽ mostra a v.m. nellas as partes excellentes de seu animo, de q̃ não direi mais, porq̃ sey q̃ não bastão liuros inteiros, quanto mais Prologo curto. Mas como não ey de exalçar ate o ceo a magnifica, è muy heroica obra q̃ v.m. fez em dar sepultura hõrada aos ossos deste admirauel varaõ q̃ pobre & plebeyamẽte jazião no mosteiro de S. Anna. Tomou v.m. a sua cõta a obrigação comũa, não deste Reyno sò, mas de toda Espanha, & assi recolheo pera si toda a gloria q̃ a toda esta prouincia viera, se pera taõ deuida obra se ajuntara. Bastante rezaõ era esta para suas Poesias serem dedicadas ao nome de v.m. e naõ conhecerẽ outro. Aceiteas v.m. defendaas, hõreas, q̃ se v.m. o fizer entre os estrangeyros, elle lhe pagara cõ honrar seu nome entre os estrãgeiros, & naturaes. Porq̃ a verdadeira patria dos altos engenhos, naõ he o lugar que conhecẽ por nascimento, he so o entẽdimẽto claro, & perfeito, q̃ sabe estimar as cousas grandes, & leuantadas. E assi o emparo q̃ v.m. lhe der entre juizos pobres q̃ o perseguẽ, como estrãgeiro, pagarà cõ fazer enuejado o nome de v.m. entre os ricos, è excellentes que o estimaõ como natural. E bẽ he razaõ, q̃ pois elle por meyo de v.m. começa oje a viuer nouavida por gloria de seus escritos, fique a memoria de v.m. pelo seu liure das leys da morte, & do esquecimẽto, cõforme a antigua, & bem prouada prophecia Poetica. Por maneira, q̃ se v.m. lhe for Achiles entte aquelles, seja elle para v.m. Homero entre hũs & outros. Nosso Senhor guarde a v.m. De Lisboa a 18. de Dezembro de 1621.

Domingos Fernandes.

IN LAVDEM
LVDOVICI CAMONII
Principis Poetarum.

Emanuelis Souſæ Coutigni Epigrama.

QVod Maro ſublimi, quod ſuaui Pindarus, alto
Quod Sophocles, triſti Naſo quod ore canit.
Mœſtitiam, caſus, horrentia prælia, amores,
Iuncta ſimul, cantu ſed grauiore damus.
Quis nam author? Camonius. Vnde hic? Protulit illũ
Lyſia in Eoas imperioſa plagas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Vltimus hic choreis Muſarum præfuit, illo,
Plenior Aonidùm, eſt nobiliorq; chorus.
Flos veteris, virtusq; nouæ fuit ille Camænæ,
Debita iure ſibi ſceptra poeſis habet:
In Luſitanos Heliconis culmina tractus
Tranſtulit, antra, Lyras, ſerta, fluenta Deas,
Currere Caſtalios noſtra de rupe liquores,
Iuſsit ab inuito prata virere ſolo.
Cerne per incultos Tempe meliora receſſus,
Cerne ſatas ſterili ceſpite veris opes.

Omni-

Omnibus Occidui tibi rident floribus horti,
Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit, & ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridumq; trahis, cælituumq, choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis,
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.
Ad Dominum Gondisalvum Coutignum.

NOminibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridumq, decus.
Victa situ in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, & audes
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyra.
Ac velut Orphœo reuocasti munere amicum,
Orphœus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, & orphœus,
Alter erit Musæ, nominis alter erit,

D. LEONARDVS TVRRICA-
no a Luis de Camões.

SONETO.

CEleste signo de i gran fatti eggregi
Del popol Lusitano ardito e forte,
Che in alto canto, ad onta della morte
Et del tempo gli auuiui, & anco infregi.
Se ingli alti Elisij, di stellati fregi,
L'heroico Vasco orna le tempie accorte,
Per te dal basso Occaso à l'alte porte
Del oriente ha i più lodati pregi.
Alui la palma, à te il lauro si deue
Luigi degno Apolo, & degno Homero,
E degne sol della tua penna istessa,
Viui per lei fra mille lingue, & in breue
Riuolge questo e quello altro Emisphero
In viue carte la tua fama impressa.

Soneto

Sonetto dal Torquato Tasso, in lode de Luigi di Camõis. Parte 6. fol. 47.

VAsco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,
Ne egli par, che di cadere àccenne,
Non piu di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltragio, e scornò
Nè chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno,
Nê diè piú bel subietto á colte penne
Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andarmen lunge;
Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro polo,
E achi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Soneto do Licenciado Gaspar Gomez Pontino.

AQui da grão Minerua se descobre
O thesouro quʻos homẽs mais sublima,
Que quantos Phebo mostra là de cima,
E a mãy dʻAntheo no seo auaro encobre,
Aqui pode tirar ouro do cobre
Quem de Pallas prouar a sotil lima,
E no saber que Apollo mais estima
Por arte virà a ser rico de pobre.
Aqui da illustre Musa, & heroyca vea
Do inclino Poeta Lusitano
Que de louuor eterno a patria arrea,
Se pode ver bem claro hum desengano
Quʻem quanto o Sol abraça, e o mar rodea
Nunca subido mais alto engenho humano

Diogo

Diogo Bernardes, em louuor de Luis de Camões.

SONETO.

QVem louuará Camões qu'elle não seja?
Quem não ve que cansa em vão engenho, & arte?
Elle se louua a si sò, em toda parte.
E toda parte, elle sò enche d'enueja.
Quem juntos n'hum sprito ver deseja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte
(Quer elle d'amor cãte, quer de Marte)
Por mais não desejar, elle so veja.
Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle sò, ser encolhidà,
Em premio d'estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hũ rico emparo de sua fama, & gloria.

De Francisco Lopez, a Luis de Camões.

SONETO.

EStà o pintor famoso atento, & mudo,
Pintando, & recebendo mil louuores
Pello que retratou de varias cores,
Com engenho sutil, viuo, & agudo.
Quem he este que fala, & pinta tudo,
O Ceo, a terra, o mar, o campo, as flores
Aues, & animais, Nymphas, pastores,
Co diuino pincel do grande estudo.
O Principe serà do grão Parnasso,
Ou o Grego excellente, & soberano,
Ou Torcato tambem qu'em verso cãta
E se não he Virgilio, Homero, ou Tasso.
E he como parece Lusitano,
He Luis de Camões, qu'o mũdo espãta

Epi-

EPITAFIO DO SENHOR DOM Gonçalo Coutinho.

AQui jaz Luis de Camões Principe dos Poetas de seu tempo morreo no anno de 1579. esta Campa mandou aqui poer Dom Gonçalo Coutinho na qual se não enterrará pessoa algũa.

DO SENHOR MARTIM GONÇALVEZ da Camara.

NAso elegis Flaccus liricis Epigrammate Marcus
Hic iacet, Heroo carmine Virgilius
Ense simul,calamoque auxit tibi lysia famam
Vnam nobilitant Mars,& Apollo manum
Castalium fontem traxit modulamine at Indo
Et Gangi telis obstupefecit aquas
India miratã est quando aurea carmina lucrum
Ingenij haud gazas ex Oriente tulit
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense
At plus dum calamo bellica facta refert
Hunc Itali,Galli,Hispani vertere poetam
Quælibet hunc vellet terra vocare suum
Verterefas,æquare nefas,æquabilis vni
Et sibi pars nemo,nemo secundus erit.

AO AVTOR.

De Diogo Taborda Leitão.

SONETO.

SPirito, que ao Empyreo ceo voaſte,
Das Muſas cà na terra tam chorado,
Quanto milhor teràs ja la cantado.
Do muyto que tambem ca nos cantaſte?
Partiſtete de nos, ſos nos deixaſte,
A ſer la doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus verſos tanto honraſte,
La Hymos, Odes, cantos mais ſuaues
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde eſſa voz de ciſne mais ſe apura.
Nem te podem faltar materias graues,
Em que ocupes melhor a fantaſia,
Qu'em fim o de ca paſſa, o de la dura.

Pro

PROLOGO AO LEYTOR.

EPOIS de gastadas a primeira, & segunda, & terceira, & quarta impressam das Rimas deste excelente Poeta, determinado dallo quinta vez à estãpa, procurei que os erros que nas outras por culpa dos originaes se commeterão, nesta se emmendassem de sorte, que ficasse merecendo conhecerse de todos por digno parto do grande engenho de seu autor. Verdade he, que o immenso trabalho que leuey nisto, se paga somente com o amor da patria que me moueo, & eu tiue por principal causa, para perdoar às difficuldades, que se me offerecião. Porque vendo as estrangeiras nações, em obras tam fermosas, algũas nodoas q̃ as affeauão, que a condição do tempo lhe imprimira, & não a insufficiẽcia do Poeta, julgarão com razão por indignos de o terem entre si, homẽs que naõ saibaõ cõ sua diligencia, restituirlhe o preço que elles com seu descuido lhe roubarão. Porque certo em muitas fabulas que toca o Autor em diuersas partes, & textura dos versos, assi se introduziraõ os erros de quem os tresladaua, que ja quasi na opiniam do vulgo se tinhã por propios de Luis de Camões, & se ainda assi naõ ficarem na realidade de sua primeira composiçam, baste que em quanto pude o comuniquey com pessoas que o entendiam, conferindo varios originaes, & escolhendo delles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dezir, sem lhe violar agra

ça, &

ça, & termo particular seu, que nestas cousas importa muyto. Nem foy so este o beneficio (se assi he licito dizello) que recebeo de mim a memoria de Luis de Camões, porque muytas poesias que o tempo gastara, cauci a pesar do esquecimento em que ja estauam sepultadas, acrescentando na segunda impressam quasi outros tantos Sonetos, cinco Odes, algũs Tercetos, & tres Cartas em prosa, que bem mostraõ nam desmerecerem o titulo de seu dono. E nesta quinta impressam nam acrecento, as muytas obras suas que minha diligencia tem alcançado, & junto dos mais certos originaes, nunca impressos, porque em a segunda parte destas Rimas, que fico imprimindo, sayram todas a luz, em breue tempo. Na vontade cõ que se aceite este meu seruiço, sò quero que tirando os olhos de mim, se ponham no que dou, & acharam merecer o agradecimento, com que este meu trabalho espero ser recebido. Vale.

Domingos Fernandez liureiro.

RIMAS
DE LVIS DE CAMÕES.

BIBLIOTECA NACIONAL

SONETO 1.

M Quanto quis fortuna que tiuesse
Esperança d'algum contentamento,
O gosto de hum suaue pensamẽto
Me fez que seus effeitos escreuesse.
Porem temendo amor que auiso desse,
Minha escriptura a algum juyzo isento,
Escurecеome o engenho co tormento,
Para que seus enganos nam dissesse.
ò vos qu'Amor obriga a ser logeitos
A diuersas vontades, quando lerdes,
Num breue liuro casos tão diuersos,
Verdades puras sam, & nam defeitos:
E sabey que segund'o amor tiuerdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

A Soneto

SONETO. 2.

EV cantarey d'amor tão docemente,
Por hús termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados,
Faça sentir ao peito que nam sente,
Farey qu'amor a todos abrande,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, soſpiros magoados.
Temeroſa ouſadia, & pena auſente.
Tambem ſenhora do deſprezo honeſto
De voſſa viſta branda, & rigoroſa,
Contentarm'ey dizendo a menos parte.
Porem pera cantar de voſſo geſto,
A compoſição alta, & milagroſa,
Aqui falta ſaber engenho, & arte.

SONETO 3.

COm grandes eſperanças ja cantey,
Cõ q̃ os Deoſes no Olimpo cõquiſtara,
Deſpois vim a chorar, porque cantara,
E agora choro ja, porque chorey.
Se cuydo nas paſſadas que ja dey,
Cuſtame eſta lembrança ſo tam cara.
Qu'a dor de ver as magoas que paſſara,
Tenho pola mor magoa que paſſey.
Pois logo s'eſta claro que hum tormento
Dà cauſa qu'outro n'alma s'acreſcente,
Ia nunca poſſo ter contentamento.
Mas eſta fanteſia ſe me mente?
o ocioſo, & cego penſamento?
Ainda eu imagino em ſer contente.

Soneto

SONETO 4.

DEspois que quis Amor qu'eu só passasse
Quanto mal ja por muitos repartio,
entregoume a fortuna, porque vio,
Que nã tinha mais mal q̃ ẽ mi mostrasse.
Ella, porque do Amor se auentejasse,
No tormento que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mim sò mandou que s'inuentasse.
Eism'aqui vou com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente
Que destes dous tyrannos he fogeita.
Desuarios em versos concertando,
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste tão pequeno està contente.

SONETO 5.

EM prisões bayxas fuy hum tempo atado
Vergonhoso castigo de meus erros?
Ind'agora arrojando leuo os ferros,
Qu'a morte meu pesar tẽ ja quebrado.
Sacrifiquey a vida a meu cuidado,
Qu'Amor não q̃r cordeiros, nẽ bezerros
Vi magoas, vi miserias, vi desterros,
Pareceme qu'estaua assi ordenado.
Contenteyme com pouco, conhecendo,
Qu'era o contentamento vergonhoso,
So por ver que cousa era viuer ledo,
Mas minha estrella, qu'eu ja agora entendo,
A morte cega, & o caso duuidoso,
Me fizerão de gostos auer medo.

SONETO 6.

Illustre, & dino ramo dos Meneses
Aos quaes o prudente, & largo ceo
(Qu'errar não sabe) em dote concedeo,
Rompesse os Maometicos arneses,
Desprezando a fortuna, & seus reueses,
Ide para onde o fado vos moueo,
Erguey flammas no mar alto Erithreo,
E sereis noua luz aos Portugueses.
Opprimi com tam firme, & forte peito
O Pirata insolente, que s'espante,
E trema Trapobana, & Gadrosia.
Day noua causa a cor do Arabo estreito
Assi qu'o roxo mar daqui em diante
O seja sò co sangue de Turquia.

SONETO 7,

NO tempo que d'Amor viuer soya,
Nẽ sempre andaua ao remo ferrolhado
Antes agora liure, agora atado,
Em varias flammas variamente ardia.
Qu'ardesse n'hum sò fogo, nam queria.
o ceo, porque tiuesse experimentado,
Que nem mudar as causas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andaua isento,
Fuy como quem co peso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.
Louuado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou,
Este meu tão cansado sofrimento.

Soneto

SONETO 8.

AMor qu'o gesto humano n'alma escreue
Viuas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia
Por entre viuas rosas,& alua neue,
A vista que en si mesma não s'atreue
Por se certificar do qu'ali via.
Foy conuertida em fonte,que fazia
A dor ao sofrimento doce,& leue.
Iura Amor,que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito o pensamento
Endoudece,se cuida qu'he verdade,
Olhay como amor gera num momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

SONETO 9.

TAnto de meu estado m'acho incerto,
Qu'em viuo ardor tremẽdo estou defrio
Sem causa juntamente choro,& rio,
O mundo todo abarco,& nada aperto.
He tudo quanto sinto,hum desconcerto:
D'alma hum fogo me sae, da vista hũ rio,
Agora espero,agora desconfio,
Agora desuario,agora acerto,
Estando em terra,chego ao ceo voando
Num hora acho mil annos, & he de geito
Qu'em mil ãnos, nã posso achar hũa hora
Se me pregunta alguem porque assi ando,
Respondo que não sey,porem suspeito,
Que so porque vos vi,minha senhora.

SONETO. 10.

TRansformase o amador na cousa amada
Por virtude do muito imaginar,
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada
Se nella esta minh'alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar
Em si somente pode descansar,
Pois comsigo tal alma esta liada.
Mas esta linda, & pura semidea
Que como o accidente em seu sogeitõ
Assi coa alma minha se conforma.
Esta no pensamento como idea
O viuo & puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca la forma.

SONETO 11.

PAsso por meus trabalhos tam isento
De sentimento grande nem pequeno
Que so pola vontade com que peno
Me fica amor deuendo mais tormento
Mas vayme amor matando atento,
Temperando a triaga co veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o soffrimento,
Porem se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornarme com prazer como ao Sol neue,
Mas se me ve cos males taõ contente,
Faz se auaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deue.

SONETO 12,

EM flor vos arrancou de então crescida,
(Ali senhor dom Antonie, a dura sorte,
Donde fazendo andaua a braço forte
A fama dos antiguos esquecida,
Hũa so razão tenho conhecida,
Con que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia honrada morte
Que não podieis ter mais larga a vida,
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte.
Especial materia me sereis,
E celebrado em triste,& logo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentez viureis.

SONETO 13.

NVm jardim adornado de verdura
A que esmaltão por cima varias flores
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a deosa da caça,& da espessura,
Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lirio dos melhores
Mas excedião muito as outras flores
As violas,da graça,& formosura.
Preguntão a Cupido qu'alli estaua,
Qual de aquellas tres dores tomaria,
Por mais suaue,pura,& mais formosa,
Sorrindose o menino lhe tornaua,
Todas formosas saõ,mas eu queria,
Viola,antes que lirio,nem que rosa,

SONETO 14.

TOdo o animal da calma repousaua,
Sò Liso o ardor della nam sentia,
Qu'o repouso do fogo em que ardia,
Consistia na Nympha que buscaua.
Os montes parecia que abalaua,
O triste som das magoas que dezia
Mas nada o duro peito cõmouia,
Que na vontade d'outrem posto estaua,
Cansado ja de andar pola espessura,
No tronco de hũa faya por lembrança
Escreue estas palauras de tristeza.
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudauel tem firmeza.

SONETO 15.

BVsque amor nouas artes, nouo engenho
Para matarme, & nouas esquiuanças,
Que não pode tirarme as esperanças.
Que mal me tirara o que eu não tenho
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que não temo cõtrastes, nem mudanças,
Andando em brauo mar perdido o lenho
Mas com quanto nam pode auer desgosto,
Onde esperança falta, la m'esconde
Amor hum mal, que mata, & nam se ve,
Que dias ha que n'alma me tem posto,
Hum naõ sei que, que nasce nam sei onde
Vem naõ sei como, & doe naõ sei porque

Soneto

SONETO 16.

QVem ve senhora claro, & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos
Senam perder a vista so em vellos,
Ia não paga o que deue a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos
Dei mais a vida & alma por querellos,
Donde ja me nam fica mas de resto,
Assi qu' a vida,& alma,& esperança,
E tudo quanto tenho,tudo he vosso,
E o proueito disso eu so o leuo.
Porqu' he tamanha bemauenturança
O daruos quanto tenho,& quanto posso,
Que quãto mais vos pago,mais vos deuo.

SONETO 17.

QVando da bella vista,& doce riso,
Tomãdo estão meus olhos mantimẽto
Tão enleuado sinto o pensamento
Que me faz ver na terra o paraiso.
Tanto do bem humano estou diuiso,
Que qualquer outro bem, julgo por vẽto
Assi qu'em caso tal,segundo sento
Assaz de pouco faz quem perde o siso
Em vos louuar senhora nam me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente
Sentira,que não pode conocellas,
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he de estranhar dama excellente
Que quem vos fez,fizesse ceo,& estrellas,

Soneto

SONETO 18.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna robadora,
Deixaime repousar em paz hum'ora,
Que comigo ganheis pouca vitoria
Impressa tenho n'alma larga historia,
Deste passado bem que nunca fora,
ou fora, & não passara mas ja agora
Em mim nã pode auer mais q̃ a memoria
Viuo em lembranças, mouro d'esquecido,
De quem sempre deuera ser lembrado
Se lhe lembrara estado tam contente
ó quem tornar pudera a ser nascido,
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera el mal presente.

SONETO 19.

ALma minha gentil, que te partiste,
Tam cedo desta vida descontente,
Repousa la no ceo eternamente,
E viua eu ca na terra sempre triste,
Se la no assento Ethereo, onde subiste
Memoria desta vida se consente.
Não t'esqueças daquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste,
E se vires que pode merecerte,
Algũa cousa a dor que me ficou,
Da magoa sem remedio de perderte,
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tam cedo de ca me leue a verte,
Quam cedo de meus olhos te leuou,

Soneto

SONETO 20.

NVm bosque q̃ das Nimphas se habitaua
Sybila Nympha linda anda hum dia,
E Subida nũa aruore sombria,
As amarellas flores apanhaua
Cupido que alli sempre costumaua
A vir passar a sesta a sombra fria
N'hum ramo o arco & setas que trazia
Antes que adormecesse pẽduraua.
A Nympha como idoneo tempo vira
Para tamanha impresa, nam dilata
Mas com as armas foge ao moço esquiuo
As setas traz nos olhos com que tira,
ò pastores fugi, que a todos mata,
Senam a mim que de matarme viuo.

SONETO 21.

OS Reinos, & os imperios poderosos
Que em grãdeza no mũdo mais crecerã
ou por valor de esforço floreceram,
ou por varões nas letras espantosos,
Teue Grecia Themistocles, famosos,
os Scipiões a Roma engrandeserão,
Doze Pares a França gloria deraõ,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tam differente de seu ser primeiro)
os vossos deram honra & liberdade,
E em vos grão successor, & nouo herdeiro
Do Braganção estado, ha mil estremos
Iguaes ao sangue, & mores que a idade.

SONETO 22.

DE vos m'aparto(o vida)em tal mudãça,
Sinto viuo da morte o sentimento,
Não sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança,
Mas douuos esta firme segurança.
Que posto que me mate meu tormento
Pollas agoas do eterno esquecimento
Segura passara minha lembrança,
Antes sem vos meus olhos se entristeção
Que com qualquer cous'outra se cõtẽtẽ,
Antes os esqueçaes,que vós esqueçam.
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A gloria que emsofrer tal pena sentem.

SONETO 23.

CHara minha enemiga,em cuya mam,
Pos meus contentamentos a ventura,
Faltoute a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mim consolaçaõ,
Eternamente as agoas lograram
A tua peregrina fermosura,
Mas em quanto me amima vida dura,
Sempre viua en minh' alma t' acharaõ
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possão prometerte longa historia,
Daquelle amor tam puro, & verdadeiro,
Celebrada seras sempre em meu canto,
Porq̃ em quãto no mũ do ouer memoria,
Sera minha escritura teu letreiro,

Soneto

SONETO 24.

Aquella triste, & leda madrugada,
Chea toda de magoa, & de piedade,
Em quanto ouuer no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella sò, quando amena, & marchetada
Saia, dando ao mundo claridade,
Vio apartarse d'hũa outra vontade,
Que nunca poderà verse apartada.
Ella sò vio as lagrimas em fio,
Que d'hũs, & d'outros olhos diriuadas
S'acrescentaram em grande & largo rio
Ella vio as palauras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanso as almas condenadas.

SONETO 25.

SE quando vos perdi minha esperança
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança,
Mas amor em quem tinha confiança,
Me representa muy miudamente
Quantas vezes me vi ledo, & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que não auia final,
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido,
Ah dura estrella minha ah grão tormento
Que mal pode ser mòr, que no meu mal
Ter lembrãça do bem que he ja perdido?

Soneto

SONETO 26.

EM fermosa Letea se confia,
Por onde a vaydade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança
Com os Deoses celestes competia.
Porque não fosse auante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puserão a vingança,
Que tamanha doudice merecia,
Mas Oleno perdido por Lethea,
Não lhe sofrendo amor que soporta sse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte amor não apartasse
Ambos tornados sam em pedra dura.

SONETO 27.

MAles que contra mim vos conjurastes?
Quanto ha de durar tão duro intento,
Se dura, porque dura meu tormento,
Basteuos quanto ja me atormentastes.
Mas se assi perfiaes, porque cuidastes
Derrubar meu tão alto pensamento,
Mais pode a causa delle, em qu'o sustento
Que vos, que della mesma o ser tomastes
E pois vossa tençam com minha morte
Ha de acabar o mal destes amores
Day ja fim a tormento tam comprido.
Porque d'ambos contente seja a sorte,
Vos, porque me acabastes, vencedores,
E eu, porque acabey de vos vencido.

Soneto

SONETO 28,

Estàse a Primauera trasladando
em vossa vista deleitosa, & honesta,
Nas lindas faces, os olhos, boca, & têsta
Boninas, lyrios, rosas debuxando
De sorte vosso gesto matizando
Natura quanto podem manifesta,
Q'o monte, o campo, o rio & a floresta,
Se estão de vòs senhora namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Póssa colher o fruito destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.
Porque pouco aproueita linda dama,
Que semeasse amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

SONETO 29.

Sete annos de pastor Iacob seruia
Labão, pay de Rachel, serrana bella:
Mas não seruia ao pay, seruia a ella,
Q'a'ella sò por premio pertendia.
Os dias na esperança de hum sò dia
Passaua, contentandose com vella:
Porem o pay vsando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe daua Lya.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada sua pastora,
Como se a não tiuera merecida:
Começa de seruir outros set'annos,
Dizendo: Mais seruira, se não fora
Pera tão grande amor, tão curta vida.

Soneto

SONETO 30.

Està o lasciuo, & doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
o verso sem medida alegre, & brando,
Espedindo no rustico raminho.
O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado & manso, desuiando)
Na prõta vista a lèta endereitando,
Em morte lhe conuerte o charo ninho.
Dest'arte o coração, que liure andaua,
(Posto que jà de longe destinado)
onde menos temia foy ferido.
Porque o frècheiro cègo m'esperaua,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO 31.

Pede o desejo (dama) que vos veja,
Não entẽde o q̃ pède, està enganado,
He este amor tão fino, & tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.
Não ha cousa que natural seja,
Que não queira perpetuo seu estado,
Não quer logo o desejo desejado,
Porque não falte nunca onde sobeja.
Mas este puro affeito em mim se danna,
Que como a graue pedra tem por arte
O centro desejar da natureza,
Assi o pensamento (polla parte
Que vay tomar de mim terreste humana)
Foy senhora pedir esta bayxeza.

Soneto

SONETO 32.

POrque quereis senhora que offereça
a vida, a tanto mal como padeço:
Se vos nasce do pouco que mereço
Bem por nascer esta quem vos mereça.
Sabey em fim por muito que vos peça,
Que vosso merecer quanto vos peço
Q'nã cõsente amor qu'em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura, mas deueisma,
Por ser capaz de tantos disfauores.
E se o valor de vossos seruidores,
Ouuer de ser igual conuosco mesma,
Vos so conuosco mesma andai d'amores

SONETO 33.

SE tanta pena tenho merecida,
Em pago de sofrer tantas durezas,
Prouay senhora em mim vossas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida.
Nella esperimentay se sois seruida,
Desprezos, disfauores, & àsperezas,
Que mòres sofrimentos, & firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos quaes seram,
Forçado he que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coraçam,
Porque tão dura & aspera contenda,
He bem que pois nam acho defensam,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO 34.

QVando o Sol encuberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta & duuidosa,
Ao longo d' hũa praya deleytosa,
Vou na minha inimiga imaginando,
Aqui a vi os cabellos concertando,
Ali co a mão na face, tam fermosa,
Aqui falando alegre ali cuidosa,
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteue sentada, ali me vio,
Erguendo aquelles olhos tam isentos,
Aqui mouida hum pouco ali segura,
Aqui se entristeceo, ali rio,
Em fim nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vam, que sempre dura.

SONETO 35.

HVm mouer d'olhos brando, & piadoso,
Sem ver de que, hũ riso brãdo, & honesto
Quasi forçado, hũ doce, & humilde gesto
De qualquer alegria duuidoso,
Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso grauissimo, & modesto,
Hũa pura bondade manifesto,
Indicio da alma, limpo, & gracioso.
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno
Hum longo, & obediente soffrimento,
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe & o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento

Soneto

SONÆTO 36,

TOmoume vossa vista soberana
Adonde tinha as armas a mão,
Por mostrar que quem busca defensaõ
Contra esses bellos olhos, que s'engana;
Por ficar da victoria mais vfana,
Deixoume armar primeiro da razã:
Cuidei de me saluar, mais foi em vão.
Que cõtra occo não val defensa humana;
Mas porem se vos tinha prometido
• vosso alto destino esta vitoria,
Seruos tudo bem pouco, está sabido.
Que posto que estiuesse apercebido.
Não leuais de vencerme grande gloria,
Mayor a leuo eu de ser vencido.

SONETO 37.

NAõ passes caminhante. Quẽ me chama;
Hũa memoria nova, & nunca ouuida,
D'hum que trocou finita, & humana vida
Por diuina, infinita, & clara fama.
Quem he que tão gentil louuor derrama?
Quem derramar seu sangue naõ duuida
Por seguir a bandeira esclarecida
D'hum capitão de Christo que mais ama
Diroso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez, & ao mũdo juntamẽte,
Apregoando direi tão alta sorte.
Mais podras contar a toda a gente,
Que sempre deu sua vida claro indicio.
De vir a merecer tão santa morte.

SONETO 38.

Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
olhaime a mim, que soi feitura vossa.
Vereys que de viuer me desaposса
aquelle riso com que a vida dais
Vereys como de amor não quero mais,
Por mais q̃ o tẽpo corra, & o dano póssa
E se dentro nest'alma ver quiserdes
Como n'hum claro espelho, allì vereis
Tambem a vossa angelica & serena.
Mas eu cuido que so por não me verdes
Veruos em mim senhora não quereis:
Tanto gosto leuais de minha pena.

SONETO 39.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o resto gẽtil qu'eu n'alma vejo,
Se acendeo d'outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
mo de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remetendo com furor sobejo
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flamma que se atreue
Apagar seus ardores & tromentos,
Na vista de que o mundo temer deue.
Namorãose senhora os Elementos,
De vos, & queima o fogo aquella neue,
Que queima coraçõis & pensamentos.

Soneto

SONETO 40.

ALegres campos, verdes aruoredos,
Claras & frescas agoas de cristal,
Qu'em vos os debuxais ao natural,
Descorrendo da altura dos rochedos
Siluestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei que sem licença de meu mal
Ia nam podeis fazer meus olhos ledos,
E pois me ja não vedes como vistes,
Nam me alegrem verduras deleitosas,
Nem agoas que correndo alegres vem,
Semearei em vos lembranças tristes.
Regandouos com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

SONETO 41.

QVantas vezes do fuso s'esquecia
Daliana banhando o lindo seo,
Tantas vezes de hum aspero receo,
Salteado Laurenio, a cor perdia.
Ella que a Syluio mais qu'a si queria,
Pera podèllo ver não tinha meo,
Ora como curara o mal alheo,
Quem o seu mal tam mal curar sabia,
Elle que vio tam clara esta verdade,
Com solluços dezia (qu'a espessura
Commouia de magoa a piedade)
Como pode a desordem da Natura.
Fazer tam diferentes na vontade,
A quem fez tão conformes na ventura.

SONETO. 42.

LIndo, & sutil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se sò contigo vendote endoudeço,
Que fora cos cabellos qu'apertaste?
Aquellas trança d'ouro que ligaste
Qu'os rayos do sol tem em pouco preço,
Não sei se para engano do que peço
Se para me atar, os desataste?
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo
E por satisfação de minhas dores
Como quem não tẽ outra, eyde tomarte
E se não for contente meu desejo,
Dirlh'ei que nesta regra dos amores
Pello todo tambem se toma a parte.

SONETO 43.

OCisne quando sente ser chegada
A hora que poem termo a sua vida,
Musica com vòs alta, & muy subida
Leuanta pola praya inhabitada.
Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viuer a despedida,
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi senhora minha quando via
O triste fim que dauão meus amores,
Estando posto jà no estremo fio,
Com mais suaue canto & armonia
Discantei pollos vòssos dissauores
La vuestra falsa fê, y amor mio.

Soneto

SONETO 44.

Pellos estremos rayos que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Iuno em animosa.
Africa, Europa, Asia, as adorou,
Aquelle saber grande que ajuntou
Espirito & corpo em liga generosa,
sta mundana machina lustrosa,
De so quatro elementos fabricou.
Mas mor milagre fez a natureza
Em vos senhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio.
A vos seu resplandor deu Sol, & Lua:
A vos com viua luz graça, & pureza
Ar, sogo, terra, & agoa, vos seruio,

SONETO 45.

TOmaua Deliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amaua,
Casar com Gil vequeiro, & emsi vingaua
O erro alheo, & perfida esquiuança,
A descriçam segura a confiança,
As rosas que seu rosto debuxaua,
O descontentamento lhas secaua,
Que todo muda hũa aspera mudança;
Gentil planta disposta em secca terra,
Lindo fruito de dura mam colhido,
Lembranças d'outro amor, & se perjura,
Tornaram verde prado em dura serra,
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a fermosura,

SONETO 46.

GRam tempo ha ja que soube da ventura
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada,
Me daua claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolai, destrui, naõ fique nada,
Vingaiuos desta vida, qu'inda dura.
Soube amor dà ventura que a não tinha.
Æ porque mais sentisse a falta della,
De imagẽs impossiueis me mantinha.
Mas vos senhora, pois que minha estrella
Nam foi melhor, viuei nesta alma minha
Que nam tem a fortuna poder nella.

SONETO 47.

SE algũa hora em vos a piedade,
De tam longo tormento se sentira.
Nam consentira amor que me partira
De vossos olhos minha saudade.
Aparteime de vos, mas a vontade,
Que pello natural n'alma vos tira,
Me faz crer q̃ esta ausencia he de mẽtira,
Mas inda mal porem porque he verdade.
Irm'ey senhora, & neste apartamento,
Tomaraõ tristes lagrimas vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento,
E assi darei vida a meu tormento,
Qu'emfim cà me acharà minha lẽbrãça,
Sepultado no vosso esquecimento.

SONETO 48.

O Como se me alonga d'anno em anno
A peregrinaçã cansada minha?
Como s'encurta, e como ao fim caminha
Este meu breue & vão discurso humano?
Vay se gastando a idade, & cresce o dano,
Perdeseme hũ remedio, que inda tinha
Se por experiencia se adeuinha,
Qualquer grãde esperãça, he grãd'dano.
Corro apos este bem, que não se alcança,
No meo do caminho me falece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança.
Quando lhe foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver se inda parece,
Da vista se me perde, & da esperança.

SONETO 49

TEmpo he jà que minha confiança
Se deça de hũa falsa openião,
Mas amor não se rege por razão,
Não posso perder logo a esperança:
A vida si, que hũa aspera mudança
Não deixa viuer tanto hum coração,
E eu na morte tenho a saluação,
Si: mas quem a deseja não alcança,
Forçado he logo qu'eu espere, & viua,
Ah dura ley d'amor, que não consente
Quietação n'hũa alma qu'he cattiua?
Se heide viuer em fim forçadamente
Pera que quero a gloria fugitiua,
D'hũa esperança vãa que me atormenta?

Soneto

SONETO 50.

AMor,co aſperança ja perdida
Teu ſoberano templo viſitei,
Por ſinal do naufragio que paſſei,
Em lugar dos veſtidos pus a vida.
Que queres mais de mim, que deſtruida,
Me tẽs a gloria toda que alcancei?
Nam cuides de forçarme,que nam ſei
Tornar a entrar onde nam ha ſaida,
Ves aqui alma vida,& eſperança,
Deſpojos doces de meu bem paſſado,
Em quanto quis aquella emquẽ eu moro
Nella podes tomar de mim vingança,
E s'inda nam eſtas de mim vingado,
Contentate co as lagrimas que choro,

SONETO 51,

APollo,& as noue Muſas diſcantando
Com a dourada lyra me influião
Na ſuaue armonia que faziam,
Quando tomei a pena começando
Ditoſo ſeja o dia & hora quando
Tão delicados olhos me ferião,
Ditoſos os ſentidos que ſentiam,
Eſtarſe em ſeu deſejo treſpaſſando.
Aſsi cantaua quando amor virou,
A roda,a eſperança que corria,
Tam ligeira,que quaſi era inuiſiuel.
Comuerteuſeme em noite o claro dia,
E ſe algũa eſperança me ficou,
Sera de mayor mal ſe for poſsiuel.

Soneto

SONETO 52.

LEmbranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Não viuo com meu mal tão enganado,
Que não espere delle muito mais:
De muito longe já me costumais,
A viuer d'algum bem desesperado,
Já tenho co'a fortuna concertado:
Do sofrer os trabalhos que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia
Pera quantos desgostos der a vida,
Cuide em quanto quiser o pensamento.
Que pois não à hi outra resistencia,
Pera tão certa queda de subida,
Aparelh'ei debaixo o sofrimento.

SONETO 53.

APartauase Nise de Montano
Em cuja alma partindose ficaua,
Que o pastor na memoria a debuxaua,
Por poder sustentarse deste engano.
Pellas prayas do Indico Occeano
Sobre o curuo cajado se encostaua,
E os olhos pellas agoas alongaua,
Que pouco se doião de seu dano.
Pois com tamanha magoa & saudade
(Dezia) quis deixarme a em qu'eu móro
Por testemunhas tomo ceo, & estrellas,
Mas se em vos ondas mora piedade,
Leuai tambem as lagrimas que choro,
Pois assi me leuais a causa dellas.

Soneto

SONETO 54.

QVando vejo que meu destino ordena,
Que por me experimẽtar devos m'apar (te
Deixãdo de meu bẽ tã grãde parte,
Qu,a mesma, culpa fica graue pena.
O duro disfauo rque me condena,
Quando pella memoria se reparte
Endurece os sentidos de tal arte.
Qu'a dor d'ausencia fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
Daquillo que mais quero este tão fora
De me nam apartar tambem da vida,
Eu refrearei tão aspera esquiuança
Porque mais sentirei partir senhora
Sem sentir muito a pena da partida.

SONETO 55.

DEpois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos sospiros vãos vãmente dados.
Como nam sois vos ja desenganados,
(Desejos) que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Qu'amor fez sẽ remedio, o tẽpo, os fados
Se nam tiuereis ja experiencia
Das sem razões d'amor a quem seruistes
Fraqueza fora em vos a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que tẽpo não curou, nem longa ausencia
Que bem delle esperais, desejos tristes,

Soneto

SONETO 56.

NAyades, vos que os rios habitais
Que os saudosos campos vam regando
De meus olhos vereis estar manando,
outros que quasi aos vossos sam iguais:
Dryades, vos que as setas atirais,
os fugitiuos ceruos derrubando,
outros olhos vereis que triumphando,
Derrubam corações, que valem mais,
Deixai as aljauas logo, & as agoas frias
E vinde Nymphas minhas se queteis
Saber como d'hũs olhos nascem magoas
Vereis como se passão em vão os dias,
Mas não vireis em vão, que cá achareis
Nos seus as settas, & nos meus as agoas.

SONETO 57.

MVdãose os tempos, mudãse asvontades
Mudase o ser mudase a confiança,
Todo o mundo he composto de mudãça
Tomando sempre nouas qualidades.
Continuamente vemos nouidades,
Differentes em tudo da esperança,
Do mal ficão as magoas da lembrança,
E do bem (se algum ouue) as saudades,
O tempo cobre o cham de verde manto,
Que ja cuberto foi de neue fria,
E em mimcõuerte em choro odoce cãto
E afora este mudarse cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda ja como soia,

Soneto

SONETO. 58.

SE as penas comq̃ amor tam mal me trata
Quiser que tanto tempo viua dellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se acende & matta:
E se o tempo que tudo desbarata,
Secear as freseas rosas sem colhelas,
Mostrãdome a linda cor das ttãçasbellas
Mudada de ouro fino em bella prata.
Vereis senhora entam tambem mudado
O pensamento,& aspereza vossa,
Quando nam sirua ja sua mudança.
Suspirareis então pelo passado,
Em tempo,quando executar se possa,
Em vosso arrepender minha vingança.

SONETO 59.

QVem jaz no grã sepulchro, q̃ descreue,
Tão illustres sinais no forte escudo?
Ninguẽ,que nisso em fim se torna tudo,
Mas sou quem tudo pode,& tudo teue.
Foi Rey:fez tudo quanto a Rey se deue.
Pos na guerra & na paz deuido estudo,
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leue.
Alexandre será?ninguem se engane
Que sustẽtar,mais q̃ adquirir se estimada
Será Adriano grão senhor do mundo;
Mais obseruante foy da ley decima.
He Numa;Numa não,mas he Ioanne,
De Portugal Terceiro,sem segundo.

Soneto

SONETO 60,

Quem pode liure ser gentil senhora,
Vendouos com juizo sossegado,
Se o minino que d'olhos he priuado;
Nas mininas dos vossos olhos mora,
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli viue das gentes venerado,
Qu'o viuo lume, & o rosto delicado;
Imagens sam d'amor em tod'a hora.
Quem vè q̃ em branca neue nascem rosas
Que fios crespos d'ouro vão cercando,
Se por antre esta luz a vista passa,
Rayos d'ouro verà, que as duuidosas,
Almas estão no peito traspassando
Assi como hum cristal o sol traspassa.

SONETO 61.

Como fizeste Porcia tal ferida,
Foy voluntaria, ou foy por innocencia.
Mas foy fazer amor experiencia,
Se podia soffrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te conuida
A não pores a vida resistencia,
Andome acostumando a paciencia,
Porque o temor a morte nam impida
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? porque ordena
Amor, que morra, & pene juntamente;
Etẽs a dor do ferro por pequena;
Si, que a dor costumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

Soneto

SONETO 62.

DE tão diuino accento,& voz humana,
De tão doces palauras peregrinas
Bem sei que minhas obras naõ saõ dinas
Que o rudo engenho meu medesengana
Mas de vossos escritos corre & mana,
Licor que vence agoas Cabalinas,
E conuosco do Tejo as flores finas
Farão enuêja à copia Màntuana,
E pois a vos de si não sendo auaras
As filhas de Mnemosine fermosa,
Partes dadas vos tem ao mundo caras,
A minha musa & a vossa tam famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa de alta,a minha de enuejosa.

SONETO 63,

DEbaixo desta pedra està metido
Das sanguinosas armas descansado,
ò capitam illustre assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido,
Por todo o oriente tam temido,
E da enueja da fama tam cantado,
Este pois so agora sepultado
Esta aqui ja em terra conuertido.
Alegrate o guerreira Lusitania
Por este Viriato que criaste,
E chora perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania,
Que sc a Roma co elle anichilaste
Nem por isso Carthago està contente.

Soneto

SONETO 64.

QVe vençais no Oriente tantos Reyes,
Que de nouo nos deis da India o estado
Que escureçais a fama que ganhado
Tinhão os que a ganharã a infieis:
Que do tempo reinhais vencido as leys
Que tudo emfim vêçais co tẽpo armado
Mais he vencer na patria desarmado,
Os monstruos, & as chimeras que vêceis
E assi sobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer que sem segundo
Vosso nome no mundo ouuido seja
O que nos da mais nome inda no mundo,
He vencerdes senhor no Reyno amigo,
Tantas ingratidões, tão grande inueja.

SONETO 65.

VOssos olhos senhora que competem
Co sol em fermosura & claridade
Enchem os meus de tal suauidade,
Que em lagrimas de vellos se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta magestade,
E da triste priam da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
o aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida,
ò gentil cura, & estranho desconcerto,
Que fará o fauor que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO 66.

FErmosura do ceo a nos descida,
Que nenhum coração deixais isento
Satisfazendo a todo o pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendido
Q lingua auerà tão atreuida,
Que tenha de louuarte atreuimento
Pois a parte mayor do entendimento,
No menos que em ti ha se ve perdida
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra hũ paraiso,
o engenho me falta, o espirito mingoa,
Mas o que mais me tolhe inda louuarte,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando nam te vejo perco o siso

SONETO 67.

POis meus olhos não cansaõ de chorar;
Tristezas que não cansam de cansarme
Pois nam abrãda o fogo em q̃ abrasarme
Pode quem eu jamais pude abrandar.
Não canse o cego amor de me guiar
A parte donde não saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme
Em quanto me a voz fraca nam deixar,
E se nos montes, rios ou em valles,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras aues, prantas pedras agoas,
Ouçam a longa historia de meus males
E curem sua dor com minha dor,
Que grãdes magoas podẽ curar magoas.

Soneto

SONETO 68,

DAyme hũa ley senhora de quereruos
Que a guarde, se pena de enojaruos,
Que atè que m'obriga a tanto amaruos,
Farà que fique em lei de obedeceruos.
Tudo me defendei, senam so veruos,
E dentro na minh'alma contemplaruos,
Que se assi não chegar a contentaruos,
Ao menos que naõ chegue áborreceruos
E se essa condiçam cruel & esquiua
Que me deis lei de vida nam consente,
Daima senhora ja, seja de morte.
Se nem essa me dais he bem que viua
Sem saber como viuo tristemente,
Mas contente porem de minha sorte,

SONETO 69,

FErido sem ter cura perecia,
O forte, & duro Thelepho temido,
Por aquelle que na agoa foy metido,
A quem ferro nenhum cortar podia,
Ao Apollineo oraculo pedia,
Conselho para ser restituido,
Respondeo que tornasse a ser ferido
Por quem o ja ferira, & sararia.
Assi (senhora) quer minha ventura,
Que ferido de veruos claramente,
Com vos tornar a ver amor me cura,
Mas he tam doce vossa fermosura,
Que fico como hydropico doente,
Que co beber lhe cresce mor secura,

SONETO 70.

NA metade do Ceo subido ardia
o claro Almo pastor, quando deixauão,
o verde pasto as cabras, & buscauão,
A frescura suaue d'agoa fria.
Co a folha da aruore sombria
Do rayo ardente as aues s'emparauão,
o modulo cantar de que cessauam
So nas roucas Cigarras se sentia.
Quando Liso pastor, n'hum campo verde,
Natercia crua Nimpha so buscaua
Com mil sospiros tristes que derrama.
Porque te vas de quem por ti se perde
Para quem pouco t'ama? (suspiraua)
o Ecco lhe responde pouco te ama.

SONETO 71.

IA a saudosa Aurora destoucaua
os seus cabellos d'ouro delicados,
E as flores nos campos esmaltados
Do christalino orualho borrifaua,
Quando o formoso gado s'espalhaua
De Siluio, & de Laurente pellos prados,
Pastores ambos, & ambos apartados
De quem o mesmo amor não se apartaua
Com verdadeiras lagrimas, Laurente
Não sey [dizia] ò Nympha delicada,
Porque não morre ja quem viue ausente,
Pois a vida sem ti não presta nada,
Responde Siluio, Amor não o consente,
Que offende as esperanças da tornada.

Soneto

SONETO 72,

QVando de minhas magoas, a comprida,
Maginação os olhos m'adormece,
Em sonhos aquell'alma me aparece,
Que para mim foy sonho nesta vida
La nũa soydade, onde estendida
A vista pello campo desfalece,
Corro par'ella, & ella então parece
Que mais de mim se alonga, compellida,
Brado, não me fujaes sombra benigna
Ella (os olhos em mim c'hum brãdo pejo
Como quem diz que já não pode ser)
Torna a fugir me, & eu gritando, Dina?
Antes que diga Mene, acordo, & vejo,
Que nem hum breue engano posso ter.

SONETO 73,

SOspiros inflamados, que cantais
A tristeza con qu'eu viuy tam ledo,
Eumouro, & nam vos leuo, porq̃ ey medo
Qu'ao passar do Lethe vos percaes.
Escritos para sempre ja ficaes,
onde vos mostrarão todos co dedo
Como exemplo de males, qu'eu concedo
Que para auiso d'outros estejaes
Em quem, pois, virdes falsas esperanças
D'Amor, & da fortuna cujos danos,
Alguns terão por bemauenturanças,
Dizeilhe, qu'os seruistes muytos annos,
E que em Fortuna tudo sam mudanças,
E qu'em Amor não ha senam enganos.

SONETO. 74.

AQuella fera humana qu'enriquece
Sua presumptuosa tyrania,
Destas minhas entranhas onde cria,
Amor hum mal que falta quando crece,
Se nella o ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida s'injuria,
Porque de minha morte s'ennobrece,
Hora em fim sublimai vossa victoria
Senhora, com vencerme, & captiuarme,
Fazei disto no mundo larga historia.
Que por mais que vos veja maltratarme,
Ia me fico logrando desta gloria
De ver que tendes tanta de matarme.

SONETO 75.

DItoso seja aquelle que somente
Se queixa d'amorosas esquiuanças,
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente,
Ditoso seja quem estando absente
Naõ sente mais que a pena das lẽbranças
Porque inda que se toma de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja (em fim) qualquer estado
onde enganos, desprezos, & isençam
Trazem o coraçam atormentado,
Mas triste quem se sente magoado
D'erros em que naõ pode auer perdam
Sem ficar n'alma a magoa do pecado.

Soneto

SONETO 76,

QVem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a Auezinha.
Que despois de perder hum bẽ que tinha
Nam sabe mais que cousa he ser contẽte
Quem fosse apartandosse da gente:
Ella por companheira, & por vizinha
M'ayudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pesar que tanto sente.
Ditosa Aue qu'ao menos se a natura,
A seu primeiro bem nam da segundo,
Dalhe o ser triste a seu contentamento,
Mas triste quem de longe quis ventura
Que para respeitar lhe falte o vento,
E pera tudo, em fim lhe falte o mundo.

SONETO 77,

OCulto diuinal se celebraua,
No templo donde toda a criatura
Louua o feitor diuino que a feitura,
Com seu sagrado sangre restauraua,
Ali amor, que o tempo m'aguardaua,
onde a vontade tinha mais segura
N'hũa celeste, & Angelica figura
A vista da razão me salteaua.
Eu crendo qu'o lugar me defendia,
E seu liure costume nam sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia.
Deixeime cattiuar, mas ja qu'entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui liure m'arrependo.

SONETO 78.

LEda serenidade deleitosa
Que representa em terra hum paraiso,
Entre rubis, & perlas doce riso,
Debaixo d'ouro, & neue, cor de rosa:
Presença moderada, & graciosa
Onde ensinando estão despejo, & siso,
Que se pode por arte, & por auiso
Como por natureza ser fermosa:
Falla de quem a morte, & a vida pende
Rara, suaue, & em fim senhora vossa,
Repouso nella alegre, & comedido:
Estas as armas são com que me rende,
E me captiua Amor, mas não que possa
Despojarme da gloria de rendido.

SONETO 79.

BEm sei Amor qu'he certo o que receo
Mas tu porque com isso mais te apuras
De manhoso mo negas, & mo juras
No teu dourado arco, & eu to creo.
A mão tenho metida no teu seo,
E não vejo meus danos às escuras,
E tu com tudo tanto me asseguras,
Que me digo que minto, & que m'enleo
Não somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, & a mim me nego
Tudo o que vejo, & sinto de meu dano
O poderoso mal a que m'entrego?
Que meyo do justo desengano,
Me possa inda cegar hum moço cego?

Soneto

SONETO 80.

Como quando do mar tempestuoso
O Marinheiro lasso, & trabalhado,
D'hum naufragio cruel ja saluo anado
Sò ouuir falar nelle o faz medioso
E jura qu'em que veja bonançoso,
o violento mar, & sossegado,
Nam entre nelle mais, mais vay forçado
Pollo muito interesse cubiçoso,
Assi, senhora, eu, queda tormenta
De vossa vista fujo por saluarme,
Iurando de não mais em outra verme,
Minh'alma que de vos nunqua s'ausenta,
Dame por preço veruos, faz tornarme,
Donde fugi tão perto de perderme,

SONETO 81.

AMor he hum fogo qu'arde sem se ver,
He ferida que doe & não se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor que desatina sem doer,
He hum não querer mais que bem querer
He hum andar solitario entre a gente,
He nunqua contentarse de contente,
He hum cuidar que ganha em se perder.
He querer estar preso por vontade,
He seruir a quem vence o vencedor
He ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu fauor,
Nos corações humanos amizade,
Se tam contrario a si he o mesmo Amor

Soneto

SONETO 82.

SE pena por amaruos se merece,
Quam della liure eſta? ou quem iſento,
Que alma, que razão, que entendimento
Em veruos ſe não rende, & obedece
Que mor gloria na vida s'offerece
Que occuparſe em vos o penſamento,
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em veruos ſenão ſente, mas eſquece,
Mas ſe merece pena quem amando
Contino vos eſta, ſe vos offende,
o mundo matareis que todo he voſſo,
Em mim podeis, ſenhora, yr começando
Que claro ſe conhece, & bem s'entende,
Amaruos quanto deuo, & quanto poſſo

SONETO 83.

QVe leuas cruel morte? Hum claro dia
A que horas o tomaſte? Amanhecendo
Entendes o que leuas? Nam o entendo.
Pois quem to faz leuar? Quẽ o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou ſua luz? Anoitecendo.
Luſitania que diz? Fica dizendo,
Em fim nam mereci dona Maria.
Mataſte quem a vio? Ia morto eſtaua
Que diz o cru amor? Fallar nam ouſa,
E quem o faz calar? Minha vontade.
Na morte que ficou? Saudade braua
Que fica la que ver: Nenhũa couſa,
Mas fica que chorar ſua beldade.

Sonet

SONETO 84.

ONdados fios d'ouro reluzente
Q'agora da mão bella recollidos,
Agora sobre as rosas estendidos
Fazeis que sua belleza s'acrecente:
Olhos que vos moueis tão docemente
Em mil diuinos rayos encendidos,
Se de cà me leuaes alma, & sentidos,
Que fora se de vòs não fora ausente?
Honesto riso, que entre a mòr fineza
De perlas, & coraes nasce, & parece
Se n'alma em doces êccos nã o ouuisse
S'imaginando sò tanta belleza
De si em noua gloria a alma s'esquece,
Que serà quando a vitè ah quem a visse.

SONETO 85.

FOy ja num tempo doce cousa amar
Em quanto m'enganaua a esperança,
O coração com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.
O vão caduco, & debil esperar,
Como se desengana hũa mudança:
Que quanto he móra bemauenturança,
Tanto menos se crè que ha de durar.
Quem jà se vio contente, & prosperado
Vendose em breue tempo em pena tãta,
Rezão tem de viuer bem magoado.
Porem quem tem o mundo exprimentado,
Não o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranharà o costumado.

Soneto

SONETO 86.

DOs illustres antiguos que deixaram
Tal nome, qu'igualou fama a memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais s'assinalaram.
Se se com cousas destas cotejaram
Mil vossas cada hũa tam notoria,
Vencera a menor dellas a mor gloria,
Que elles em tantos annos alcansaram.
A gloria sua foy, ninguem lha tome,
Segundo cada hum varios caminhos,
Estatuas leuantando no seu templo.
Vos honra Portuguesa, & dos Coutinhos,
Illustre Dom Ioam com melhor nome
A vos encheis de gloria, & a nos d'exẽplo

SONETO 87

COnuersasam domestica affeisoa,
Hora em forma, & sãa vontade,
Hora de hũa amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa,
Se despois: por ventura vos magoa
Com desamor, & pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade,
O brando Amor, que tudo em si perdoa,
Nam sam isto que falo conjecturas
Qu'o pensamento julga na aparencia,
Por fazer delicadas escrituras.
Metido tenho a mam na consciencia,
E não fallo senão verdades puras
Que m'ensinou a viua experiencia.

Sonet

SONETO 88.

Esforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras diuulgados,
E não em peito tímido encerrados,
E desfeitos despois em chuuas, & vento:
Animo de cobiça baxa isento,
Digno por isso só, d'altos estados,
Fero açoute dos nunqua bem domados
Pouos do Malabar sanguinolento:
Gentileza de membros corporaes
Ornados de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura.
Estas virtudes, & outras muitas mais
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Iazem debaxo desta sepultura.

SONETO 89.

No mundo quis hũ tempo que s'achasse
o bem q̃ por acerto, ou sorte vinha,
E por experimentar que dita tinha,
Quis q̃ a fortuna ẽ mim s'exprimẽtasse.
Mas porque meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me conuinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.
Mudando andei costume, terra, & estado
Por ver se se mudaua a sorte dura,
A vida pus nas mãos d'hum leue lenho:
Mas (segundo o qu'occo me tem mostrado)
Ia sey que deste meu buscar ventura,
Achado tenho ja, que não a tenho.

Soneto

SONETO. 90.

A Perfeição, a graça o doce geito,
A primauera chea de freſcura
Que ſempre em vòs florece, a q̃ auẽtura,
E a razão entregarão eſte peito:
Aquelle criſtalino, & puro aſpeito
Qu'em ſi comprende toda a fermoſura,
o reſplandor dos olhos, & a brandura
De qu'o amor a ninguẽ quis ter reſpeito:
S'iſto qu'em vos ſe vê, ver deſejaes
Como digno de verſe claramente,
Por mais que de amor vos iſentaes:
Tradazido o vereis tam fielmente
No meyo deſte ſpirito onde eſtais,
Que vendonos ſintais o qu'elle ſente.

SONETO 91.

VOs que de olhos ſuaues, & ſerenos
Com juſta cauſa a vida captiuais,
E qu'os outros cuidados condenais
Por indiuidos, baixos, & pequenos:
S'ainda do amor domeſticos venenos
Nunqua prouaſtes: quero que ſaibais
Qu'he tãto mais o amor deſpois q̃ amai
Quanto ſão mais as cauſas de ſer menos.
E não cuide ninguem qu'algum defeito
Quando na cauſa amada s'apreſenta,
Poſſa deminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais, & ſe atormenta,
Pouco, & pouco deſculpa o brãdo peito
Qu'Amor com ſeus cõtrarios s'acrecẽta.

Soneto

SONETO 92.

QVe poderei do mundo ja querer,
Que naquillo em q̃ pus tamanho amor
Não vi senam desgosto, & desamor
E morte em fim, que mais nã pode ser,
pois vida me naõ farta de viuer.
Pois ja sei que nam mata grande dor,
Se cousa ha que magoa de mayor,
Eu a verei, que tudo posso ver
A morte a meu pesar me assegurou.
De quanto mal me vinha ja perdi
o que perder o medo m'ensinou,
Na vida desamor somente vi,
Na morte, a grande dor que me ficou.
Parece que para isto so nasci.

SONETO 93.

PEnsamentos qu'agora nouamentẽ
Cuidados vãos em mim resuscitais,
Dizeime ainda nam vos contentais,
De terdes, quem vos tem, tão descõtẽte,
Que fantasia he esta que presente
Cad'hora ante meus olhos me mostrais
Com sonhos, & com sombras atentais,
Quem nem por sonhos pode ser contẽte.
Vejouos, pensamentos, alterados
E nam quereis d'esquiuo declararme
Qu'he isto que vos traz tã enleados.
Não me negueis s'andais para negarme,
Que se contra mim estais aleuantados,
Eu vos ajudarey mesmo a matarme.

Soneto

SONETO 94.

SEtomar minha pena em penitencia
Do erro em que cahio o penſamento,
Não abranda mas dobra meu tormento,
A iſto,& a mais obriga a paciencia.
Es hũa cor de morto na apparencia,
Hum eſpalhar ſoſpiros vaõs ao vento
Em vos não faz ſenhora, mouimento,
Fique meu mal em voſſa conſciencia.
E ſe de qualquer aſpera mudança
Toda a vontade iſenta Amor caſtiga
(Como eu vi no mal que me condena
E s'em vos não s'entende auer vingança,
Sera forçado(pois amor me obriga)
Q'eu ſò de voſſa culpa pague a pena.

SONETO 95.

AQuella que de pura caſtidade
De ſi meſma tomou cruel vingança,
Por hũa breue,& ſubita mudança
Contraria a ſu honra & qualidade
Venceo a fermoſura a honeſtidade,
Venceo no fim da vida a eſperança,
Porque ficaſſe viua tal lembrança,
Tal amor,tanta fe,tanta verdade.
De ſi,da gente,& do mundo eſquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em ſangue a força do tyrãno,
Eſtranha ouſadia,eſtranho feito,
Que dãdomorte breue aocorpo humano
Tenha ſua memoria larga vida.

Soneto

SONETO 96.

OS vestidos de Elisa reuoluia
Que lh'Eneas deixara por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces quando o seu fado o consentia,
Entr'elles a fermosa espada via,
Que instrumento foy da triste historia,
E como quem de si tinha a victoria,
Faltando com ella assi dizia,
Fermosa,& noua espada,se ficaste
So pera executares os enganos
De quem te quis deixar em minha vida,
Sabe que tu comigo t'enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

SONETO 97.

OQuam caro me custa o entenderte
Molesto Amor, que so por alcançarte,
De dor em dor me têz trazido a parte
Onde em ti odio,& ira se conuerte,
Cuidei que para em tudo conhecerte,
Me não faltasse experiencia,& arte,
Agora vejo n'alma acrecentarte,
Aquillo que era causa de perderte,
Estauas tão secreto,no meu peito
Qu'eu mesmo que te tinha,nam sabia
Que me senhoreauas deste geito.
Descubrite t'agora,& foi por via
Que teu descubrimento, & meu defeito
Hum me enuergonha,e outro m'injuria

SONETO 98.

SE despois d'esperança tão perdida,
Amor pola ventura consentisse,
Qu'ainda algũa hora breue alegre visse
De quantas tristes vio tão longa vida,
Hũa alma ja tão fraca, & tão càida
Por mais alto qu'a sorte me subisse.
Não tenho para mi que consentida,
Alegria tão tarde consentida.
Não tão sòmente Amor me não mostrou
Hum hora em que viuesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que co contentamento me tirou
O gosto dalgum'hora ser contente.

SONETO. 99

O Rayo cristalino s'estendia
Pello mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise pastora delicada
Donde a vida deixaua, se partia.
Dos olhos com que o Sol escurecia,
Leuando a vista em lagrimas banhada,
De si, do fado, & tempo magoada,
Pondo os ollos no ceo, assi dizia.
Nasce Sereno Sol, puro,& luzente
Resplandece formosa, & roxa Aurora
Qualquer alma alegrando descontente:
Qu'aminha, sabe tu que desa'agora
Iamais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhũa outra pastora.

Sone

SONETO 100.

NO mundo poucos annos, & cansados
Viui, cheos de vil miseria dura;
Foime tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustres acabados.
Corri terras, & mares apartados,
Buscando à vida algum remedio, ou cura,
Mas aquillo qu'emfim não quer ventura,
Não o alcanção trabalhos arriscados,
Crioume Portugal na verde, & chara
Patria minha Alanquer, ma àr corrupto
Que neste meu terreno vaso tinha
Me fez manjar de peixes, em ti bruto
Mar, que bates na Abazia fera, & auara
Tão longe da ditosa patria minha.

SONETO 101.

QVe me quereis perpetuas saudes?
Com que esperança ainda m'enganais?
Qu'o tempo que se vay, não torna mais
E se torna, não tornão as idades:
Rezão he ja ò annos que vos vades,
Porqu'estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para hum gosto são iguais,
Nem sempre ião conformes as vontades;
Aquillo a que ja quis, he tão mudado,
Que quasi he outra cousa, porqu'os dias
Tem o primeiro gosto ja danado.
Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a fortuna, & o tẽpo errado
Que do contentamento são espias.

SONETO 102.

VErdade, amor, rezão, merecimento,
Qualquer alma farão segura, & forte:
Porem fortuna, caso, tempo, & sorte
Tem do confuso mundo o regimento.
Effeitos mil rebolue o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe qu'o q̃ he mais q̃ vida, & morte,
Que não alcança humano entendimento.
Doctos varões darão rezões subidas,
Mas são experiencias mais prouadas,
E por isto he melhor ter muyto visto.
Cousas hai que passão sem ser criadas,
E cousas criadas ha, sem ser passadas;
Mas o melhor de tudo he crer em Christo

SONETO 103.

FIouse o coração de muyto isento
De si, cuidando mal, que tomaria
Tão illicito amor tal ousadia,
Tal modo nunqua visto de tormento.
Mas os olhos pintarão tão atento
Outros que visto tem na fantasia,
Qu'a rezão temerosa do que via,
Fugio, deixando o campo ao pensamento;
O Hypolito casto, que de geito
De Pnedra tua madrastra foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito:
Em mim vingou o amor teu casto peito;
Mas está desse agrauo tão vingado,
Que s'arrepende ja do que tem feito.

Soneto

SONETO 104.

QVem quiser ver d'Amor hũa excellencia
Onde sua fineza mais se appura,
Attente onde me poem minha ventura,
Por ter de minha fè experiencia.
Onde lembranças matão a longa ausẽcia
Em temeroso mar, em guerra dura,
Alli a saudade està segura,
Quando mòr risco corre a paciencia.
Mas ponhame fortuna, & duro fado
Em nojo, morte dano, & perdição,
Ou em sublime, & prospera ventura:
Ponhame em fim em baixo, ou alto stado,
Qu'atê na dura morte m'achàrão
Na lingoa o nome, n'alm a a vista pura.

SONETO 105.

VOs Nymphas da Gãgetica espessura
Cantai suauemente em vòz sonora
Hum grãde Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.
Ajuntouse a caterua negra, & dura
Que na Aurea Chersoneso affouta mòra
Para lançar do charo ninho fora
Aquelles que mais podem qu'a vẽtura.
Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidão tão fera, como nèscia,
Destruindo castiga, & torna fraca.
Pois ò Nymphas cantay, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grècia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

DE LVIS DE CAMÕES.

Canção primeira.

FErmosa, & gentil dama, quando vejo
A tèsta douro, & neue o lindo aspeito,
A boca gracioſa, o riſo honeſto,
O còlo de criſtal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu deſejo,
Nem mais de vòs que ver taõ lindo geſto,
Alli me manifeſto
Por voſſo a Deos, & ao mundo: alli m'inflamo
Nas lagrimas que chôro,
E de mim que vos amo,
Em ver que ſoube amaruos, me namoro:
E fico por mim sò perdido de arte
Q u'ei ciumes de mim por voſſa parte.

Se por ventura viuo deſcontente
Por fraqueza d'eſpirito padecendo,
A doce pena qu'entender não ſey,
Fujo de mim, & acolhome correndo
A voſſa viſta, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que paſſey:

De

De quem me queixarei
Se vos me dais a vida deste geito,
Nos males que padeço,
Senam de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço,
Mas ainda isso de mim cudar naõ posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra,
Por parte do desejo, cometendo
Algum nefando, & torpe desatino,
Se ainda mais que ver em fim pretendo,
Fraquezas sam do corpo, que he terra,
Mas nam do pensamento, que he diuino
Se tal alto imagino
Que dè vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Que se em fim resisto
Contra tam atreuido & vão desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.

Das delicadas sombrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou.
E fez a linda corda dos cabellos.

E porque de vos tudo lhe quadrou,
Dos rayos desses olhos fez as setas,
Com que fere quem alça os seus a vellos
Olhos que sam tam bellos,
Dam armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue,
Porem se he grande a dor
Coa alteza do mal, a restitue,
E as armas com q̃ mata sam de sorte,
Que ainda lhe ficais deuendo a morte,

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama.
Mimoso està do mal que por vos sente,
Que mayor bem deseja quem vos ama
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando imaginando docemente?
Quem viue descontente
Não ha de dar alivio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça,
Mas com alegre rosto
Sofra seus males para que os mereça,
que quem do mal se queixa do q̃ padece
Fallo porque esta gloria não conhece.

De

De modo que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo nam conheço,
Assi que com razões não tão somente,
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas ainda a culpa sua lh'agradeço,
Por esta fè mereço
A graça que esses olhos acompanha,
O bem do doce riso,
Mas porem não se ganha
C'hum parayso outro parayso,
E assi de enleada a esperança,
Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio,
Sabe canção qu'è porque nam vejo,
Engano com palauras o desejo.

Canção segunda.

A Instabilidade da fortuna,
Os enganos suaues d'amor cego,
Suaues(se duraram longamente)
Direi,por dar a vida algum sossego,
Que pois a graue pena me importuna,

Im-

Importune meu canto a toda á gente.
E se o passado bem co mal presente,
Me endurece a voz no peito frio,
O grande desuario
Dará de minha pena final certo,
Que hum erro em tãtos erros he cõcerto
E pois nesta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo d'amor o desconcerto,
Que ja co a razam se fez amigo,
So por não deixar culpa sem castigo

Ia amor fez leys, sem ter comigo algũ
Ia se tornou de cego arrazoado,
Sò por vsar comigo sem razões,
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor não vi nenhũa,
Nem elle deu sem erros afeições,
Mas por vsar de suas isenções
Buscou fingidas causas por matarme,
Que pera derrubarme
No abismo infernal de meu tormento,
Não foy soberbo nunca o pensamento,
Nem pretende mais alto aleuantarme
Daquillo que elle quis, & se elle ordena,

Que

Q ũe eu pague seu ousado atreuimento
Saiba qu'o mesmo amor q̃ me condena
Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos qu'eu adoro, aquelle dia
que deceram no baixo pensamento,
N'alma os aposentei suauemente,
E pretendendo mais, como auarento,
O coração lhe dei por iguaria,
qu'eu a meu mandado tinha obediente,
Porem como ante si lhe foy presente,
qu'entenderão o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
qu'a lingoa descubrio por desuario,
De sede morto estou posto num rio,
Onde de meu seruiço o frutto vejo
Mas logo se alça se acolhe lo venho,
E fogeme a agoa, se beber porfio,
Assi que em fome & sede me mantenho
Nam tem Tátalo a pena qu'eu sostenho.

Depois q̃ àq̃lla em quem minh'alma viue
quis alcançar o baixo atreuimento,
Debaixo deste engano a alcancei,
A nuuem do contino pensamento,

Ma-

M'afigurou nos braços & assi a tiue,
Sonhando o que acordado desejei.
Porque a meu desejo me gabei
De alcançar hum bem de tanto preço,
Alem do que padeço,
Atado em hũa roda estou penando,
Qu'em mil mudanças me anda rodeãdo
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho, & perco a confiança,
E assi de mi fugindo, tras mi ando,
E assi me tem atado hũa vingança,
Com Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suaue & inhumana
Meu humano desejo de atreuido
Cometeo sem saber que o fazia,
Que de sua formosura foy nascido
O cego moço, que co a setta insana
O peccado vingou desta ousadia,
Afora este mal qu'eu merecia,
Me deu outra maneira de tormento,
Que nunqua o pensamento
(Que sempre voa d'hũa a outra parte)
Destas entranhas tristes bem se farte.
Imaginando como o famulento,

Que

Que come mais,& a fome vai crecendo,
Porque de atormentarme não se aparte,
Assi que para a pena stou viuendo,
Sou outro nouo Ticio,& não m' entendo.

De vontades alheas qu'eu roubaua,
E qu'enganosamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que depois qu'a meu mando as sogigaua,
Com amor as mataua,qu'eu não tinha,
Porem logo o castigo que conuinha
O vingatiuo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte de Aspereza que em vos vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vay cayr,
Torno a subilo ao desejado assento,
Torna a cayrme,em balde em fim pelejo.
Não te espantes Sisipho deste alento,
Qa'as costas o subido sofrimento.

Dest'arte o sumo bem se m'offerece
Ao faminto desejo porque sinta
A perda de perdello mais penosa,

Como

Como o auaro a quem o sonho pinta,
Achar thesouro grande, onde enriquesce
E farta sua sede cobiçosa?
E acordando com furia presurosa,
Vay cauar o lugar onde sonhaua,
Mas tudo o que buscaua
Lhe conuerte em caruaõ a desuentura
Alli sua cobiça mais se appura,
Por lhe faltar aquillo que speraua,
Dest'arte amor me faz perder o siso
Porque aquelles que estão na noite escura
Nunqua sentirão tanto o triste abysso,
Se ignorarem o bem do parayso.

Cançaõ no mais, que ja não sey que digo,
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregam a causa desta morte.

Cançam Terceira.

IA a roxa manhãa clara
Do Oriente, as portas vinha abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridam da luz auara,

O sol

O sol que nunqua para,
De sua alegre vista saudosa,
Tras ella pressuroso,
Nos caualos cansados do trabalho,
Que respiram nas heruas fresco orualho,
S'estende claro,alegre,& luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminhovam saltando
E com suaue & doce melodia.
O claro dia stam manifestando.

A manhãa bella,& amena,
Seu rosto descubrindo,aspessura,
Se cobre de verdura,
Clara,suaue,angelica serena.
ò deleitosa pena
ò effeito d'amor alto,& potente
Que permite,& consente
que onde quer que me ache, & onde steja,
O Seraphim sempre veja,
Por quem de viuer triste sou contente,
Mas tu Aurora pura
De tanto bem da graças à ventura.
Pois as foi por em ti tão excellentes,
Que representes tanta fermosura.

A luz

A luz ſuaue & leda
A meus olhos me moſtra por qué mouro,
E os cabellos d'ouro,
Nam iguala os que vi, mas arremeda,
Eſta he a luz qu'arreda,
A negra eſcuridam do ſentido,
Ao doce penſamento,
O orualho das flores delicadas,
Sam nos meus olhos lagrimas canſadas,
Que eu choro eo prazer de meu tormento
Os paſſaros que cantam,
Meos ſpiritos ſam que a voz leuantam,
Manifeſtando o geſto peregrino,
Com tão diuino ſom qu'o mundo ſpantã.

Aſsi como acontece
A quem a chara vida ſtâ perdendo.
Qu'em quanto vay morrendo
Algũa viſão ſanta lhe aparece:
A mim em quem fallece
A vida que ſois vos minha ſenhorã,
A eſta alma que em vos mora,
(Em quanto da priſão ſe eſtà apartando)
Vos eſtais juntamente apreſentando,
Em forma da fermoſa & roxa Aurora,

O di-

ò ditosa partida,
ò gloria soberana,alta, & subida,
Se mo nam impedir o meu desejo,
Porque o que vejo em fim me torn'a vida.

Porem a natureza
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tam asinha,
Quam asinha o sol falta a redondeza,
Se ouuerdes que he fraqueza
Morrer en tão penoso,& triste stado,
Amor sera culpado,
Ou vos,onde elle viue tam isento,
Que causastes tam largo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuidado,
Que se viuer nam posso,
Homem formado so de carne,& osso,
Esta vida que perca amor ma deu,
Que nã sou meu, se mour'o dano he vosso

Cançam de cisne feito em hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria,te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Qu'a sombra oscura ja m'impede o dia.

Canção quartã.

VAõ as ſerenas agoas
Do mondego deſcendo,
Manſamente, qu'ate o mar nam pãrãm,
Por onde minhas magoas
Pouc'a pouco creſcendo,
Para nunca ſe acabar ſe começaram,
Alli s'ajuntaram
Neſte lugar ameno,
Aond' agora mouro,
Toſta de neu' & ouro,
Riſo brand', & ſuau', olhar ſereno,
Hum geſto delicado,
que ſempre n'alma m'eſtarà pintado.

Neſta florida terra,
Leda, freſca, & ſerena,
Led' & contente para mim viuia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena,
que de tam bellos olhos procedia,
Hum dia n'outro dia
O ſperar m' enganaua,
Longo tempo paſſey,

Com

Com a vida folguey,
Sò porqu'em bem tamanho m'empregaua
Mas que me presta ja
Que tam fermosos olhos nam os ha.

O quem me alli disserã
Que de amor tam profundo
O fim podesse ver ind'algum'hora,
O quem cudar podera
Que ouuesse ahi no mundo,
Apartarm'eu de vos minha senhora,
Para que desd'agora
Perdesse a esperança,
Eo vam pensamento,
Desfeit'em hum momento,
Sem me poder ficar mais qu,a lembrãça,
Que sempre estara firme
At'o derradeiro despedirme.

Mas a mòr alegria
Que daqui leuar posso,
Com a qual defenderme triste spero,
E,que nunca sentia,
No tempo que fuy vosso
quererdesme vos quanto vos eu quero,

Porque o tormento fero
De vosso apartamento
Nam vos dara tal pena,
Como a que me condena,
que mais sentirei vosso sentimento,
que o que minh'alma sente
Morr'eu senhora, & vos ficay contente.

Cançam tu staras
Aqui acompanhando,
Estes campos,& estas claras agoas,
E por mim ficaras
Chorando,& suspirando,
E ao mundo mostrando tantas magoas
que de tam larga historia.
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Cançam quinta.

S'Este meu pensamento
Como he doce,& suaue,
D'alma podesse vir gritando fora,
Mostrando seu tormento,
Cruel,aspero,& graue,
Diante de vos so minha senhora,

Podera

Podera ser qu'agora
O vosso peito duro
Tornara manso & brando,
E eu sempr'ando
Passaro solitario humild',o scuro,
Tornad'hum cisne puro,
Brand' & sonoro pello ar voando,
Com canto manifesto,
Pintara meu torment', & vosso gesto.

Pintar'os olhos bèllos
que trazem nas mininas
O menino qu'os seus nelles cegou
E os dourados cabellos
Em tranças d'ouro finas
A quem o sol seus rayos abaixou,
A têsta que ordenou
Natura tão fermosa,
O bem proporcionado,
Nariz lind'afilado,
Que cada parte tem da fresca rosa,
A boca graciosa,
Que quem lla louuar he'scusado:
Emfim he hum thesouro,
Pêrollas dentes, & palauras ouro.

Viraſe claramente
O dama delicada,
Qu'em vos ſe eſmerou mais á natureza,
E eu de gente, em gente
Trouxera trasladada
Em meu tormento voſſa gentileza,
Soment'a aſpereza
De voſſa condição,
Senhora nam diſſera,
Porque ſenão ſoubera
Qu'em vos podia auer algum ſenam.
E s'alguem com razam,
Porque morres diſſeſſe, reſpondera
Mouro porqu'he tão bella
Qu'inda não ſou para morrer por ella.

E ſe polla ventura
Dama vos offendeſſe
Eſcreuendo de vos o que nam ſento
E voſſa fermoſura
Tanto a terra deſceſſe,
qu'a alcançaſſe humild' entendimento:
Seria o fundamento
Daquillo que cantaſſe,
Todo de puro amor,

Porque

Porque vosso louuor
Em figura de magoas se mostrasse
E onde se julgasse
A causa pelo effeito minha dor,
Diria alli sem medo
Quem me sentir vera, de quem procedo

Entam a mostraria
Os olhos saudosos,
E o suspirar que traza'lma consigo
A fingid'alegria,
Os passos vagarosos
O fallar, & esquecerme do que digo
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme,
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acouardarmẽ
Em fim aueriguarme
Qu'o fim de tudo quanto stou falando.
Sam lagrimas & amores
Sam vossas isenções, & minhas dores

Mas quem tera senhora
Palauras com que iguale

Com vossa fermosura minha pena,
qu'em doce voz de fora
Aquella gloria falle,
que dentro na minh'alm'amor ordena?
Não pode tam piquena
Força d'engenho humano,
Com carga tão pesada,
Senão for ajudada
D'hum piadoso olhar, a'hum doc'égano
que fazendome o danno
Taõ deleitos'& a dor tam moderada,
Em fim se conuertesse
Nos gostos dos louuores que escreuesse

Canção naõ digas mais,& se teus versos
A pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais, q̃ diras menos,

Cançam seista.

COm força desusada
A quent'o fog'eterno,
Hum'ilha la nas partes do Oriente,
D'estranhos habitada,
Aond'o duro inuerno
Os campos reuerdesc'alegremente

A Lusi-

A Lusitana gente,
Por armas sanguinosas,
Tem dell'o senhorio,
Cercad'esta d'hum rio
De maritimas agoas saudosas,
Das heruas qu'aqui nascem,
Os gados juntamét' & os olhos pascem,

Aqui minha ventura,
Quis qu'hũa grande parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para qu'a sepultura
Nas mãos do fero marte
De sangu'& de lembranças matizasse,
S'amor determinasse
Qu'a troco desta vida,
De mim qualquer memoria
Ficasse com'historia.
que d'hũs fermosos olhos fosse lida,
A vida,& alegria.
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento,
Por minha dura sorte
Com falsas esperanças me conuida.

Nam

Nam cuida o penſamento
que pode achar na morte
O que não pode achar tão longa vidá,
Eſtà jà tão perdida
A minha confiança
que de deſeſperado
Em ver meu triſte ſtado,
Tambem da morte perco a ſperança,
Mas ò que s'algum dia
Deſeſperar pudeſſe, viuiria.

De quanto tenho viſto
I'agora não m'eſpanto,
qu'ate deſeſperar ſe me defende:
Outrem foy cauſa diſto,
qu'eu nunca pude tanto,
que caaſaſs'eſte fogo que m'encende;
Se cudão que m'offende
Temor d'eſquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo
qu'algum temor deixarà ao penſamento
quem vio tamanho enleo,
qu'ouuſs'abi ſperança ſem receo?

quem

Quem tem que perder posſa,
Se pode recear
Mas triſte quem não pode ja perder
Senhora a culpa he voſſa,
Que pera me matar
Baſtara hum'hora ſò de vos não ver,
Poſeſteſm'em poder
De falſas eſperanças
E do que mais m'eſpanto,
Que nunca vali tanto
Que viſſe tanto bem com'eſquiuanças,
Valia tam pequena
Nam pode mereſcer tam doce pena,

Ouueſſ'amor comigo
Tam branco,& pouco irado,
Quant'agora ẽ meus males ſe conheſce,
Que não ha mor caſtigo
Pera quem tem errado,
que negarlhe,o caſtigo que mereſce,
E bem como aconteſce
qu'aſsi como ao doente,
Da cura deſpedido,
O medico ſabido
Tudo quanto deſeja lhe conſente.

Aſsi

Assi me consentia
Esperança, desejo, & ousadia.

E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, & long'ausencia
Quem pod'imaginar
Qu'ouuess'em mi peccado
Que meresca tão graue penitencia?
Olhay qu'he consciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Não vedes qu'he onzena?
Mas se tão longo & misero desterro
Vos dà contentamento,
Nunca m'acabe nelle meu tormento.

Rio fermos', & claro,
E vòs ò aruoredos,
Qu'os justos vencedores coroais,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco sò diuersos frutos dais
Assi nunca sintais,
Do tempo injuri'algũa,

qu'em

qu'em vos achem abrigo
As magoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude a lũa,
Porque de gent'em gente,
Saibão que ja não mata a vida ausente.

Cançam neste desterro viuiras,
Voz nua,& descuberta,
Ate qu'o tempo em ecco te conuerta,

Cançam settima,

MAndame amor que cante docemente
O qu'elle ja ẽ minh'alma tẽ impresso
Com prosuposto de desabafarme,
E porque com meu mal seja contente,
Diz que ser de tam lindos olhos preso,
Contallo bastaria a contentarme,
Est'excellente modo d'enganarme,
Tomara eu so de amor por interesse,
Senam s'arrependesse
Com a pena o engenho escurecendo.
Porem a mais me atreuo,
Em virtude do gesto de que escreuo,
E se he mais o que canto qu'o qu' entendo

Inuoco

Inuoc'o lind'aſpeito,
Que pode mais qu'amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer ſoya,
Seu arco,& ſeus enganos deſprezando,
Quando viuendo delles me mantinha,
O amor enganoſo,que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha,
No touro entraua Phebo,e Progne vinha
O corno d'Acheloo Flora entornaua,
quand'o amor ſoltaua
Os fios d'ouro, as tranças encreſpadas,
A doce vent'eſquiuas
Os olhos rutilando chamas viuas,
E as roſas entr'aneue ſemeadas,
Co riſo tão galante,
Qu'hum peito desfizera de diamante.

Hum não ſey que ſuaue reſpirando,
Cauſaua hum admirado, & nouo eſpanto
Qu'as couſas inſenſiueis o ſentião:
E as garrulas aues leuantando
Vozes deſordenadas em ſeu canto
Como no meu deſejo s'encendião,

As fontes cryſtalinas nam corriam,
Inflammadas na linda viſta pura,
Floreſcia a verdura
Qu'andando cos diuinos pes tocaua,
Os ramos s'abaixauam,
Ou d'inueja das heruas que piſauam,
Ou porque tudo ant'ella s'abaixaua,
Nam ouue couſa em fim
Que nam paſmaſſe delle,& eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento
As couſas qu'o não tinham,o temor
Me fez cudar,qu'effeit'em mim faria
Conhecime nam ter conhecimento,
E niſto ſo o tiue porqu'amor
Mo deixou,porque viſſ'o que podia,
Tanta vinganç'amor de mim queria,
Que mudau'a humana natureza
Nos montes,& a dureza,
Delles em mim por troca traſpaſſaua,
ò que gentil partido,
Trocar o ſer do monte ſem ſentido,
Pello que n'hum juyzo humano eſtaua,
Olhai que doc'engano,
Tirar comum proueito de meu dano,

Aſsi

Aſsi qu'indo perdendo o ſentimento
A parte racional m'entriſtecia,
Vell'a hum appetite ſomettida,
Mas dentro n'alma o fim do penſamento
Por tão ſublime cauſa me dezia
Q u'era razão ſer a razar vencida.
Aſsi que quando a via ſer perdida,
A meſma perdição a reſtauraua,
E em manſa paz eſtaua
Cad'hum cõ ſeu contrario n'hum ſogeito,
Oo grão concerto eſte:
Quem ſerà que não julgue por celeſte,
A cauſa donde vem tamanh'effeito
Q ue faz n'hum coração
Q ue venha o appetite a ſer razão?

Aqui ſenti d'amor a mòr fineza,
Como foy ver ſentir o inſenſiuel,
E o ver a mim de mim meſmo perderme:
Em fim ſenti negars'a natureza,
Por onde cri que tud'era poſsiuel
Aos lindos olhos ſeus, ſe não quererme,
Deſpois que ja ſenti desfallecerme,
Em lugar do ſentido que perdia
Não ſey quem m'eſcreuia

Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deste processo
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foy a causa de tão longa historia,
Se bem a declarey
Eu não a escreuo, d'alma a trasladey.

Canção se quem te ler
Não crer dos olhos lindos o que dizes,
Pello qu'em si s'esconde.
Os sentidos humanos lhe responde
Não podem dos diuinos ser juyzes,
Senão d'hum pensamento,
Que a falta supra a fe do entendimento

Canção oitaua.

TOmei a triste pena.
Ia de desesperado
De vos lembrar as muitas que padesço,
Vendo que me condena
A ficar eu culpado
O mal q̃ me tratais, & o qu'eu meresço.
Confesso que conheço,
Q̃u'em parte a causa dei
O mal em que me vejo,

Pois sempre meu desejo
A tão largas promessas entreguey,
Mas não tiue sospeita
que seguisseis tençam tão imperfeita.

S'em vosso esquecimento
Tam condemnado stou
Com os sinais demostraõ que mostrais,
Viuo neste tormento,
Lembranças mais nam dou
qu'as que d'esta razam tomar queirais,
Olhay que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquiuanças
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquescia,
Renouão a memoria
Pois com tela de vos so tenho gloria.

E s'isto conhecesseis
Ser verdade pura,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que não quisesseis
A condiçaõ taõ dura
Mudareis n,outra muyto differente,

E eu

Eeu como inocente
Queſtou em eſte caſo,
Iſto em mãos poſera
De quem ſentença dera
Que ficaſſe o direito juſto & raſo
Se não arreceara
Qu'a vos por mi,& a mi por vos matára

Em vos eſcrita vi
Voſſa grande dureza,
E n'alma eſcrita ſtá,que de vos viue,
Não qu'acabaſſe alli
Sua grande firmeza
O triſte deſengano qu'entam tiue,
Porqu'antes qu'a dor priue
De todo meus ſentidos
Ao grande tormento
Acode o entendimento,
Com dous fortes ſoldados guarnecidos
De rica pedraria,
que ficão ſendo minha luz & guia,

Deſtes acompanhado
Eſtou poſto ſem medo
A tudo o qu'o fatal deſtino ordene,

Pode ser que causado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penarme me despene
E quando me condene
(Q'isto he o que mais espero)
Inda a mayores dores
Perdidos os temores,
Por mais que venha, não direi nã q̃ro.
Com tudo estou tam forte
Que né mudar pode a mesma morte.

Canção se ja não queres
Ver tanta crueldade,
Lavas onde veras minha verdade.

Canção nona.

JVnto d'hum seco, fero, & steril mõte
Inutil: & despido, caluo informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem aue voa, ou fera dorme
Nem rio claro corre, ou ferue fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,
Cujo nome do vulgo introduzido
He felix por antiphrasi infelice

O qual

O qual a natureza
Situou junto a parte
Onde hũ braço de mar alto reparte
A baſsia d'Arabica aſpereza,
Onde fundada ja foi Berenice,
Ficando a parte donde
O ſol que nella ferue ſe lh'eſconde.

Nelle aparece o cabo com qu'a coſta
Africana, que vem d'Auſtro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo, que correndo
O tempo a ruda lingoa mal compoſta
Dos proprios outro nome lhe tẽ dado,
Aqui, no mar que quer apreſſurado,
Entrar polla garganta deſte braço,
Me trouxe hum tempo, & teue,
Minha fera ventura
Aqui neſta remot'aſpera, & dura
Parte do mundo, quis qu'a vida breue,
Tambem de ſi deixaſſe hũ breue eſpaço
Porque ficaſſe a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gaſtando hũs triſtes dias,

Triſtes,forçados,maos,& ſolitarios,
Trabalhoſos,de dor,& d'ira cheos.
Não tendo tão ſomente por contrarios
A vida,o ſol ardente,& agoas frias,
Os ares groſſos,feruidos,& feos,
Mas os meus penſam ẽtos que ſaõ meos
Para enganar a propria natureza.
Tambem vi contra mi,
Trazendome a memoria
Algũa ja paſſada,& breue gloria,
Que eu ja no mundo vi,& quando viui,
Por me dobrar dos males a aſpereza,
Por me moſtrar que auia
No mundo muitas horas d'alegria.

Aqui eſtiu'eu com eſtes penſamentos
Gaſtãdo o tẽpo e a vida,os quais tã alto
Me ſubião nas aſas,que caya,
(E vede ſe ſeria leue o ſalto,
De ſonhados, & vãos contentamentos,
Em deſeſperação de ver hum dia)
Aqui o imaginar ſe conuertia
Num ſubito chorar,& nũs ſoſpiros,
Que rompião os ares:
Aqui a alma catiua

Cha-

Chagada toda estaua em carne viua,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada & descuberta aos tiros
Da soberba fortuna
Soberba, inexorauel, & importuna

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde'a cabeça
Hum pouco reclinasse por descanso,
Tudo dor lhe era,& causa que padeça,
Mas que pareça naõ, porque passasse
O que quis o destino nunca manso:
ò que este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da vos importunados
Parece que s'enfreão,
So mente o ceo seuero,
As estrellas & o fado sempre fero
Com meu perpetuo danno se recreão,
Mostrandose potentes & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil,& tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sò tirasse
Saber inda por certo qu'algum'a hora
Lembraua a hũs claros olhos que ja vi,

E se esta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse,
Daquella em cuja vista ja viui,
A qual tornada hum pouco sobre si,
Reuoluendo na mente pressurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaues males, & furores
Por ella padecidos & buscados
Tornada(inda que tarde)piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E comigo por dura se julgasse

Isto so que soubesse, me seria,
Descanso par'a vida, que me fica,
Com isto afagaria o sofrimento:
Ah senhora senhora, & que tão rica
Estais, que cà tão longe d'alegria
Me sustentais c'hum doce fingimento;
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Sò com vossas lembranças
M'acho seguro & forte
Contra o rosto feroz da fera morte
E logo se m'ajuntão as esperanças

Com

Com que a fronte tornada mais serena
Torna os tormentos graues
Em saudades brandas,& suaues.

Aqui com elles fico preguntando
Aos ventos amorosos que respiram
da parte donde stais,por vos senhora,
As aues que alli voão se vos virão,
Que fazieis,que staueis praticando
Onde,como,com quem,q̃ dia,& q̃ ora.
Alli a vida cansada, se melhora,
Toma spiritos nouos,com que vença,
A fortuna,& trabalho,
So por tornar a veruos,
So por ir a seruiruos,& quereruos,
Dizme o tempo que a tudo dara talho,
Mas o desejo ardente,que detença
Nunca soffreo , sem tento
M'abre aschagas de nouo ao soffrimẽto

Assi viuo,& s,alguem te preguntasse,
Cançaõ,como naõ mouro,
Podeslhe respõder, que porque mouro.

Can-

Canção decima.

Vinde quà meu tão certo secretario,
Dos queixumes q̃ sempre ando fazẽdo,
Papel, com quem a pena desafogo,
Assem rezões digamos que viuendo
Me faz o inexorauel, & contrario
Destino surdo a lagrimas, & a rogo:
Deitemos agoa pouca em muito fogo,
Acendase com gritos hum tormento,
Qu'a todas as memorias seja estranho,
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, a gente, & em fim ao vẽto
A quem ja muitas vezes o contei
Tanto debalde como o conto agora:
Mas ja que para errores fuy nacido,
Vir este a ser hum delles naõ duuido,
Que pois ja d'acertar estou tam fora,
Naõ me culpem tambem se nisto errei
Se quer este refugio so terei,
Fallar, & errar sem culpa liuremente,
Triste quem de tão pouco sta contente.

Ia me desenganei que de queixarme,
Nam s'alcança, remedio mas qué pena,

For-

Forçado lh'e gritar, s'a dor he grande:
Gritarei, mas he debil, & pequena
A voz para poder desabafarme,
Porque nem com gritar a dor s'abrãde
Quem me dara sequer que fora mãde
Lagrimas, & sospiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro n'alma mora,
Mas quem pode algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Em fim darei aquillo que me ensinam
A ira a magoa, & dellas a lembrança,
q̃ he outra dor por si mais dura & firme
Chegai desesperados para ouuirme,
E fujam os que viuem de esperança
Ou aquelles que nella s'imaginam
Porque amor, & fortuna determinão
De lhe darem poder para entenderem
A medida dos males que teuerem.

Quando vim da materna sepultura
De nouo ao mundo logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado.
Com ter liure aluedrio mo nam derão,
Que eu conheci mil vezes naventura
O milhor, & o pior segui forçado.

E pe-

E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandão que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse,
As lagrimas da infancia ja manauam
Com hũa saudade namorada,
O som dos gritos que no berço daua.
Ia como de sospiros me soaua
Coa idade & fado staua concertado,
Porque quando por caso m'embalauão
Se versos d'amor tristes me cantauão,
Logo m'adormecia a natureza
Que tão conforme staua com a tristeza.

Foy minh'alma hũa fera, que o destino
Não quis que molher fosse que atiuesse
Tal nome para mim, nem a aueria.
Assi criado fuy, porque bebesse,
O veneno amoroso de menino,
Que na mayor idade beberia,
E por costume não me mataria,
Logo então vi a imagẽ, & semelhança
D'aquella humana fera tão fermosa,
Suane, & venenosa,

que

Que me criou aos peitos da ſperança,
De quem eu vi deſpois o original,
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba,& ſoberana.
Pareceme que tinha forma humana,
Mas ſcentillaua ſpiritos diuinos,
Hum meneo & preſença tinha tal,
Que ſe vangloriaua todo o mal
Na viſta della,a ſombra coa viuezá,
Excedia a poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
Teue amor,que não foſſe não ſométe
Prouado em mi,mas todo executado.
Implacaueis durezas,que o feruente,
Deſejo que dà força ao penſamento,
Tinham de ſeu propoſito aballado:
E de ſe ver corrido, & injuriado
Aqui ſombras phantaſticas trazidas
D'algũas temerarias eſperanças,
As bemauenturanças,
Nellas tambem pintadas,& fingidas,
Mas a dor do deſprezo recebido,
Qu'a phantaſia me deſatinaua,
Eſtes enganos punha em deſconcerto

Aqui

Aqui o adeuinhar,& o ter por certo
Qu'era verdade quanto adeuinhaua,
E logo o desdizerme decorrido,
Dar às cousas que via outro sentido,
E pera tudo em fim buscar razões,
Mas erão muitas mais as sem rezões.

Não sey como sabia star roubando
Cos rayos as entranhas que fogiam
Por ella pellos olhos subtilmente
Pouco a pouco inuencioueis me sayam,
Bem como do veo humido exhalando
Esta o sotil humor o sol ardente,
Em fim o gesto puro & transparente,
Para quem fica baixo & sem valia
Deste nome de Bello,& de fermoso
O doce,& piadoso,
Mouer d'olhos, qu'as almas sospendia,
Foram as heruas magicas,qu'o ceo
Me fez beber,asquais por longos annos
Noutro ser me tiueram transformado.
E tão contente de me ver trocado
Qu'as magoas enganaua cos enganos
E diante dos olhos punha o veo
que m'encobrisse o mal qu'assi creceo,

Como

Como quem com afagos se criaua
Daquelle para quem crescido stava.

Pois quem pode pintar a vida ausente
Com hum descõtentarme quanto via
E aquelle star tam longe donde stava,
O falar sem saber o que dizia.
Andar sem ver por onde,& jũtamẽte
Soſpirar sem saber que soſpiraua,
Pois quando aq̃lle mal m'atormẽtaua
E aquella dor q̃ das Tartareas agoas
Sayo ao mũdo, & mais que todas doe
Que tantas vezes soe
Duras iras tornar em brãdas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer & não querer deixar d'amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo priuado de sperança,
Que tão mal se podia ja mudar
Agora a saudade do passado
Tormento,puro,doce,& magoado
Fazia conuerter estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores.

que desculpas comigo so buscaua,

quan-

Quãdo o ſuaue amor me não ſofria,
Culpa na couſa amada,& tão amada,
Em fim eram remedios,que fingia
O medo do tormento,que enſinaua
A vida ſoſtentarſe de enganada,
Niſto hũa parte della foy paſſada,
Na qual ſe tiue algum contentamento
Breue imperfeito,timido,indecente,
Não foy ſenam ſemente
D'hũ comprido,&amariſsimo torméto
Eſte curſo contino de triſteza
Eſtes paſſos tam vãmente eſpalhados,
Me foram apagando o ardente goſto,
Que tão de ſiſo n'alma tinha poſto,
D'aquelles penſamentos namorados
Em qu'eu criei a tenra natureza.
Que do longo coſtume d'aſpereza,
Contra quem força humana naõ reſiſte
Se conuerteo no goſto de ſer triſte

Deſt'arte a vida noutra fuy trocando,
Eu nam,mas o deſtino fero,irado,
Qu'eu inda aſsi por outra a nam trocara
Fezme deixar o patrio ninho amado
Paſſando o longo mar, qu'ameaçando

Tan-

Tantas vezes m'offeue a vida charã,
Agora exprimentãdo a furia rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse, & tocasse o acerbo fruto seu
E neste escudo meu.
A pintura verão do infesto fogo,
Agora peregrino vago, & errante,
Vendo nações, lingoages, & costumes,
Ceos varios, calidades differentes,
So por seguir com passos diligentes,
A ti fortuna injusta, que consumes
As idades, leuandolhe diante,
Hum'esperança em vista de diamante
Mas quando das mãos cae se conhece
Que he fragil vidro aquillo qu'apparece.

A piadade humana me faltaua,
A gente amiga ja contraria via,
No primeiro perigo, & no segundo,
Terra em que por os pes me fallecia,
Ar pera respirar se me negaua,
E faltauame em fim o tempo, & o mundo
Que segredo tam arduo, & tam profundo
Nacer para viuer, & para a vida
Faltarme quanto o mundo tem para ella.

E não poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida
Em fim não ouue da trance fortunã,
Nem perigos, nem casos duuidosos,
(Injustiças daquelles, qu'o confuso
Regimento do mundo antigo abuso
Faz sobre os outros homẽs poderosos)
Qu'eu não passasse atado à fiel coluna
Do sofrimento meu, qu'a importuna
Perfiguição de males em pedaços
Mil vezes fez â força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que despois da tormenta procelloſa,
Os casos della conta em porto ledo;
qu'ind'agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
que de dar hum sò passo tenho medo;
Ia de mal que me venha não m'arredo,
Nem bem que me falleça ja pretendo,
que para minão val astucia humana,
De força soberana,
Da prouidencia em fim Diuina pendo,
Isto que cuido, & vejo às vezes tomo
Para consolação de tantos danos

Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre,& nam alcança,
Senam memoria dos passados annos,
As agoas qu'entam bebo,& o paõ q̃ como
Lagrimas tristes sam, qu'eu nunca domo,
Senam com fabricar na fantasia
Fantasticas pinturas d'alegria

Que se posiuel fosse que tornasse
O tempo para tras como a memortã,
Pellos vestigios da primeira idade.
E de nouo tecendo a antiga hystoria
De meus doces errores me leuasse
Pellas flores que vi da mocidade,
E a lembrança da longa saudade
Então fosse mayor contentamento
Vendo a conuersação leda & suaue,
Ond'hum'& outra chaue
Esteue de meu nouo pensamento,
Os campos,as passadas,os sinais,
A fermosura,os olhos,a brandura,
A graça, a mansidão,a cortesia,
A singell'amizade,que desuia
Tod'a baixa tenção,terrena,impurã,
Como a qual outr'alguma nam vi mais,

Ah vãs memorias onde me leuais
O fraco coração, q'inda naõ posso
Domar este tam vam desejo vosso.

No mais canção no mais, q'irey fallando
Sem o sentir mil annos, & s'a caso
Te culparem de larga, & de pesada,
Não pode ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tam pequeno vaso,
Nem eu delicadezas vou cantando,
Co gosto do louuor, mas explicando
Puras verdades ja por mim passadas,
Oxala foram fabulhas sonhadas.

Odes
DE LVIS DE CAMÕES.

Ode primeira, a Luã.

DEtem hũ pouco Musa o largo práto,
Q'n'amor t'abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeito,
A aquella cujo objecto
Tod'o mundo alumia,

Trocando a noit'escur'em claro dia.

ò Delia, qu'a pesar de neuoa grossa
Cos teus rayos de prata
A noite escura fazes que nam possa
Encontrar o que trata,
E o que n'alma retrata
Amor por teu diuino
Rosto, porque endoudeço, & desatino,

Tu que de fermosissimas estrellas,
Coroas, & rodeas
Teus cabellos de prata, & faces bellas,
E os campos fermoseas,
Co as rosas que semeas,
Co as boninas que gera,
O teu celeste amor na primauerã.

Pois Delias dos teus ceos vẽdo stàs quãtos
Furtos de puridades
Suspiros, magoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades
Outras por crus indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios.

Ia veo Endimião por estes montes,
O ceo suspenso olhando
E teu nome cos olhos feitos fontes,
Em vam sempre chamando,
Pedindo,& suspirando,
Merces a tua beldade,
Que ache em ti huma ahora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado.
Nas seluas solitarias
So de seu pensamento acompanhado,
Conuersa as alimarias,
De tod'amor contrarias.
Mas nam como ti duras,
Onde lamenta,& chora desuenturas.

Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas
Para ti no Erymanto o lindo Epilio
As mais purpureas rosas,
E as drogas cheirosas
De este nosso Oriente,
Guarde a felice Arabia mais contente

De que panthera,tigre,ou leopardo,

As aſperas entranhas,
Nam temeram o agudo,& fero dardo,
quando pelas montanhas
Mui remotas,& eſtranas,
Ligeira atraueſſauas
Tam fermoſa,qu'amor d'amor matauas?

Das caſtas virgens ſempre os altos gritos
Clara Lucina ouuiſte,
Renouandolhe a força,& os eſpiritos,
Mas os daquelle triſte
Ia nunca conſentiſte,
Ouuilos hum momento
Para ſer menos graue ſeu tormento,

Não fujas de mim aſsi,nem aſsi t'eſcondas
De hum tam fiel amante,
Olha como ſoſpiram eſtas ondas
E como o velho Atlante,
O ſeu collo arrogante,
Moue piadoſamente,
Ouuindo a minha voz fraca,& doente.

Triſte de mim que me he pior queixarme,
Pois minhas queixas digo,

A quem ja erguí a mão para matarme,
Como a cruel imigo.
Mas eu meu fado sigo.
Que a isto me destina,
E sò isto pretende,& so,m'ensinã

O quanto ha ja qu'o ceo me desenganã.
E eu sempre porfio
Cada vez mais na minha reyma insanã,
Tendo liure aluedrio
Nam fujo o desuario,
E este quem mi vejo,
Engana co a esperança meu desejo.

ò quanto melhor fora que dormissem,
Hum sono perennal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem,
A causa de seu mal,
Fugira hum tempo tal,
Mas que d'antes proterua,
Mais cruel que Vssa,mais fugaz q̃ ceruã

Ay de mi que me abraso em fogo viuo
Com mil mortes ao lado,
E quando mouro mais então mais viuo

Porque assi me ha ordenado,
Meus infelice estado,
Que quando me conuida
A morte para a morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a que obedeço,
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes ouuistes) t'offereço
Este fresco Amarantho
Inda humido do pranto,
E lagrimas da spoſa,
No cioso Titham branca, & fermosa

Ode segunda.

TAm suaue, tão fresca, & tam fermosa,
Nunca no ceo sahio,
A Aurora no principio do veram,
As flores dando a graça costumada,
Como a fermosa mansa fera, quando,
Hum pensamento vino me inspirou,
Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,

Nun-

Nunca no campo abrio,
Quando os rayos do sol no Touro stam
De cores differentes esmaltada
Como esta flor, que os olhos inclinando
O sofrimento triste costumou,
A pena que padeço.

Ligeira, bella Nympha, linda, iosa,
Nam creo que seguio
Satyro, cujo brando coraçam
D'amores commouesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, onde amor mostrou
Tam prospero começo.

Nunca em fim cousa bella, & riguroſa
Natura produzio,
que iguale àquella forma, & condiçam
que as dores em que viuo estima em nada,
Mas com tão doce gesto, irado, & brando
O sentimento, & a vida me enleuou
que a pena lhe agradeço.

Bem cudei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma vio,

Antre

Antre a doce dureza, & mansidam,
Primores de belleza desusada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho me cegou,
Luz de tam alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa,
Que ao mundo se encubrio
E nos olhos angelicos que sam
Senhores desta vida destinada
E naquelles cabellos que soltando
Ao manso vento a vida me enredou,
Me alegro, & entristeço,

Saudade, & sospeita perigosa,
Que amor constituyo,
Por castigo daquelles que se vam,
Temores, penas d'alma desprezada,
Fera esquivança, que me vay tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo m'offereço,

Ode terceira.

SE de meu penſamento.
Tanta razão tiuera d'alegrarme
Quanto de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triſte lyra conſolarme.

E minha voz canſada
Que noutro tempo foy alegre, & purâ,
Não fora aſsi tornada,
Com tanta deſuentura
Tão rouca tão peſada, nem tão dura.

A ſer como ſohia
Podera leuantar voſsos louures,
Vòs minha Hierarchia
Ouuireis meus amores,
Que exemplo ſão ao mundo ja de dores.

Alegres meus cuidados
Contentes dias, horas, & momentos,
Oo quam bem alembrados
Sois de meus penſamentos,
Reynando agora em mim duros tormẽtos

Ay gostos fugitiuos,
Ay gloria ja acabada,& consumida,
Crueis males esquiuos,
Qual me deixais a vida
Quam chea de pesar,quam destruida,

Mas como não he morta
A triste vida ja,que tanto dura?
Como nam abre a porta
A tanta desuentura,
Qu'em vam co seu poder o tempo cura.

Mas para padecella
Se esforça meu sogeito,& conualece.
Que sò para dizella
A força me fallece,
E de todo me causa,& enfraquece,

ò bem afortunado
Tu qu'alcançaste com lyra toante
Orpheo ser escutado,
Do fero Rhadamente,
E cos teus olhos ver a doce amante.

As infernais figuras

Moues-

Moueste com teu canto docemente,
As tres furias escuras,
Implacaueis a gente,
quietas se tornaram de repente,

Ficou como pasmado
Todo o Stygio Reyno co teu canto,
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisipho o graue canto.

A ordem se mudaua
Das penas qu'ordenaua alli Plutam,
Em descanso tornaua
A roda de Ixiam,
E em gloria quantas penas alli sam,

Pello qual admirada
A Raynha infernal, & commouida
Te deua desejada
Esposa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida:

Pois minha desuentura
Como ja nam abranda hum'alma humana

que

Que he contra mim mais dura.
E muy mais deshumana,
que o furor de Caliroe profana.

ò crua, esquiua, & fera
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hyrcania nacido,
Ou dantre as duras rochas produzido,

Mas que digo coytado
E de quem fio em vão minhas querellas?
Sò vos o do salgado
Humido Reyno) bellas
E claras Nymphas condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças leuantando
Sobol'agoa erguidas,
As tranças gotejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia
Cantando, & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia

Ouuireis meus amores
Assentareis meus prantos, meus clamores,

Vereis o mais perdido
E mais mofino corpo que he gerado,
Que esta ja conuertido
Em choro, & neste stado
Somente viue nelle o seu cudado.

Ode quarta.

FErmosa fera humana,
Em cujo coraçam soberbo & rudo
A força soberana
Do vingatiuo amor que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas.

Amada Circe minha,
(Posto que minha não) com tudo amada,
A quem hum bem tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E [illegible] tenho inda entregarey.

Pois natureza iroſa
Da razaõ te deu partes taõ contrarias
Que ſendo tam fermoſa
Folgues de te queimar ẽ flamas varias
Sem arder em nenhũa,
Mais q̃ em quanto alumia o mũdo alũa

Pois triumphando vas
Com diuerſos deſpojos de perdidos,
Que tu priuando ſtas
De razão, de juizo, & de ſentidos,
E quaſi a todos dando,
Aquelle bem qu'a todos vas negando.

Pois tanto te contenta,
Ver o nocturno moço em ferro enuolto
Debaixo da tormenta
De Iupiter em agoa, & vento ſolto,
A porta qu' impedido
Lhe tẽ ſeu bem de magoa adormecido,

Porque não tens receo
Que tantas inſolencias, & eſquiuanças,
A Deoſa que poem freo
A ſoberbas, & doudas eſperanças,

Castigue com rigor
E contra ti s'acenda o fero Amor.

Olha a Fermosa Flora
De despojos de mil sospiros rica,
Pelo capitam chora
Que la em Thessalia é fim vẽcido fica.
E foy sublime tanto
Qu'altares lhe deu Roma,& nome sãto

Olha em Lesbos aquella
No seu Psalterio insigne conhecida
Dos muytos que por ella
Se perderaõ,perdeo a chara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio estremo de quẽ ama

Pello moço escolhido,
Onde mais se mostrauão as tres graças,
Que Venus escondido
Para si teue hum tempo antre as alfaças
Pagou coa morte fria
A mà vida que a muitos ja daria.

E vendose deixada

Daquelle por quem tantos ja deixara,
Se foy deſeſperada
Precipitar da infame Rocha chara,
Q u'o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida,
Tomaime brauos mares,
Tomaime vos, pois outrem me deixou
E aſsi dos altos ares,
Pendendo com furor ſe arremeſſou
Acude tu ſuaue,
Acude poderoſa, & diuina aue.

Tomaa nas aſas tuas
Minino pio, illeſa, & ſem perigo,
Antes que neſſas cruas
Agoas caindo, apague o fogo antigo
He digno amor tamanho
De viuer, & ſer tido por eſtranho,

Não, que he razão que ſeja
Para as lobas iſentas qu'amor vendem
Exemplo, onde ſe veja
que tambem ficão preſas asque prẽdem
Aſsi deu por ſentença
Nemeſis, qu'amor quis que tudo vença

Ode quinta.

NVnqua manhaã ſuaue,
Eſtendendo ſeus rayos pelo mũdo,
Deſpois de noite graue,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares groſſos,
Com'a luz clara a mi dos olhos voſſos.

Aquella fermoſura
Que ſo no virar delles reſplandece
Com que a ſombra oſcura,
Clara ſe faz, & o campo reuerdece,
Quando meu penſamento s,entriſtece.
Ella & ſua viueza
Me desfazem a nuuem da triſteza,

O meu peito onde ſtais,
He pera tanto bem piqueno vaſo,
Quando a caſo virais
Os olhos que de mim não fazem caſo,
Todo gentil ſenhora entam me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se

Se mil almas tiuera
qu'a taõ fermoſos olhos entregára
Todas quantas pudera,
Pollas peſtanas delles pendurara,
E enleuadas na viſta pura & clara
(Poſto que diſſo indignas,)
Se andaram ſẽpre vendo nas minĩas,

E vos que deſcuidada
Agora viuireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada
Não podeſſeis tirar os olhos dellas,
Não pode ſer q̃ vẽdo a voſſa ẽtr'ellas
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas, hum'alma ſo nam abrandaſſẽ

Mas pois o peito ardente,
Hũa ſo pode ter, fermoſa dam̃a
Baſta qu'eſta ſomente,
Como ſe foſſem duas mil vos am̃a,
Para que a dor de ſua ardente flama
Conuoſco tanto poſſa,
Que nã q̃ras ver cinza hũa almavoſſa

Ode seista.

POde hũm desejo immenso
Arder no peito tanto,
qu'abrãda,e a viua alma,o fogo intenso
Lhe gaste as nodoas do terreno manto,
E purifique em tanta alteza o spirito
Com olhos immortais,
que faz que lea mais do que ve escrito.

que a flama que se acende
Alto tanto alumia,
que s'o nobre desejo ao bem s'estende
que nunca vio,a sente claro dia,
E là ve do que besca o natural,
A graça a viua cor
Noutra specie melhor qu'a corporal.

Pois vos o claro exemplo,
De viua fermosura
que de tão longe ca noto,& contemplo
N'alma,qu'este desejo sobe,& a pura.
Naõ creais que não vejo aquella imagẽ
qu'as gentes nunqua vem,
Se d'humanos nam tem muita ventagẽ,

que

qu'se os olhos ausentes
Não vem acompassada
Proporção, que das cores excellentes,
De pureza, & vergonha he variada,
Da qual a Poesia que cantou
Ate qui so pinturas
com mortais fermosuras igualou,

Senaõ vem os cabellos
qu,o vulgo chama d'ouro,
E se nam vem os claros olhos bellos,
De quem cantão q̃ saõ do Sol thesouro
E se nam vem do rosto as excelencias,
A quem dirão que deue
Rosa, christal, & neue as apparencias.

Vem logo a graça purá,
A luz alta, & serena
qu'he rayo da diuina fermosurã
que n'alma imprime, & fora reuerberã
Assi como cristal do sol ferido
que por fora derrama
A recebida flama, esclarecido.

E vem a grauidade

Com a viua alegria
Que meſturada tem, de qualidade
Qu'hũa da outra nunca ſe deſuia,
Nem deixa hũa de ſer arreceada
Por leda, & por ſuaue,
Né outra por ſer graue, muito amada,

E vendo honeſto ſiſo
Os altos reſplandores
Temperados co doce, & ledo riſo
A cujo abrir abrem no campo as flores:
As palauras diſcretas, & ſuaues
Das quaes o mouimento
Farà deter o vento, & as altas aues.

Dos olhos o virar
(Que torna tudo raſo)
Do qual não ſabe o engenho diuiſar
Se foy por artificio, ou feito a caſo:
Da preſença os meneos, & a poſtura,
O andar, & o mouerſe
Donde pode aprenderſe fermoſura.

Aquelle não ſey que
Qu'aſpira não ſey como

qu'in-

Q u'inuisiuel saindo, a vista o vec,
Mas pera o cópreder não lh'acha tomo
O qual toda a Toscana poesia
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz nem em Laura nunqua via.

Em vôs a nossa idade
Senhora, o pòde ver,
S'engenho, & sciencia, & habilidade
Igual à fermosura vossa der.
Como eu vi no meu longo apartamẽto
Q ual em ausencia a vejo?
Tais asas dà o desejo ao pensamento.

Pois se o desejo affinã
Hum'alma aceſa tanto,
Que por vòs vse as partes da diuinã;
Por vôs leuantarei não visto canto
Qu'o Bethis m'ouça, eo Tibre me leuãte
Qu'o nosso claro Tejo,
Enuolto hum pouco o vejo, & dissonãte.

O campo não o esmaltão
Flores, mas sò abrolhos
O fazem feo, & cuido que lhe faltão

Ouuidos parã mim, para vos olhos,
Mas faça o que quiser o vil costume,
Q'o sol q'em vos esta
Na obscuridão dara mais claro lume.

Ode setima.

A Quem dará de Pindo as moradoras
Tam doutas, como bellas,
Floreſcentes capellas,
Do triumphãte louro, ou mirtho verde
Da glorioſa palma, que nam perde
A preſumçam ſublime,
Nem por força de peſo algum s'oprime

A quem traram na fralda
Roſas, a roxa Cloris
Conchas, a brãnca Doris,
Eſtas flores do mar, da terra aquellas
Argenteas, ruiuas brancas, & amarelas
Com danças, & coreas
De fermoſas Nereydas, & Napeas;

A quem faram os Himnos, Odes, Cãtos
Em Thebas Amphion,

Em

Em Lesbos Arion
Senão a vòs. por quem reſtituida
Se ve da poeſia ja perdida
A honra, & gloria igual
Senhor Dom Manuel de Portugal?

Imitando os eſpiritos ja paſſados
Gentis, altos, reais,
Honra benigna dais
A meu tão baixo, quão zeloſo engenho?
Por Mecenas a vos ſelebo, & tenho,
E ſacro onome vôſſo
Farei, ſ'alguma couſa em verſo poſſo.

O rudo cánto meu quẽ reſucitá
As honras ſepultadas,
As palmas ja paſsadas
Dos bellicoſos nòſsos Luſitãnos,
Para theſouro dos futuros annos,
Cõvoſco ſe defende
Daley lethea, à qual tudo ſerende.

Na vòſſa aruore ornada d'honrá e gloriã
Achou tronco excellente
A hèra floreſcente

Para

Para a minha, atequi debaixa estima,
Na qual para trepar s, encosta, e arima
E nella subireis
Tam alto, quanto aos ramos estẽdeis.

Sempre foram engenhos peregrinos
Da fortuna enuejados
que quanto leuantados
Por hum braço, nas asas sam da fama,
Tanto por outro, a sorte q̃ os desama,
Co peso & grauidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'imperio
que vencem a fortuna,
Foram sempre coluna,
Da sciencia gentil Octauiano,
Scipião, Alexandre, & Graciano,
que vemos immortais,
E vos que nosso seculo dourais.

Poislogo em quanto acythara sonora
S'estimar pelo mundo,
Com som douto, & jocundo,
E em quãto produzir o tejo, e douro

Peitos de Marte,& Phebo crespo,e louro
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

Ode outauã.

AQuelle vnico exemplo
De fortaleza heroica,& ousadia,
Que mereceo no templo
Da fama eterna ter perpetuo dia,
O gram filho de Thetis,que dez annos.
Flagellofoy dos miseros Troyanos,

Nam menos ensinado
Foy nas heruas,& medica policia,
que destro, & costumado,
No soberbo exercicio da milicia,
Assi qu'as mãos,qu'a tantos morte derã
Tambem a muitos vida dar puderam.

E nam se desprezou,
Aquelle fero & indomito mancebo
Das artes qu'ensinou,
Para olanguido corpo,o intensoPhebo

que

Que só temido Hector matar podia,
Tambem chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeo
Do semiuiro mestre, & douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, sciencia, & em conselho,
Que Thelepho por elle vulnerado,
So delle pode ser depois curado.

Pois a vos o excellente
E illustrissimo Conde doceo dado,
Para fazer presente
D'altos Heroes, o seculo passado
Em quem bé trasladada esta memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria

Posto q̃ o pensamento,
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co sanguinolento,
Tapirobano, ou Achem q̃o mar molesta
Ou co Cambayo occulto imigo nosso,
Que qualq̃r delles teme o nome vosso,

Fauorecei a antigua

Scien-

Sciencia que ja Achiles estimou,
Olhay que vos obriga
Verdes qu'em vosso tempo rebentou
O fruto daquell'horta, onde florecem
Plantas nouas, qu'os doutos nã conhecẽ

Olhai qu'em vossos annos,
Hũa horta produze varias heruas,
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doutas, & proteruas
Medea, & Circe nunqua conhecerão
Posto qu'aley da Magica excederam:

E vede carregado
D'annos, & tras a varia expèriencia,
Hum velho, que ensinado
Das Gangeticas musas na sciencia
Podaliria sutil, & arte syluestre
Vence o velho Chirõ d'Achiles mestre

O qual esta pedindo
Vosso fauor, & ajuda ao grão volume
qu'impresso a luz saindo
Dara da medicina hum viuo lume,
E descubrirnosha segredos certos

A to-

A todos os antigos encubertos.

Assi que nam podeis
Negar (como vos pede) benigna aura,
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura
Ajuda, quem ajuda contra a morte,
E sereis semelhante ao Grego forte,

Ode nona.

Fogem as neues frias
Dos altos montes, quando reuerdecem
As aruores sombrias,
As verdes heruas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephiro brando spira
Suas setas amor afia agora,
Progne triste suspira,
E Philomela chora,
O ceo da fresca terra s'enamora.

Vay Venus Cytharea
Com os coros das Nimphas rodeada,

A lin-

Alinda Panopea
Despida,& delicada
Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
Dos Cyclopes,Vulcano stà queimãdo
Vão colhendo boninas
As Nymphas,& cantando
A terra co ligeiro pè tocando.

Dece do duro monte
Diana,ja cansada d'espessura,
Buscando a clara fonte
Onde por sorte dura
Perdeo Acteon a natural figura

Assi se vai passando
A verde primauera,& seco estio,
Tras elle vem chegando
Depois o inuerno frio
Que tambem passara por certo fio

Irseha embranquecendo
Com afrigida neue,o seco monte,
E Iupiter chouendo

Turbárà a clára fonte,
Temerà o marinheiro o Orizonte

Porque em fim tudopassa:
Não sabe o tempo ter firmeza é nadá
E nossa vida escassa
Fogetão apressada,
Que quando se começa he acabada.

Que forão dos Troyanos
Hector temido, Eneas piadoso,
Consumirão te os annos
ó Cresso tão famoso
Sem te valer teu ouro precioso

Todo o contentamento
Crias qu'estaua é ter thesouro vfano:
ô falso pensamento
Qu'à custa de teu dano
Do douto Solon creste o desengano.

O bem qu'aqui s'alcança
Não dura por possãte, nem porforte,
Qu'a bemauenturança
Durauel, d'outra sorte

Se

Se há d'alcançar na vida pera a morte

Porqu'em fim nada baſta
Contra o terrible fim danoit'eterna
Nem pode a Deoſa caſta
Tornar à luz ſuperna
Hypolito da eſcura noite Auerná.

Nem Theſeo esforçado
Com manha, nem comforça riguroſa
Liurar pode o ouſado
Pirithoo da eſpantoſa
Priſaõ Lethea, eſcura, & tenebroſa

Ode decima.

AQuelle moço fero
Na Peletronia coua doutrinado
Do Centauro ſeuero,
Cujo peito esforçado
Com tutanos detigres foy criado

N'agoa fatal menino
O Laua a mãy preſaga do futuro,
Para que ferro fino

Não passo o peito duro,
Que de si mesmo a si se té por muro.

A carne lh'endurece
que ser não possa d'armas offendida:
Cega que nam conhece
Que pode auer ferida
N'alma, q̃ menos doe perder a vida.

Que aonde o braço irado,
Dos Troianos passaua arnes, e escudo
Ali se vio passado
D'aquelle ferro agudo
Do menino, qu'em todos pode tudo.

Alli se vio catiuo
Da cattiua gentil, que serue, & adora.
Alli se vio, que viuo
Em viuo fogo mora,
Porque de seu senhor se ve senhora.

Ia toma a branda lyra
Na mão qu'a dura Pelias meneara,
Alli cant', & suspira.
Não como lhe ensinara.

O ve-

O velho, mas o moço que o cegará.

Pois logo, quem culpado
Será se de pequeno offerecido
Foi logo a seu cuydado,
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido

quem logo fraco infante
D'outro mais poderoso foi sogeito,
que para cego amante
Foi de principio feito
Com lagrimas banhãdo o brãdo peito?

S'agora foy ferido
Da penetrante seta, & força d'herua,
E se Amor he seruido
que sirua a linda serua,
Para que minha estrella me reserua

O gesto bem talhado
O airoso menco, & a postura,
O rosto delicado
Que na vista affigura'
que se ensina por arte a fermosura.

Como pode deixar
De catiuar quem tenha entendimento?
que quem não penetrar
Hum docegesto atento
Hum doce gesto atento,
Não lh'he nenhum louuor viuer isento,

qu' aquelles cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Esses forão sogeitos
Ao cego, & vão menino,
Arrebatados do furor diuino.

O Rey famoso Hebreo
Que mais que todos soube, mais amou,
Tanto, que a Deos alheo
Falso sacrificou,
Se muito soube, & teue, muito errou.

E o graõ sabio qu'ensina
Passeando, os segredos da Sophia,
Abaixa concubina
Do vil eunucho Hermia
Aras ergueo, qu'aos Deoses sô deuia.

Aras ergue a quem ama

O Phi-

O Philoſopho inſigne namorado,
Doeſſe a perpetua fama,
E grita, que culpado
Da leſa diuindade he acuſado.

Ia fogedonde habita,
Ia paga a culpa enorme com deſterro,
Mas ô grande deſdita
Bem moſtra tamanho erro,
que doutos corações não ſaõ de ferro.

Antes n'altiuamente,
No ſotil ſãge, & égenho mais perfeito
Ha mais conueniente
E conforme ſogeito
Onde s'éprima o brãdo & doce affeito

SEXTINAS.

FOgeme pouco a pouco a curta vida,
(Se por caso he verdade qu'inda viuo)
Vayseme o breue tempo de ante os olhos,
Choro pelo passado, & em quanto fallo
Se me passão os dias passo, & passo:
Vaiseme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena
Que nunqua hum'hora vio tão longa vida,
Em que possa do mal mouerse hum passo,
Que mais me monta ser morto, que viuo,
Para que choro em fim, para que fallo?
Se lograrme não pude de meus olhos?

ò fermosos, gentis, & claros olhos,
Cuja ausencia me moue a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo
Se no fim de tão longa, & curta vida
De vos m'inda inflamasse o rayo viuo,
Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sey, que primeiro o estremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,

Que

Qu'amor me mostre aquelles porque viuo.
Testemunhas serão a tinta & pena,
Que escreuerão de tão molesta vida,
O menos que passei, & o mais que fallo.

ò que não sei qu'escreuo, nem que fallo,
Que se d'hum pensamento, n'outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe nam valerem tantos olhos,
Nam posso imaginar, qual seja a pena,
Que traslade esta pena com que viuo.

Na alma tenho contino hum fogo viuo
que se não respirasse no que fallo
Estaria ja feita cinza a pena.
Mas sobr'a mayor dor que sofro, & passo,
Me temperão as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo não s'acaba a vida.

Morrendo estou na vida, & em morte viuo,
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo,
E juntamente passo gloria, & pena.

Ele-

ELEGIAS DE LVIS DE CAMOES.

Elegia primera,

O Poeta Simonides fallando,
Co capitão Themiſtocles hum dia
Em couſas de ſciencia praticãdo,
Hum'arte ſingular lhe prometia,
qu'então compunha, com que lh'enſinaſſe
A ſe lembrar de tudo o que fazia,
Onde tão ſutis regras lhe moſtraſſe
que nunqua lhe paſſaſſe da memoria
Em nenhum tempo as couſas que paſſaſſe
Bem merecia certo fama & gloria,
quem daua regra contra o eſquecimento,
qu'enterra em ſi qualquer antiga hiſtoria.
Mas o capitão claro cujo intento
Bem differente ſtaua, porque auia
As paſſadas lembranças por tormento.
ò illuſtre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias
Que moſtras à memoria noua via.

Se

Se me desses hum'arte qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oo quanto melhor obra me farias.
S'este excellente ditto ponderado
Fosse, por quem se visse star ausente
Em longas esperanças degradado,
Oo como bràdaria justamente
Simonides inuenta nouas artes
Não mèças o passado co presente.
Que se he forçado andar por vàrias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu fortuna injusta mal repartes,
E se o duro trabalho he manifesto
Que por graue que seja, ha de passarse
Com animoso spirito,& ledo gesto,
De que serue às pessoas alembrarse
Do que se passou ja, pois tudo passa
Se não d'entristecerse,& magoarse?
Se n'outro corpo hum'alma se traspassa,
Não,como quis Pythagoras na morte,
Mas como manda Amor na vida escassa,
E s'este amor no mundo està desorte
Que na virtude sò d'hum lindo objecto
Tem hum corpo sem alma viuo & forte,
Ond'este objecto falta, que he de secto

Tamanho pera a vida, que ja nella
M'eſtà chamando à pena a dura Alecto
Porque me não criàra minha eſtrella
Seluatico no mundo, & habitante
Na dura Scythia, ou na aſpereza della?
Ou no Caucaſo horrendo fraco infante,
Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana
Homem fora formado de diamante.
Porque a ceruiz ferina & inhumana
Não ſommettera ao jugo & dura ley
Daquelle que da vida quando engana:
Ou em pago das agoas qu'eſtilley
As que do mar paſſei forão de Lethe,
Para que m'eſquecera o que paſsei.
qu'o bem que aſperança vãa promete,
Ou a morte o eſtroua, ou a mudança,
qu'he mal q̃hum'alma é lagrimas derrete
Ia ſenhor cairà como alembrança
No mal do bem paſſado, he triſte, e dura
Pois nace onde morre a ſperança.
E ſe quiſer ſaber como s'apura
Num'alma ſaudoſa, não ſe enfade
De ler tão longa & miſera eſcriptura.
Soltaua Eolo a redea & liberdade
Ao manſo Fauonio brandamente,

E eu ja a tinha ſolta a ſaudade,
Neptuno tinha poſto o ſeu Tridente,
A proa a branca eſcuma diuidia,
Com gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos ſeguia,
Os ventos namorada Galathea,
Conſigo ſoſſegados os mouia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andaua pello mar fazendo molhos,
Melanto, Diamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agoa ſoſſegada,
E a agoa ſem ſoſſego nos meus olhos
A bemauenturança ja paſſada
Diante de mim tinha tão preſente,
Como ſe não mudaſſe o tempo nada.
E com o geſto immoto, & deſcontente,
C'hum ſoſpiro profundo, & mal ouuido,
Por não moſtrar meu mal a toda gente
Dizia ò claras Nymphas, ſe o ſentido
Em puro amor tiueſtes, & ind' agora
Da memoria o não tendes eſquecido,
Se por ventura fordes algum'hora
Aonde entra o graõ Tejo a dar tributo
A Thetis, que vos tendes por ſenhora,

Ou

Ou por verdes o prado verde enxuto
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das Tagicas areas rico fruto
Nellas em verſo heroico,& elegante,
Eſcreuei c'hũa concha o qu'em mi viſtes
Pode ſer qu'algum peito ſe quebrante.
E contando de mim memorias triſtes,
Os paſtores do Tejo que me ouuião
Oução devos as magoas que me ouuiſtes
Ellas que ja no geſto me entendiam,
Nos meneos das ondas me moſtrauam,
Qu'em quanto lhe pedia conſentiaõ,
Eſtas lembranças que me acompanhauam,
Pola tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta graue me deixauam.
Porque chegando ao cabo da ſperança,
Começo da ſaudade que renoua,
Lembrando a longa,& aſpera mudança.
Debaixo eſtando ja da eſtrella noua,
Que no nouo Hemiſpherio reſplandece,
Dando do ſegundo axe certa proua.
Eis a noite com nuuens eſcurece
Do ar ſupitamente foge o dia,
E o largo oceano s'embrauece.
A machina do mundo parecia,

que

Qu'em tormenta se vinha desfazendo,
Em serras todo o mar se conuertia.
Lutando Boreas fero,& Noto horrendo,
Sonoras tempestades leuantauaõ,
Das naos as velas concauas rompendo,
As córdas co ruido assuuiauão,
os marinheiros ja desesperados
Com gritos pera o ceo o ar coalhauam.
Os rayos por Vulcano fabricados
Vibraua o fero & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos d'assóbrados
Alli amor mostrandose possante
E que por nenhum medo nam fugia
Mas quanto mais trabalho mais constáte
Vendo a morte diante,em mim dezia
S'algũa ora senhora vos lembrasse
Nada do que passei me lembraria.
Em fim nunca ouue cousa que mudasse
Ofirme amor intrinsico daquelle
Em cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa senhor por certo asselle,
Que nunca amor se affina,nem s'apura.
Em quanto esta presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura,
A esta desejada,& longa terra.

De

De todo o pobre honrado sepultura:
Vi quanta vaidade em nos s'encerra,
E dos propios quam pouca contra quẽ
Foy logo necessario termos guerra.
Que hum'ilha qu'o Rey de Porcà tem
Que o Rey da pimenta lhe tomara
Fomos tomarlha,& sucedenos bem
Com hum'armada grossa,qu'ajuntara
O Visorrei de Goa,nos partimos
Com toda a gẽte darmas que s'achara,
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curuo arco exercitada.
Com mortes cõ incendios os punimos
Era a ilha com agoas alagada,
De modo que s'andaua em almadias,
Em fim outra veneza trasladada,
Nella nos detiuemos sos dous dias,
Que forão para algũs os derradeiros
Que passarão de Styge as agoas frias.
Q'u'estes sam os remedios verdadeiros,
Que para a vida stão aparelhados
Aos que aquerem ter por caualleiros,
ò lauradores bemauenturados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como viuem no campo sossegados.

Da-

Dalhes a justa terra o mantimento,
Dalhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ouelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Não temem o furor da guerra dura.
Viue hum com suas aruores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cudado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa cor Assiria tinto,
E dos torçaes Atalicos laurado,
Se não tem as delicias de Corintho,
Ese de Pario os marmores lhe faltam,
O Piropo, a Esmeralda, & o Iacinto,
Se suas casas d'ouro não s'esmaltam,
Esmaltaselhe o campo de mil flores
Onde os cabritos seus comendo saltaõ
Alli amostra o campo varias cores,
Vése os ramos pender co fruto ameno
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantara Tityro, & Sileno,
Em fim por estas partes caminhou
A saã justiça para o ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou,

Poder viuer na doce companhia
Das manſas ouelhinhas que criou.
Eſte bem facilmente alcançaria,
As cauſas naturais de toda a couſa,
Como ſe gera a chuua,& neue fria.
Os trabalhos do ſol que não repouſa,
E porque nos da a lũa a luz alhea,
Se tolhernos de Phebo os rayos ouſa.
E como tam depreſſa o ceo rodea,
E como hum sò os outros traz cõſigo;
E ſe he benigna,ou dura Scytharea,
Bem mal pode entender iſto que digo,
q̃ ha de andar ſeguindo o fero Marte
Que traz os olhos ſempre ẽ ſeu perigo
Porem ſeja ſenhor de qualquer arte,
Que poſto qu'a fortuna poſſa tanto,
Que tão longe de todo o bẽ me aparte,
Não poderà apartar meu duro canto
Deſta obrigação ſua,em quãto amorte
Me não entrega ao duro Rhadamanto
Se pera triſtes ha tam leda ſorte,

Ele-

Elegia segunda,

Aquella que d'amor descomedido
Pello fermoso moço se perdeo
q̃ so por si de amores foi perdido,
Despois que a Deosa em pedra a cõuerteo
De seu humano gesto verdadeiro.
A vltima voz so lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhũa me consente,
Q̃ u'este canto qu'escreuo derradeiro
E s'algũa pouca vida estando ausente
Me deixa amor, he porq̃ o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.
Senhor se vos espanta o sentimento
Q̃ ue tenho étanto mal para escreuelo
Furto este breue tẽpo a meu torméto.
Porque quem tem poder para sofrello.
Sem se acabar a vida co cuidado
Tambem tera poder pera dizello.
Nem eu escreuo mal tam costumado,
Mas n'alma minha triste,& saudosa.
A saudade screue,& eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,

Eſpalhando a continua ſaudade,
Ao longo d'hũa praya ſaudoſa,
Vejo do mar a inſtabilidade,
Como com ſeu ruido impetuoſo,
Retumba na mayor concauidade,
E com ſua branca eſcuma furioſo,
Nà terra a ſeu peſar lhe ſta tomando,
Lugar onde s'eſtenda cauernoſo
Ella como mais fraca lhe ſtà dando
As concauas entranhas ond'eſteja
Suas ſalgadas ondas eſpalhando.
A todas eſtas couſas tenho inueja,
Tamanha, que não ſei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal deſeſperarme,
Não poſſo, porque amor, & ſaudade,
Nem licença me dão para matarme,
As vezes cuido em mim ſe a nouidade
E eſtranheza das couſas, coa mudança,
Se poderão mudar hũa vontade
E com iſto afiguro na lembrança,
A noua terra, o nouo trato humano.
A eſtrangeira gente, & eſtraña vſança
Subome aoon mte que Hercul s Thebano
Do altiſsimo Calpe diuidio.

Dan-

Dando caminho ao Mar Mediterrano.
Dalli estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperidas, mattando
A serpe qu'a seu passo resistio.
Em outra part'estou afigurado
O poderoso Antheo, que derrubado
Mais força se lhe estau'acrecentando.
Mas do Herculeo braço sojugado
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra ja ser ajudado.
Nem com isto em fim qu'estou dizendo:
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja qu'a Primauera de contente
De mil cores alegres reuestia
O monte, orio, o campo alegremente.
Vi ja das altas aues a armonia,
Qu'até aos montes duros conuidauã
A hum modo suaue d'alegria.
Vi ja que tudo em fim me contentaua.
E que de muito cheo de firmeza
Hum mal por mil prazeres não trocauã

Tal mẽ tem a mudança, & estranheza,
Que se vou pellos campos a verdura
Parece que se seca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura,
Que aos olhos que viuem descontentes
Descontente o prazer se lh'afigura.
Ô graues, & insuffriueis accidentes
De fortuna, & d'amor, que penitencia
Tão graue dais aos peitos innocentes.
Não basta exprimentarme a paciencia.
Com temores, & falsas esperanças,
Sem q̃ tambẽ m'atente o mal d'ausẽcia?
Trazeis hum brando animo em mudanças
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas suspires, & lembranças.
Es'estiuer ao mal acostumado,
Tambẽ no mal nam consentis firmeza,
Para que nunca viua descansado.
Viuia eu sossegado na tristeza,
E alli não me faltaua hum brãdo ẽgano
Que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendome enganado estar vsano
Deu a roda fortuna, & deu comigo
Onde de nouo choro o nouo dano.
Ja deue de bastar o que aqui digo,

Para

Para dar a entender o mais que callo,
A quem ja vio tam aſpero perigo,
E ſe nos brauos peitos faz aballo
Hum peito magoado, & deſcontente,
que obriga a quem o ouue a conſolalo.
Não quero mais ſenam que largamente
Senhor me mandeis nouas deſſa terra,
Ao menos poderei viuer contente.
Porque s'o duro fado me deſterra,
Tanto tempo do bem, qu'o fraco eſprito
Deſampare a priſam onde s'encerra,
Ao ſom das negras agoas de Cocito,
Ao pe dos carregados aruoredos
Cantarei o que n'alma tenho eſcrito,
E por entre eſſes horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos aſperos, & medos,
Com a tremula voz, canſada, & fria,
Celebrarei o geſto claro, & puro,
Que nunca perderey da fantaſia.
E o muſico de Thracia ja ſeguro
De perder ſua Eurydice tangendo,
M'ajudara ferindo o ar eſcuro.
As namoradas ſombras reuoluendo
Memorias do paſſado m'ouuiram,

E com seu choro o rio irá crecendo.
Em Salmoneo as penas faltaram,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos se encheram,
Que se amor não se perde em vida ausẽte
Menos se perdera por morte escura,
Porq̃ em fim a alma viue eternamente
E amor h'effeito d'alma,& sẽpre dura.

Elegia terceira.

OSulmonense Ouidio desterrado.
Na aspereza do Pontho,imaginando,
Verse de seus parentes apartado.
Sua chara molher desamparando,
Seus doces filhos,seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando.
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes,& as agoas se queixaua
De seu escuro,& triste nascimento.
O curso das estrellas contemplaua,
E como por sua ordem discurria
O ceo,o ar,& a terr'adonde staua.
Os peixes pello mar nadando via,
As feras pello monte,procedendo

Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nacendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedecendo
Assi soo, de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha.
A cuja triste dor não acha igual.
So sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos, qu'escreuia,
E lagrimas com qu'alli o cãpo banha.
Dest'arte me afigura a fantasia
A vida com que viuo desterrado
Do bem que noutro tempo possuia.
Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunca passarâ polla memoria,
De quem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca & debil gloria,
Desenganar meu erro, coa mudança,
Que faz a fragil vida transitoria,
Alli me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho, e m'entristece
Ver sem razão a pena que m'alcança
Qu'a pena que com causa se padece
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se nam merece.

Quan-

quãndo ā roxa manhãa, fermoſa, & bell.
Abre as portas ao ſol, & cae o orualho,
E torna a ſeus queixumes Philomela.
Eſte cudado, que co ſono atalho
Em ſonhos me parece 'qu'o qu'a gentẽ
Por ſeu deſcanſo tem, me da trabalho.
E depois d'acordado cegamente
(Ou por melhor dizer deſacordado,
que pouco acordo tem hum deſcõtẽte)
Dalli me vou com paſſo carregado,
A hum outeiro, & alli m'aſſento,
Soltando a redea toda a meu cudado.
Depois de farto ja de meu tormento,
D'alli eſtendo os olhos ſaudoſos
A parte aonde tinha o penſamento
Não vejo ſe nam montes pedregoſos,
e os campos ſem graça, & ſeccos vejo,
que ja floridos vira, & gracioſos.
Vejo o puro, ſuaue, & brando Tejo,
Com as concauas barcas, que nadando,
Vão pondo em doce effeito ſeu deſejo.
Hũas co brando vento nauegando.
Outras cos leues remos brandamente
As criſtalinas agoas apartando.
D'alli fallo coa agoa que nam ſente,

Com

Com cujo sentimento a Alma say
Em lagrimas desfeita claramente
Oo fugitiuas ondas esperay,
Que pois me não leuais em companhia
Ao menos estas lagrimas leuay.
Atê que venha aquelle alegre dia,
Qu'eu và onde vos his contente,& ledo,
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que s'acabe tão aspero degredo.
Mas esta triste morte que virà
S'em tão contrario estado me acabasse,
A Alma impaciente adonde irà?
que se às portas Tartareas chegasse
Temo que tanto mal pella memoria,
Nem ao passar de Leth lhe passasse
que s'a Tantalo, & Tycio for notoria
A pena com que vay qu'a atormentã,
A pena que là tem terão por gloria.
Esta imaginação me acrecenta
Mil magoas no sentido, porqu'a vida
D'imaginações tristes se sustenta.
que pois de todo viue consumida
Porqu'o mal que possue se resuma

Ima-

Imãginã na gloria poſſuidã.
Ate qu'a noite eterna me conſumã,
Ou veja aquelle dia deſejado,
Em que a fortuna faça o que coſtumã,
Se nella hahi mudar hum triſte ſtado.

A DOM LIONIS PEREIRA, SOBRE O LIuro que Pero de Magalhães lhe offereceo do deſcubrimento da terra ſancta Cruz.

DEſpois que Magalhães teue tecidã
A breue hiſtoria ſua, illuſtraſſe
A terra Sancta Cruz pouco ſabida,
Imaginando a quem a dedicaſſe,
Ou com cujo fauor defenderia
Seu liuro d'algum Zoylo que ladraſſe.
Tendo niſto occupada a fantaſia,
Lhe ſobreueo hum ſono repouſado
Antes qu'o Sol abriſſe o claro dia.
Em ſonhos lh'aparece todo armado
Marte brandindo a lança furioſa,
Com que fez quem o vio todo enfiado,
Dizendo em voz pelada, & temeroſa,

Não

Não he justo qu'a outrem s'offereça
Neuhũa obra que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça,
No mũdo todo,com tal nome,e fama,
Que louuor immortal sempre mereça.
Isto assi dito,Apollo que da flamma,
Celeste guia os carros d'outra parte,
Se lhe apreséta,epor seu nome o chama
Dizendo;Magalhães,posto que Marte,
Com seu terror t'espante todauia
Comigo deues so d'aconselharte.
Hum varam sapiente,em quem Talia
Pos seus thesouros,& em minha sciécia
Defender tuas obras poderia,
He justo qu'a Escriptura na prudencia
Ache so defensam,porque a dureza
Das armas he contraria da eloquencia
Assi disse.E tocando com destreza
A cythara dourada,começou
De mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio que sempre costumou,
A despartir porfias duuidosas.
Co Caduceo na maõ que sempre vsou
Determina compor as perigosas
Opiniões dos Deoses inimigos,

Com

Com razões boas, justas, & amorosas,
E disse, bem sabemos dos antigos
Heroes, & dos modernos, que prouará
De Bellona os grauissimos perigos,
Que tambem muitas vezes ajuntaram
As armas eloquencia, porq'as Musas,
Mil capitães na guerra acompanharaõ
Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas,
Guerras, deixará o estudo ẽbreue spaço
Nem armas da sciencia sam escusas.
N'hũa mão liuros, n'outra ferro, & aço,
A hũa rege, & ensina a outra fere,
Mais co saber se vence, q̃ co braço,
Pois logo varam grande se requere,
Que com teus dões Apollo illustre seja,
E de ti Marte palma, & gloria espere,
Este vos darei eu, em que se veja,
Saber, & esforço no sereno peito,
Qu'he dõ Lionis, q̃ faz ao mũdo enueja
Deste as irmãs em vendo o bom sogeito,
Todas noue nos braços o tomaram
Criandoo co seu leite no seu leito.
As artes, & sciencias lh'ensinaram,
Inclinaçam diuina lhe instuiram,
As virtudes moraes qu'o logo ornará.

Da-

Daqui os exercicios o seguirão
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituiram,
Alli taes prouas fez de caualleiro,
q̃ de Christão magnanimo, & seguro,
A si mesmo venceo por derradeiro.
Depois ja capitão forte, & maduro,
Gouernando toda Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co braço o debil muro.
Porque vindo a cercala todo o peso
Do poder dos Achens, que se sostenta,
Do sangue alheo, em furia todo aceso,
Este sò qu'ati Marte representa.
O castigou de sorte, qu'o vencido,
De ter quem fique viuo se contenta,
Pois tanto qu'o graõ reino defendido
Deixou, segunda vez cõ mayor gloria,
Para o ir gouernar foy elegido.
E não perdendo ainda da memoria
Os amigos o seu gouerno brando,
Os imigos o danno da victoria,
Hũa com amor intrinseco, esperando
Estão por elle, & os outros congelados
O vaõ com temor frio receando,
Pois vede se serão desbaratados,

De todo por seu braço, se tornasse
E dos mares da India degradados,
Porque he justo que nunca lhe negasse.
O conselho do Olympo alto, & subido
Fauor, & ajuda com que peleijasse.
Pois aqui certo esta bem dirigido.
De Magalhães o liuro, este so deue
De ser de vos, o Deoses escolhido.
Isto Mercurio disse, & logo em breue,
Se conformarão nisto Apollo, e Marte
E voou juntamente o sono leue.
Acorda Magalhães, & ja se parte,
A vos offerecer, senhor famoso
Tudo o que nelle pos sciencia, & arte.
Tem claro estillo, engenho curioso,
Para poder de vos ser recebido
Com mão benigna d'animo amoroso.
Porque so de nam ser fauorecido
Hum claro spirito, fica baixo, & escuro
Pois seja elle com vosco defendido
Como o foy de Malaca o fraco muro.

Capi-

CAPITVLO.

Aquelle mouer d'olhos excellẽte,
Aquelle viuo ſpirito inflamado
Do criſtalino roſto tranſparẽte,
Aquelle geſto immoto & repouſado,
q̃ ſtando n' alma propriamẽte ſcrito
Não pode ſer em verſo trasladado,
Aquelle parecer qu'he infinito
Pera ſe cõprender d'engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito.
M'inflamma o coraçã, d'hũ doce ẽgano
M'enleua, & engrandece a fantaſia,
que naõ vi mayor gloria q̃ meu dano,
ò bemauenturado ſeja o dia.
Em que tomei tam doce penſamẽto,
que de todos os outros me deſuia:
E bemauenturado o ſoffrimento
que ſoube ſer capaz de tanta pena
Vẽdo qu'o foy da cauſa o entẽdimẽto
Façame quem me mata, o mal q̃ ordena
Trateme com enganos: deſamores,
qu'então meſalua, quãdo me cõdena
E ſe de tão ſuaues diſſuores,

De todo por ſeu braço, ſe tornaſſe
E dos mares da India degradados,
Porqu'he juſto que nunca lhe negaſſe.
O conſelho do Olympo alto, & ſubido
Fauor, & ajuda com que peleijaſſe.
Pois aqui certo eſta bem dirigido.
De Magalhães o liuro, eſte ſo deue
De ſer de vos, o Deoſes eſcolhido.
Iſto Mercurio diſſe, & logo em breue,
Se conformaraõ niſto Apollo, e Marte
E voou juntamente o ſono leue.
Acorda Magalhães, & ja ſe parte,
A vos offerecer, ſenhor famoſo
Tudo o que nelle pos ſciencia, & arte.
Tem claro eſtillo, engenho curioſo,
Para poder de vos ſer recebido
Com mão benigna d'animo amoroſo.
Porque ſo de nam ſer fauorecido
Hum claro ſpirito, fica baixo, & eſcuro
Pois ſeja elle com voſco defendido
Como o foy de Malaca o fraco muro.

Capi-

CAPITVLO.

Aquelle mouer d'olhos excellẽte,
Aquelle viuo ſpirito inflamado
Do criſtalino roſto tranſparẽte,
Aquelle geſto immoto & repouſado,
q̃ ſtando n' alma propriamẽte ſcrito
Não pode ſer em verſo trasladado,
Aquelle parecer qu'he infinito
Pera ſe cõprender d'engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito.
M'inflamma o coraçã, d'hũ doce ẽgano
M'enleua, & engrandece a fantaſia,
que naõ vi mayor gloria q̃ meu dano,
ò bemauenturado ſeja o dia.
Em que tomei tam doce penſamẽto,
que de todos os outros me deſuia:
E bemauenturado o ſoffrimento
que ſoube ſer capaz de tanta pena
Vẽdo qu'o foy da cauſa o entẽdimẽto
Façame quem me mata, o mal q̃ ordena
Trateme com enganos: deſamores,
qu'então meſalua, quãdo me cõdena
E ſe de tão ſuaues diſſauores,

Penando viue hum'alma consumida,
ò que doce penar, que doces dores
E se hũa condição endurecida,
Tãbẽ me nega a morte por meu dano,
ò que doce morrer, que doce vida,
E se me mostra hũgesto brãdo, & humano
Como que de meu mal culpada s'acha
ô que doce mintir, que doce engano?
E s'em querer lhe tanto ponho tacha
Mostrando refrear o pensamento
O que doce fingir, que doce cacha,
Assi que ponho ja no sofrimento,
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo otorméto
Se sinto tanto bem so na memoria,
De vos ver, linda dama, vencedora,
que q̃ro eu mais que ser vossa avitoria
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecervos
Que q̃ro eu mais, q̃ tervos por señora
Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido
que quero eu mais senhora, q̃ q̃rervos,
Sem meu proveito faz qualquer partido.
So na vista d'hũs olhos tão serenos,

que

Que q̃ro eu mais ganhar, q̃ ser perdido
Se meus baixos ſpiritos de piquenos
Ainda não merecem ſeu tormento,
q̃ q̃ro eu mais qu'o mais nã ſeja menos
A cauſa em fim m'sforça o ſofrimento,
Porque'a peſar do mal que me reſiſte
De todos os trabalhos me contento,
Qu'â razão faz a pena alegre ou triſtè

OVTAVAS

DE LVIS DE CAMÕES.

A DOM ANTONIO DE NOronha, ſobre o deſconcerto do mundo.

QVem pòde ſer no mũdo tã quieto
Ou q̃m terà tã liure o péſamẽto?
quẽ tão exprimẽtado, e tã diſcreto
Tão fora em fim d'humano entẽdimẽto?
qu'ou com publico efeito, ou cõ ſecreto,
Lhe não revolta, & eſpãte o ſẽtimento,
Deixandolhe o juizo quaſi incerto,
Ver, & notar do mundo o deſconſerto?

quem

Quem ha que veja aquelle que vinia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Qu'ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena immensos vituperios?
S'a fortuna em contrario o leua, & guia
Mostrando êfim q̃ tudo saõ mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por liure que seja não s'espante.

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teue a vida, qu'em tudo por perfeito
O proprio Momo às gentes o julgara,
Ainda que lhe vira aberto o peito?
S'amà fortuna ao bem sòmemte auara,
Oprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado
Por mais, & mais que seja exprimentado

Democrito dos Deoses proferia
Qu'erão sòs dous, a pena, & beneficio,
Segredo algum serà da fantasia.
De qu'eu achar não posso claro indicio
Que s'ambos vem por não cudada via,
A quem os não merece, he grande vicio
Em Deoses sem justiça, & sem razão:
Mas Democrito o disse, & Paulo não.

Dir

Dirm'eis q̃ s'este estranho desconcerto
Nouamente no mundo se mostrasse
que por liure que fosse, & muy experto,
Não era d'espantar se m'espantasse:
Mas que seja de Socrates soy certo
que nenhum grande caso lhe mudasse
O volto, ou de Prudente, ou deconstante,
que tome exẽplo delle, & não m'espante

Parece a razão boa, mas eu digo
qu'este vso da fortuna tão dannado,
que quanto & mais vsado, & mais antigo
Tãto & mais estranhado, & blasphemado
porque s'o cèo das gentes tão amigo
Não dâ à fortuna tempo limitado,
Não he pera causar muy grande spanto,
qne mal tão mal olhado dure tanto

Outro spanto mayor aqui m'enlea,
que com quanto fortuna tão profana
Com estes desconcertos senhorea
Anenhũa pessoa desengana:
Não ha ningem qu'assente, né que crea
Este discurso vão da vida humana,
Por mais q̃ philosophe, nem qu'entenda
qu'algum pouco dom ũdo não pretenda

Diogenes piſaua de Platão
Com ſeus ſordidos pès o rico ſtrado,
Moſtrand'outra mais alta preſunção,
Em deſprezar o fauſto tão prezado
Diogenes não ves qu'eſtremos ſão
Eſſes que ſegues de mais alto ſtado,
Que ſe de deſprezar te prezas muito
Ia pretendes do mundo fama & fruito

Deixo agora reys grandes, cujo ſtudo
He fartar eſta ſede cubiçoſa,
De querer dominar & mandar tudo,
Cõ fama larga, & pompa ſumptuoſa
Deixo aquelles q̃ tomão por eſcudo
De ſeus vicios, & vida vergonhoſa.
A nobreza de ſeus anteceſſores,
E não cudão de ſi que ſão peores.

Deixò a quelle a quem o ſono eſperta
O graõ fauor dorei q̃ ſerue & adora,
que ſe mãtẽ d'eſta aura, falſa, incerta
Que de corações tantos he ſenhora.
Deixo aquelles q̃ ſtão coaboca aberta
por s'ẽcher de theſouros d'hora ẽ hora
Doentes deſta falſa hydropeſia,
que quanto mais alcãça, mais queria

Deixo

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem doutra cauſa alguma he ſojugado
Que d,huma opinião,& vſança antiga:
Mas pregunto ora a Ceſar eſforçado,
ou a Platão diuino,que me diga
Eſte das muitas terras em qu'andou,
Eſtoutro de vencellas,qu'alcançou?

Ceſar dirà,ſou dino de memoria,
Vencendo varios pouos eſforçados,
Fuy Monarcha do mundo,& larga hiſtoria
Ficarà de meus feitos ſublimados:
He verdade,mas eſſe mando& gloria
Lograſte o muito tempo? os conjurados
Bruto & Caſſio o dirão,que ſe vencceſtè
Em fim em fim às maõs dos teus morreſte.

Dira Platam por ver o Ethna &o Nilo
Fuy a Cicilia,ao Egyto a otras partes,
Sô por ver& ſcreuer em alto eſtillo
Da natural ſciencia em muitas artes:
O tempo he breue,&queres conſumilo,
Platão,todo em trabalhos, & repartes
Tãomal de teu ſtudo as breues horas,
Qu'em fim do falſo Phebo o filho adoras.

Pois depois que do mundo stà apartada
A alma desta prisaõ terreste & oscura,
Està em tamanhas cousas occupada,
que da fama que fica nada cura:
Pois s'o corpo terreno sinta nada
o Synico o dirà, se por ventura
No campo onde deitado morto staua
De si os cães, & as aues enxotaua.

quem tão baixa tiuesse a fantasia
que nunqua em mòres cousas a meteſſe
qu'em sô leuar seu gado a fonte fria.
Emungirlhe do leite que bebesse'
Quão bemauenturado que seria,
Que por mais que fortuna reuoluesse
Nunqua em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
Veria correr sempre clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Orizonte
Tangendo a frauta donde o gado pasce,
Conhesceria as heruas do alto monte
Em Deos creria simples & quieto
Sem mais especular nenhum secreto

D'hum certo Trasilao se le & screue
Entr'as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hũ grã tempo o siso teue
Por causa d'huma grande infirmidade:
E em quanto de si fora doudo steue
Tinha por teima,& cria por verdade
Qu'eraõ suasas naos que nauegauaõ
Quantas no porto Pirèo anchorauão

Por hum senhor muy grande se teria
(Alem da vida alegre que passaua)
Pois nas que se perdião não perdia
E das que vinhão saluas s'alegraua,
Não tardou muito tẽpo,quando hũ dia
Hunerito seu irmão, qu'ausente staua
A terra chega,& vẽdo o irmão perdido
Do fraternal amor foy commouido.

Aos medicos o entrega,& com auiso
Ofaz estar à cura refusada,
Triste,que por tornarlhe o caro siso,
Lhe tira a doce vida descansada:
As hernas Apollineas d'imporuiso
O tornão à saude atras passada,
S. sudo Trasilao,ao charo irmão
Agradece a vontade,a obra não.

Dio-

Por que depois de verse no perigo
Dos trabalhos qu,o siso lh' obrigaua,
E depois de não ver o stado antigo
Qu'a vã opinião lh,apresentaua,
ô inimigo irmão com cor d' amigo,
Para que me tiraste (suspiraua)
Da mais quieta vida,& liure em tudo,
Que nunqua pode ter nenhum sesudo.

Porque rey, por que duque me trocara;
Por que senhor de grande fortaleza:
Que me daua qu' o mundo s, acabàra;
Ou qu' a ordem mudasse a natureza;
Agora he me pesada a vidá chara'
Seique cousa he trabalho,& que tristeza,
Tornome a meu stado,qu,eu t'auiso
Que na doudice sò consiste o siso,

Vedes aqui senhor,muy claramente
Como fortuna em todos tem poder:
Senão sô no que menos sabe& sente
Em quem nenhum desejo pode auer:
Este se pode rir da cega gente,
Neste não pòde nada acontecer,
Nem estarà suspenso na balança
Do temor mao da perfida sperança

Mas

Mas s, o sereno cèo me concedora
qual quer quieto humilde, & doce stado,
Onde com minhas musas sò viuera,
Sem verme em terra alhea degradado:
E alli outrem ninguem me conhecera
Nem eu conhecera outro maishonrado,
Senão a vos tam bem como eu contente,
que bem sey qu'o sereis facilmente.

E ao longo d'huma clara & pura fonte,
Qu'em burbulhas nascendo conuidasse
Ao doce passarinho que nos cante
quem da clara consorte o apartasse:
Depois cubrindo aneue o verde monte
Aogasalhado o frio nos leuasse,
Auiuando o juizo ao doce studo,
Mais certo manjar d'alma em fim que tudo.

Cantàranos a quelle que tão claro
O fez o fogo d'aruore Phebea,
A qual elle em estillo grande & raro,
Louuando, o cristallino Sorga enfrea:
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Hora nosmontes, hora pella area,
Passara celebrando o Tejo vfano
O brando & doce Lasso Castelhano.

E com

E comnosco tambem s'achará aquella
Cuja lembrança, & cujo claro gesto
N'alma somente vejo: porque nella
Está em essencia, puro & manifesto,
Por alta influição de minha estrella,
Mitigando o firme peito honesto,
Entretescendo rosas nos cabellos
De que tomasse a luz o sol em vellos.

E alli em quanto as flores acolhesse,
ou pello inuerno ao fogo accommodado
quanto de mim sentira nos dissesse
De duro amor o peito salteado,
Não pedira eu então qu'amor me dosse
De Trasilao o insano, & doudo stado,
Mas qu'então me dobrasse o étédimento
Por ter de tanto bem conhecimento,

Mas para onde me leua a fantasia
Por qu'imagino em benauenturanças
Se tão longe a fortuna me desuia
qu'inda me não consente as esperanças?
S'hum nouo pensamento amor mecria,
Onde o lugar, o tempo, as esquiuanças
Do bem me fazem tão desamparado,
que não podo ser mais qu'imaginado

For-

Fortuna emfim co amor se conjurou
Contra mim, porq̃ mais me magoasse,
Amor a hum vão desejo m'obrigou,
Sò para qu'a fortuna mo negasse,
O tempo a este stado me chegou,
E nelle quis qu'a vida s'acabasse,
Se ha é mim acabarse, o qu'eu não creo
Qu'atè da muita vida me receo.

OVTAVAS

ADOM CONSTANTINO, Visorey na India

COmo nos vossos õbros tã cõstãtes
(Principe illustre e raro) sustéteis
Tãtos negocios arduos e inportãtes
Dignos do largo imperio, que regeis:
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, & a terra segureis
Do pirata insolente, & do tyrano,
Iugo do potentissimo Ottomano.

Eco

E como com virtude necessaria.
Mal entendida do juizo alheo,
A desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freo:
Se com minha scritura longa & varia
Vos occupasse o tempo, certo creo
Que com ridiculosa fantasia
Contra o commum proueito peccaria.

E não menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz & agudo,
que contra meu taõ baixo, e triste stado
Busco fauor em vos, que podeis tudo
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse verso humilde & rudo
Diraõ que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porem porqu'a virtude pode tanto,
No liure arbitrio (como disse bem
A Dario rey, o moço sabio, & santo,
que foi reedificar Hierusalem)
Esta m'obriga qu'em humilde canto,
Contra a tençam que a plebe ignara tẽ,
Vos faça claro a quem vos não alcança,
& nam de premio algum vil esperança,

Ro-

Romulo, Baco, & outros, qu' alcançaram,
Nomes de Semideoſes ſoberanos,
Em quanto pelo mundo exercitaram
Altos feitos, & quaſi mais qu' humanos.
Com juſtiſſima cauſa ſe queixarão
Que não lhe reſponderam os mundanos
Fauores do rumor juſtos, & iguoaes,
A ſeus merecimentos immortaes.

Aquelle que nos braços poderoſos,
Tirou a vida ao Tingitano Antheo
A quem os ſeus trabalhos tam famoſos
Fizeram cidadam do alto ceo,
Achou qu'a ma tençam dos enuejoſos
Não ſe doma ſenão deſpois qu'oveo
Se rompe corporal, porque na vida,
Ninguem alcança a gloria merecida

Pois logo ſe varões tão excellentes
foram do baixo vulgo moleſtados,
O vituperio vil das rudes gentes
Em louuor dos reais, & ſublimados,
Quem no lume dos voſſos accedentes.
Poderà por olhos: que abalados
Lhe não fiquem da luz vendo os mayores
Voſſos paſſados rçis, & emperadores.

quem

Quem vera aquelle pay da patria sua,
Açoute do soberbo Castellano
Q u'o duro jugo soco a espada nua,
Remoueo do pescoço Lusitano,
Que nã diga o grã Nuno a eterna tua
Memoria causara (se não me engano,
Que qualq̃r teu menor tanto s'estime
Que nunqua possas ser senão sublime,

Nisto não fallo mais, por q̃ conheço
Que da materia sem'abaixa o ẽgenho
Mas pois qu'a dizer tudo m'offereço
Que dias ha que no desejo o tenho
Sendo vos de tão alto & illustre preço
A vida fostes por n'hum fraco lenho,
Por largo mar, & vndosa tempestade
So por seruir a regia magestade.

E depois de tomar a redea dura,
Na mão, do povo indomito, q̃ staua
Costumado a largueza, & a soltura
Do pesado gouerno qu'acabaua
quem não tera por santa, & justa cura
qual de vosso conceito s'esperaua
A tão desenfreada infirmidade
Aplicarlhe contraria qualidade,

Nam

Nam he muito senhor, s'o moderado
Gouerno se blasphema,& se desama,
Porque o pouo a larguezas acostumado
A ley serena & justa,dura chama,
Pois o zello em virtude sò fundado
De saluar almas da Tartarea flamma
Coa'agoa salutifera de Christo,
Poderà por ventura ser malquisto?

Quem quisesse negar tão grão verdade
qual he o seu effeito sancto & pio,
Negue tambem ao sol a claridade,
E certifique mais qu'o fogo he frio,
qu'o succesſo he contrario da vontade,
As obras que sam boas,& o desuio,
Esta nas mãos dos homens comettellas,
E nas de Deos esta o sucesſo dellas.

Sey eu,& sabem todos qu'os futuros
Verão por vos o estado acrecentado,
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado,
Da ruina mortal seram seguros,
Tendo todo o alicerse fundado
Sobre orfas emparadas con maridos,
E pagos os seruiços bem diuidos.

Cimanha infamia ao principe he perderse
Ponto do estado seu, qu'inteiro herdou,
Por tão celebre gloria pode terse
S'acrecentado & prospero o deixou,
Nunca consintio Roma ennobrecerse
Com triumpho ninguem, senam ganhou
Prouincia, qu'o imperio acrecétasse
Por mayores vittorias qu'alcançasse.

Pòde tomár o vosso nome dino
Damão por honra sua clara & purá,
Como ja do Primeiro constantino
Tomou Bizancio aquelle qu'inda dura,
E tu Rey que no Reyno Neptunino
La no seo Gangetico a natura
T'aposentou, de seres inimigo
D'este stado, nam ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes naues,
Cortar a spumosa agoa nauegando,
Ouuiste o som das tubas não suaues,
Mas com temor horrifero soando,
Sentiste os golpes asperos & graues
Do braço Lusitano nunca brando,
Não soffreste o gram brado penetrantẽ
Qu'os trouões imitaua do Tonante.

Mas

Mas antes dando as costas, & a victtoria
A Bargances ventura não corrido,
Disto vens a entender ca minha Gloria
He de tal vencedor seres vencido:
Q. uem fez obras tão dinas de memoria
Sempre será famoso, & conhecido,
Onde os juyzos altos s'estimarem,
Q. u'estes sòs tem poder de fama darem.

Não vos temais senhor do pouo ignaro
E ingrato a quem tanto fez por elle,
Mas sabei, qu'he final de serdes claro,
Serdes agora tão mal quisto delle:
Themistocles da patria sua emparo,
O forte liberal Cimon, & aquelle
Que leys ao pouo deu d'Esparta antigo,
Testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides hum robusto
Votando no Oracismo costumado,
Lhe disse claro assi porqu'era justo
Desejaua que fosse desterrado:
Pachitas por fugir do pouo injusto,
Calumnioso, dando no senado
Conta de Lesbus, qu'elle já mandara,
Se tirou com sua espada a vida chara.

D. moſtenes deitado das tormentas
Populares, a Pallas foy dizendo
De que tres monſtros grandes te contétas,
Do Drago, Emocho, e do vil Pouo horrẽ-
Que glorias immortaes ouue, q̃ iſentas (do
Do veneno vulgar foſſem viuendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vos tambem ſois hum dos Luſitanos.

OVTAVA PRIMA.

A SETTA QVE O PAPA mandou a el Rey Dom Sebaſtião.

MVY alto Rey a quẽ os Cèos en ſortẽ
Derão o nome Auguſto, ſublimado
Daquelle caualleiro que na morte
Por CHRISTO foy de mil ſettas paſſado:
Pois delle o fiel peito, caſto, & forte
Co nome Imperial tendes tomado,
Tomay tambem a Setta venerranda,
Qu'a vos o ſucceſſor de Pedro manda.

Ia por sorte do ceo, o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia cara,
Defensor contra o gladio que ferio
O pouo que Dauid contar mandara:
No qual, pois tudo em vos se permitio,
Presagio temos, & esperança clara,
Que sereis braço forte, & soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.

E o que este presagio agora encerra.
Nos faz ter por mais certo & verdadeiro,
A setta que vos dà quem he na terra
Das reliquias celestes dispenseiro:
Qu' os vossas settas sãõ na justa guerra
Agudas, & entrarão por derradeiro,
Cayndo a vossos pès pouo sem ley
Nos peitos que inimigos sãõ do Rey.

Quando vossas bandeiras despregaua
Albuquerque fortissimo com gloria,
Pollas prayas de Persia, & alcançaua
De nações tão remotas a victoria:
As settas embebidas que tiraua
O arco Armosiano, he larga historia,
Que no ar, Deos querendo se virauão,
Pregandose nos peitos qu'as tirauão.

O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode, porque veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado:
Os contrarios reueis à Madre Igreja
Atroarão co tom do ceo irado,
Que assi dou ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sò nociuas saõ,
Que farão Reyas vossas, que tem liga
Com a que ja tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com qu'obriga
A leuantar a Deos o coração,
Crendo qu'as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rey do largo imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano:
Vingou com setta & animo atreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi d'alli remunerado
Com louuores d'Apollo celebrado.

Assi vos Rey, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima sperança,
Nos costumes, & aspeito que mostrais:
Concebemos segura confiança
Que Deos a quem seruis & venerais,
Vos fará vingador dos seus reueis,
E os premios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São destes vossos Reynos com verdade,
Recebei com humilde, & leda mão,
Pois he deuido a Reys benignidade,
Tenhão (se não merecem galardão)
Fauor se quer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem ja tendes tanto
Com o nome, & reliquia fauor santo.

ECLOGAS.

A morte de D. Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & á morte de Dom Ioão Principe de Portugal, pay del Rey D. Sebastião.

ECLOGA. I.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

QVe grande variedade vão fazendo
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se vão as cousas conuertendo
Em outras cousas varias, & insperadas:
Hum dia a outro dia vay trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quão conformes são na cantidade,
Tão differentes são na calidade.

Eu vi ja deste campo as varias flores
As estrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adornados os pastores
De quanto polo mundo se deseja:
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica sobejaua.

E vi

E vi perder seu preço às brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia,
Diante d'hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia:
Em fim vi as pastoras tão formosas
Qu'o amor de si mesmo se temia,
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão differente,
Que moue os corações a grande spanto,
E parece que Iupiter potente
Se enfada ja de o mundo durar tanto:
O Tejo corre turuo, & descontente,
As aues deixão seu suaue canto,
E o gado em ver que a herua lhe fallece
Mais que de a não comer nos emmagrece.

Frond. *Vmbrano irmão, decreto he da natura*
Inviolauel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desuentura,
E não aja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao verão suaue, o duro inuerno,
E se hahi quem saiba ter firmeza,
He somente esta ley de natureza.

Toda

Tod'alegria grande,& ſumptuoſa
A porta abrindo,vem ao triſte ſtado
Se hũa hora vejo alegre,& deleitoſa,
Temendo eſtou do mal aparelhado:
Não ves que mora a ſerpe venenoſa
Entr'as flores do freſco,& verde prado?
Não t'engane nenhum contentamento,
Que mais inſtauel he,o penſamento.

E praza a Deos qu'o triſte,& durofado
De tamanhos deſaſtres ſe contente,
Que ſempre hum grande mal inopinado
He mais do qu'o eſpera a incauta gente
Que vejo eſte carualho,que queimado
Tão grauemente foy do rayo ardente,
Não ſeja ora prodigio que declare
Qu'o Barbaro cultor meus campos are.

Vmb. *Em quanto do ſeguro azambugeiro*
Nos paſtores de Luſo ouuer cajados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo tão aſſinalados:
Não temas tu Frondelio companheiro
Qu'em nenhum tempo ſejão ſojugados,
Nem qu'a ceruiz indomita obedeça
A outro jugo algum que ſe offereça

E posto que a soberba se leuante
Do inimigo, a torto, & a direito,
Não creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca ja vencido peito;
Que desde quem possue o monee Athlante,
Atè onde bebe o Hidaspe tem sugeito,
O possa nunca ser de força alhea,
Em quanto o sol, a terra, & o ceo rodea.

Fron. *Vmbrano, a temeraria segurança*
Que em força, ou em rezão não s'assegura,
He falsa, & vã, que a grande confiança
Não he sempre ajudada da ventura:
Que là junto das aras da sperança
Nemesis moderada justa, & dura,
Hum freo, lh'estè pondo, & ley terriuel,
Que os limites não passe do possiuel.

E s'attentas bem os grandes damnos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Poràs freo tambem a esses enganos
Que testà afigurando a ousadia:
Tu não ves como os lobos Tingitanos
Apartados de toda a couardia,
Matão os cães do gado guardadores,
E não somente os cães, mas os pastores:

E'o grande curral ſeguro,& forte
Do alto monte Atlas,não ouuiſte,
Que com ſanguinolenta,& fera morte
Deſpouoado foy por caſo triſte?
O caſo deſaſtrado,ò dura ſorte,
Contra queuu força humana não reſiſte,
Qu'alli tambem da vida foy priuado
Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmb. De lagrimas me banha todo o peito
Deſſe caſo terribel a memoria,
Quando vejo quão ſabio,& quão perfeito,
E quão merecedor de longa hiſtoria:
Era eſſe teu paſtor,que ſem direito
Deu as Parcas a vida tranſitoria,
Mas não hahi quem d'erua o gado farte,
Nem do juuenil ſangue o fero Marte.

Por em,ſe te não for muito peſado,
(Ia qu'eſta triſte morte me lembraſte)
Cantares deſſe caſo deſaſtrado
Aquelles brandos verſos que cantaſte
Quando ontem recolhendo o manſo gado
De noſotros paſtores te apartaſte:
Qu'eu tambem,qu'as ouelhas recolhia
Não te podia ouuir como queria.

Frõ. Como ques que renoue o penſamento
Tamanho mal, tamanha deſuentura,
Porque eſpalhar ſoſpiros vãos ao vento
Pera os que triſtes ſam he falſa cura,
Mas pois tambem te moue o ſentimẽto
Da morte de Tionio triſte, & oſcura,
Eu porey teu deſejo em doc'effeito.
S'a dor me não cõgella a voz no peito.

Vmb. Canta agora paſtor, qu'o gado pace
Antr'as humidas heruas ſoſſegado,
E la nas altas ſerras onde nace
O ſacro Tejo, a ſombra receſtado,
Com ſeus olhos no chaõ, a mão na face,
Eſta pera t'ouuir aparelhado,
E com ſilencio triſte ſtão as Nymphas.
Dos olhos eſtilando claras lymphas.

O prado, as flores brancas & vermelhas,
Eſtà ſuauemente apreſentando,
As doces & ſollicitas abelhas
Com hum brando ſoſurro vão voando
As manſas & pacificas ouelhas,
Do comer eſquecidas inclinando,
As cabeças eſtam ao ſom diuino
Que faz paſſando o Tejo criſtalino.

O ven-

O vento d'entre as aruores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a aue garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio,
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao saudoso canto te conuida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas nam gostaram
As mimosas ouelhas & os cordeiros
O campo encheram d'amorosos gritos,
Nam se depẽdurarão dos salgueiros
As cabras da tristeza, mas negaram
O pasto a si, & o leite aos cabritos,
Prodigios infinitos
Mostraua aquelle dia,
Quando a parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem (ò coruo) o descubriste
Quando da mão direita em vos oscurã
Voando repetiste
A tyrannica ley da morte dura.

Tionio meu, o Tejo cristallino,
E as aruores que ja desamparaste,
Choram o mal de tua ausencia eterna,
Não sey porque tam cedo nos deixaste?
Mas foy consentimento do destino.
Por quem o mar, & a terra se gouerna,
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Se quer de tua idade nam te derã
Que logràras a fresca primauera?
Nam vsara com nosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristezã.

Os Faunos certa guarda dos pastores
Ia não seguem as Nymphas na spessura,
Nem as Nimphas aos ceruos dã trabalho
Tudo como ves, he cheo de tristura,
A as abelhas o campo nega as flores
E às flores a aurora nega o orualho,
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que sobia
Mouer as altas aruores tangendo,

Se

Se me vay de triſteza de enrouquecendo,
que tudo vejo triſte neſte monte,
E eu tambem correndo
Manas enuolta & triſte(o clara fonte.

As Tagides no rio, & n'aſpereza
Do monte, as Oreadas, conhecendo
quem t'obrigou ao duro, & fero Marte,
Como geral ſentença vam dizendo
que nam pode no mundo auer triſteza
Em cuja cauſa amor nam tenha parte,
Porque aſsi deſt'arte
Nos olhos ſaudoſos
Nos paſſos vagaroſos,
No roſto, qu'o amor & a fantaſia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de ſi daua ſinal certo
Do fogo que trazia
que nunqua ſoube Amor ſer incuberto.

Ia diante dos olhos lhe voauão
Imagens, & fantaſticas pinturas
Exercitios do falſo penſamento,
E pellas ſolitarias ſpeſſuras,
Entr'os pene dos sos que nam fallauã,

Fala

Falaua, & deſcubria ſeu tormento.
Num longo eſquecimento
De ſi todo em bebida,
Andaua tam perdido,
Que quando algum paſtor lhe perguntauã
A cauſa da triſteza que moſtraua,
Como quem para penas ſo viuia,
Sorrindo lhe tornaua,
Senão viueſſe triſte morreria.

Mas como eſte tormento o aſsinalou,
E tanto no ſeu roſto ſe moſtraſſe,
Entendido muy bem do pay ſeſudo,
Porque do penſamento lho tiraſſe.
Longe da cauſa delle o apartou,
Porqu'em fim longa auſencia acaba tudo,
Mas o falſo Marte rudo,
Das vidas cubiçoſo,
Qu'aonde o generoſo
Peito reſuſcitaua em tantã gloria
De ſeus anteceſſores a memoria.
Alli fero & cruel lhe deſtruiſte
Por injuſta vitoria
Primeiro que o cuidado o vida triſte.

Pareceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobiçoso,
Naquelle infido sangue Mauritano
No Hispano ginete bellicoso,
qu'ardendo tambem vinha no desejo
De derrubar por terra o Tingitano,
ò confiado engano
ò incurtada vida,
Qu'a virtude opprimida,
Da multidam forçosa do inimigo
Nam pode defenderse do perigo,
Porqu'assi o destino o permitio,
E assi leuou consigo
O mais gentil pastor qu'o Tejo vio,

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rotulos fartando
As iras da soberba,& dura guerra.
Do cristallino rosto a cor mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Pellas aluas espaldas tinge a serra,
Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porqu'o tempo auarento
Tambẽ o largo humor lhe tẽ negado
O collo

O collo inclina languido, & canſado,
Tal te pinto Tionio dando o eſprito
A quem to tinha dado,
qu'eſte he ſomente, eterno, & infinito

Da boca congelada à alma purã
Co nome juntamento da inimigã,
E excellente Marſida derramaua,
E tu gentil ſenhora não te obriga
A pranto ſempiterno, a morte durã,
De quem por ti ſométe a vida amaua
Por ti aos eccos daua
Accentos numeroſos,
Por ti aos bellicoſos
Exercicios ſe deu do fero Martẽ
E tu ingrata, o amor ja noutra partẽ
Poras, como acontece o fraco intento
qu'em fim deſta arte
Se muda o femenino penſamento

Paſtores deſte valle ameno, & frio,
que de Tionio o caſo deſaſtrado
quereis nas altas ſerras que ſe cante,
Hum tumulo de flores adornado,

Lhe edificay ao longo deste rio.
qu'a vella enfree ao duro nauegante,
E o Lasso caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos dagoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
que diga assi. *Memoria sou que grito*
Para dar testemunho em toda a parte
Do mais gentil esprito
Que tiraram do mundo Amor, & Marte.

Vmbrano.

Qual o quieto soño aos cansados
Debaixo d'algũa aruore sombria,
Ou qual aos sequiosos, & encalmados,
O vento respirante & a fonte fria.
Tais me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto & melodia,
E ainda o tom suaue, & brando,
Os ouuidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
As areoſas conas deſte rio,
E correndo eſtas agoas conhecerem
Do largo mar o antigo ſenhorio,
E em quanto eſtas heruinhas paſto derem
As petulantes cabras, eu te fio
Qu'em virtude dos verſos que cantaſte
Sempre viua o paſtor que tanto amaſte.

Mas ja que pouco a pouco o ſol nos falta,
E dos montes as ſombras s'acrecentão,
De flores mil o claro cêo s'eſmalta,
Que tão ledas aos olhos s'apreſentão,
Leuemos pello pè deſta ſerra alta
Os gados, que jagora ſe contentão
Do que comido tem, Frondelio amigo,
Anda, qu'ate o outeiro irei contigo.

Frõd. Antes por eſte valle, amigo Vmbrano
Se t'aprouuer, leuemos as ouelhas,
Que ſe eu por acerto não m'engano
D'aqui me ſoa hum ecco nas orelhas,
O doce accento não parece humano,
E ſe tu neſte caſo m'aconſelhas,
Eu quero ver daqui que couſa ſeja,
Qu'o tom m'eſpanta, & a voz me faz inueja.

Vmb. Contigo vou, que quanto mais m'achego
Mais gentil me parece a vos que ouuiſte,
Peregrina, excellente, & não te nego
Que me faz cà no peito a alma triſte,
Ves como tem os ventos em ſoſſego?
Nenhum rumor da ſerra lhe reſiſte,
Nenhum paſſaro voa, mas parece
Que do canto vencido lhe obedece.

Porem irmão melhor me parecia
Que não foſſemos lâ, que ſtoruaremos:
Mas ſubidos neſta aruore ſombria
Todo o valle d'aqui deſcubriremos;
Os çurrões & cajados toda via
Neſte comprido tronco penduremos,
Para ſubir fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio yr primeiro.

Eſpera aſsi, dart'ei de pê ſe queres,
Subirâs ſem trabalho, & ſem ruido,
E depois que ſubido là eſtiueres,
Darm'as a mão de cima, qu'he partido:
Mas primeiro me dize, ſe puderes
Ver, donde nace o canto nunca ouuido,
Quem lança o doce accento delicado
Falla, que ja te vejo eſtar paſmado.

Vmb. Couſas não coſtumadas na ſpeſſura,
Que nunqua vi, Frondelio, vejo agora;
Fermoſas Nimphas vejo na verdura,
Cujo diuino geſto o cêo namora.
Hũa de deſuſada fermoſura,
Que das outras parece ſer ſenhora,
Sobre hum triſte ſepulchro, não ceſſando
Eſtâ perlas dos olhos diſtillando.

De todas eſtas altas ſemideas,
Qu'em torno eſtão do corpo ſepultado,
Hũa regando as humidas areas
De flores tem o tumulo adornado:
Outras queimando lagrimas Sabeas
Enchem o ar de cheiro ſublimado,
Outras em ricos pannos mais auante,
Enuoluem brandamente hum nouo infante.

Hũa que dantre as outras ſe apartou,
Com gritos qu'amontanha entriſtecerão,
Diz que depois qu'a morte a flor cortou,
Qu'as eſtrellas ſômente merecerão,
Qu'eſte penhor chariſſimo ficou
Daquelle a cujo imperio obedecerão
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tè o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que s'encontrar este minino
A noite intempestiua amanhecendo
Qu'o Tejo agora claro & cristallino
Tornarà a fera Alecto em vulto horrendo;
Mas se for conseruado do destino,
Qu'as estrellas benignas promettendo
Lhe stão o largo pasto d' Ampelusa,
Co monte qu'em mao ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclypsada clara strella,
Qu'entre as outras o cèo primeiro habita;
Tal cuberta de negro vejo aquella
A quem sò n'alma toca a gran desdita,
Dà cà Frondelio a mão, & sobe a ver
Tudo o mais qu'eu de dor não sey dizer.

Frõd. ô triste morte, esquiua & mal olhada,
Qu'a tantas fermosuras injurias,
D'aquella Deosa bella & delicada,
Se quer algum respeito ter deuias.
Esta he por certo Aonia filha amada
Daquelle gran pastor, qu'em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
Espanta o morador do Euxino fero.

Mor-

Morreolhe o excellente & poderoſo,
(Qu'a iſſo eſtà ſogeita a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia charo eſpoſo,
Ah ley dos fados aſpera & tyrãna:
Mas o ſom peregrino, & piadoſo
Com qu'a fermoſa Nympha a dor engana,
Eſcuta hum pouco, nota, & vè Vmbrano,
Quam bem que ſoa o verſo Caſtelhano.

Aonia.

Alma y primero amor del alma mia,
Spiritu dichoſo, en cuya vida
La mia eſtuuo en quanto Dios queria.
Sombra gentil, de ſu priſion ſalida,
Que del mundo a la patria te boluiſte
Donde fuiſte engendrada, y procedida.
Reſcibe allâ eſſe ſacrificio triſte,
Que t'offreſcen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiſte.
Que pues los altos cielos permittieron,
Que no t'acompañaſſe en tal jornada,
Y para ornarſe ſolo a ti quiſieron,
Nunqua permittirân qu'acompañada
De mi no ſea eſta memoria tuya,

Que

Que ſtâ de tus deſpojos adornada.
Ni dexaràn, por mas qu'el tiempo huya
D'eſtar en mi con ſempiterno llanto,
Haſta que vida y alma ſe deſtruya
Mas tu gentil ſpirito entretanto
Que otros campos y flores vas piſando,
Y otras çampoñas oyes, y otro canto,
Aora embeueſcido eſtes mirando
Allâ enel Empyreo aquella Idea
Qu'el mundo enfrena y rige con ſu mando.
Aora te poſſuya Scytharea,
En ſu tercero aſsiento, o porque amaſte,
O porque nueua amante allà te ſea.
Aora el ſol te admire, ſi miraſte
Como va por los ſignos encendido,
Las tierras alumbrando que dexaſte.
Si en ver eſtos milagros no has perdido
La memoria de mi, o fue en tu mano
No paſſar por las agoas del oluido?
Buelue vn poco los ojos eſte llano,
Verâs vna qu'ati con triſte lloro
Sobre eſte marmol ſordo llama en vano.
Pero ſi entraren en los ſignos, de oro,
Lagrimas y gemidos amoroſos,
Que mueuan el ſuppremo y ſanto choro,

La

La lumbre de tus ojos tan hermoſos
Yo la vere mui preſto, y podrê verte,
Que a peſar de los hados enojoſos
Tambien para los triſtes vuo muerte.

EGLOGA II.

Almeno, & Agrario, paſtores.

AO longo do ſereno
Tejo, ſuaue & brando,
Num valle d'altas aruores ſombrio,
Eſtaua o triſte Almeno
Suſpiros ſpalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a ſperança,
Que com doces enganos
Lhe ſuſtentàra a vida tantos annos
Num' amoroſa & branda confiança,
Que quem tanto queria
Parece que não erra ſe confia.

A noite eſcura daua
Repouſo aos canſados

Animais, eſquecidos da verdura,
O valle triſte ſtaua
Chũs ramos carregados
Qu'a noite fazião mais eſcura:
Moſtràua a ſpeſſura
Hum temeroſo ſpanto,
As roucas rãs ſoauão
Num charco d'agoa negra, & ajudauão
Do paſſaro nocturno o triſte canto.
O Tejo com ſom graue
Corria mais medonho que ſuaue.

Como toda a triſteza
No ſilencio conſiſte,
Parecia qu'o valle ſtaua mudo,
E com eſta graueza
Eſtaua tudo triſte,
Porem o triſte Almeno mais que tudo:
Tomando por eſcudo
De ſua doce pena
Para poder ſoffrella,
Eſtar imaginando a cauſa della,
Qu'em tanto mal, he cura bem piquena,
Mayor he o tormento,
Que toma por aliuio hum penſamento,

Ao rio se queixaua
Com lagrimas em fio,
Com que crecião as ondas outro tanto,
Seu doce canto daua
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto,
Ao cansado pranto,
qu'as agoas refreaua,
Responde o valle vmbroso,
Da mansa voz o accento temeroso,
Na outra parte do rio retumbaua,
quando da fantasia
O silencio rompendo assi dezia.

Corre suaue & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos (doce Tejo)
Fe de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejam castigo igoal de meu desejo,
que pois em mim nam vejo
Remedio, nem o spero,
E a morte se despreza
De meu matar, deixandome à crueza
Daquella por quem meu tormento quero,

Saiba

Saiba o mundo meu dano
Porque se desegane em meu engano.

Ia que minha ventura
Ou quem me a causa ordena,
quer por paga da dor tome soffrella,
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de auer ja cura nella,
Porque se minha estrella
Causou tal esquiuança
Consinta meu cuidado
Que me farte desesprado
Para desenganar minha esperança,
que para isso naci,
Para viuer na morte,& ella em mi.

Nam cesse meu tormento
De fazer seu officio,
qu'aqui tem bũa alma ao jugo atada,
Nem falte o sofrimento,
Porque parece vicio,
Para tam doce mal faltarme nada,
ò Nympha delicada
Honra da natureza,

Como pode isto ser,
Que de tam peregrino parecer
Podesse proceder tanta crueza?
Nam vem de nenhum geito
De causa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
Ha contra a causa della,
Fora he de natural minha tristeza.
Mas a mim que me espanta,
Nam basta o Nympha bella,
que podes preuerter a natureza,
Mam he a gentileza
De teu gesto celeste
Fora de natural,
Nam pode a natureza fazer tal,
Tu mesma (bella Nimpha) te fizeste,
Porem porque tomaste
Tam dura condição se te formaste,

Por ti o alegre prado
Me he pesada, & duro
Abrolhos me parecem suas flores,
Por ti do manso gado
Como de mim, nam curo,

Por não fazer offenſa a teus amores.
Os jogos dos paſtores,
As lutas entr'a rama,
Nada me faz contente,
E ſou ja do que fuy tam differente,
q̃ quando por meu nome alguẽ me chama
Paſmo quando conheço
Q u'inda comigo meſmo me pareço.

O gado que apacento
Sam n'alma meus cudados,
E as flores que no campo ſempre vejo
Sam no meu penſamento
Teus olhos debuxados,
Com qu'eſtou enganando meu deſejo,
As agoas frias do Tejo
De doces ſe tornaram
Ardentes,& ſalgadas,
Deſpois que minhas lagrimas canſadas
Com ſeu puro licor ſe miſturaram,
Como quando miſtura
Hyppanis co Exampeo ſua agoa pura.

Se ahi no mundo ouueſſe
Ouuireſme algũa hora

Aſſen

Assentada na praya deste rio,
E de arte te disseſſe
O mal que passo agorã,
que podesse mouerte o peito frio,
ò quanto desuario
Que stou afigurando,
I'agora meu tormento
Nam pode pedir mais ao pensamẽto,
Q_u'este fantasiar que imaginando
A vida me reserua,
Q_uerer mais de meu mal sera soberba.

Ia a esmaltadà Aurorã
Descobre o negro manto,
Da sombra qu'as montanhas encubria,
Descansa frauta agora,
Que meu cansado canto
Nam merece que veja o claro dia,
Nam canse a fantasia
D'estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto tras ao pasto o mansso gado
Este pastor que la so vem falando,
Clararmeei somente,
Que meu mal, nem ouuirse me consente.

O Agra-

Fermoſa manhã clara,& deleitoſa,
que como freſca roſa na verdura,
Te moſtras bella,& pura,marchetando
As Nymphas eſpalhando ſeus cabellos,
Nos verdes montes bellos,tu ſo fazes
quando a ſombra desfazes,triſte,& eſcura
Fermoſa a ſpeſſura,& freſca a fonte
Fermoſo o alto monte,& o rochedo,
Fermoſo o aruoredo,& deleitoſo,
Em fim tudo fermoſo co teu roſto,
D'ouro,& roſas compoſto,& claridade.
Trazes a ſaudade ao penſamento,
Moſtrando num momento o roxo dia,
Co a doce armonia nos cantares:
Dos paſſaros apares,que voando
Seu paſto andam buſcando nos raminhos.
Para os amados ninhos, que mantem.
ò grande,& ſummo bem de natureza
Eſtranha ſutileza de pintura,
que matiza num'hora de mil cores,
O ceo,a terra as flores,monte,& prado.
ò tempo ja paſſado,quam preſente
Te vejo abertamente na vontade,

quã-

quãmanha ſaudade tenho agorã,
Do tempo qu'a paſtora minha amaua,
E de quanto prezaua minha dor,
Entam tinha o amor mayor poder,
Então num ſò querer nos igualaua,
Porque quãdo hum chamaua a quẽ queria
O ecco reſpondia d'affeiçam,
No brando coração da doce imiga.
Neſta amoroſa liga concertauão,
Os tempos que paſſauam com prazeres,
Moſtraua a flaua Ceres pollas eiras,
Das brancas ſementeiras ledo frutto
Pagando ſeu tributo os lauradores,
E enchia aos paſtores tod'o prado
Pales, do manſo gado guardadora,
Zephiro, & freſca Flora paſſeando
Os campos eſmaltando de boninas.
Nas agoas criſtalinas triſte ſtaua
Narciſſo qu'inda olhaua n'agoa purã,
Sua linda figura delicada,
Mas ecco namorada de ſeu geſto
Com pranto manifeſto ſeu tormento,
No derradeiro accento lamentaua,
Alli tambem ſe achaua ſangue tinto
Do purpureo Iacintho, & o deſtroço

De Adonis lindo moço, morte feã,
Da bella Scytharea tão chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas.
Alli as Nymphas fermosas pelos prados
Os Faunos namorados apos ellas,
Mostrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores que colhiam,
As Nymphas lhe fogiã amedrentadas
As fraldas leuantadas pellos, montes,
A fresca agoa das fontes espalharse.
Vertuno transformarse ali se via
Pomona que trazia os doces frutos,
Alli pastores muitos que tangiam,
As gaitas que traziam, & cantando
Estauão enganando suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouuiase Salicio lamentarse
Da mudança queixarse crua, & fea,
Da dura Galathea tam fermosa,
E da morte enuejosa Nemoroso
Ao monte cauernoso se querella
Que sua Elisa bella em pouco espaço
Cortara inda em agraço a dura sorte,
ò immatura morte, qu'a ninguem
De quantos vida tem nunca perdoas.

Mas

Mas tu tempo que voas apreſſado,
Hum deleitoſo eſtado quam aſinha
Neſta vida meſquinha transfiguras,
Em mil deſauenturas,& a lembrança,
Nos deixas por herança do que leuas,
Aſsi que ſe nos ceuas com prazeres,
He para nos comeres no milhor.
Cada vez em pior te vaz mudando,
Quanto vens inuentando,que oje aprouãs,
Logo amenhãa reprouas com inſtancia.
ò eſtranha inconſtancia,& tam profana,
De toda a couſa humana inferior,
A quem o cego error ſempre anda amexo
Mas eu de que me quexo,ou que digo?
Viue o tempo comigo,ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente,
Por ventura elle ſente,ou elle entende
Aquillo que defende o ſer diuino,
Elle vſa de contino ſeu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dànos frutto colhido na ſazam
Do fermoſo veram,& no inuerno,
Con ſeu humor eterno congelado,
Do vapor leuantado,co a quentura
Do ſol,à terra dura lhe da alento,

Para que o mantimento produzindo
Este sempre comprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre stà quedo no diuido,
Porque este he seu partido,& sua vsança,
E nelle esta mudança,he mais firmeza.
Mas quem a ley despreza,& pouco estima
De quem de la de cima esta mouendo
O ceo sublime & horrendo,o mundo puro
Este muda o seguro,& firme estado,
Do tempo nam mudado da verdade,
Não foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellente,
Viuia entam a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua pam,
Sem ser cauado o cham as frutas daua,
Nem chuua desejaua,nem quentura,
Supria entam natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno,que perdia a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do ceo deitado onde viuia,
Porque os filhos comia,que geraua,
Por isso se mudaua o tempo igual

Em mais baixo metal,& assi decendo
Nos veo assi trazendo a este stado.
Mas eu desatinado adonde vou?
Para onde me leuou a fantasia?
Q u'estou gastando o dia em vãs palauras
Quero ora minhas cabras ir leuando
Ao manso Tejo brando,porque achar
No mundo que emendar,não he d'agora,
Basta que a vida fora delle tenho,
Com meu gado me auenho,& estou cõtẽte
Porem se me nam mente a vista,eu vejo
Nesta praya do Tejo,estar deitado
Almeno,que enleuado em pensamentos,
As horas,& momentos vay gastando,
Par'elle vou chegando, so por ver
Se poderei faaer que o mal que sente
Hum pouco se lhe ausente da memoria;

Almeno sonhando.

ò doce pensamento,o doce gloriá,
Sam estes por ventura os olhos bellos
Que tem de meus sentidos a vitoria.
São estas (Nympha) as trãças dos cabellos
que fazem de seu preço o ouro alheo.

E a mim de mim meſmo,sò com vellos
He eſta a alua colũna,o lindo eſteo,
Suſtentador das obras mais q̃ humanas
que eu nos braços tenho,& não o creo,
Ah falſo penſamento,que m'enganas,
Fazeſme por a boca onde nam deuo,
Cõ palauras de doudo,& quaſi inſanas.
Como alçarte tam alto aſsi m'atreuo,
Tais aſas doutas eu,ou tu mas das,
Leuaſme tu a mim,ou te leuo?
Não poderey eu yr onde tu vas?
porem pois yr não poſſo onde tu fores
Quando fores,nam tornes onde eſtas.

Agrario.

O que triſte ſuceſſo foy d'amores
O qu'a eſte paſtor aconteceo,
Segundo ouui contar a outros paſtores.
que tanto por ſeu dano ſe perdeo,
que o longo imaginar em ſeu torméto
Em deſatino amor lho conuerteo.
ò forçoſo vigor do penſamento,
que pode noutra couſa ſtar mudando
A forma,a vida,o ſiſo,o entendimento.
Eſtaſe hum triſte amante transformando

Na vontade daquella que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportado
E nenhũa outra cousa mais desama
qu'a si, se vẽ qu'em si ha algum sentido
Que deste fogo insano não s'inflama.
Almeno que aqui stá tão instruido
No fantastico sonho, qu'o cuidado
Lhe traz sempre áte os olhos escupido.
Estaselhe pintando d'enleuado
Que tem ja da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doc'engano staua agora
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhaua grita, & chora
Dest'arte andauam sonhos enganando
O pastor somnolento, qu'a Diana
Andaua entr'as ouelhas celebrando.
Dest'arte a nuuem falsa em forma humana
O vão pay dos Centauros enganaua,
(qu'amor quãdo cõtẽta sẽpre engana
Como a este que consigo sò fallaua.
Cudando que fallaua d'enleuado,
Com quem lhe opensamento figuraua.
Não pode quem quer muito ser culpado,
Em nenhum erro, quando vem a ser

Oamor

O amor em doudice transformado.
Nam he amor, senam vier
Com doudices, deshonras, diſcenções,
Pazes, guerras, prazer, & deſprazer.
Perigos, linguas mas, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos perdições,
Eſtas ſam verdadeiras penitencias
De quem poem o deſejo onde nã deue,
De quem engana alheas innocencias,
Mas iſto tem amor, que não ſe eſcreue
Senão onde he illicito, & cuſtoſo,
E onde he mor perigo mais s'atreue.
Paſſaua o tempo alegre, & deleitoſo
O Troyano paſtor, em quanto andaua
Sem ter alto deſejo, & perigoſo.
Seus furioſos Touros coroaua,
E nos alamos altos eſcreuia
teu nome (Ennone) quãdo ati ſo amauã
Creciam os altos alamos, crecia
O amor que te tinha ſem perigo,
E ſem temor contente te ſeruia.
Mas deſpois que deixou entrar conſigo
Illicito deſejo, & penſamento,
De ſua quietaçam tam inimigo,

A to-

A toda a patria pos em detrimento
Com morte de parentes, & de irmãos,
Com cru incẽdio, & grãde perdimẽto.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes seruiços mal galardoados,
Cuja gloria se passa dantre as mãos.
Lagrimas, & suspiros arrancados,
D'Alma todos se pagão com enganos,
E oxalà foss'em muitos enganados.
Andão com seu tormento tão vfanos,
Gastando na doçura d'hum cuidado
Apos hum'esperança tantos annos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co pouco que daria
Por hũ sò mouer d'olhos, todo o gado,
E em todo o pouoado & companhia,
Sendo auzentes de si, estão presentes
Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
C'hũ certo não sei que andão contentes,
E logo hũ nada os torna ao contrario
De todo o ser humano differentes.
Oo tyrannico Amor, ò caso vario,
Que obrigas hũ querer que sẽpre seja
De si contino, & aspero aduersario.
E outr'hora nenhũa alegre esteja;

Senão

Senão quando do seu desposo amado
Sua imiga estar triumpando veja.
Quero fallar com este, qu'enredado
Nesta cegueira estâ sem nenhum tento
Acorda ja pastor desacordado.
Alm. ô porque me tiraste hum pẽsamẽto
Qu'agora estaua os olhos debuxando,
De q̃m aos meus foy doce mouimẽto.

Agrario.

Nessa imaginação estàs gastando
O tẽpo, e a vida Almeno; ò perda grãde
Não ves quam mal os dias vas passãdo?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente, ande,
Que nunca vos ireis dest'Alma minha,
Por mais qu'o tẽpo corra, & a morte mãd

Agrario.

Quem poderà cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita, & justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno irmão, não he por certo auiso,
Mas mui grãde doudice, & grãd'égano.

Almeno.

Oo Agrario, que vendo o doce riso,

E o

E o rosto tam sermoso como esquiuo,
O menos que perdi foy todo o siso.
E nam entenho desque fuy catiuo,
Outra cousa de mim, senam que mouro
Nem isto entendo bem, pois inda viuo.
A sombra deste vmbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louuores dos cabellos d'ouro.
Se preguntares, porque sam choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Reuoluendo memorias magoadas.
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdida esperança, & a causa della
Não choro por razaõ mas por costume
Ia mais pude co fado ter cautella,
Nem nunca ouue em mi contentaméto
Que não fosse trocado em dura strela
Que bem liure viuia, & bem isento,
Sem nunca ser ao jugo sometido
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame (Agrario amigo) que o sentido
Taõ fora d'amor tinha que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia.
De boninas a fronte coroaua,

Nenhum pastor cantando mẽ vencia.
A barba então nas faces m'apontaua,
Na luta,no correr,& em qualq̃r maña
Sempre a palma antre todos alcançaua.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo(como acontece)affeiçoadas
Muitas nimphas do rio,& da mõtanha,
Com palauras mimosas,& forjadas
Da solta liberdade,& liure peito
As trazia contentes,& enganadas.
Mas nam querendo amor que deste geito,
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tam puro effeito,
Pouco,& pouco me foy de mim leuando,
Dissimuladamente as mãos de quem
Tod'esta injuria agora està vingando.

Agrario.

Deste teu caso Almeno eu sei muy bem
O principio,& o fim,que Nemoroso
Contado tudo isso,& mais me tem.
Mas querote dizer se o enganoso
Amor,he costumado a desconcertos.
que nunca amando fez pastor ditoso.
Ia que nelle estes casos sam tam certos,
Porq'os estranhas tãto, que de magoã

Te chorão as montanhas, & os desertos;
Vejote star gastando em viua fragoa,
E juntamente em lagrimas vencendo
A grã Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Vejo qu'as tuas cabras, não querendo
Gostar as verdes heruas, s'em magrecé,
As tetas aos cabritos encollendo.
Os campos que co tempo reuerdecem,
Os olhos alegrando descontentes.
En tevendo parecem qu'entristecem
Todos os teus amigos, & parentes,
Que là da serra vem por consolarte.
Sentindo n'Alma a pena que tu sentes.
Se querem de teus males apartarte,
Deixando a casa, & gado, vas fugindo,
Como Ceruo ferido, a outra parte.
Não ves qu'Amor as vidas consumindo
Viue sò de vontades enleuadas,
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as heruas das agoas desejadas
Se fartão, nem de flores as Abelhas,
Nem este Amor de lagrimas cansadas,
Quantas vezes perdido entr'as Ouelhas
Chegou Phebo de daphene as squiuãças
Regãdo as flores brãcas, & vermelhas.

Quan

Quãntãs vezes as aſperas mudanças
O namorado gallo tem chorado.
De quem o tinha enuolto em eſperãças
Eſtaua o triſte amante recoſtado,
Chorãdo ao pè d'hũ freixo o triſte caſo
Qu'o falſo Amor lhe tinha deſtinado,
Por elle o ſacro Pindo, & o gran Parnaſo,
Na fonte d'Aganippe diſtilando,
O fazião de lagrimas hum vaſo.
Vinha o intonſo Apollo alli culpando
A ſobeja triſteza perigoſa,
Com aſperas palauras reprouãndo.
Callo, porque endoudeces, que a fermoſa
Nympha q̃ tãto amaſte, deſcubrindo
Por falſa a Fè que daua, & mentiroſa.
Pollas Alpinas neues vay ſeguindo
Outro Amor, outro bem, outro deſejo,
Como inimiga em fim de ti fugindo.
Mas o miſero amante, qu'o deſejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter tamanha Fê vergonha, ou pejo,
Da falſifica Nympha não ſentia
Senão qu'o frio do gelado Rheno
Os delicados pès lh'offenderia.
Ora ſe tu ves claro, amigo Almeno,

Quẽ

Que de amor os desastres sam de sorte.
Que para matar basta o mais piqueno.
Porque não pões hum freo a mal tão forte
Que em estado te põe, que sendo viuo
Ia não s'entende em ti vida, nem morte

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitiuo.
Por caso da fortuna desastrado
Algum'hora deixar de ser catiuo,
Ou sendo para as Vrsas degradado,
Aonde Boreas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado,
Ou onde o filho de Clymene insano
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do trato humano.
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cuidado tam ditoso,
Por quem sou, de ser triste, tão cõtente
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para tras, ira negando
A natureza o curso presureso.
As feras pelo mar iram buscando,
Seu pasto, & andar s'haõ polla spessurã
Das heruas os delphins apacentando
Ora se tu ves n'alma quão segura.

Tenho esta fe,& amor,para qu'insistes,
Nesse conselho,& pratica tam dura?
Se de tua porfia nam desistes
Vay repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a cõpanhia para os tristes.
Hũa sò cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes qu'o tẽpo em fim de mi te aparte
Que se esta fera q̃ anda em trajohumano
Vires pola montanha andar vagando,
De meu despojo rica,& meu dano.
Com os viuos spiritos inflamando
O ar,o monte,& a serra que consigo
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando lhe diras,gentil pastora
Nam ha no mundo vicio sem castigo,
Tornada em duro marmore nam fora
A fera Anaxarete se amoroso,
Mostrara o rosto Angelico algũ hora.
Foi bem justo o castigo riguroso,
Porem qué t'ama,Nympha não queria
Noda tam fea em gesto tão formoso.

Agrario.

Tudo farey Almeno,& mais faria,

Por

Por te ver algum'hora descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem ves como Phebo ja impinado
Me mãda, que da calma iniqua, & crua
Recolhe em algum valle o máso gado.
Tu nessa fantasia falsa, & nua
Para engano mayor de teu perigo
Não queres companhia senam a sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficaras melhor acompanhado.

Almeno.

Elle contigo va, como comigo.
Me fica acompanhando meu cudado.

ECLOGA. III.

De Almeno, & Belisa, continuando com a passada.

PAssado ja algum tempo qu'os amores,
D'Almeno por seu mal erão passados,
Porque nunca amor cumpre o q̃ promete,
Entr'hũs verdes vlmeiros apartados,
Regando pelo campo as brancas flores,

Em lagrimas cansadas se derrete,
Quando a limpa pastora que competè
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lauar a beatilha,& o trançado,
Ia o Sol consentia
Que saisse da sombra o manso gado.

E acordado ja do pensamento,
Que tam desacordado o sempre teue,
Vio por acerto o bem que incerto tinhã,
E porque onde amor a mais s'atreue,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que conuinha,
Como homem qu'aprazada briga vinhã
A quem de fora engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste
Treme,teme o perigo,& nam insiste,
Ia s,arrepende,a audacia lhe fallece,
Dest'arte o pastor triste
Ousa,arrecea,esforça,& enfraquece.

Ele-

E tendo assi atonito o sentido,
Commeteo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coração,
Cometimento foy desesperado,
Qu'hũa so saluação tem hum perdido
Perder toda a esperança a saluação,
As magoas que passaram se dirão,
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe que via
As agoas murmurar do Tejo amenas
Remeto a vos o Tagides Camenas,
Que de magoa não posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas
Me causa a pena, e a dor me impede o cãto

Belisa pastora.

Qu'alegre campo, & praya deleitosa,
E quam saudosa faz esta spessura
A fermosura angelica, & serena,
Da tarde amena, & quam saudosamente
A sèsta ardente abranda suspirando
De quãdo em quãdo o vento alegre, e frio
No fundo rio os mudos peixes saltam,
No ar s'esmaltão os cèos de ouro, & verde
E Phebo perde a força da quentura,

Poll a ſpeſſura leuam paſſeando,
O gado brando ao ſom das çamphoninãs,
Piſando as finas & fermoſas flores.
Os guardadores, que cantando o geſto
Fermoſo, & honeſto, das paſtoras qu'amão
Ao ar deramão mil ſoſpiros vãos,
Hũ louua as mãos, & outro os olhos bellos
Outro os cabellos douro em ſom ſuaue,
A amoroſa aue leua o contraponto,
Mas ſo que conto, & ſaudoſa hiſtoria
que na memoria aqui ſe m'offerece,
Senam me eſquece ja neſte lugar
Ouui ſoar nos valles algum dia,
E reſpondia o ecco o nome em vam
Num coraçam, Beliſa retumbando.
Eſtou cudando como o tempo paſſa
E quão eſcaſſa he toda alegre vida,
O quam comprida, quãdo he triſte e dura,
Neſta eſpeſſura longo tempo amei,
Se m'enganei com quem do peito amaua,
Não me peſaua de ſer enganada,
Fui ſalteada em fim d'hum penſamento,
Q u'hum mouimento tinha caſto, & ſam
Conuerſação foy fonte deſte engano,
que por meu dano entrou com falſa cor

Porqu'o amor na Nympha qu'he segura
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar disculpa
Se ahi ouue culpa pola o firme amor,
So num pastor que nunca o sol, nem lua
Ou serra algũa, desde'o Ibera ao indo,
Outro tão lindo virão, & tão manhoso,
Neste amoroso estado, & se que tinha,
Que n'alma minha tam secretamente,
Viui contente amando & encubrindo,
Elle fingindo mintirosos dannos,
Que sam enganos que nam custam nada,
Tendo alcançada ja no entendimento
A fe & intento meu so nelle posto,
que logo o rosto mostra os corações,
E as affeições cos olhos se praticam,
que mais publicam muito que palauras,
Com suas cabras sempre a parte vinha
Ond'eu mantinha os olhos, & o desejo.
Tu manso Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado em fim qu, aqui nã digo,
Sereis m'obrigo testemunho certo,
que descuberto vos foi tudo, & claro,
ò tempo auaro ò sorte nunca igual
Cam anho mal quereis a humana gente

Porque hum contente ſtado aſsi trocaſtes:
Vos me tiraſtes do meu peito iſento,
O penſamento honeſto, & repouſado,
Ia dedicado ao coro de Diano,
Vos numa vfana vida me puſeſtes,
E alli quiſeſtes que gozaſse o dano
Do doce engano, que ſe chama Amor,
Com cujo error paſsaua ao tempo ledo,
E vos tão cedo me tiraes hũ bẽ,
Qu'amor ja tem impreſſo n'Alma minha,
Depois qu'a tinha enuolta em eſperanças,
E com lembranças triſtes me deixais,
Mal me pagais a Fè q̃ ſempre tiue:
Mas aſsi viue quẽ ſem dita nace,
Mas ja qu'a face alegre o Sol eſconde,
E não reſponde alguem a tantas magoas,
Senão as agoas que dos olhos ſaem,
As ſombras caem, & vãoſe as alimarias
Das eruas varias fartas, ſeu caminho,
Buſcando o ninho os Paſsaros ſem dono
Ia pello ſono eſquecẽ o comer,
Quero eſquecer tambem tão doce Hiſtoria
Pois he memoria que traz mòr cuidado,
Iſto he paſſado, & ſe me deu paixão,
Os dias vão gaſtando o mal, & o bem

E não

E não conuem quererme magoar,
Do que emendar nãopoſſo ja com magoa
Nas claras agoas deſte rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Eſte trançado lauar quero em fim,
que ja de mim m'eſqueço co a lembrança
Deſta mudança qu'eſquecer nam ſei
Bem qu'eu virei mudar a opiniam,
qu'em fim homés ſaõ, a qu'o eſquecimẽto
Depreſſa faz mudar o penſamento.

Almeno,

Se a viſta não m'engana a fantaſia,
Como ja m'enganou milvezes quãndo
Minha ventura enganos me ſoffria.
Pareceme que vejo eſtar lauando
Hũa Nympha hum veo no claro Tejo,
que ſe m'eſta Beliſa affigurando.
Nam pode ſer verdade iſto que vejo,
que facilmente aos olhos s'affigura
Aquillo que ſe pinta no deſejo.
ò acontecimento qu'a ventura
Me da pera mor danno? eſta he certo
que nam he doutrem tanta fermoſura.
Sa poderei falarlhe de mais perto,

Mas

Mas fugir meha: não pode ser, q̃ o Rio
Par'acolà não tem caminho aberto.
Oo temor grande, ò grande desuario,
Qu'voz m'impide, & a lingoa negligẽ-
Dest'arte està tornando o peito frio, (te
De quanto me sobeja estando ausente,
Que pera lhe falar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Oo aspeito suaue, & perigrino,
Pois como tão asinha asi s'esquece
Hũa Fê verdadeira, hum Amor fino?

Belisa.

Oo altas Semideas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não merece,
Ou seja por vos (Nympha) reseruada,
Ou n'algũa Aruore alta, ou pedra dura
Seja por vos asinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha não te mudes a figura,
Né vos Deosas queiraes q̃ eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porq'a quem falta a voz para falarte,
E a quem falece a lingoa, & ousadia,
Tambem faltarão mãos para tocarte.

Be-

Belisa.

Que me queres Almeno, ou que porfia
Foy a tua aspera comigo,
Minha vontade nam to merecia,
Se com o amor o fazes, eu te digo,
Q u'amor que tão to mal me faz é tudo,
Nam pode ser amor, mas enemigo,
Nam es tu de saber tam falto & rudo,
Que tam semsiso amasses, como amaste

Almeno.

Onde viste tu Nympha amor sesudo?
Porque te não alembra que folgaste
Com meus tormẽtos tristes, & algũ ora
Com teus fermosos olhos ja me olhaste
Como t, esquece ja (gentil pastora)
Que folgauas de ler nos freixos verdes
O que de ti escriuia cada hora,
Como tam prestes a memoria perdes
Do amor que mostrauas, qu'tu nã digo
Se o vos o altos montes nam disserdes,
Porque te não alembras do perigo,
A que so por me ouuir t'auenturauas
Buscando horas de sesta horas d'abrigo
Coa maçãa de discordia me tirauas,

Que

Qu'a Venus q̃ o ganhou por fermoſurã,
Tu como mais fermoſa lha ganhauas.
E eſcondendote entre a eſpeſsura,
Hias fogindo como vergonhoſa
Da namorada, & doce traueſsura,
Não era eſta a maçã d'ouro fermoſa.
Com que encuberta aſsi de aſtucia tãtã,
Cedi pe s'enganou de cobiçoſa.
Nem a que o curſo teue d'Athalantã
Mas era a quella com que Galathea
O Paſtor cattiuou como elle canta.
Se màs tençõeſ poſerão nodoa fea
Em noſso firme amor de iuueja purã
Porque pagarei eu a culpa alhea?
Quem deſta Fè, quem deſte amor não curã
Nunca teue ſogeito o coração,
Qu'o firme amor co'Alma eterna dura.

Beliſa.

Mal conheces Almeno hum'afeição
Que ſe eu deſſe amor tenho eſquecimẽ-
Meus olhos magoados to dirão. (to
Mas teu ſobejo, & liure atreuimento
E teu poco ſegredo, diſcudando
Foy cauſa deſte longo apartameneo.

Ves

Vês as Nymphas do Tejo que mudando
Me vão já pouco a pouco o claro geſto
Noutra forma mais dura traſpaſſando
Hum sô ſegredo meu te manifeſto,
Que te quis muito ẽ quãto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honeſto,
E pois teu mao cuidado, & ouſadia
Cauſou tão dura, & aſpera mudança
Folgo que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança
Que mais me não verás como já viſte.
qu'aſsi ſe deſengana hum'eſperança.

Almeno.

O duro apartamento, ô vida triſte
O nunca acontecida deſuentura
Pois como a Nympha, aſsi te deſpidiſ-
Aſsi ſe ha de yr tornãdo ſem ter cura, (te?
Neſsa ſilueſtre, & aſpera rudeza.
Tão branda, & excellente fermoſura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros aſsi ſe trasformarão,
Negandoſelhe a propria natureza?
Deſt'arte teus cabellos ſe tornarão,
Deixando ja ſeu preço ao ouro fino,
Em folhas qu'a cor tem do q̃ negarão?

S' eſte conſentimento foy diuino,
Conſintame tambem que perca a vidá,
Antes qu'amais m'obrigue o deſatino.
que ſe a fortuna dura embrauecida
Tanto em meu tormento ſe deſmede,
Não viua mais hum'alma tão perdida.
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu ſangue voſſa ſede.
E vos paſtores rudos deſte outeiro,
Porqu'a todos em fim ſe manifeſte
Que couſa he amor puro, & verdadeiro
Ao pè deſte funero Acipreſte,
Me fareis hum ſepulchro ſem arreo
De boninas qu'o prado ameno veſte.
Com deſuſadas muſicas d'Orpheo
Que me vos cantareis, & deſta ſorte
Não auerei inueja ao Mauſoleo,
E porque minha cinza ſe conforte
Em voſſos metros, doces, & ſuaues,
As exequias fareis de minha morte
Alli reſponderão as altas aues
Não modulas no canto, nem laſciuás,
Mas de dor, hora roucas hora graues.
Não correrão as agoas fugitiuas

Ale-

Alegres por aqui mais saudosas,
Que pareção que vem dos olhos viuas,
Naceram pelas praias deleitosas
Os asperos abrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas rosas,
Nam traram as ouelhas a pastar,
Darredor do sepulchro osguardadores
Que nam comeram nada de pesar.
Viram os Faunos, guardada dos pastores
Se morri por amores preguntando,
Responderam os eccos por amores.
Dos que por aqui forem caminhando,
Hum epitaphio triste se lera
Que este ja minha morte declarando,
E no tronco d'hum'aruore estarà
Numa ruda cortiça pendurado
Escrito c'hũa fouce, assi dirà.
Almeno fui pastor de manso gado,
Em quanto consentio minha ventura
De Nimphas, & pastoras celebrado,
S'algũa hora por dita na spessura
Se perder o amor, & affeiçam,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharam.

Eclo-

ECLOGA. IIII.

Frondoso,& Duriano.
Pastores.

CAntando por hum valle docemente
Decião dous Pastores quando Phebo
No Reyno de Neptuno se escondia,
De idade cada hum era mancebo
Mas velho no cudado,& descontente
Do que lhe elle causaua parecia,
O que cada hum dizia
Lamentando seu mal,seu duro fado,
Não sou eu tam ousado?
Que o ouse a cantar sem vossa ajudá
Porque se a minha ruda
Frauta,deste fauor vosso for dina
Posso escusar a fonte Caballina?

Em vos tenho Helicon,tenho Pegaso,
Em vos tenho Caliope,& Thalia,
E as outras sete irmãs do fero Marte,
Em vos perde Minerua sua valia,
Em vos estam os sonos de Parnaso,

Dos

Das Pierides em vos s'encerra a arte,
Co a mais piquena parte
Senhora que me deis da ajuda voſſa,
Podeis fazer qu'eu poſſa
Eſcurecer ao ſol reſplandecente,
Podeis fazer qu'a gente
Em mim do gran poder voſſo s'eſpante,
E que voſſos louuores ſempre cante.

Podeis fazer que creça d'hora em hora,
O nome Luſitano, & faça inueja
A Smirna, que de Homero ſe engrandece;
Podeis fazer tambem qu'o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a ſonora
Cithara Mantuana sò merece,
I'agora me parece,
Que podem começar os meus paſtores,
Trattar de ſeus amores,
Porque inda que preſentes não eſtejão
As que elles ver deſejão
Mudança do lugar menos de ſtado,
Não muda hum coração de ſeu cuidado.

Ia deixaua dos montes a altura
E nas ſalgadas ondas s'eſcondia

O ſol, quando Frondoſo & Duriano
Ao longo de hum ribeiro que corria
Polla mais freſca parte da verdura,
Claro, ſuaue, & manſo todo o ano
Lamentando ſeu dano,
Vinha ja recolhendo o manſo gado,
E hum eſtando calado,
Em quanto hũ pouco o outro ſe queixaua,
Apos elle tornaua
A dizer de ſeu mal o que ſentia,
E em quanto elle fallaua, o outro ouuia.

Vinhãoſe aſsi queixando aos penedos,
Aos ſilueſtres montes, & aſpereza,
Que quaſi de ſeus males ſe doîaõ,
Alli as pedras perdião ſua dureza,
Alli os correntes rios eſtar quedos,
Prontos a ſuas queixas parecião,
E sô as que podião
Eſtes males curar que ellas cauſauão,
O ouuido lhe negauão
Por perderem de todo a ſperança,
Mas elles que mudança
D'amor com tantos males não fazião,
Fallando inda com ellas lhe dezião:

Fron

Frondoſo.

Iſto he o que aquella verdadeira
Fè, com que te amei ſempre merecia,
Sem nunca te deixar hum sô momento,
Como (cruel Beliſa) t'eſquecia
Hum mal cuja eſperança derradeira
Em ti sô tinha poſto ſeu aſſento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fè com que t'amaua?
Porque não t'abrandaua
Eſte amor, que me tu tão mal pagaſte?
Mas pois ja me deixaſte
Co a ſperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho ſoffrido,
(ô Siluana em meus males tão conſtante)
Quiſeras que algũa hora te diſſera
Ainda que de duro diamante
Fora teu cruel peito endurecido,
Creo qu'a piedade te mouera,
I'agora em branda cera
Os montes ſaõ tornados, & os penedos,
E os rios que ſtão quedos,
Sentirão meus ſoſpiros minhas queixas,

Tu sò (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes & penedos dura,
E fugitiua mais qu'a agoa pura.

Frondoso.

Onde stá aquella falla, que soîa
Sò com seu doce tom, que me chegaua
Auiuarme os spiritos cansados?
Onde stá o olhar brando, que cegaua
O sol resplandecente ao meio dia?
Onde staõ os cabellos dilicados,
Qu'ao vento espalhados
O ouro escurecião, & a mim mattauaõ?
E a quantos os olhauaõ
Causauão tambem nouos accidentes?
Porque cruel consentes
Que goze outro a gloria a mim deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Nhum bem vejo qu'a meu mal espere,
Senão se he sperar que morte dura
Em fim me venha dar tua saudade,
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz que desespere,
Contradizme a razão esta vontade,
Diz que nũa beldade

Em quem mostrou o cabo a natureza,
Nam ha tanta crueza
Que hum tã firmo amor desprezar queira,
E hũa fe verdadeira
Mas tu que de razam nunca curaste
Porque era darme a vida, ma tiraste.

Frondoso.

A quem (Belisa ingrata) t'entregaste?
A quem dèste (cruel) a fermosura
Que so a meu tormento se devia?
Porque hũa fe deixaste firme, & pura?
Porque tam sem respeito me trocaste,
Por quem so nem olharte merecia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei senam por morte,
Nam he de mayor sorte
Que quanto a cega gente estima, & prezã
So a tua crueza
Foy nisto contra mim endurecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Leuasteme meu bem num so momento,
Leuasteme com elle juntamente,
De cobrallo ja mais a confiança,
Deixasteme em lugar delle somente,

Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal de que nam pode auer mudança
Tu qu'eras esperança
Dos males que me tu cruel causaste,
De todo te trocaste,
Com amor conjurada em minha morte,
Porem se minha sorte,
Consenti que por ti seja causada,
Morte nam foi mas bemauenturada,

Frondoso,

Nam naceste d'algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Nam foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) sahiste deshumana;
No ceo formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura he natureza
Esta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaste?
Porque dura engeitaste
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fe que conhecias?
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca quem te perdeo tambem a vida,

Dariano.

Vaise co seu pastor o manso gado,

Por-

Porque de amor entende aquella parte,
que a natureza irracional lhe enſina,
O ruſtico leam ſem nenhũa arte,
Do inſtinto natural ſo inſinado,
Aonde ſente amor alli ſe inclina,
E tu que de diuina
Nam tens menos que Venus, Cupido,
Porque ſe quer co ouuido,
Hum amor verdadeiro nam ſocorres?
Ou porque te nam corres
Que te vença o leam em piedade,
Se Venus nam te vence na beldade?

Frondoſo.

A mim nam me faltaua o que ſe prezã
Entre os celeſtes Deoſes que formaram
A tua mais que humana fermoſura,
Em mim os voluntarios ceos faltaram
Em mim ſe peruerteo a natureza,
D'hũa cruel fermoſa criatura,
Mas pois Beliſa dura,
que do mais alto ceo a nos vieſte,
Em teu peito celeſte
Hum tal contrario pode apoſentarſe,
Não he contrario acharſe,
Tamanha fe, tam mal agradecida,

Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me auorrece,
Abrolhos para mi sam frescas flores
A doce philomela m'entristece,
Todo o contentamento m'atormenta
Com a contemplação de teus amores.
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mim tua crueza
Faz que o mal cad' hora va dobrando,
ò cruel, ate quando
Durara em ti hum tal auorrecimento,
E a vida em mim, que sofre tal tormento?

Frondoso.

Fugiste d'hum amor tam conhecido,
Fugiste d'hũa fe tam clara & firme,
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugirme,
Que bem vias que tinha merecido
O amor que tu a outrem concedeste,
A mim não me fizeste
Nenhũa sem rezam, que bem conheço
que tanto nam mereço,

fize-

Fizeſtea aquelle bem firme,& ſincero,
Que ſabes que te quero
Em lhe tirar,a gloria merecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Crece cad'hora em mim mais o cudado,
E vejo qu'em ti crece juntamente.
Cad'hora mais de mim o eſquecimento,
ò Syluana cruel,porque conſente
O teu feminil peito delicado.
Eſquecerlhe hum tam aſpero tormento,
Tal auorecimento
Merece hum capital teu inimigo,
Nam j'eu que ſo contigo,
Eſtou contente,& nada mais deſejo,
S'algũa hora te vejo,
Tu es hum ſò bem meu hũa ſo gloria,
Que nunca ſem'aparta da memoria.

Frondoſo.

Olhos que viram ja tua fermoſurã,
Vida que ſo de verte ſe ſoſtinha,
Vontade que em ti era transformada,
Hum'alma qu'a tua em ſi ſo tinha,
Tam vnida conſigo,quanto a pura,

Almã

Alma co debil corpo esta liada,
E agora apartada
E ve de si com tal apartamento,
Qual sera seu tormento?
Qual sera aquelle mal que tem presente?
Mayor he que o que sente
O triste corpo na vltima partida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Dariano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes vales,
Passaua a doce vida alegremente,
Não sentia o tormento destes males,
Menos sintia o mal deste cudado,
Que tudo entam em mim era contente,
Agora nam somente
Desta vida suaue me apartaste,
Mas outra me deixaste
Que ao duro mal que sinto cá no peito
Me tem ja tam affeito,
que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Frondoso.

Iuntamente viuer compridos annos,

Os fados te concedão, que quiserão
Ajuntarte com tal contentamento,
Pois para ti os bés todos nacerão,
Mormentos para mim, males, & danos,
Logra tu sò teu bem, eu meu tormento,
Nenhum apartamento
Belisa, me fará deixar d'amarte,
Porque em nenhũa parte
Poderas nunca star sem mim huma ora
Consente pois agora
Qu'em pago desta se tam conhecida
Perca quem te perdeo tambem a vida,

Doriano.

Vejate eu(crua)amar quem te desame,
Porque saibas que cousa he ser amada,
De quem tu auorreces, & desprezas,
Vejate eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o seu cruel effeito
Num coração sogeito,
Porqu'é sintindo o mal qu'eu sinto agorã,
Espero qu'algum'hora
Faça oteu proprio mal de mim lembrarte,

Ia

Ia que não pode o meu nunca abrandarte.

Frondoso.

Mil annos de tormento me parece
Cada hora que sem ti, & sem esperança,
Viuo de poder mais tornar a verte,
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristece,
A vida antes perdera que perderte,
Mas eu se por quererte,
Hum bem q̃ em ti sô tem seu firme assẽto
Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desama,
Ou ao menos te ama,
Com algum falso amor, ou Fè fingida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Então (eruel) veràs se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada,
Hum'alma que de amarte sò se preza:
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos qu'em ti fora se parece
Abrandar pode montes, & aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pos da fermosura,

Qual

Qual ſerà a pedra dura
Qu'a teu valor reſiſta brandamente?
Quanto mais fraca gente
Qu'ao humano parecer naõ ſe defende,
E a meſma Venus Deoſa ao teu ſe rende.

Frondoſo.

E pois fẽ verdadeira, amor perfeito
Tormento deſigual, & vida triſte,
Iunta com hum continuo ſofrimento,
E hum mal em que todo o mal conſiſte,
Naõ poderaõ mouer teu duro peito,
A amoſtrares ſe quer contentamento
De veres meu tormento,
Mas antes iſto tudo deſprezaſte
E a outrem te entregaſte,
Por me não ficar nada em que speraſſe
Senão quando acabaſſe
A vida, qu'a meu mal he tão comprida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Longo curſo de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração que ſtâ entregue
Não podem apartar de ſeu intento
Porque foges (cruel) a quem te ſegue?

Não

Não ves que teu fugir he escusado?
Que sem mim nunca stás hum sô momento,
Nenhum apartamento
(Inda qu'a alma do corpo se m'aparte,)
Poderà ausentarte
Dest'alma triste, que continuamente
Em si te tem presente,
Torna cruel, naõ fujas a quem t'ama,
Vem dar a morte ou vida a quem te chama.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
D'escuridade a terra toda enchendo,
Fez pòr a estes pastores fim ao canto,
Qu'ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhaõ seu manso gado recolhendo.
Se aquillo qu'eu pretendo
Deste trabalho hauer, qu'he todo vosso.
Senhora alcançar posso,
Naõ serà muito hauer tambem a gloria,
E o lauro da vittoria,
Que Virgilio procura, & hauer pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

ECLOGA V.

Feita do Autor na ſua puericia.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu paſtor queixoſo namorado?
A branda voz, ſoſpiros magoados,
A cauſa porque n'alma he magoado,
De quem ſeraõ ſeus males conſolados,
Quem lhe farà diuido gaſalhado,
Sò vos ſenhor fermoſo & excellente,
Eſpecial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantaſia,
Buſquei na terra eſtrella que guiaſſe
Meu rudo verſo, em cuja companhia
A ſanta piedade ſempre andaſſe
Luzente & clara como a luz do dia,
Qu'o rude engenho meu m'alumiaſſe,
Em voſſas perfeiçoẽs graõ ſenhor vejo
Ainda alem comprido o meu deſejo.

A vos

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobre humanos hum em tod'a parte,
Em vos as graças todos se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo spirito,
E voz de cisne tal qu'o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em tod'a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas & gado petulante
Que quando tempo for em milhor modo
Ha de me ouuir por vos o mundo todo.

As vãs querellas brandas, & amorosas,
Sejão de vos tratadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saidas com suspiro viuo, & ardente
Qu'em vossas mãos s'entregão valerosas
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Ia declinaua o sol contra o Oriente,
E o mais do dia ja era passado,
Quando o pastor co graue mal que sente,
Por dar aliuio em parte a seu cudado
Se queixa da pastora docemente,
Cudando de ninguem ser escutado,
Eu que o ouui num'aruore escreuia
As magoas que cantou, & assi dizia.

Ou tu do monte Pindaso es nacida,
Ou marmor te pario fermosa & dura,
Que não pode ser seja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Ou es quiça em pedra conuertida,
E tés da natureza tal ventura,
Porem não fez em ti boa impressaõ,
Sô de marmore tornarte o coração.

Ia esta minha voz rouca & chorosa,
A gente mais remota moueria,
E se soltasse a vea lagrimosa,
Os tigres em Hircania amansaria,
Se não foras cruel quanto fermosa,
Meu longo susspirar te abrandaria,
Mas susspirar por ti, & bem quererte,
Quefazem senão mais endurecerte?

Se deixâras vencer a crueldade
De tua tão perfeita fermoſura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras eſta fè tão limpa & pura,
Por ventura qu'ouueras piedade
E tiuera eu quiça melhor ventura
Mas nunca achou igual tua belleza,
Senão ſe foy em ti tua dureza.

Ia hum peito abrandara que não ſente
Meu duro & graue mal ſegundo he forte,
Se decera ao inferno fero & ardente
Mouera a piedade a meſma morte.
Se hũa gotta de agoa brandamente
Torna brando hum penedo duro & forte,
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum piqueno ſinal num coração?

Na teſta tenho hũa fonte viua dagoa,
Que por meus olhos triſtes ſe derrama,
No peito eſtâ de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em ſi conuerte & tudo inflama
Amor ao derredor por mayor magoa
Voando mais acende a ardente chama,
E ſe ques ver ſe ardentes são ſeus tiros,
Olha ſe são ardentes meus ſuſpiros.

Quan

Quando grita, & rumor grande se sente,
Que se acende algum fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vay toda a gente
Gritando agoa ao fogo, & cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem m'abrasa outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando vemos que sae lá no Oriente
O Sol, seu antigo curso começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando,
Quando de nos s'esconde no Ponente
E noutras terras sae alumiando
Sempre em quanto vai dando ao mundo giro
por ti meus olhos choraõ, & eu sospiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem acabado a noite em que descança,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno & de bonança
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o laurador se nella cança,
Mas eu de meu trabalho, & mal tão forte,
Tormento espero em fim, & crua morte.

De ouuir meu mal as roſas matutinas,
Com dò de mim ſe cerraõ & emmurchecem,
Com meu ſuſpiro ardente, as cores finas
Perdem o crauo, & lirio, & não florecem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de ſe alegrarem ſe entriſtecem
Deixa ſeu canto Progne & Philomena,
Que mais lhe doe qu'a ſua a minha pena.

Reſponde o monte conçauo a meus ais,
E tu como aſpide cerraſte o ouuido,
As aruores do campo, os animais,
Moſtrão ſentir meu mal ſem ter ſentido,
E a ti as minhas dores deſiguais
Naõ mouem eſſe peito endurecido:
Por mais & mais que chamo, não reſpondes,
E quanto mais te buſco, mais t'eſcondes.

Naquella parte adonde coſtumauas
Apacentar meus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me moſtrauas
Ser eu de ti o paſtor mais deſejado,
Mil vezes te buſquei por ver ſe dauas
Ainda algum deſcanſo a meu cudado,
No campo em vão te buſco, & buſco o monte,
Qual o ferido ceruo buſca a fonte.

Em este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste,& escuro he ja tornado,
que todo o bem contigo nos leuaste,
Tu eras nosso sol mais desejado,
Nam temos luz despois que nos deixaste,
Torna meu claro sol,vem ja meu bem,
qual he o Iosue que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Não pace o branco gado com secura,
Sequouse o campo desque lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura.
Secouse a fonte donde ja te olhaste,
quando menos que agora aspera, & dura,
Nega sem ti a terra dando gritos,
Pasto as cabras,& leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
A clara luz escura me parece,
Este ribeiro,quando amor m'obriga
Com meu chorar:por ti continuo crece,
Nam ha fera qu'a fome não persiga.
Nem o campo sem ti ja nam florece,
Cegos estam meus olhos ja nam vem,
Pois que nam podem ver meu claro bem,

O campo como d'antes não se esmaltã
De Boninas azues, braneas vermelhas,
Não choue ao pasto, & sentẽ da agoa afal-
As mansas, & pacificas Ouelhas: (ta,
Tambem cruel contigo, o Cèo lha falta,
Não achão flor as melifluas Abelhas,
Com lagrimas que manão de meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos

Torna pois Pastora a este Prado,
E restituirás esta alegria,
Alegraràs o Monte, o Campo, o Gado,
Alegraràs tambem a Fonte fria,
Torna, vem ja meu Sol tão desejado,
Faràs a noite escura claro dia
E alegra ja esta magoada vida,
Em tua ausencia toda consumida.

Vem como quando o rayo transparente
Deste nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor à mortal gente.
Que causa ver o Orbe escurecido:
E quanto torna a vir claro, & luzente
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi he para mim tua luz pura,
Claro Sol, & a ausencia noite escura.

Tu esquecida ja do bem passado,
E do primeiro amor que me mostraste,
Teu coraçam de mim tens apartado,
E tambem o lugar desemparaste,
Nam te quero eu a ti mais qu'a meu gado
Nam sou eu mesmo aquelle que tu amaste
Pois onde mereci tam gram desuio?
Ouue me, pois me ves ja morto, & frio.

Bem ves que por amor se moue tudo,
E nam ha quem d'amor se veja isento,
O animal mais simples, baixo, & rudo,
O de mais leuantado pensamento,
Ate debaixo de'agoa o peixe mudo
La tem d'amor tambem seu mouimento,
A aue, que no ar cantando voa
Tambem por outra aue se affeiçoa.

A musica do leue passarinho
Que sem concerto algũ solta, & derrama
Dum raminho saltando a outro raminho,
Cantando com amor, suspira, & chama,
Em Quanto no amado, & doce ninho
Nam acha aquelle a quẽ sò busca, & ama,
Nam cessa do trabalho que tomara
Tendo sò seu descanso em quem achara.

A fera que he mais fera,& o leam,
Sempre acha outro leão,& outra fera,
Em quem possa empregar hũa affeiçam,
Que lhe a conuersação no peito gera,
Tambem sabe sentir sua paixam
Tambem suspira,morre,& desespera,
Acena salta,brada,ferue,& geme,
E nam temendo nada,amor so teme.

O ceruo que escondido,& emboscado
Temendo o cubiçoso caçador,
Esta na selua,monte,bosque,ou prado,
Alli onde anda,& viue,viue amor,
D'amor,& de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem,& temor,
Temor de quem alli feril o vinha,
E amor a quem ja ferido o tinha.

Se o animal insensiuel que nam sente
Tambem sente d'amor a frecha dura
Porque te nam abranda o fogo ardente
Que procede de tua a fermosura,
Porque escondes a luz do sol a gente?
Que nesses olhos trazes bella,& pura,
Mais bella,mais suaue,& mais fermosa
Que lirio,que jasmin,que craueos,& rosa.

Pode

Pode ser se me vir as que sentiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Ia que eu so por te ver suspiro tanto,
As magoas,& suspiros que me ouuiras,
Te poderam mouer a grande espanto,
A dor,a piedade,a sentimento,
E a mais que para mais he meu torméto.

Os pensamentos vãos,que o vento leue
O suspirar em vam tambem ao vento,
O esperar à calma,â chuua,à neue,
E não te poder ver hum sô momento,
Tormento he que somente a ti se deue,
E se pode inda auer mayor tormento,
Quem te vio,& se ve de si ausente
Muito mais passarà mais leuemente,

Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
Co agoa que lhe toca brandamente.
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente,
So em ti não conheço a natureza,
Qu'a ser de pedra,ferro,ou de serpente,
Ia teu peito cruel fora desfeito
Do fogo,& das lagrimas que deito.

quan-

quãdo a fermoſa Aurora moſtra a frontẽ
Alegre to la a terra vendo o dia.
quando Phebo aparece no Orizonte,
Manifeſta tambem grande alegria,
Contente come o gado ao pe do monte,
Alegre vay beber a fonte fria,
Tudo contente eſtà alegre tudo.
Eu sô,sò,penſatiuo,triſte,& mudo.

Se da alma,& do corpo tens a palma:
E do corpo ſem alma não tens dò.
Ha dò do corpo ſo que eſtà ſem alma,
Pois ſem alma nam viue o corpo sò,
Na chama,no ardor,no fogo,& calma,
Na affeiçam,no querer,eu ſou hum sò,
Nam acharàs vontade mais cattiua,
Nem outra como a tua tam eſquiua.

Se te apartas por nam ouuir meu rogo,
Onde eſtiueres te ei de importunar.
Poſto que vas por agoa ferro ou fogo,
Contigo em toda a parte m'has de achar,
q̃ o fogo em q̃arſo,& a agoa é q̃ me afogo
Em quanto eu viuo for ha de durar,
E o nò que me tem preſo he de tal ſorte.
que nam ſe ha de ſoltrr em vida,ou morte

Neſta

Neste meu coração sempre estarás
Em quanto a alma estiuer com elle vnida,
Meu spiritu tambem possuiras,
Depois que a alma do corpo for partida,
Por mais & mais que faças, nam faras,
Que nam te ame nesta, & na outra vida,
Impossiuel sera que eternamente
Estes de mim ausente estando ausente,

Cà me acompanhará tua memoria,
Se o rio que se diz do esquecimento
Da minha não borrar tão longa historia,
Tam graue mal, tam duro apartamento,
Ate que quando te veja entrar na gloria
Viuirei num continuo sentimento.
E inda então será (se isto ser possa)
Esta minh'alma là seruir a vossa.

Aqui com graue dor, com triste accento,
Deu o triste pastor fim a seu canto,
Co rosto baixo, & alto o pensamento
Seus olhos começaram nouo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no ceo o coro santo,
As circunstantes selvas se abaixaram.
De dó das tristes magoas que escutaram.

Com

Com huma mão na face, & encostado;
Em sua dor tam enleuado estaua
Que como em graue sonno sepultado
Não vio o Sol que ja no mar entraua.
Berrando anda em roda o manso gado,
Qu'o seguro curral ja desejaua,
Nas couas as Raposas, & em seus ninhos
Se recolhem os simples Passarinhos

Ia sobre hum secco ramo estaua pôsto
O Mocho com funesto, & triste Canto,
A cujo som o Pastor ergueo o rosto,
E vio a terra enuolta em negro manto,
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cudar em seu cudado,
Leuou para os currais o manso gado.

ECLO-

ECLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto Peſcador. Agrario Paſtor.

A Ruſtica contenda deſuſada
Entre as Muſas dos boſques, das areas,
De ſeus rudos cultores modulada
A cujo ſom atonitas & alheas
Do monte as brancas vaccas eſtiueraõ,
E do rio as ſaxatiles lampreas,
Deſejo de cantar; que ſe mouerão
Os troncos as auenas dos paſtores,
E os ſilueſtres brutos ſoſpenderaõ:
Naõ menos o cantar dos peſcadores
As ondas amanſou do alto pego,
E fez ouuir os mudos nadadores.
E ſe por ſuſtentarſe o moço cego
Nos trabalhos agreſtes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no ſoſſego.
Mais marauilhas dando a voz da fama
No meſmo mar vndoſo, & vento frio,
Braſas roxas acende a roxa flama.
Vos (ò ramo de hum tronco alto & ſombrio)

Cuja

Cuja frondente coma ja cubrio
De Luſo todo o gado & ſenhorio.
E cujo ſaõ madeiro ja ſaîo
A lançar a forçoſa & larga rede,
No mais remoto mar qu' o mũdo vio.
E vos cujo valor tão alto excede
Que a cantalo em voz alta & diuina
A fonte de Parnaſo moue a ſede.
Ouui da minha humilde çanfonina,
A armonia que vos aleuantais
Tanto, que de vos meſmo a fazeis dina.
E ſe agora que affabil me eſcutais
Não ouuirdes cantar com alta tuba
O que vos deue o mundo que dourais,
Se os Reis auòs voſſos, que de luba
Os Reinos deuaſtaraõ, não ouuis,
Que nas azas do verſo excelſo ſuba,
Se naõ ſabem as frautas paſtoris
Pintar de Toro os campos, ſemeados
De armas, corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoſo ſuſtentados,
Contra o indomito pay de toda Eſpanha,
Contra a fortuna vãa, & injuſtos fados.
Hum moço cujo esforço, animo, & manha
Fez decer do Olympo o duro Marte,

E dar-

E darlhe a quinta Eſphera qu'acompanha.
Se naõ ſabem cantar a menos parte
Do ſapiente peito, & gran conſelho
Que pode (ò Reino illuſtre) deſcanſarte,
Peito qu'o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o ſacro monte & às noue irmãs,
Diz qu'a elle ſe affeitem como a eſpelho:
Saberaõ sò cantar as ſuas vãs
Contendas, de Alicuto vil & Agrario,
Hum d'eſcamas cuberto, outro de lãs.
Vereis (Duque ſereno) o eſtilo vario,
A nòs nouo, mas noutro mar cantado,
D'hum que sò foi das Muſas ſecretario.
O peſcador ſincero, que amançado
Tem o pego de Pocrita co canto,
Pollas ſonoras ondas compaſſado.
Deſte ſeguindo o som que pode tanto,
E miſturando o antigo Mantuano,
Façamos nouo eſtilo, & nouo eſpanto.
Partiraſe do monte Agrario inſano,
Para onde a força sò do penſamento,
Lhe encaminhaua o laſſo peſo humano,
Embebido num longo esquecimento
De ſi, & do ſeu gado, & pobre fato,
Apos hum doce ſonho, & fingimento.

Rom.

Rompendo as ſiluas horridas do mato,
Vai por cima de outeiros & penedos,
Fugindo em fim de todo humano trato.
Ante os ſeus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enuerdece
Sô co meneo os valles & rochedos.
Ora ſe ri conſigo quando tece
Na fantaſia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo s'entriſtece.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem montanhas fragoſas, & eſpeſſuras,
Por buſcar o cornigero marido,
E canſada nas humidas verduras,
Cair ſe deixa ao longo do ribeiro,
Ia quando as ſombras vem decendo eſcuras
E nem coa noite, ao valle ſeu primeiro,
Se lembra de tornar como ſoîa,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado em fim ſe via,
Onde o gran pego horriſono ſuſpira,
Nũa praya arenoſa, humida & fria.
Tanto qu'ao mar eſtranho os olhos vira,
Tornando em ſi de longe ouuio tocarſe
De douta mão não viſta, & noua lyra.
Pello o ſom deſuſado deſuiarſe,

Para

Para onde mais ſoaua deſejando
De ouuir & conuerſar, & de prouarſe
Não tinha muito eſpaço andado, quando
Nũa concauidade de hum penedo
Que pouco & pouco fora o mar cauando,
Topou c'hum peſcado que pronto & quedo
Nũa pedra aſſentado brandamente
Tangendo, fazia o mar ſereno & ledo.
Mancebo era de idade florecente,
Peſcador grande do alto, conhecido
Pello nome de toda a humida gente.
Alicuto ſe chama, que perdido
Era pella fermoſa Lemnoria,
Nympha que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite & dia,
Por ella as ondas tumidas deſpreza,
Por ella ſofre o ſol & a chuua fria.
Co ſeu nome mil vezes a braueza
Dos ventos feros amanſou co verſo,
Que remoue das rochas a dureza.
E agora em ſom de voz ſuaue & terſo
Eſtà ſeu nome aos eccos enſinando
Por eſtilo do agreſte ſom diuerſo:
Do qual Agrario atonito afloxando
Da fantaſia hum pouco ſeu cuidado,

Suſpenſo eſteue, os numeros notando:
Mas Alicuto vendoſe eſtrouado
Pello paſtor da muſica diuina
Aleuantando o roſto ſoſſegado
Lhe diz aſsi: Vaqueiro da campina
Que vés buſcar âs arenoſas prayas,
Ond'a bella Amphitrite sô domina?
Que razão ha paſtor porque te ſayas
Para o noſſo eſcamoſo, & vil terreno,
Dos mui floridos myrthos, & altas fayas?
Que ſe agora o mar ves brando & ſereno,
E eſtenderemſe as ondas pella area
Amanſadas das agoas com que peno,
Logo veras o como deſenfrea
Eolo o vento pello mar vndoſo,
De ſorte que Neptuno o arrecea.
Reſponde Agrario: o muſico & amoroſo
Peſcador, eu não venho a ver o lago
Brauo e quieto, ou o vento brãdo, & iroſo.
Mas o meu penſamento, com que apago
As flamas ao deſejo, me trazia
Sem ouuir & ſem ver ſuſpenſo & vago.
Atè a tua Angelica armonia
Me acordou, vẽdo o ſom com qu'a qui cantas
A tua perigoſa Lemnoria.

Mas ſe de verme ca no mar t'eſpantas,
Eu m'eſpanto tambem do eſtillo nouo
Com que as ondas horriſonas quebrantas:
O qual poſto que certo louuo & aprouo
Deſejo de prouar contra o ſilueſtre
Antigo paſtoril, qu'eu mal renouo.
E tu que no tocar pareces meſtre,
Podes julgar ſe he clara differença
Entre o canto maritimo & o campeſtre
Não ha (diſſe Alicuto) em mim detença,
Mas antes aluoroço, inda que veja
Que eſſa tua confiança sò me vença.
Mas porque ſaibas que nenhũa inueja
Os peſcadores temos aos paſtores,
No ſom que pello mundo ſe deſeja,
Toma a lira na mão que os moradores
Do vitreo fundo vejo ja juntarſe
Para ouuir noſſos ruſticos amores
E bem vés pella praya apreſentarſe
Nas conchas varia cor a viſta humana,
E o mar vir por antre'ellas, & tornarſe.
Soſſegado do vento a furia inſana,
Encreſpa brandamente o ameno rio
Que ſeu licor aqui meſtura & dana
Eſte penedo concauo & ſombrio,

Que de cangrejos ves eſtar cuberto,
Nos dà abrigo do ſol quieto & frio.
Tudo nos moſtra em fim repouſo certo,
E nos conuida ao canto com que os mudos
Peixes ſaem ouuindo ao ar aberto.
Aſsi ſe deſafião eſtes rudos
Poetas, nos officios diſcrepantes,
Nos engenhos porem ſotis & agudos.
E ja mil companheiros circunſtantes
Eſtauaõ para ouuir & aparelhauaõ
Ao vencedor os premios ſemelhantes.
Quando ja as lyras ſubito tocauaõ
Agrario começaua & da armonia
Os peſcadores todos ſe admirauão,
E deſta arte Alicuto reſpondia.

Agrario.

Vos ſemicapros Deoſes do alto monte,
Faunos longeuos, Satyros, Syluanos,
E vos Deoſas do boſque & clara fonte,
Ou dos troncos que viuem largos annos;
Se tendes pronta hum pouco a ſacra fronte,
A noſſos verſos ruſticos & humanos,
Ou me dai ja a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

Ali-

Alic, Vos humidas Deidades deste pego,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo.
E vos Nereidas do sal em que nauego,
Por quẽ do vento as furias pouco temo
Se as vossas ricas aras nunca nego,
O congro nadador na pa do remo,
Não consintais que a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

Agrari.

Pastor se faz hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas moue, & guia,
Ouui o rio Amphriso a lyra douro,
que o seu sacro inuentor alli tangia,
Io foy vacca, Iupiter foy touro.
Mansas ouelhas junto da agoa fria,
Guardou o fermoso Adonis, & tornado
Em bezerro Neptuno foy ja achado,
Alic. pescador ja foy Glauco, o qual agora,
Deos he do mar, e Protheo Phocas guarda
Naceo no pego a Deosa q̃ he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Se foi bezerro a Deos qu'o mar adora,
Tãbẽ ja foi Delphin, & quẽ resguarda
Verà qu'os moços pescadores eram
Qu'o escuro enigma ao vate derão,

Agra. Fermosa Dinamene se dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
A doce philomela, & dos Mortinhos
Para ti(fera) as Flores apanhei,
E se os crespos medronhos nos ramiños
A ti com tanto gosto apresentei,
Porque não dàs a Agrario desditoso
Hum sô reuoluer d'olhos piadosos?

Alicuto.

Para quem trago d'agora em vaso cauo
Os curuos Camarões viuos saltando?
Para quem as conchinhas ruiuas cauo?
Na praya os brancos buzios apanhãdo?
Para quem de mergulho no mar brauo
Os ramos de Coral venho arrancando?
Senão pera a fermosa Lemnoria,
Que c'hum sò riso a vida me daria?

Ag. qué vio odesgreñado, e crespo inuerno
D'altas nuués vestido, horrido, & feo,
Ennegrecendo a vista o Cèo superno,
Quando os troncos arranca o rio cheo?
Rayos, chuuas, trouões, hũ triste inferno
Mostra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioso a quem sospeita
q̃ outré de seus trabalhos se aproueita.

Alic.

Alic. Se alguem vio polo alto o sibilante
Furor, deitando flamas, & bramidos,
Quando ao pasmosas serras tras diante
Horrido aos olhos horrido aos ouuidos
Abraços derrubando o ja nutante,
Mundo, cos Elementos destruidos.
Assi me representa fantasia,
A desesperação de ver hum dia.

Agrario.

Minh'alua Dinmaene, a Primauera,
Qu'os campos deleitosos pinta & veste,
E rindose hũa cor aos olhos gera
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, o rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena, agreste,
Não he para meus olhos tam fermosa,
Como a tua que abate o lirio, & rosa.

Alic. As conchinhas da praia que apresentã
A cor das nuuens, quando nace o dia,
O canto das Sirenas, que adormentam
A tinta que no murice se cria,
Nauegar pellas agoas que s'assentam,
Cobrando bafo quando a festa he fria,
nã pode Ninpha minha assi aprazerme
Como verte hũa hora alegre verme,

Agrario.

A Deosa que na Lybyca alagoã
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do ceo,
Garços os tem, mas hũa qu'a coroa
Das fermosas do campo mereceo
Da cor do campo os mostra gracioſos,
Quem diz que nam saõ estes os fermosos?

Alicuto.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeste, & viua,
Tens por vicio amoroso a atrauessada,
Nos petos lhe chamamos, mas quem priuã
De luz o dia baixa, & sossegada,
Traz a dos seus nos meus qu'o nam nego,
E com tudo isso ainda assi estou cego.

Assi cantauão ambos os cultores
Do Mõte, & praya, quando os atalharã
A hum Pastores, a outro Pescadores.
E quaisquer a seu vate coroarão
De Capellas idoneas, & fermosas,
Qu'as Nympas lhe tecerão, & ordenarã

A Agrario de mortinhos,& de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios,& conchas ruiuas & lustrosas,
Estauão n'agoa os peixes embedidos,
Co as cabeças fora,& quasi em terra,
Os musicos delphins estam perdidos,
Iulgauão os pastores que na serra
O cume & preço esta do antigo canto,
Que quem o nega cótra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem da sonora frauta quanto teue
O campo pastoril do Antigo Manto.
Mais ja o pastor de Admeto o carro leue,
Molhaua n'agoa amara,& compellia,
A recolher a roxa tarde & breue,
E foy fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

Intitulada dos Faunos,

AS doces cantilenas,que cantauam
Os semicapros Deoses amadores,
Das Napeas,qu'os montes habitauam
Can-

Cantando escreuerei, que se os amores
Aos siluestres Deoses maltrataram
Ia ficão desculpados os pastores.
Vos (senhor Dom Antonio) aonde acharão
O claro Apolo, & Marte hũ ser perfeito
Em quem suas altas mentes assinaram.
Se meu ingenho he rudo, & imperfeito.
Bem sabe onde se salua pois pretende
Leuantar co a causa o baixo effeito,
Em vos minha fraqueza se defende,
Em vos instilla a fonte de Pegaso,
O que meu canto pello mundo estende
Vedes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estam na doce lyra,
Tomãdome das mãos tam alto caso
Vedes o louro Apollo, que me tira
De louuar vossa stirpe, & escurece
O q̃em vosso louuor meu canto aspira.
Ou por me auer inueja me fallece,
Ou por nam ver soar na frauta ruda
O que a sonora Cithara a merece,
Pois sei senhor dizer, qu'a lingoa muda
Em quanto progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manso vento.

Sol-

Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento.
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Senão recebeis isto por affronta)
Farà q̃ o douro,& o Gãges vos conheça
E ja que a lingoa nisto fica prompta,
Consenti que a minha Ecloga se conte
Em quanto Apolo as vossas cousas cõta
No cume do Parnaso duro monte,
De silvestre aruoredo rodeado,
Nace hũa cristalina,& clara fonte,
Donde hum manso ribeiro diriuado,
Por cima d'aluas pedras,mansamente,
Vay correndo suaue,& sossegado.
O murmurar das ondas excellente,
Os passaros excita,que cantando,
Fazem o monte verde mais cõtente
Tam claras vão as agoas caminhando
Que no fundo as pedrinhas delicadas,
Se podem hũa & hũa estar contando.
Não se veram ao redor pisadas
De fera,ou de pastor que alli chegasse,
Porque do espeso monte sam vedadas.
Herua senão vera,que alli criasse
O monte ameno,triste,ou venenosa,

Se-

Se não que là no centro as igualaſſe.
O roxo lirio apar da branca Roſa.
A cecem branca, & a flor q̃ dos amãtes
A cor tem magoada, & ſaudoſa,
Alli ſe vem os Myrthos circunſtantes
Que à Criſtalina Venus encubrirão,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortelã Manjarona, alli reſpirão,
Onde né frio Inuerno, ou quente Eſtio,
As murcharão ja mais, ou ſeccas virão.
Deſt'arte vâ ſeguindo o curſo o Rio,
O monte inhabitado, & o deſerto,
Sempre com verdes Arnores ſombrio.
Aqui hũa linda Nympha por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem eſte alto Monte era encuberto.
Canſada ja da caça vindo hum dia,
Quis deſcanſar à ſombra da Floreſta,
E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
E vendo a nouidade manifeſta
Do ſitio, & com as Aruores co vento
As calmas defendião da alta fèſta:
Das Aues o laciuo mouimento,
Que em ſeus modulos verſos ocupadâ
As azas dão ao doce penſamento.

Tendo

Tendo notado tudo, ja paſſadas
As horas da gran sèſta ſe tornou
A buſcar as irmãs no centro amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do naõ viſto lugar que perto ſtaua,
Que tanto por eſtremo a namorou.
Qu'ao outro dia foſſem lhes rogaua
A lauarſe naquella fonte amena,
Que tão fermoſas agoas diſtiilaua,
Ia tinha dado hum giro a luz ſerena
Do gran paſtor de Admeto, & ja nacia,
Aos ditoſos amantes noua pena,
Quando as fermoſas Nymphas a porfia
Para o lugar do monte caminhauão,
Rompendo a manhã roxa, alegre, & fria.
D'hũa os cabellos louros ſe eſpalhauaõ,
Pello fermoſo collo ſem concerto,
Com dous mil nòs ſuaues s'enlaçauão.
Outra leuando o collo deſcuberto,
Por mais deſpejo em tranças os atára,
Auendo por peſado o deſconcerto.
Dinamene, & Ephire a quem topara,
Nuas Phebo num rio, & encubriraõ
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Niſe, que das maõs fugiroõ

Do

Do Tegeo Pan, Amanta & mais Elyſa,
Deſtras nos arcos, mais que quantas tirão
A linda Daliana, com Beliſa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tão fermoſa as eruas piſa
Todas eſtas Angelicas donzellas,
Pello viçoſo monte alegres hião,
Quais no ceo largo as nitidas eſtrellas
Mas dous ſilueſtres Deoſas que trazião
O penſamento em duas occupado,
A quem de longe mais qu'a ſi querião
Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,
Nem aruore por onde quer que andauão,
Que não ſoubeſſe delles ſeu cudado.
Quantas vezes os rios que paſſauão
Detiuerão ſeu curſo, ouuindo os danos
Qu'ate os duros montes magoauão
Quantas vezes amor de tantos anos
Abrandara qualquer vontade iſenta,
S'em Nymphas coraçoens ouueſſe humana
Mas quem de ſeu cudado ſe contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Qu'amor de alegres magoas ſe ſuſtenta.
Qu'o moço Idalio quis neſta ſciencia
Que ſe compadeceſſem dous contrarios,

Di-

Digao quem tiuer delle experiencia.
Indo os Deoſes em fim por montes varios,
Exercitando os olhos ſaudoſos,
Ao criſtallino rio tributarios.
Toparaõ dos pes aluos & mimoſos
As piſadas na terra conhecidas,
As quais foraõ ſeguindo preſuroſos.
Mas encontrando as Nymphas, que deſpidas
Na clara fonte eſtauão, não cudando
Que d'alguem foſſem viſtas, ou ſentidas
Deixaraõſe eſtar quedos, contemplando
As feiçõeſ nunca viſtas, de maneira
Que viſſem ſem ſer viſtos, eſpreitando.
Porem a eſpeſſa mata, menſageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aſpera auelleira,
Moſtrando a hum dos Deoſes eſcondido,
Todas tamanha grita alleuantaraõ,
Como ſe foſſe o monte deſtruido.
E logo aſsi deſpidas ſe lançaraõ
Pella eſpeſſura tão ligeiramente,
Que mais então qu'os ventos auoarão
Qual o bando das pombas, quando ſente
A fermoſa Aguia cuja viſta pura
Não obedece ao ſol reſplandecente.

Em-

Empreſtalhe o temor da morte dura
Nas aſas noua força, & não parando
Cortaõ o ar, & rompem a eſpeſſura.
Deſt'arte vaõ as Nymphas, que deixando
De ſeu deſpojo os ramos carregados
Nuas por entre as ſiluas vaõ voando.
Mas os amantes ja deſeſperados,
Que para as alcançar em fim ſe vião
Nada dos pès caprinos ajudados.
Com amoroſos brados as ſeguião,
Hum sò, qu'o outro ainda não tomaua
Folego algum da preſſa que trazião,
Mas deſpois deſcanſado ſe queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sò por não vſar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis,
Paraque ſois eſquiuas,
Qu'inda de nos não peço piedade,
Mas deſſas aluas carnes qu'offendeis?
Ah Nymphas não vereis
Que Eurydice fugindo deſſa ſorte
Fugio do amante, & não da fera morte?

Tam-

Tambem assi Eperie foy mordida,
Da bibora escondida,
Olhai a serpe Nymphas na herua verde
quem a condiçam não perde, perde avida.

que tigre, ou que leam,
que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo em fim vos vai seguindo.
D'hum brando coração,
que preso dessa vista riguroſa,
De si para vos foge, andais fugindo,
Olhay qu'em gesto lindo,
Nam se consente peito tam disforme,
Senão quereis que tudo se conforme,
Posto que bellas n'agoa vos vejais,
A fonte nam creais
que vos traz enganada por vingança,
Desta nossa esperança qu'enganais.

Mas ah que nam consinto,
que nem palaura minha vos offenda,
Posto que me desculpa a magoa pura,
Nymphas digo que minto,
que nam pode auer nunca quem pretenda
De desfazer em vossa fermosura,

Se amor de tanta dura
Por tanto mal tam pouco bem merece,
Não estranheis minh'alma 'qu'eu doudece
que se falla doudices de improuiso,
Sem tento nem auiso,
queira Deos que dureza tam crecida,
que me não tire a vida alem do siso.

Cousas grandes,& estranhas,
Tem pelo mundo feito,& faz natura,
q̃ a quẽ vos nã vio(Nimphas)muito espãtã
Nas libicas montanhas
As Scitales sam feras de pintura
Tam singular que so co a vista encantam,
As Hienas leuantam
A voz tam natural a voz humana,
qu'a quem as ouue facilmente engana,
E vos(ò gentis feras)cujo aspeito,
O mundo tem sogeito
Tendes de natureza juntamente
A vista,& voz de gente,& fero o peito,

Das amorosas leys
Com que liga natura os corações
Andais fugindo(Nymphas)na espessura,

Como

Como nam vos correis
Que em vos aja tam duras condições,
que possam mais que a prouida natura,
Se vossa fermosura
He sobrenatural, nam he forçado
Qu'assi tenha tambem o peito irado,
Mas antes ao amor em cuja mam
Os corações estam
Por vossa gentileza tam fermosa,
Lhes deueis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
que Deos no mundo pos, & a natureza,
Para aumentar as cousas que criou,
D'amor esta sogeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este effeito se gerou,
Por elle conseruou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pay famulento foy deytado,
As causas elle a atta, & as conforma,
Com o mundo, & reforma
A materia, quem ha que nam o veja,
quanto meu mal deseja sempre forma?

Entrẽ as heruas dos prados
Não ha machos,& femeas conhecidas
E junto hũa da outra permanece?
Nam eſtam carregados
Os vlmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece,
Nam vedes que padece
Tanta triſteza a rola pela morte
Da ſua amada,& vnica conſorte?
Pois la no Olympo a quantos catiuou,
Cupido,& maltrattou,
Melhor qu'eu o dira a ſutil donzella,
Que la na ſua tela o dibuxou.

Ah caſo grande,& graue,
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis abſolutas naturais,
Aquelle poder alto que forçados
Aquelle amor ſuaue,
Os Deoſes obedecem deſprezais?
Pois que ſaibais
Que cõtra o fero amor nũca ouue eſcudo,
O ſeu coſtume he vingança em tudo,
Eu vos verei deitar em hum momento,
Soſpiro mil ao vento,

Lâ

Lagrimas triſtes prantos, noua dor
Por quem tenha outro amor no penſamen to

Mais quí ſera dizer
O deſditoſo amante, que ajudado
Se via então da magoa & da triſteza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com tão disforme & aſpera dureza,
A quillo que a rudeza
E a ſciencia agreſte lh'enſinâra
Imaginando como que acordára
D'algum ſonho arrancando d'alma hũ grito.
O mais qu'alli foi dito,
Vos montes o direis, & vos penedos,
Qu'em voſſos aruoredos anda eſcrito.

Satyro ſegundo.

Nem vos nacidas ſois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamaſtes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
Là naCaucaſo monte vos criaſtes,
Daqui tomaſtes a aſpereza inſana,
Daqui o frio peito congelaſtes,
Sois Sphinges nos geſtos naturais,
Qu'o roſto sò de humanas amoſtrais,

Se vos foſtes criadas na eſpeſſura,
Onde não ouue couſa que ſe achaſſe
Animal, erua verde, ou pedra dura,
Que em ſeu tempo paſſado não amaſſe,
Nem a quem affeição ſuaue & pura
Neſſa preſente forma não mudaſſe.
Porque não deixareis tambem memoria
De vos, em namorada, & longa hiſtoria?

Olhai como na Arcadia ſoterrando
O namorado Alpheo ſua agoa clara
La na ardente Sicilia vay buſcando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Aſsi meſmo vereis paſſar nadando
Acis, que Galathea tanto amara
Por onde do Cicople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o ſangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Eſpeſſura vereis alli mudarſe
Egeria, & em fonte clara & criſtallina,
Pella morte de Numa deſtillarſe
Olhai qu'a triſte Biblis vos enſina
Com perderſe de todo & transformarſe
Em lagrimas que em fim poderão tanto
Que acrecentârão ſempre o verde manto.

Se

E ſe entre as claras agoas ouue amores,
Os penedos tambem forão perdidas,
Olhay os dous conformes amadores
No monte Ida em pedra conuertidos,
Letheo por cayr em vaõs errores,
De ſua fermoſura procedidos;
Oleno porque a culpa em ſi tomaua,
Por não ver caſtigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço pos a vida,
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Iuno conſumida,
E ſe queixar ſe quer de ſua eſtrella,
A voz extrema ſô lhe he concedida,
E tu tambem (ô Daphnis) que trouxeſte
Primeiro ao monte o doce verſo agreſte.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga emfim ſe foi tornando
Que porque Nympha eſtranha outra o ſogiga
Suas magicas eruas vay buſcando
Olhay a crua dor a quanto obriga,
Que por vingar ſua ira, transformando
Foi em pedra, o dura confuſaõ
Depois lhe peſaria, mas em vão.

Olhai(Nimphas)as aruores alçadas,
A cuja ſombra andais colhendo flores,
Como em ſeu tempo forão namoradas,
Que ainda agora o tronco ſente as dores,
Vereis tambem,ſe fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
O ſangue dos amantes na verdura
Teſtemunha de Tisbe a ſepultura

E lâ pella odorifera Sabea,
Não vedes que de lagrimas daquella
Que com ſeu pay ſe ajunta & ſe recrea,
Arabia ſe enriquece & viue della?
Vede mais a verde aruore Penea,
Que foi ja noutro tempo Nimpha bella,
E Cypariſſo angelico mancebo.
Ambos verdes com lagrimas de Phebo

Eſtâ o moço de Phrigia dilicado
No mais alto aruoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Galardão de ſeus erros merecido,
Que da alta Bericinthia ſendo amado,
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Dioſa a quem perdeo do penſamento,
Quis que perdeſſe o entendimento.

O ſubito furor ihe afiguraua
Que o monte, as caſas, & aruores cahião,
Ia dos pudicos membros ſe priuaua,
Qu'a Deoſa & a furia grãde conſtrangião
Ia no indino monte ſe lançaua,
De ſua morte as feras ſe doião:
Deſt'arte perdeo Athis na eſpeſſura
Deſpois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebrauão
Em Grecia as grandes feſtas de Lyeo,
Onde as fermoſas Nymphas ſe juntauão
E os ſacros moradores do Lyceo,
Todos em doce ſono ſe occupauão
Pello monte depois que anoiteceo
Mas o Deos do Heleſponto não durmia,
Que hum nouo amor o ſono lhe impedia.

Mas ella em fim os braços eſtendendo,
Em ramos ſe lhe forão transformando,
Em rayzes os pès ſe vão torcendo,
E o nome Lothos sô lhe vay ficando.
Vede Napeas eſte caſo horrendo,
Que vos eſtâ de longe ameaçando,
Que aſsi tambem daquella a quem ſeguia
O ſacro Pan, a forma ſe perdia.

Eque

E que direis de Philis, que perdida
Da saudosa dor em que viuia,
A desesperaçaõ emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Ataua ao colo a cinta que trazia,
Mas o trono sem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Iacinto,
Por quem Phebo de si se queixa em vão,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto,
Do neto de seu pai, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o ceo & a terra com razaõ,
A terra porque logo não se abrio,
O céo por que tal morte permittio.

E tu constante Clycie, a quem fallece
A fè de teus amores enganosos,
No louro amante que de ti esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos,
Nenhum alegre stado permanece,
Que saõ do mundo os gostos mintirosos,
E à tua clara luz por quem snspiras
Ainda agora em herna a folha viras.

Tragouos eſtas couſas â lembrança,
Porque ſe eſtranhe mais voſſa crueza
Com ver qu'a criação & a longa vſança
Vos não preuerte & muda a natureza,
Dou as lagrimas minhas em fiança
Qu'em tudo quanto eſtâ na redondeza
Couſa d'amor iſento, ſe atentais,
Em quanto vos não virdes não vejais.

Ia diſſe que d'amor ſempre tiuerão
As couſas inſenſiueis pena & gloria,
Vede as ſenſiueis como ſe perderão,
E dirvos ey das aues larga hyſtoria,
Qu'as penas que em ſua alma ſe ſofrerão,
Nas aſas lhe ficaraõ por memoria
E aquelle altiuo, & leue mouimento,
Lhe ficou do voar do penſamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
De donde ellas ſe foraõ transformando
Senão do puro amor qu'o Thracio tinha
Qu'em Poupa ainda a amada anda chamãdo
Clama ſem culpa a miſera auezinha,
Que na area de Phaſis habitando
Do rio toma o nome, & a ſi ſe vay
Chamando a mãy cruel, & injuſto o Pay.

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayor defeito,
E aquella que ſucede em ſeu lugar
Ambas aues d'amor vſado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra porque tentara o patrio leito,
E Scylla qu'a ſeu pay pos em perigo,
Sô por ſer muito amiga do enemigo.

E Pico a quem ficârão ainda as cores
Da purpura Real que ter ſoîa
E Eſaco que o ſeguir de ſeus amores
O trouxe a ver tão cedo o eſtremo dia
Ou vede os dous tão firmes amadores,
Qu'amor aues tornou na praya fria,
Do Rey dos ventos era genro o triſte,
Mas contra o fado em fim nada reſiſte.

Eſtaua a triſte Alcyone eſperando
Com longos olhos o marido auſente,
Mas os irados ventos aſſoprando,
Nas agoas o afogarão triſtemente,
Em ſonhos ſe lhe eſtà repreſentando
Que coração preſago nunca mente,
Sò do bem as ſospeitas mintirão,
Qu'as domal futuro certas ſão.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha:
Nereidas do Egeo consolaya,
Pois este triste officio vos conuinha,
Consolaya sahi das vossas agoas,
Se consolação ha em grande magoas.

Mas ò nescio de mim qu'estou fallando
Das auezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teue amor, poder, & mando
Entre as feras montezes venenosas.
O Leão, & a Leoa, como, ou quando
Tais formas alcançarão temerosas,
Sabea da Deosa Dinhymene o Templo,
E a qu'o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a masa vacca diloia,
Mas o grão Nillo o diga qu'adora,
Que forma teue a Vrsa saber sabia
Do Polo Boreal donde ella mora.
O caso de Acteon tambem diria
Em Ceruo transformado, & melhor forã
Que dos olhos perdera a vista pura
Que escolher nos seus golpes sepultura.

Tudo

Tudo isto Acteon vio na fonte clarã,
Onde assi de improuiso em Ceruo vio,
Que quem assi desta arte alli o topara,
Que se mudasse em Ceruo permittio:
Mas como o triste amante em si notara
A desusada forma se partio,
Os seus qu'o não conhecem, o vão chamãdo,
E estando alli presente o vão buscando.

Cos olhos, & co gesto lhes falaua,
Qu'a voz humana ja mudada tinhã
Qualquer delles por ella entam chamaua,
E a multidão dos cães contra elle vinha:
Que visse ver hum Coruo lhe gritaua,
Acteon a onde estàs acude asinha,
Que tardar tanto he este (lhe dizia)
He este, he este o ecco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando,
(Oo esquiuas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sò deseja,
Pois por mais que de mi me andeis tirãdo,
E por mais longa emfim qu'a vida seja,
Nunca em mi se verà tamanha dor,
Qu'amor a não conuerta em mais amor.

Aqui(o Nimphas minhas) vos pintei
Todo de amores hum jardim ſuaue,
Das aues, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fero, ou aue,
Se eſte amor que no peito apoſentei
que dos contentamentos tem a chaue,
Por dita em tẽpo algum determinaſſe
que de tam longos dannos vos peſaſſe.

quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga hiſtoria, & nam alhea
E com quanta mais agora regaria
De contente, qu'o rio a branca area,
Nouo contentamento me ſeria
Formar de meu cudado a noua idea,
E vos goſtando deſte ſtado vfano,
Zombarieis entam de voſſo engano.

Mas com quẽ fallo, ouq̃ ſtou gritando
Pois não ha nos penedos ſentimento?
Ao vento eſtou palauras eſpalhando,
A quem as digo corre mais qu'o vẽto.
A voz, & a vida, a dor me eſta tirando,
E nam me tira a tempo o penſamento
Direi em fim as duras eſquiuanças,
que ſo na morte tenho as eſperanças,

Aqui

Aqui o triſte Satyro acabou,
Com ſoluços qu'a alma lhe arrancauam,
E os montes inſenſiueis qu'abalou
Nas vltimas repoſtas o ajudauam
Quando Phebo nas agoas s'encerrou,
Cos animais qu'o mundo alumiauam,
E co luzente gado apareceo
A celeſte paſtora pelo ceo.

ECLOGA VIII.

Piſcatoria.

ARde por Galathea branca,& loura
Sereno peſcador,pobre forçado
D'hũa eſtrela cruel q̃ q̃r a mingoa moura,
Os outros peſcadores tem lançado,
No tejo as redes,elle sò fazia,
Eſte queixume ao vento deſcudado.
Quando vir à(fermoſa Nympha) o dia
Em que te poſſa dar a conta eſtreita
Deſta doudice triſte,& vam porfia,
Nam ves q̃ me foge a alma,& q̃ m'engeita
Buſcando num ſo riſo da tua boca,
Nos teus olhos azues manſa colheita,
Se a eſſe ſpiritu algũa magoa toca,
Sed'amor fica nella hũa pegada,

que

que te vay, Galathea, nesta troca?
Dart'ei minh'alma, la matés roubada,
Não ta demandarei, dame por ella
Hũa so volta d'olhos descudada.
Se muto te parece, & minha estrella
Nam consentir ventura tão ditosa
Doute as asas do amor perdidas nella
que mais te posso dar Nimpha formosa
Inda que o mar daljofre me cubrira,
Toda esta praya leda & gracioſa,
Amansam as ondas, quebra o vẽto a ira.
Minha torment a triste nam sossega
O peito arde em vão, em vã sospira.
Ao romper d'alua anda a neuoa cega,
Sobre os montes d'Arabida viçosos
Em quãto a elles aluz dosol nã chega
Eu vejo aparecer outros formosos
Rayos, q̃ a graça, e cor ao ceo roubarã
Ficão meus olhos cegos mais saudosos
Quantas vezes as ondas se encrespar am
Cõ meus suspiros, quãtas cõ meu prãto
Se pararaõ com magoa, & me escutarã
Se na força da dor a voz leuanto,
E ao sõ do remo q̃ agoa vai ferindo,
Perante a lua meu cudado canto.

Os mauiosos delphins me staõ ouuindo
A noite sossegada, o mar calado
So Galathea foges, & vas rindo.
Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento soltã
E hum pobre pescador aqui lãçado,
Antes que de no ceo o sol hũa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
como acõtece aosoutros n'agoa éuoltã
Igual preço não he da fermosura
Area d'ouro, qu'o rico Tejo espraya,
Mas hũ amor que para sempre dura,
Vejão teus olhos (bella Nimpha) a praia
Veras teu nome na mimosa area,
Nunca sobre elle o mar cõfuria saia
Vento ou ar ategora a não saltea
Tres dias ha q̃ escrito aqui odeixou.
amor, guardãdoo ato da aforça alhea
Elle com suas mãos mesmo ajudou
Escolher estas cõchas, que gnardãdo
Para ti hũa & hũa so ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes q'u'o ar lhe desse, parecia
O que de tua boca stou cudando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia

Redon-

REDONDILHAS

DE LVIS DE CAMÕES A ALGVNS propositos onde se contem glosas, & voltas, amotes seus, & alheos.

SObolos rios que vão
Por Babylonia m'achey,
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foy mãdado,
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representaram,
E minhas cousas ausentes
Se fizeraõ taõ presentes
Como se nunca passaram.
Alli depois de acordado,
Co rosto banhado em agoa
Deste sonho imaginado,
Vi q̃ todo o bem passado
Ná he gosto, mas he magoa

E vi que todos os danos
Se causauão das mudanças,
E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos,
Faz o tempo as esperanças.
Alli vi o mayor bem.
Quaõ pouco espaço q̃ dura
O mal quam depressa vem,
E quam triste stado tem
quem se fia da ventura!

Vi aquilo que mais val,
qu'então se entende milhor,
quando mais perdido for
Vi o bem suceder mal,
E o mal muto pior.
E vi com muto trabalho
Comprar arrependimento.

Vinenhum contentamento,
Evejome a mim qu'espalho
Tristes palauras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusão de Babel.
Como homẽ q̃ por exẽplo
Dos trances em q̃ se achou,
Despois qu'a guerra deixou
Pellas paredes do templo
Suas armas pendurou.

Assi despois qu'assentei
Que tudo o tempo gastaua,
De tristeza que tomei
Nos salgueiros pendurei
Os orgaõs cõ que cantaua.
Aquelle instrumento ledo,
Deixei de vida passada,
Dizendo, musica amada
Deixouos neste aruoredo
A memoria consagrada.

Frauta minha que tangẽdo
Os montes fazeis vir
Pera onde estaueis, corrẽdo
E as agoas que hião decẽdo
Tornauão logo a subir.
Iamais vos não ouuirão
Os tigres que se amãsauão,
E as ouelhas que pastauão,
Das heruas se fattarão,
Que por vos ouuir deixauã.

Ia não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos.
Na ribeira florecente,
Nem poreis freo à corrente
Emais sefor dos meus olhos
Não mouereis a espesura,
Nem podereis jà trazer
Atras vos a fonte pura,
Pois não podestes mouer
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
A fama que sem pre vella,
Frauta de mi tão querida,

Por

Porque mudandose a vida
Se mudam os goſtos della.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados
E logo a mayor idade
Ia ſente por pouquidade
Aquelles goſtos paſſados

Hũ goſto que oje ſe alcãça,
A manhã ja o nam vejo,
Aſsi nos traz a mudança,
Deſperança em eſperança,
E de deſejo em deſejo
Mas em vida tão eſcaſſa
que eſperança ſera forte
Fraqueza da humana ſorte,
que quanto da vida paſſa
Eſta recitando a morte.

Mas deixar neſta eſpeſſura,
O canto da mocidade,
Nam cude a gente futura
que ſera obra da idade
O que he força da ventura
que he idade, tẽpo, o eſpãto,
De ver quão ligeiro paſſe,
Nunca em mi poderã tãto
que poſto que deixe o canto
A cauſa delle deixaſſe

Mas em triſtezas, & nojos
Em goſto & contentam ẽto
Por ſol, por neue, por vento
Terne preſente a los ojos
Por quiẽ muero tan contẽto
Orgãos, & frauta deixaua,
Deſpojo meu tão querido,
No ſalgueiro qu'alli eſtaua
que para tropheo ficaua
De quem me tinha vẽcido.

Mas lembrãças da affeiçam
que alli catiuo me tinha,
Me preguntaram entam
qu'era da muſica minha,
qu'eu cantaua em Syão,
Que foy daquelle cantar
Das gentes tão celebrado,
Porque o deixaua de vſar,
Pois ſempre ajuda a paſſar

qualquer trabalho paſſado.

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoſo.
Porantr'o eſpeſſo aruoredo
E denoite o temeroſo
Cantando refrea o medo.
Canta o preſo docemente
Os duros grillões tocando,
Canta o ſegador contente,
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos ſente.

Eu qu'eſtas couſas ſenti
N'alma de magoas tã chea
Como dira, reſpondi,
quem tam alheo eſta de ſi,
Doce canto em terra alhea?
Como podera cantar
quẽ em choro banha opeito
Porque ſe quem trabalhar
Canta por menos canſar
Eu ſo deſcanſos engeito.

que nam parece rezaõ.

Nem ſeria couſa idonia,
Por abrandar a paixam,
que cãtaſſem em Babilonia
As cantigas de Siam.
que quãdo a muyta graueza
De ſaudade quebrante
Eſta vital fortaleza,
Antes moura de triſteza.
que por abrandala cante.

que ſe o fino penſamento
So na triſteza conſiſte,
Nãtenho medo ao torméto
que morrer de puro triſte
que mayor contentamento
Nem na frauta cantarei
O que paſſo,& paſſei ja,
Nem menos o eſcreuerei,
Porque a penna canſara.
E eũ nam deſcanſarei.

que ſe vida tam pequena.
S'acrecẽta em terra eſtraña
E ſe amor aſsi ordena,
Razão he que canſe a pena,

De

De escreuer pena tamanha.
Porem se pera assentar
O que sente o coraçam
A pena ja me cansar,
Nam canse para voar.
A memoria em Siam.

Terra bemauenturada,
Se por algum mouimento,
D'alma me fores mudada,
Minha pena seja dada.
A perpetuo esquecimento,
A pena deste desterro
qu'eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro
Essa nunca seja ouuida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
Em Babylonia sogeito
Hierusalem sem te ver,
A voz quando a mouer
Se me congele no peito.
A minha lingoa se apege
As fauces, pois te perdi,
Se em quanto viuer assi
Ouuer tempo em q̃ te nege
Ou queme esqueça de ti.

Mas o tu terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia
Como me lẽbras na ausẽcia
Não me lẽbras na memoria
Senaõ na reminiscencia
Qu'a alma he t boa rasa,
que com a escrita doutrina,
Celeste, tanto imagina,
que voa da propria casa,
E sobe à patria diuina.

Não he logo a saudade
Das terras onde naceo,
A carne, mas he do ceo,
Daquella santa cidade
Donde est'alma descendeo,
E aquella humana figura,
que ca me pode alterar,
Não he quem s'ha debuscar
He rayo da fermosura.
que so se deue de amar.

Qu'os olhos & a luz q̃ atea
O fogo que ca ſogeita,
Não do ſol, mas da candea,
He ſombra daquella idea
Qu'é Deos eſtà mais perfeita
E os que cà me cattiuarão
São poderoſos affeitos,
Qu'os corações tẽ ſogeitos,
Sophiſtas que m'enſinarão
Maos caminhos por direitos

Deſtes o mando tirano
Me obriga com deſatino,
A cantar ao ſom do dano
Cantares d'amor profano
Por verſos d'amor diuino.
Mas eu luſtrado co ſanto
Rayo na terra de dor,
De confuſões & d'eſpanto,
Como ei de cantar o canto
que ſô ſe deue ao Senhor?

Tanto pode o beneficio,
Da graça que dà ſaude,
qu'ordena qu'a vida mude,
E o que tomei por vicio
Me faz grao pera a virtude,
E faz qu'eſte natural
Amor, que tanto ſe prezã
Suba da ſombra o areal
Da particular belleza,
Para a belleza geral.

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
ò Hieruſalem ſagrada,
E tome a lyra dourada,
Para ſô cantar de ti.
Não cattiuo & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios deſatado,
E cà deſta a ti leuado,
Patria minha natural.

E ſe eu mais der a ceruiz
A mundanos accidentes,
Duros, tirannos, & virgẽtes,
Riſqueſe quanto ja fiz
Do grão liuro dos viuentes.
E tomando ja na mão

A lyra ſanta & capaz
Doutra mais alta inuençaõ
Caleſe eſta confuſam,
Canteſe a viſaõ de paz.

Ouçame o paſtor,& o Rey,
Retumbe eſte accento ſáto,
Mouaſe no mundo eſpanto,
que do que ja mal cantei
A palynodia ja canto.
A vos ſo me quero ir
Senhor,& graõ capitam
Da alta torre de Siam,
A qual não poſſo ſubir,
Se me vos não dais a mam

No gran dia ſingular
que na lyra o douto ſom
Hieruſalem celebrar
Lembraiuos de caſtigar
Os roins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vam
No pobre ſangue innocẽte
Soberbos co poder vam,
Arraſayos igualmente,
Conheçã que humanos ſaõ.

E aquellle poder tam duro,
Dos affeitos cõ que venho,
qu'encẽdẽ alma,& engenho
que ja me entraram o muro
Do liure arbitrioque tenho
Eſtes que tão furioſos,
Gritando vem a eſcallarme
Maos ſpiritus danoſos,
Que querẽ como forçoſos,
Do alicerce derubarme,

Derrubaios,fiquem ſos.
De forças fracos imbelles,
Porque não podemos nos,
Nem com elles ir a vos,
Nẽ ſem vos tirarnos delles.
Não baſta minha fraqueza,
Para me dar defenſam,
Se vos ſanto capitam
N'eſta minha fortaleza,
Nam poſerdes guarniçam

E tu,o carne,que encantas

Filha

Filha de Babel tam fea,
Toda de miserias cheа,
Que mil vezes te leuantas,
Contra quem te senhorea.
Beato so pode ser
Quem coa ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua,
Se fere mais qu'hũa vez,
Cuja alma de vicios nua.
Faz nodoas na carne sua,
Que ja a carne n'alma fez
E beato quem tomar,
Seus pensamentos resentes,
E em nacendo os afogar,
Por não virem a parar.
Em vicios graues & vrgẽtes

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer,
Na pedra que veo a ser
Em fim cabeça do canto.
quem logo quãdo imagina
Nos vicios da carne ma,
Os pensamentos declina
Aquella carne diuina,
que na cruz esteue ja.
quem do vil contẽtamento,
Ca deste mundo visiuel
quãto ao homẽ for possiuel
Passar logo o entendimẽto
Para o mundo intelligiuel.

Alli achara alegria
Em tudo perfeita & chea,
De tam suaue armonia,
que nem por pouca recrea,
Nem por sobeja enfastia
Alli vera tão profundo
Mysterio na summa alteza,
que vencida a natureza
Os mores faustos do mundo
Iulgue por mayor baixeza.

O tu diuino aposento,
Minha patria singular,

Se

Se sò com te imaginar
Tanto sobe o entendimento
Que fara s'em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, terra excelente,
Tão justo, & tão penitẽte,
Que despois de ati subir
La descanse eternamente.

Carta a huma dama.

Querendo escreuer hũ dia,
O mal que tanto estimei,
Cudando no que poria,
Vi amor que me dizia
Escreue, que eu notarei.

E como para se ler
Não era hystoria pequena
A que de mim quis fazer,
Das asas tirou a pena,
Com que me fez escreuer.

E logo como atirou
Me disse, auiua os espiritos,
Que pois em teu fauor sou,
Esta pena que te dou
Fará voar teus escritos.
E dandome a padecer
Tudo o que quis q̃ puesse,
Pude emfim delle dizer
Que me deu có q̃ escreuesse
O que me deu a escreuer.

Eu qu'este engano entendi,
Disselhe, que escreuerei?
Respondeo, dizendo assi,
Altos affeitos de ti,
E daquelle a quem te dei.
E ja que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreue pois que te prezas
Milagres d'hũ claro gesto,
E de quem o vio tristezas.

Ah senhora em quẽ s'apura
A fe de meu pensamento,
Escutay & estai atento,
Que com vossa fermosura
Iguala amor meu torméto.
E posto que tão remotã

Este-

Eſtejaes de me eſcutar,
Por me não remedear,
Ouui, que pois amor nota,
Milagres ſão de notar.

Eſcreuem varios autores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Viuem do cheiro das flores
que nacem naquelle monte.
Se os ſentidos podem dar
Mantimento ao viuer,
Não he logo d'eſpantar,
Se eſtes viuem de cheirar,
que viua eu devos ver.

Hũa aruore ſe conhece,
que na geral alegria
Ella tanto s'entriſtece,
que como he noite florece,
E perde as flores de dia.
Eu q̃ é vernos ſinto o preço
que em voſſa viſta conſiſte,
Em a vendo me entriſteço,
Porque ſei que não mereço
A gloria de verme triſte.

Hum Rey de grande poder
Com veneno foy criado,
Porque ſendo coſtumado,
Nam lhe podeſſe empecer,
Se depois lhe foſſe dado,
E a que criei de piquena
A vida à quanto padece,
Deſta ſorte me acontece,
que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece,

quem da doença Real
De longe enfermo ſe ſente
Por ſegredo natural,
Fica ſam vendo ſomente
Hum volatil animal.
Do mal qu'amor ẽ mi cria,
quando aquella Fenix vejo,
Sam de todo ficaria,
Mas ficame hy dro peſia,
que quãto mais mais deſejo.

Da bibora he verdadeiro

Se

Se a consorte vay buscar,
Que em se querendo juntar
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gerar
Assi quando me a presento
A vossa vista inhumana
A peçonha do tormento
Deixo a parte, porq̃ dana
Tamanho contentamento.

querendo amor sustentarse
Fez hũa vontade esquiua,
D'hũa statua namorarse,
Despois por manifestarse
Cõuerteoa em molher viua
De quem me irei queixãdo
Ou quẽ direi que m'ẽgana,
Se vou seguindo e buscãdo
Hũa imagẽ que de humana
Em pedra se vay tornando,

D hũa fonte se sabia,
Da qual certo se prouaua
Q̃ue quẽ sobr'ella juraua,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegaua
Vos que minha liberdade
Senhora tyranizais,
Injustamente mandais
Quando vos fallo verdade
Que vos nã possa ver mais,

Da palma se escreue & cãta
Ser tão dura,& tão forçosa,
Que peso não a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se leuanta.
Copeso do mal que me dais
A cõstancia qu'em mi vejo
Não sòmente ma dobrais,
Mas dobrase meu desejo,
Cõ q̃ então vos quero mais.

Se algem os olhos quiser
As andorinhas quebrar,
Logo a mãy sem se deter
Hũa erua lhe vay buscar,
Que lhe faz outros nacer.
Eu qu'os olhos tenho atẽto
Nos vossos qu'estrellas são,

Cegã-

Cegãose os do entẽdimẽto,
Mas nacemme os da razão,
De folgar cõ meu tormẽto.

Là para onde o sol sae
Descubrimos nauegando
Hum nouo rio admirando,
qu'o lenho que nelle cae
Em pedra se vay tornando.
Naõ se espãte disto as gẽtes
Mais razaõ será qu'espante,
Hum coraçaõ taõ posante,
Que cõ lagrimas ardentes
Se conuerte em diamante

Pode hum mudo nadador
Na linha & cana influir
Tão Veneneso vigor
Que faz mais não se bulir.
O braço do pescador
Se começão de beber
Deste veneno excellente,
Meus olhos sem sedeter,
Naõ se sabem mais mouer
A nada que se apresente.

Isto saõ claros sinais
Do muto qu'em mi podeis
Nem podeis desejar mais,
que severuos desejais
Em mim claro vos vereis.
E quereis ver a que fim.
Em mi tanto bem se pos,
Porque quis amor assim
que por vor verdes avos
Tambem meviseis amim

Dos males que me ordenais
Qu inda tenho por pequos
Sabei se mos escutais,
Que já não sei dizer mais,
Né vòs podeis saber menos
Mas já qu'atanto tormento
Naõ se acha quem resista,
Eu senhora me contento,
De terdes meu sofrimento,
Por aluo de vossa vista.

Quantos contrarios consẽte
Amor por mais padecer,
Que aquella vista excelẽte

Que

que me faz viuer contente.
Me faça tam triſte ſer.
Mas dou eſte entendimẽto,
Ao mal que tanto m'offẽde
Como na vella ſe entende,
que ſe ſe apaga co vento,
Co meſmo vento ſe accẽde.

Exprimẽtouſe algum hora,
D'ane que chamão Camaõ,
que ſe da caſa onde mora,
Ve adultera a ſenhora,
Morre de pura paixam.
R dor he tão ſem medida,
que remedio lhe nam val,
Mas o ditoſo animal,
que pode perder a vida
quando ve tamanho mal

Nos goſtos de vos querer
Eſtaua agora enleuado
Senão fora ſalteado,
Das lembranças de temer
Ser por outrem deſamado.
Eſtas ſoſpeitas tam frias,
Cõ qu'o penſamento ſonha
Sam aſsi como as Harpyas,
qu'as mais doces iguarias
Vão conuerter em peçonha

Faz m'eſte mal infinito
Naõ poder jamais dizer,
Por nam vir a corromper
Os goſtos que tenho eſcrito
Cos males qu'eide eſcreuer
Não quero que ſe apregoe,
Mal tanto para encubrir,
Porq̃ é quáto aqui ſe ouuir.
Nenhũa outra couſa ſoe,
qu'a gloria de vos ſeruir.

Outras.

Dama d'eſtranho primor.
Se vos for
Peſa da minha firmeza,
Olhai nã me deis triſteza,
Porqu'a conuerto em amor
Se cudais
De me matar quando vſais,
D'eſquiuança,

Irei

Irei tomar por vingança
Amaruos cada vez mais.

Porem voſſo penſamento
Como iſento,
Seguirà ſua tenção,
Crendoqu'em tãta affeição
Não aja acrecentamento.
Não creais
Que d'eſtarte vos façais
Inuencinel,
Qu'amorſobre oimpoſsiuel
Amoſtra que pode mais.

Mas jà da tenção que ſigo
Me deſdigo,
que ſe ha tanto poder nelle.
Tãbẽ vos podeis mais q̃elle
Neſte mal q̃ vſais comigo,
Mas ſe for
O voſſo poder mayor,
Antre nòs,
Quem poderà mais q̃ vòs,
Se vôs podeis mais q̃ amor?

Deſpois que dama vos vi
Entendi
Que perderaamor ſeu preço
Pois o fauor que lh'eu peço
Vos pede elle para ſi.
Nem duuido
Que não pode de ſentido
Reſiſtir,
Pois em vez de vos ferir
Ficou de vos ver ferido?

Mas pois voſſa viſta he tal,
Em meu mal,
Que pôſso de vòs querer?
Que mal poderei valer
Onde o meſmo amor nã val
Se atentar
Nenhum bẽ pòſſo eſperar,
E oxalà
Que vos alembraſſe ja,
Se quer pera me matar.

Mas nem com iſto creais
Que façais
Meus ſeruiços mais peq̃nos
Por-

Porq̃ eu quãdo ſpero menos,
Sabei que então quero mais.
Nada eſpero,
Mas de mi crede eſte fero,
Que em ſer voſſo,
Vos quero tudo o que poſſo
E não poſſo quanto quero.

Sò por eſta fantaſia
Mereſcia
De meus males algũ fruto,
Para o muito que queria,
De maneira,
Que não he na derradeira
Grande eſpanto,
Que q̃ é, dama, vos quer tãto
Que outro tãto devos queria.

A hũas ſoſpeitas.

Soſpeitas que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me mateis,
Se a cauſa de que naſceis
Vos quiſeſſe confeſsar.
Que d̃ não lhe achar deſculpa
A grande magoa paſsada
Me tem a alma tão canſada
Que ſe me confeſsa a culpa
Telaey por deſculpada.

Ora vede que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meo da oppreſsão,
A ſeus proprios enemigos
Vay pedir a defenſão.
Que ſoſpeitas eu bem ſei
Como ſe claro vos viſſe,
Que he certo o que ja cuidei,
Que nũca mal ſoſpeitei,
Que certo me não ſaiſſe.

Mas queria eſta certeza
Daquella que me atorméta,
Porq̃ em tamanha eſtreiteza
Ver que diſſo ſe contenta,
He deſcanſo da triſteza.
Porque ſe eſta sò verdade
Me confeſsa limpa & nua
De cautella & falſidade,

Não pode a minha vontade
Desconforme da sua

Por segredo namorado,
He certo estar conhescido,
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que sospeitado.
Mas eu sô em quê se ordena
Nouo modo de querella,
De medo da dor pequena
Venho achar na mayor pena
O refrigerio para ella.

Ia nas iras me inflamei
Nas vinganças nos furores
Que ja doudo imaginei,
E ja mais doudo jurei
Darrãcar dalma os amores.
Ia determinei mudarme
Para outra parte comira,
Despois vim a concertarme,
Que era bom certificarme
No que mostraua a mentira.

Mas despois ja de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha em fim arrebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem pera magoar.
E deixandose vencer
Os meus fingidos enganos,
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer,
Que contentarme cos danos.

E pedir que me tirassem
Este mal de sospeitar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem
quanto me pode mattar.
Ollai bem se me trazeis,
Senhora posto no fim,
Pois neste estado, a que vim
Para que vos confesseis,
Se dão os tratos amim.

Mas para que tudo possa
Amor que tudo encaminha,
Tal justiça lhe conuinha,

Porque

Porque da culpa q̃ he vossa
Venha ser a morte minha.
Iustiça tam mal olhada,
Olhai com que cor se doura,
que quer no fim da jornada
que vos sejais confessada,
Para qu'eu seja o q̃ moura.

Pois confessaiuos jagora,
Inda que tenho temor,
que nem nesta vltima hora
Me ha de perdoar amor
Vossos peccados senhora.
E assi vou desesperado.
Porque estes sam os costumes
D'amor, q̃ he mal empregado
Do qual vou ja condenado
Ao inferno de ciumes.

Labarinto do autor queixãdo-
se do mundo.

Corre sem vela, & sem leme
O tempo desordenado,
D'hum grande vento leuado,
O que perigo nam teme,
He de pouco espramentado,

As redeas trazem na mam
Os que redeas nam tiueram,
Vendo quanto mal fizeram
A cubiça & ambiçam
Disfraçados se acolheram
A não que se vay perder,
Distrue mil esperanças,
Vejo o mao que vem a ter.
Vejo perigos correr
quẽ não cuda q̃ ha mudança?

Os q̃ nũca em sella andaram,
Na sella postos se vem,
De fazer mal nam deixaram,
De demonios habito tem
As que o justo profanaraõ
que podera vir a ser
O mal nunca refreado,
Anda por serto enganado
Aquelle que quer valer,
Leuando o caminho errado

He pera os bons confiança,

Ver que os maos perualeceraõ
Posto que se detiueram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiueram
Nam porque gouerne o leme
Em mar enuolto, & turbado,
Que tem seu remo mudado
Se merece grita,& geme,
Em tempo desordenado.

Terem justo galardam,
E dor dos que mereceram
Sempre castigos tiueram,
Sem nenhũa redenpçam,
Posto que se detiueraõ.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança,
Quem manhas nam sabe ter,
Sem que lhe valha gemer,
Vera falçar a balança.

Os que nunca trabalharaõ,
Tendo o que lhe nam conuem
Se ao inocente enganaram
Perderaõ o eternobem,
Se do mal nam se apartaram.

Conuite que Luis de Camões fez na India, a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão.

A primeira iguaria foy posta a Vasco d'Attaide, entre dous pratos,& dizia,

Senam quereis padecer,
Hũa ou duas horas tristes,
Sabeis que auceis de fazer,
Bolueros por do veniστes,
Que aqui não ha que comer.
E posto que aqui leais,
Trouinha que vos enlea,
Corrido não estejais,
Porque por mais que corrais
Nam eis d'alcançar a cea.

A segũda foi posta a Dom Frãcisco Dalmeida,& dezia.

He-

Heliogabalo zombaua
Das pessoas conuidadas
E de sorte as enganaua,
que as iguarias que daua,
Vinhão nospratos pintadas.

Não temais tal traueſſura,
Pois ja não pode ser noua
que a cea està segura
De vos não vir em pintura,
Mas ha de vir toda é troua.

¶ A terceira foi posta a Eitor da Sylua, & dizia

Cea não a papareis,
Cõ tudo porque não minta
Para beber achareis
Não Caparica, mas tinta,
E mil coufas que papeis,
E vòs torceis o focinho,
Com esta amphibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dà aqui tinta porvinho
Epapeis poriguaria,

A quarta foy posta a Ioã Lopez Leytão, a quem o autor mandou hũ mote que vai adiante, sobre hũa peça de cacha, que mandou a huma Dama

(*)

Porque os q̃vos conuidàrão
Vosso estamago não danẽ,
Por justa causa ordenàrão
Se trouas vos enganârão,
Que trouas vos desenganẽ.
Vos tereis isto por tacha.
Conuerter tudo em trouar,
Pois se me virdes zombar,
Não cudeis señor q̃he cacha
Que aqui não ha cachar.

Finge que responde Ioão Lopez Leitão.

Pesar ora não de saõ,
Eu juro pello cèo bento
Se de comer me naõ daõ

Que eu não sou Camaleão
Que m'ei de mãter do véto.

Finge que responde o Autor.

Senhor não vos agasteis,
Porque Deos vos prouera
E se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis
As igurarias que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nẽ migalha assada,
Cousa nenhũa de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigellada,
Picar no dente em repolho.
De fumo tendes taffalhos,
Aues da pena que sente
Quem de fome anda doẽte,
Bocejar de vinho & dallos,
Manjar em brãco excelẽte.

A quinta & derradeira, foi posta Francisco de Mello, & dezia.

D'hum homẽ q̃ teue o certo
Da vea marauilhosa,
Não foi cousa duuidosa,
Que se lhe tornaua ẽ metro
O que hia dizer em prosa.

De mim vos quero apostar
Que faça cousas mais nouas,
De quanto podeis cudar,
Esta cea que he manjar,
Vos faça na boca em trouas.

Redõdilhas mãdadas ao Visorei, com o mote adiãte

Conde, cujo illustre péito
Merece nome de Rey,
Do qual muito certo sei,
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Visorei.

Seruidas

Seruirdes vos de ocuparme,
Tanto contra meu planeta,
Nam foi senaõ asas darme
Cõ as quais vou a q̃imarme
Como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar,
que tão mal cortada tenho,
Sera para celebrar,
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho

que se o meu vos celebrasse
Necessario me seria
que os olhos d'aguia tomase
So para que não cegasse,
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
Nas armas dinos de gloria,
Saõ no mundo tão soados,
qu'é vos de vossos passados
Se resucita a memoria.

Pois aquelle animo estraño
Pronto para todo effeito,
Espanta todo o conceito
Como coraçam tamanho
Vos pode caber no peito.

A clemencia que afferena,
Coraçam tam singular
S'eu nisso puseſſe a pena,
Seria encerrar o mar
Em coua muito piquena.

Bem basta senhor, q̃ agora
Vos sirvais de me ocupar,
que assi fareis aparar
A pena com q̃ algũa hora,
Vos vereis ao ceo voar

Assi vos irei louuando,
Vos a mim do chã erguẽdo,
Ambos o mundo espantãdo
Vos co a espada cortando,
Eu co a pena escreuendo.
Mote que lhe mandou o Vi
sorei na India, pera lhe fazer
hũas voltas.

Muto sou meu enemigo,
Pois que não tiro de mi,
Cudados com que nasci,
Que poem a vida ẽ perigo,
Oxala que fora assi.

Voltas do autor.

Viuer eu sendo mortal,
De cudados rodeado,
Parece meu natural,
Que a peçonha naõ faz mal
A quem foi nella criado,
Tanto sou meu inimigo
que por não tirar de mi
Cudados com que nasci
Porei a vida em perigo,
Oxala que fora assi.

Tanto vim a acrescentar
Cudados, q̃ nunqua amãsaõ
Em quanto a vida durar
que canso ja de cudar
Como cudados nam cansaõ
S'estes cudados, que digo
Dessem fim a mim, & a si,
fariam pazes comigo,
que por a vida em perigo,
O bom fora para mim.

Trouas a hũa dama que lhe mandou pedir algũas obras suas.

Senhora se eu alcançasse
No tempo que ler quereis
que a ditta dos meus papeis
Polla minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escreuer
Em mais breue relaçam,
Indo eu onde elles vam,
Por mim so quisesseis ler.

Depois de ver hum cudado,
Tam contente de seu mal,
Vereis o natural,
Do que aqui vedes pintado
que o perfeito,
Amor, de que sou sogeito,
Vereis aspero & cruel,

Aqui

Aqui com tinta,& papel
Em mi co ſangue no peito,

que hum contino imaginar
Naquillo, q̃ Amor ordena,
He pena,q̃ em fim por pena
Senão pode declarar,
que ſ'eu leuo
Dentro n'alma quãto deuo
De trasladar em papeis,
Vede qual melhor lereis
Se ami,ſe aquillo q̃ eſcreuo,

Outras a hũa ſenhora,a quẽ derão para hũa filha ſua hũ pedaço de cetim amarello, de quem ſe tinha ſoſpeita.

Se deriuais da verdade
Eſta palaura,Sitim,
Achareis ſem falſidade,
que apos oſi,tem o tim,
que tine em toda a cidade.

Bem vejo que me entendeis
Mas porque não falle ẽ vaõ
Sabei que a eſta nação
Tanto que o, ſi, concedeis,
O Tim logo eſta na maõ

E quem da fama ſe arreda.
que tudo vay deſcubrir,
Deue ſempre de fugir,
de Sitis,porque da ſeda,
Seu natural he rugir.
Mas pano fino, & delgado,
qual araxa,& outros aſsi.
Dura aquenta,& he calado,
Amoroſo,& da de ſi,
Mais que ſitim,nẽ borcado.

Mas eſtes que ſedas ſam
Có quẽ s'ẽganaõ mil damas
Mais vos tomaõ doque dão
Prometem,mas não daram
Senaõ nodas para as famas.
E ſe não me quereis crer
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
quan

Quando la virdes arder,
A casa d'algum vezinho.

ò feminina simpreza,
Donde estão culpas apares,
Que porhũ dõ de nobreza
Deixão dões de natureza,
Mais altos,& singulares.
Hum dõ q̃ anda enxertado
No nome,& nas abras não,
(fallo como exprimentado)
Que sitim desta feyçam
Eu tenho muito cortado.

Dizemme que era amarello
A quem assi o quis dar,
So pera me Deos vingar,
Se vem a mão amarelo,
O que eu não posso cudar,
Porque quem sabe viuer
Por estas artes manhosas,
(Isto bem pode nam ser,)
Da a minhas fermosas,
Somente pellos fazer.

Quem vos isto diz senhora,
Seruio nas vossas armadas
muito,mas anda ja fora,
E pode ser, que inda agora,
Traz abertas as frechadas.
E posto que disfauores
O tiraõ de seruidor,
Quer vos vẽtura melhor,
Que dos antigos amores,
Inda lhe fica este amor,

A hũa senhora, que estaua rezando por hũas contas.

Peçoues que me digais
As orações que rezastes,
Se saõ pellos que mataste
Se por vos que assi matais
Se são por vos,sam perdidas
Que qual sera a oração,
Que seja satisfação
Senhora de tantas vidas,

Que se vedes quantos vem
A so vida

A so vida vos pedir,
como vos ha Deos de ouuir
Se vos nam ouuis ninguem,
Nam podeis ser perdoada,
Có maõs a matar tã prõtas,
que se nhũa trazeis contas
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendãdo
Os que mataſtes andais,
Se rezais por quẽ matais,
Para que matais rezando:
que se na força do orar
Leuantais as maõs aos ceos,
Não as ergueis para Deos
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais
Toda enleuada na fe,
Cerrãose os de quem vos ve
Pera nunqua verem mais,
Pois se assi forem tratados
Os que vos vẽ quando orais
Essas oras que rezais,
Sam as horas dos finados.

Pois logo se sois seruida,
que tãtos mortos não sejão,
Nam rezeis onde vos vejão
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar.
Estes males que causastes
Resucitai quem mataſtes
Não tereis por quem rezar.

Esparsa a hũa dama que lhe deu hũa pena.

Se n'alma,& no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me pesa do que sento
Que senã sofrer tormento
Faço offença a vosso gesto.
E poisquanto amor ordena
E quanto esta alma deseja
Tudo à morte me condena
Nam quero senam que seja
Tudo pena,pena,pena,

Esperſa a hũa dama que lhe chamou cara sem olhos.

Sem

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguio:
Pois cara sem olhos vio
Olhos que lhe custão caro.
D'olhos não faço menção
Pois q̃reis qu'olhos não sejã
Vendouos, olhos sobejão;
Nãovos vẽdo, olhos não são

Disparates seus na India

Este mundo es el camino,
A do ay dozientos vaos
O por onde, bons, & maos
Todos somos del merino.
Mas os maos são de teor,
Que desque mudão a cor
Chamãlogo a el rei cõpadre
E é fim dexaldos mi madre
Que sempre tem hum sabor
Dequem torto nace tarde
se endireita

Deixay a hũ que se abone,
Diz logo de muto sengo
Villas & castillos tengo,
Todos a mi mandar sone,
Então eu q̃ estou de molho
Com a lagrima no olho,
Pollo virar do en vez
Digolhe tu exilli es,
E por isso não to olho.
Pois honra & proueito não
cabẽ num saco

Vereis hũs que no seu seyo
Cudão que trazem Paris,
E querem com dous seitis
Fender anca pello meyo
Vereis mancebinhos darte
Com espada em talabarte
Não ha mais Italiano:
A este direis meu mano
Vos sois galante que farte.
Mas pã & vino andael cami
no q̃ no moço gar-
rido.

Outros em cada theatro
Por officio lhe ouuireis,
Que se

Que se mataram com tres
Y lo mismo harã con quatro
Prezãose de dar repostas
Com palauras bem cõpostas,
Mas se lhe meteis a mam,
Na paz mostraõ coraçam
Na guerra mostrã as costas
Porque aqui troce a porca
o rabo.

Outros vejo por aqui
A que se acha mal o fundo
Que andã emendãdo o mundo
E não se emendaõ a si.
Estes respondem a quem
Delles não entende bem.
El dolor que esta secreto.
Mas porem quẽ for discreto
Responderlhe ha muito bem
Assi entrou o mundo, assi hade
sair.

Achareis rafeiro velho
que se quer vẽder por galgo,
Diz q̃ o dinheiro he fidalgo
que o sange todo he vermelho
S'elle mais alto o dissera
Este pellote pusera,
que o seu echo lhe responda
que su padre era de Ronda
E su madre de Antequera,
E quer cubrir oceo cõ a joeira

Fraldas largas graue aspeito
Para senador Romano
O que grandissimo engano
q̃ Momo lhe abrisse o peito.
Consciencia, que sobeja
Siso com que o mundo reja
Mansidam outro que si
Mas que lobo esta em ti
Metido em pele de oueja,
E sabem no poucos.

Guardaiuos d'ũs meus señores
que aiuda cõprão, & vendem,
Hũs que he certo q̃ descendem
Da geraçam de pastores,
Mostranse vos bós amigos,

Mas

Mas se vos vem em perigos,
Escarrãuos nas paredes
que de fora dormiredes,
Irmão que he tempo de figos
Porque de rabo de porco
Nunca bom virote.

q̃ dizeis d'hũs qu'as entranhas
Lhe estão ardẽdo em cubiça
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas d'aranhas?
Com suas hypocresias
que sam denossas espias,
Para os pequenos hũs Neros
Para os grandes tudo feros
Pois tu paruo nam sabias
que la vam leys,
Onde querem cruzados?

Mas tornãdo aũs enfadonhos
Cujas cousas sam notorias
Huns q̃ contam mil historias
Mais de sm̃achadas q̃ sonhos
Huns mais paruos q̃ zamboas,
qu'estudam palauras boas

Estes paguem por justiça
que tem morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.

A donde tienen las mentes,
Huns secretos trouadores
que fazem cartas d'amores
De que ficam muy contentes,
Nam querem sair apraça
Trazem troua por negaça,
E se lha gabais qu'he boa.
Diz que'he de certa pessoa,
Hora que quereis que faça,
Senam irme por esse mundo

O tu como me attarracas,
Escudeiro de Solia
Com bocaes de fidalguia
Trazidos quasi com vacas,
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheiram ja
Voto a tal que me fara
Hum destes nunqua falar
Mais com viua alma.

Huns que faltam muito vi
De que quisera fugir,
Huns qu'em fim semse sétir
Andam falando entre si,
Porfiosos sem rezam,
E desque tomam a mam
Falam sem necessidade
E se algũs hora lhe verdade,
Deue ser na confissam,
Porque quem nam mente,
Ia me entendeis,

O vos quem q̃r q̃ me ledes
Qu'aueis de ser auisado,
que dizeis a namorado,
que caça vento com redes,
Iura por vida da Dama,
Falla consigo na cama,
Passa denoite, & escarra,
Por falsete na guitarra,
Poem sempre, viua quẽ ama
Porq̃ calça a seu proposito,

Mas deixemos se quiserdes
Por hũ pouco as trauessuras
Porq̃ entre quatro maduras
Leueis tambẽ cinco verdes,
Deitemonos mais ao mar
E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trouas
E vos tomais cores nouas,
Mas não he pera espantar,
que que porcos ha menos
Em cada mouta lhe rocam,

O vos que sois secretarios
Das consciencias Reays,
qu'entre os homens estays,
Por Senhores ordinarios,
Porque naõ pondes hũ freo
Ao roubar que vay se meyo
Debaixo de bom gouerno,
Pois hum pedaço d'inferno
Por pouco dinheiro alheo
Se vende a Mouro,
E a Iudeo.
Porque amente affeiçoada
Sempre a Real dignidade,
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada,

Moue

Moue a preſença Real
Hũa affeiçam natural
que logo inclina ao Iuiz
A ſeu fauor, & não diz,
Hum rifão muyto geral,
que o Abbade donde canta,
Dahi janta,
E vos bailhaes a eſſe ſom?
Por iſſo gentis paſtores,
Vos chama a vos mercadores,
Hum que ſo foi paſtor bom.

Mote, a Ioam Lopez Leitão, ſobre hũa p̃ça de cacha q̃ elle mandou a hũa dama na India, q̃ ſe lhe fazia donzella o qual Ioam Lopez Leitam, he o que elle conuidou no banquete atras.

Mote.

Se voſſa dama vos da
Tudo quanto vos quiſeſtes
Dizei para que lhe deſtes
O que vos ella fazia,
Sendo os reſtos inuidados
E vos de cachas mil contos,
Sabeis có quã poucos pontos,
que lhos achaſtes quebrados.
Se o que tem iſſo vos da
Vos mui bẽ lho mereſceſtes
Porque ſe a cacha lhe deſtes
Tinhauola feita ja.

A dona Franciſca d'Aragão, mandandolhe eſta regra que lha gloſaſſe,

MOTE.

Mas porem a q̃ cuidados.

Tanto mayores tormentos
Foram ſempre os que ſoffri
Daquillo que cabe em mim,
que naõ ſei que penſamentos
São os para que naci.
quando vejo eſte meu Peito
Aperigos arriſcados
Inclinado bem ſoſpeito,

que

Quẽ à cudados sou sogeito,
Mas porem a que cudados.

Outro ao mesmo.

que vindes em mim buscar
Cudados que sou cattiuo,
Eu não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,
Ia ha muito, que nam viuo.
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais,
Mas porem a que cudados?

Outra ao mesmo.

Se as penas qu'amor me deu
Vem por tam suaues meos,
Não ha que temer receos,
Que val hum cudado meu,
Por mil descansos alheos.
Ter nũs olhos taõ formosos,
Os sentidos enleuados,
Bẽ sei qu'em baixos estados
Sam cudados perigosos,
Mas porem, ah q̃ cudados.

Carta que o Autor mandou a Dona Francisca de Aragã, com a glosa acima.

Senhora.

Deixeime enterrar no esquecimento de v. m. crédo mẽ seria assi mais seguro, mas agora q̃ he seruida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lẽbrolhe q̃ hũa vida trabalhosa he menos de agradecer q̃ hũa morte descãsada. Mas se esta vida q̃ agora de nouo me da, for para ma tornar a tomar, seruindose della, nã me fica mais q̃ desejar, q̃ poder acertar cõ este mote de v. m. aoqual dei tres entendimentos, segũdo as palauras, elle poderá sofrer, se forẽ bós, he o mote de v. m. se maos, são as glosas minhas.

Glosas do Autor.

Mote alheo.

Campos bemauenturados,
Tornaiuos agora tristes,
Qu'os dias, em que vistes
Alegre, ja sam passados,

Glosa.

Campos cheos de prazer
Vos qu'estais reuerdecẽdo,
Ia me alegrei com vos ver,
Agora venho a temer,
qu'entristeçais em me vẽdo
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Não quero que me vejais,
Para que sempre sejais
Campos bemauenturados.

Porem se por accidente
Vos pesar de meu tormẽto
Sabereis qu'amor consente,
que tudo me descontente,
Senão descontentamento.

Por isso vos, aruoredos,
que ja nos meus olhos vistes
Mas alegrias, que medos?
Se mos quereis fazer ledos,
Tornaiuos agora tristes.

Ia me vistes ledo ser,
Mas despois q̃ o falso amor
Tam triste me fez viuer
Ledos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Iulgai quanto mais desejo
As horas que vos não vejo,
Qu'os dias em que me vistes

O tempo qu'he desigual,
De secos verdes vos tem,
Porque em vosso natural
Se muda o mal pera o bem,
Mas o meu para mor mal.
Se pregũtais verdes prados,
Pellos tẽpos differentes,
que d'Amor me forã dados

Tri-

Triſtes áqui ſão preſentes,
Alegres ja são paſsados.

Mote alheo.

Trabalhos deſcanſariáo
Se para vòs trabalhaſſe,
Tempos triſtes paſſariáo
S'algũa hora vos lembraſſe.

Gloſa propria.

Nunca o prazer ſe conhece
Senão depois datormenta,
Tápouco o bem permanece
que ſe o deſcanſo florece,
Logo a trabalho arrebenta.
Sempre os bés ſe lograriáo,
Mas os males tudo atalhão
Porem já qu'aſsi porfiáo,
Onde deſcanſos trabalhão
Trabalhos deſcanſariáo.

qualquer trabalho me fora
Por vòs grã contentamẽto,
Nada ſentira ſenhora,
Se vira diſto algum'ora,
Em vòs hũ conhecimento.
Por mal q̃ o mal me trataſse
Tudo por bem tomaria,
Poſto qu'o corpo canſaſse
A Alma deſcanſaria,
Se pera vòs trabalhaſſe.

quem voſsas cruezas já
Soffreo, a tudo ſe pos,
Coſtumado ficarà,
E muyto melhor ſerà
Se trabalhar para vòs.
Triſtezas eſquecerião,
Poſto que mal me tratárã,
Annos não me lébrarião,
que como eſtoutros paſſarã
Tempos triſtes paſſarião.

Se foſſe galardoada
Eſte trabalho tão duro,
Não viuera magoado.
Mas não o foy o paſſado,
Como o ſerâ o futuro?
De canſar não canſaria,
Se quiſereis que canſaſſe,

Cuar, morrer, falolhia,
Tudo em fim esqueceria,
Se algũa hora vos lẽbrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição
que os males q̃ daispor pena
Me fiquem por galardão.

Glosa propria.

Depois de sempre sofrer
Senhora vossas cruezas,
A pesar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus seruiços cõ tristezas.
Mas pois em balde resiste
Quem vossa vista condena,
Prestes estou pera a pena,
Que de galardão tão triste,
Triste vida se me ordena.

De contente do meu mal
A tão grande estremo vim
que consinto em minha fim,
Assi que vos, & mais eu,
Ambos samos contrami.
Mas q̃ soffra meu torméto
Sem querer mais galardão,
Não he fora de razão,
que queira meu soffriméto,
Pois qner vossa condição.

O mal que vòs dais por bẽ,
Esse senhora he mortal,
que o mal q̃ dais como mal
Em muito menos se tem,
Por costume natural.
Mas porem nesta victoria,
que comigo he bẽ pequena,
A mayor dor me condena,
A pena que dais por gloria,
qu'os males q̃ dais por pena.

que mòr bem me possa vir,
Que seruiruos, não o sey,
Pois q̃ mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos seruir
Tanto mais vos deueria?
Se vossos merecimentos

De tão alta estima são,
Assaz de fauor me dão,
Em q̃rer q̃ meus tormẽtos
Me fiquem por galardão.

Mote alheo.

Ia não posso ser contente,
Tenho esperança perdida,
Ando perdi lo entre a gẽte
Né morro, nem tenho vida.

Glosa propria.

Depois que meu cruel fado,
Destruio hũa sperança,
Em que me vi leuantado,
No mal fiquei sẽ mudãça
E do bem desesperado,
O coração que isto sente,
A sua dor não resiste,
Porque vè muy claramẽte,
Que pois nasci para triste,
Ia não posso ser contente,

Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza,
Ia fiz outros fundamentos,
Ia fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamẽtos,
O menos que lhe entreguei
Foi esta cansada vida?
Cuido que nisto acertei,
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida

Acabar de me perder
Fora ja muito melhor.
Teuera fim esta dor,
Que não podendo môr ser,
Cada vez a sinto mor.
De vos desejo esconderme,
E de mi principalmente,
Onde ninguẽ possa verme,
q̃pois me ganho ẽperderme
Ando perdido antr'a gẽte.

Gostos de mudanças cheos,
Nã me busqueis, nã vos q̃ro
Tenhouos por tão alheos,
Que do bem q̃ não espero,
Inda me ficão receos,

Em penâ tão ſem medida,
Em tormento taõ eſquiuo,
Que moura ninguẽ duuida
Mas eu ſe mouro, ou ſe viuo
Nem mouro, nẽ tenho vida

Mote, & gloſa do autor, a hũa dama que ſe chamaua Ana.

A mõrte pois que ſou voſſo
Nam na quero, mas ſe vem,
Ade ſer todo meu bem,

Gloſa

Amor q̃m meu penſamẽto
Com tanta fe, ſe fundou,
Me tem dado hũ regimẽto,
que quãdo vir meu tormẽto
Me ſalue com cujo ſou,
E com eſta defenſam,
Com que tudo vencer poſſo
Diz a cauſa ao coração.
Não tem em mim jurdição
A morte, pois que ſou voſſo
Por exprimentar hum dia
Amor ſe me achaua forte
Neſta fe como dizia,
Me conuidou com a morte
So por ver ſe a tomaria.
E como elle ſeja a couſa,
Onde eſta todo meu bem
Reſpondilhe (como quem
Quer dizer, mais, e nã ouſa)
Nam a quero, mais ſe vem.

Naõ diſſe mais, porq̃ entaõ
Entendeo quanto me toca
E ſe tinha dito o não,
Muytas vezes diz a boca
O que nega o coração.
Toda a couſa defendida.
Em mais eſtima ſe tem,
Por iſſo he couſa ſabida,
Que perder por vos a vida,
Ha de ſer todo meu bem.

Mote alheo.

Vejoa n'alma pintada,
Quando ma pede o deſejo

Ana

A natural que nam vejo.

Glosa propria,

Se so no ver puramente,
Me transformei no que vi,
De vista tão excellente
Mal poderei ser ausente,
Em quãto o nam for de mi.
Porque a alma namorada,
Atraz tão bem debuxada
E a memoria tanto voa,
Que se a nã veja em pessoa,
Vejoa n'alma pintada.

O desejo que se estende
Ao que menos se concede
Sobre vos pede & pretende
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu q̃ em ausencia não vejo.
Tenho piedade,& pejo
De me ver tão pobre estar,
Que então nã tenho q̃ dar
Quando me pede o desejo
Como aquelle que cegou,
He cousa vista,& notoria,
que a natureza ordenou
que se lhe dobre é memoria
O que em vista lhe faltou.
Assi a mim que nam rejo,
Os olhos ao que desejo
Na memoria e na firmeza
Me concede a natureza
A natural que não vejo,

Mote alheo.

Sem vos com meu cudado'
Olhai com quẽ, & sem quẽ.

Glosa propria.

Vendo amor,q̃ com vos ver
Mais leuemente sofria
Os males, que me fazia,
Não me pode isto soffrer,,
Conjurouse com meu fado
Hũ nouo mal me ordenou,
Ambos me leuão forçado
Não sei onde pois que vou,
Sem vos,& cõ meu cudado

Nã sei qual he mais estraño
Destes dous males, que sigo
Senão vos ver, se comigo
Leuar imigo tamanho,
O que fica, & a que vem,
Hum me mata, outro desejo
Co n tal mal, & sem talbem
Em tais estremos me vejo.
Olhai com quem, & sé qué.

Outra sua, ao mesmo mote.

Amor cuja prouidencia,
Foi sempre que não errasse,
Porque n'alma vos leuasse,
Respeitãdo o mal de ausécia
quis q̃ évos me trãsformasse
E vendome ir maltratado.
Eu & meu cudado sos,
Prouco nisso d'atentado,
Por não me ausentar de vos
Sem vos, & cõ meu cudado,

Mas est'alma qu'eu trazia
Porque vos nella morais
Deixame cego & sem guia,
que ha por melhor cõpañia
Ficar onde vos ficais,
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem a alma qué em si vos té
Co mal de viuer sem ella,
Olhai com qué, & sem qué.

Mote alheo.
Sem ventura he por demais

Glosa propria
Todo o trabalhado bem
Promette gostoso fruito
Mas os trabalhos que vem,
Para quem dita não tem
Valé pouco, & custaõ muito
Rompé toda a pedra dura,
Faz os homens immortais
O trabalho, quando atura.
Mas querer achar ventura
Sem vẽtura, he por demais.

Mote alheo.
Minh'alma lẽbraiuos della.

Glo

Glosa propria.

Pois o veruos tenho é mais
Que mil vidas que me deis,
Asi como aque me dais,
Meu bem, ja que mo negais
Meus olhos não mo negais.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
quando ouuerdes do de mi,
Minha vida dailhe a fim,
Minh'alma, lébraiuos della

Outro mote alheo.
Tudo pode hũa affeiçam.

Glosa propria.
Tem tal Iurdição Amor
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor
Qu'a liberta, & isenta
De todo o humano temor.
E com mui justa razão
Como senhor soberano,
qu'amor não conséte dano,
E pois me soffre tençam,
Gritarei por desengano,
Tudo pode hũa affeiçaõ

Troua de Boscam.
Iusta fue mi perdicion,
De mis males soy contento.
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo a mi passion.

Glossa propria.
Despues q̃ Amor me formo
Todo de amor, qual meveo
En las leyes que me dio,
El mirar me consintio,
Y defendeome el desseo,
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perficion,
Dio al desseo ocasion,
Y pues quebre lei tan justa
Iusta fue mi perdicion,

Mostrandoseme el Autor
Mas benigno que cruel.

Sobre

Sobre tyrano traydor,
De celos de mi dolor
quiso tomar parte en el.
Yo que tan dulce tormẽto
No quiero dalle aunq̃ peco
Resisto, y no lo consiento,
Mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora ved lo que ordena,
Este amor tan falso nuestro
Por pagar a costa agena,
Mãdaq̃ de vn mirar vuestro
Haga el premio de mi pena
Mas vos para que veais
Tan engañosa tencion,
Aunque muerto me sintais
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.

Pues q̃ premio (me direis)
Esperas, que sera bueno,
Sabed si no lo sabeis,
que es lo mas de lo q̃ peno,
Lo menos que mereceis
quien haze al mal tã vsano,
Y tan libre al sentimento
El desseo, no, que es vano,
El amor, no que es tyrano,
Pues vuestro merecimiẽto.

Nopudiẽdo amor robarme
De mis tan charos despojos
Aunq̃ fue por mas hõrarme
Vos sola para matarme,
Le prestastes vuestros ojos.
Mattaronme ambos a dos,
Mas a vos con mas razon
Deue el la satisfacion,
Que a mi, por el y por vòs,
Satisfizo mi pasion.

A hũa dama com quem queria andar damores.

MOTE.

Minina fermosa. & crua,
Bem sey eu
Quem deixara de ser seu,
Se vòs quiserdes ser sua.

Vol-

Volta.

Minina mais que na idade
Se para me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
He porque outrem vola tẽ,
Temuola & fazuola crua,
Porem eu
Ia tomara não ser meu,
Se vos não foreis tão sua.

Nos olhos & na feição
Vos vi, quãdo vos olhaua,
Tanta graça que vos daua
De graça este coração;
Náono quisestes de crua,
Por ser meu.
Se outrem vos dera o seu
Pòde ser foreis mais sua.

Menina tende maneira,
Que ainda não venha a ser
Pois não q̃reis, quẽvos quer
Que q̃iraes qué vos nã q̃ira
Olhay não meſejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, & nã meu
Sede vôs minha & não sua.

Mote a hũa dama que està-
ua doente.

Da doença em que ardeis,
Eu fora vossa mèzinha,
Sô com vòs serdes a minha.

He muito para notar
Cura tão bem acertada:
Que podereis ser curada
Somente com me curar
Se quereis dama trocar,
Ambos temos a mẽzinha
Eu a vosa, & vos a minha.

Olhai que naõ quer amor,
(Porque fiquemos iguais)
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor:
Eu cà sinto vosa dor,
E se vòs sintis a minha,
Day & tomay a mẽzinha.

Ou-

Outro a outra dama que estaua tambem doente,

Deu senhora por sentença
Amor que fosseis doente,
Para fazerdes a gente
Doce,& fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
Foi a doença fazer
Fermosa para se ver
Doce para se passar,
Entam vendo a differença,
que ha de vos a toda a gẽte,
Mandou que fosseis doente
Para gloria da doença

E digouos de verdade,
que a saude anda enuejosa,
Por ver estar tam fermosa.
Em vos essa infirmidade,
Não façais logo detença
Senhora em estar doente
Porque adoecera a gente
Com desejos da doença,

qu'eu por ter,fermosa dama
A doença que em vos vejo
Vos confesso,que desejo
De cair con vosco em cama
Se consentis que me vença,
Este mal,nam ouue gente.
Da saude tam contente,
Como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama doente.

Olhai que dura sentença
Foi amor dar contra mim
Que porq̃ é vos me perdi,
Em vos me busca a doença.
Claro esta
Que em vos so me achara,
que em mi, se me vẽ buscar
Não podera mais achar
que a forma do que fuy ja.

que se em vos Amor se pos,
Senhora he forçado assi
qu'o mal que me busca ami
que vos faça mal a vos,

Sem

Sem mintir,
Amor me quis destruyr,
Por modo nunca cudado,
Pois ha de ser forçado,
Pesaruos de vos seruir.

Mas sois tam desconhecida,
E sam meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida,
Se por boa
Tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
Auey vos perdam d'amor,
qu'a parte ja vos perdoa.

Mais o que mais temo é fim
He, que nesta differença,
que se não torne a doença,
Se me não tornais a mim,
De verdade,
que ja vossa humanidade
De que se queixe nam tem,
Pois para as almas tambem,
Fez Amor infirmidade.

A hũa damã que estaua vestida de do.

Mote.

D'atormentado, & perdido
Ia vos não peço, senão,
que tenhais no coração
o que tendes no vestido.

Voltas.

Se de dò vestida andais,
Porquem ja vida não tem,
Porque não no aueis de quẽ
Vòs tantas vezes matais,
que brado sem ser ouuido
E nuuca vejo senão
Cruezas no coração,
E grande dò do vestido.

Outro a Dona Guiomar de Blasfe, queimandosse cõ huma vella no rosto.

MOTE.

Amor que todos offende

Te

Teue senhorã por gosto,
que sentisse o vosso rosto
O que nas almas acende,
Volta.

Aquelle rosto que tras,
O mundo todo abrasado
Se foi da flamma tocado
Foy porque sinta o què faz,

Bẽ sei qu'Amor se lhe rẽde,
Porem o seu presoppposto
Foy, sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

A hũa molher que foi açoutada por hum homem que chamauam foam Coresma na India.

Não estejais agrauada,
Senão se for de vos mesma,
Porq a molher qu'he errada
Com razam pola Coresma.
Deue ser disciplinada,
Volta.

Quererdes profano amor
Em coresma he consciencia
Açoutes, & penitencia,
Vos està muito milhor,

Não fiqueis disto afrõtada,
Pois a culpa he vossa mesma
que molher q̃ tão maluada,
he bem, que polla coresma,
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val
Muy bem açoutada estais,
Pois por coresma pagais
Vossos vicios do carnal.

Nam torneis a ser errada
Nem cõdeneis avos mesmã
Pois estais ja enmendada,
E não sereis por Coresma,
Outra vez disciplinada.

Esparsa a hum fidalgo na India, que lhe tardaua cõ hũa camisa galante que lhe prometeo.

Quem

quem no mundo quiser ser,
Auido por singular,
Para mais se engrandecer
A de trazer sempre odar
Nas ancas do prometer.

E ja que vossa merce
Largueza tem por diuisa
Como todo mundo ve,
Ha mister que tanto de
que venha dar a camisa,

Mote a huma dama que lhe chamou diabo, por nome foam dos Anjos.

Mote.

Senhora pois me chamais
Tão sé razão tã mao nome,
Inda o diabo vos tome,

Volta.

quem quer q̃ vio, ouque leo
Terà por nouo, & moderno
Ter quem viue no inferno
O pensamento no ceo.
Mas se a vos vos pareceo
que me estaua bẽ tal nome,
Esse diabo vos tome,

Perdido mais que ninguem
Confesso, Senhora ser,
Mas o diabo nam quer
Aos Anjos tamanho bem,
Pois logo nam me conuem,
Ou se me conuem tal nome,
Sera para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
Como d'Anjo, e não de luz,
Mal pode fugir da Cruz
quem vos tendes posto nella
Mas ja q̃ foi minha estrella,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guardaiuos q̃ vos nã tome.

Ia que chegais tãto ao cabo
Cõ as mãos postas aos ceos,
Vou sempre pedindo a Deos
que vos leue este diabo
Eu senhora nam me gabo,
Mas pois q̃ medais tal nome

Tomo

Tomo para que vos tome.

A hum seu amigo aquem não podia encontrar,

Mote.

Qual tera culpa de nos
Neste mal que todo he meu?
Quando vindes nam vou eu,
Quando vou não vindes vos.

Reinádo Amor é dous peitos
Tece tantas falsidades,
que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos
Igualmente viue em nos,
Mas por desconcerto seu
Vos leua se venho eu,
Me leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neue,
Asi faz quem amor serue.

Voltas.

Os priuilegios qu'os Reys
Não podem dar, pode amor
Que faz qualquer amador,
Liure das humanas leys,
Mortes, & guerras, crueis,
Ferro frio, fogo, & neue,
Tudo soffre quem o serue,

Moça fermosa despreza
Todo o frio, & toda a dor,
(Olhai quanto pode amor
Mais q̃ a propia natureza)
Medo, nem delicadeza
Lh'empede, que passe aneue
Asi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
A tudo s'offreceria,
Passa pela neue fria
Mais alua qu'a propia neue,
Com todo o frio s'atreue,
Vede em q̃ fogo ferue
O triste qu'o Amor serue,

Outro alheo.

A dor qu'a minha alma sente
Nam na sabe toda a gente.

Vol-

Voltas proprias.

Que estranho caso de amor,
que desejado tormento,
que venho a ser auarento
Das dores de minha dor,
Por me nam tratar pior
Se se sabe, ou se se sente,
Nam na digo a toda a gente.

Minha dor, & causa della
De ninguem a ouso fiar,
Que seria auenturar
A perderme, ou perdella,
E pois soo com padecella
A minha alma està contente,
Não quero q̃ o sayba a gente.

Ande no peito escondida,
Dentro na alma sepultada,
De mi soo seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me matte, ou me de vida,
Ou viua triste, ou contente,
Nam ma sayba toda a gente,

Otro seu.

D'alma, & de quanto tiuer
Quero que me despojeis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem,
Que ja não tenhais rendida
Depois de tirarlhe a vida,
Tiraylhe a morte tambem.
Se mais tenho que perder
Mais quero que me leueis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa casadá
Que eu vi pollo meu mal,

Voltas proprias.

Hũa casada fuy por
Os olhos de si senhores.
Cuidey que fossem amores,

Elles fizeráose amor,
Faz se o desejo amor
Donde o remedio nam val
Em perigo de meu mal.

Naõ me pareceo que amor
Podesse tanto comigo.
que donde entra por amigo
Se leuante por Senhor,
Leuame de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mor mal,

Outro seu.

Enforquei minha esperãça,
Mas amor foi tão madraço
que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foy a esperança julgada,
Por sentença da ventura,
que pois me teue a pindura
que fosse dependurada,
Vem Cupido coa espada,
Cortalhe cerce o baraço,
Cupido foste madraço,

Outro seu.

Puso coraçãonos olhos,
E os olhos pus no cham
Por vingar o coração.

Volta.

O coraçam enuejoso
Como dos olhos andauã,
Sempre remoques me daua
que naõ era o meu mimoso
Venho eu de piadoso,
Do Senhor meu coraçam,
Boto os meos olhos no chã:

Outro seu.

Pus meus olhos n'hũa fũdá,
E fiz hum tiro com ella,
As grades da hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluadá,
Tomou seus olhos na mam.
E tiroume huma pedrada,

Com

Com elles ao coração,
Armei minha funda então,
E pus os meus olhos nella,
Trape, quebrol'a janella,

Alheo.

De piquena tomey amor
Porque o nam entendi,
Agora que o conheci,
Mattame com disfauor.

Voltas proprias,
Vio moço, & pequenino,
E a mesma idade ensina,
que se incline huma minina
As mostras de hum menino
Ouuilhe chamar amor,
Pello nome me venci.
Nun qua tal engano vi,
Nem tamanho desamor,

Cresceome de dia em dia
Com a idade a affeiçam
Porque amor de criaçam,
Na alma, & na vida se cria,

Crioſe em mim este amor,
E senhoreouse de mim,
Agora qne o conheci
Matame com disfauor,

as flores me torna abrolhos
A morte me determina,
quem eu trouxe de mininã
nas mininas dos meus olhos
Desta magoa, & desta dor,
Tenho sabido em fim,
Por amor me perco a mim
porquẽ de miperde o amor,

Parece ser caso estranho
o qu'amor em mi ordenã,
qu'em idade tam pequena,
Aja tormento tamanho.
Sejão milagres d'Amor,
Ey os de soffrer assi
Atê que aja dò de mim
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

A partarãose os meus olhos

De mim tam longe?
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Voltas proprias.

Trataraõme com cautella
Por m'enganar mais azinha
Deilhe posse d'alma minha
Foraõme fogir com ella.!
Não ha vellos, nem ha vela
De mi tão longe,
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
E em fim da vida o melhor
Foraõse,& do desamor
Fizeram necessidade,
quem teue a sua vontade
De mim tam longe,
Falsos amores
Eram crueis matadores.

Nam se pos terra nem mar
Entre vos que foraõ em vã,
Poz se vossa condiçam,
que tam doce he de passar
So ella vos quis leuar
De mim tam longe
Falsos amores,
E oxala enganadores.

Outra cantiga velha.

Falso caualeire ingrato
Enganaisme,
Vos dizeis que eu vos mato
E vos mataisme.

Voltas proprias.

Costumadas artes sam
Para enganar innocencias
Piadosas apparencias
Sobre yzento coraçam,
Eu vos amo,& vos ingrato
Magoaisme,
Dizendo que eu vos mato
E vos mataisme.

Vede agora qual de nos
Anda mais perto do fim,

que

Qu'a juſtiça fazſe em mim
E o pregaõ diz que ſoisvos?
Quãdo mais verdade trato
Leuantaisme,
Que vos deſamo e vos mato
E vos mataiſme.

Proprio.

Se de meu mal me contẽto,
He, porque para vos vejo
Em todo o mundo deſejo,
E em ninguẽ merecimento.

Voltas proprias.

Para quem vos ſoube olhar
Taõ impoſsiuel foy ſer.
O poderuos merecer,
Como o não vos deſejar
Pois logo a meu pẽſamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senão ſe der o deſejo
Azas ao merecimento.

Outro alheo.

Vos ſenhora tudo tendes
Senãoq̃tẽdesos olhosverdes

Voltas proprias.

Dotou em vos natureza
O ſummo da perfeição,
Qu'o que em vos he ſenão
He em outras gentileza:
O verde não ſe deſpreza,
Qu'agora que vos o tendes,
São bellos os olhos verdes.

Ouro & azul hea milhor
Cor porque a gẽte ſe perde;
Mas a graça deſſe verde
Tira a graça de toda cor,
Fica agora ſendo a flor
A cor que nos olhos tendes
Porque ſaõ voſſos & verdes.

Outro Mote alheo.

Para que me dan tormento
Aprouechando tan poco,
Perdido mas no tan loco
Que diſcubra lo que ſiento.

Voltas proprias.

Tiempo perdido es aquel

Que ſe paſſa en darme afan
Pues quanto mas me lo dã,
Tanto menos ſiento del
Que deſcubra lo que ſiẽto?
No lo hare, q̃ no es tã poco
Que no puede ſer tan loco
Quiẽ tiene tal penſamiẽto.

Sepan que me mãda amor
Que de tan dulce querella,
A nadie dè parte della,
Porque la ſienta mayor.
Es tan dulce mi tormiento
Que aun ſe m'antoja poco
Y ſi es mucho quedo loco
De guſto de lo que ſiento.

Outro mote alheo.
De vueſtros ojos ſentellas,
Qu'enciẽden pechos de yelo
Suben por el ayre al cielo
Y en llegando ſon eſtrellas.

Voltas proprias.
Falſos looresos dan
Qu'eſſas sẽtellas tan raras,
No ſon nel cielo mas claras
Qu'en los ojos donde eſtan.
Porque quãdo miro en ellas
De como alũbran al cielo.
No ſe que ſeran nel cielo
Mas, ſe aca ſon eſtrellas.

Ni ſe puede preſumir,
Que al cielo ſuban ſeñora
Que la lũbre qu'envos mora
No tiene mas que ſubir,
Mas pienſo q̃ dan querellas
A Dios nel octauo cielo,
Porque ſon aca en el ſuelo,
Dos tan hermoſas eſtrellas.

Outro alheo.
De dentro tengo mi mal
Que de fuera no ay ſeñal.

Voltas proprias.
Mi nueua y dulce querella,
Es inuiſible a la gente.
El alma ſola la ſiente,

que

Quel cuerpono esdinodella
Como la viua ſentella
S'encubre en el pedernal
De dentro tengo mi mal.

Outro mote alheo.
Amor loco, amor loco,
Yo por vos, y vos por otro.

Voltas proprias.
Diome amor tormẽtos dos,
Paraque pene doblado,
Vno ẽs verme deſamado,
Otro es manſilla de vos,
Ved q̃ ordena amor en nos
Porque me vos hazeis loco,
Que ſeais loca por otro.

Tratais amor de manera
Que porque aſsi me tratais,
Quiere q̃pues no me amais,
Qu'ameis otro, no osquiera
Mas con todo ſino os viera
De todo loca por otro
Con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viuiendo
Al fin al fin cõformamos,
Pues ambos ados buſcamos
Lo que mas nosva huyẽdo.
Voi trasvosſiẽpre ſiguiẽdo,
Y vos huyendo por otro
Andaisloca, ymehazeisloco

Mote alheo.
Todo es poco lo poſsible.

Gloſa propria.
Ved qu'engaños ſeñorea
Nueſtro juyzio tan loco,
Que por mucho que ſe crea
Todo el biẽ que ſe deſſea.
Alcançado queda poco
Vn biẽ de qualquieragrado
Se de auerſe es impoſsible,
Queda mucho deſſeado
Mas para mucho alcãçado,
Todo es poco lo poſsible.

Outra.
Poſsible es a mi cudado

Poderme hazer ſatisfecho
Si fuera poſsible al hado
Hazer no hecho lo hecho
I futuro lo paſſado.
Si oluido pudiera auer,
Fuera remedio ſuffrible:
Mas ya que no puede ſer
Para contento me hazer,
Todo es poco lo poſsible.

Mote alheo.

Vede bem ſe nos meus dias
Os deſgoſtos vi ſobejos,
Pois tenho medo a deſejos,
E quero mal â alegrias:

Voltas proprias.

Se deſejos fuy ja ter,
Seruirão de atormentarme,
Se algũ bẽ pode alegrarme
Quiſme antes entriſtecer,
Paſſey annos paſſei dias,
Em deſgoſtos tam ſobejos,
Que ſò por não ter deſejos,
Perderey mil alegrias:

Mote ſeu.

Pois he mais voſſo que meu
Senhora, meu coração,
Eu voſſo captiuo ſam,
Meus olhos, lembreuos eu.

Volta

Lembreuos minha triſteza,
Que ja mais nũca me deixa
Lẽbreuos cõ quanta queixa
Se queixa minha firmeza:
Lembreuos q̃ não he meu
Eſte triſte coração,
E pois ha tanta rezão
Meus olhos, lembreuos eu.

Outro mote ſeu.

Senhora, pois minha vida
Tendes em voſſo poder,
Por ſerdes della ſeruida,
Não queirais q̃ deſtruida
Poſſa ſer.

Vol-

Volta.

Isto nam por me pesar
De morrer se vos quiseres,
Que milhor me he acabar
Mil vezes que soportar
Os males que me fizerdes,
Mas sò por serdes seruida,
De mi em quanto viuer,
Vos peço que minha vida
Naõ queirais que distruida
Possa ser.

Outro seu a hũa dama.

Pois me faz dãno olharuos
Não quero por não q̃reruos
Que ninguẽ me veja veruos

Volta.

De veruos a não vos ver
Ha dous estremos mortais,
E sam elles em si tais,
q̃ hũ por hũ me faz morrer
Mas antes quero escolher,
Que possa viuer sem veruos
Minhalma por nãperderuos

Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter?
Se viuo só com vos ver
Se vos nam vejoperigo,
Que acabar comigo
Que ninguẽ me veja veruos
Senhora, por naõ perderuos

Mote a tres damas que lhe diziam que o amauaõ.

Nã sey se m'engana Helena
Se Maria, se Ioana,
Nã sei qual dellas mẽgana?

Volta.

Hũa diz, que me quer bem,
Outra jura que mo quer,
Mas em jura de molher
Quem crerà, s'elles nã crem
Nã posso nẽ crer aHelena:
A Maria, nem Ioana,

Mas

Masnãsei qual maismẽgana
Hũa fazme juramentos,
Que sò meu amor estima,
A outra diz que se fina
Ioana que bebe os ventos,
Se cudo que mente Helena
Tambem mentira Ioana,
Mas quẽ mẽte nã m'engana

Outro seu a hũa dama mal empregada.

Menina naõ sey dizer,
Vendouos taõ acabada,
Quã triste stou por vos ver,
Fermosa,&mal empregada

Voltas.

Quẽ tã mal vos empregou,
Pouco de mi se doya,
Pois naõ vio quanto me hia
Em tirarme o que tirou;
Obriga o primor que tem
Lindeza taũ estremada,
Que digaõ quantos a vem
Fermosa&mal empregada.

Tomastes da fermosura
Quanto della desejastes,
E com ella me guardastes
Para taõ triste ventura
Mataueis sendo solteira
Matais agora em casada,
Matais de toda a maueira,
Fermosa&mal empregada.

Outro a hũa foã Gonçalues.

Mote.

Cò vossos olhos Gõçalues
Senhora captiuo tendes
Este meu coraçaõ mendez.

Volta.

Eu sou boa testemunha,
Qu'amor tem por cousa mà
Qu'olhosque saõ homẽs ja,
Se nomeem sem alcunha

Pois

Pois o coraçaõ a punha,
E diz olhos pois vos tendes
Chamaime coração mẽdes

Outro seu.

De que me serue fugir
De morte, dor, & perigo
Se me eu leuo comigo?

Voltas.

Tenhome persuadido
Por razaõ conueniente,
Que naõ posso ser contente
Pois que pude ser nacido,
Anda sempre taõ vnido
O meu tormento comigo
q̃eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me liurasse,
Nenhum gosto me seria:
Que não sendo eu naõ teria
Mal que esse bẽ me tirasse;
Força he logo q̃ assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto, & sem perigo

A hũa dama que lhe juraua sempre pellos seus olhos.

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Pellos seus olhos me jura.

Como meu contentameto
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento
Que se faz agrauo a elles,
Nãcrer tão graõ jurameto.

Porem como em casos tais
Ando ja visto, & corrente
Sem outros certos sinais
Quanto m'ella jura mais
Tanto mais cudo que mẽte

Então vendolhe offender
Hũs tais olhos como aq̃lles.
Deixome antes tudo crer

Sò

Sò pella naõ conſtranger,
A jurar falſo por elles.

Mote.
Vos teneis mi coraçon.

Gloſa propria.
Mi coraçon me an robado
Y amor viendo mis enojos,
Me dixo, fuete lleuado
Por los mas hermoſos ojos,
Que desqueviuo he mirado
Gracias ſobrenaturales,
Te lo tienen en priſion,
Y ſi amor tiene razon
Señora, por las ſeñales
Vos teneis mi coraçon.

Mote alheo.
Ha hũ bẽ q̃ chega, & foge
E chamaſe eſte bem tal
Ter bem para ſentir mal.

Volta propria.
Quem viueo ſempre nũ ſer
Inda que ſeja em pobreza
Não vio o bem da riqueza,
Nẽ o mal de empobrecer,
Não ganhou pera perder
Mas ganhou cõ vida igual
Não ter bem nẽ ſentir mal.

Outras a hũa dama que lhe virou o roſto.

Olhos naõ vos mereci
Que tonhais tal condiçaõ
Taõ liberais pera o chaõ
Taõ iroſos pera mi.

Voltas proprias.

Baixos & honeſtos andais
Por vos negardes a quem
Nã quer mais, q̃ aquelle bẽ
Que vos no chão eſpalhais
Se pouco vos mereci
Nã eſtimais mais q̃ o chão
A quem vos o galardão
Dais, & mo negais a mi.

Mote

Mote do autor.

Venceome amor nã o nego
Tem maisforça qu'eu aſſaz
Que como he cego,&rapaz
Dame porrada de cego.

Volta,

Sò porqu'he rapaz roim,
Deilhe hũ bofete zombãdo
dizme,omao eſtaisme dãdo
Porque ſois mayor que mi?
Pois ſe vos eu deſcarrego,
Hem dizendo iſto,chaz
Tornam'outra tà rapaz,
que das porrada de cego.

Eſparſa ſua ao deſconcerto do mundo.

Os bons vi ſempre paſſar
No mũdo graues tormẽtos
E para mais m'eſpansar,
Os maos vi ſempre nadar
Em mar dè contentamẽtos
Cuidando alcançar aſsim
O bem tam mal ordenado,
Fuy mao,mas fuy caſtigado
Aſsi que ſoo para mim
Anda o mundo concertado

A hũa dama preguntandolhe quem o mataua.

Mote

Pergũtaiſme quẽ me mata?
Nã quero reſponder nada?
Por vos nam fazer culpada.

Voltas,

E ſe a pena nam me atiça
A dizer pena tam forte,
querome entregar a morte
Antes que vos a juſtiça,
Porem ſe tendes cubiça
De vos verdes tam culpada
Direi,que não ſinto nada.

Mote.

Eſconjurote Domingas
Poisme das tanto cuidado,
que

que me digas se te vingas
Viuirei menos penado.

Voltas.

Iurauasme q̃ outras cabras
Folgauas de apascentar,
Eu por naõ me magoar
Fingia que eram palauras.
Agora de arte te vingas
D'algũ meu doudo pecado
qu'inda queiras Domingas
Não posso ser enganado.

qualquer cousa busca o seu
A fonte vay para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingares do meu,
De mi te esq̃ces Domingas
Com'eu faço do meu gado
Praza a Deos q̃ se te vingas
que moura desesperado.

Na fantasia te pinto,
Falote, responde o monte.
Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, & não o sinto
Domingas no valle brado,
Respõde o ecco Domingas
E tu inda te não vingas
De me ver doudo tornado

Alheo.

Se alma ver se naõ pode
Onde pensamentos ferem,
que farey para me crerem,

Voltas suas.

Na alma huma soo ferida,
Faz na vida mil sinais.
Tanto se descobre mais
quanto he mais escondida.
S'esta dor tão conhecida
Me não vẽ, porq̃ não querẽ
que farey para ma crerem;

Se se pudesse bem ver
quanto callo, & quãto séto,
Depois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser.
Mas se não me querẽ crer

Olhos

Olhos que taõ mal me ferẽ
Que farei para me crerem

Alheo.

Vosso bem querer senhora
Vosso mal melhor me fora

Voltas suas.

Ia agora certo conheço
Ser melhor tod'o tormẽto,
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganoume hũbõ começo
Mas o fim me diz agora
qu'o mal melhor me fora.

quando hũ bẽ he tã danoso
que sendo bem, da cuidado
O danno fica obrigado
A ser menos perigoso,
Mas se a mi por desditoso,
Co bẽ me foi mal, senhora,
co vosso mal bem me fora.

Alhea,

Se me desta terra for,
Eu vos leuarey amor-

Voltas,

Se me for, & vos deixar
(Ponho por caso que possa)
Est'alma minha q̃ he vossa
Conuosco me ha de ficar.
Assi que soo por leuar
A minha alma, se me for,
Vos leuarei meu amor.

que mal pode maltratarme
que com vosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
que sẽ vos possa alegrarme,
O mal não pode enojarme,
O bem me sera mayor
Se vos leuar meu amor,

Alhea.

Pequenos contentamentos
hi buscar quem contenteis
q̃ a mi nam me conheceis.

Voltas do Autor.

Os gostos que tantas dores

Fize-

Fizeram ja valer menos,
Nam os aceita pequenos,
Quẽ nunca teue mayores.
Bem parecem vãos fauores
Pois tam tarde me quereis,
Qu'inda me não conheceis.

Offereceis me alegria
Tẽdome ja cego, & mouco
He baixeza aceitar pouco
Quem tanto vos merecia.
Ideos por outra via
Pois o bem que me deueis
Nunqua mo satisfareis.

Alhea.

Perdigam perdeo a pena
Não ha mal q̃ lhe nã venha.

Voltas suas.

Perdigão, que o pensam ẽto
Sobio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento
Naõ tem no ar, nẽ novento
Asas com q̃ se sostenhã
Nãoha mal q̃ lhe nã venha.

Quis voar a hũa alta torre
Mas achouse desasado,
E vendose depenado,
De puro penado morre
S'a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha
Nã ha mal q̃ lhe não venha.

A hũas senhoras q̃ auiaõ de ser terceiras para com hũa dama sua.

Pois a tantas perdiçõnes
Senhoras quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem taes cerugiões,
Pois ventura
Me sobio a tanta altura
que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura.
que se cura
Por vossos rogos senhoras.

Ser

Ser minha pena mortal
Ia qu'entendeis qu'he assim,
Não quero fallar por mi,
Que por mim falla meu mal.
Sois fermosas,
Aueis de ser piadosas
Por ser tudo d'hũa cor;
Que pois Amor vos fes rosas
Milagrosas,
Fazei milagres d'Amor.

Pedi a quem vos sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Não pello qu'eu nisso valho,
Mas pello que vos valeis.
Q u'o valer
De vosso alto merecer
Com'lho pedir de giolhos,
Farà qu'em meu padecer
Possa ver
O poder que tem seus olhos.

Vossa muita fermosura
Co a sua tanto val,
Que me rio de meu mal
Quãdo cuido é qué me cura.
A meus ays
Peçouos que lhe valhais
Damas d'Amor tão validas,
Que nunca tal dor sintais
Que queirais
Onde não sejaes queridas.

Endechas, a hũa cattiua com qué andaua d'amores na India, chamada Barbora.

Aquella cattiua,
Que me tem catiuo?
Porque nella viuo,
Ia não quer que viua,
Eu nunca vi Rosa
Em suaues mollos,
Que para meus olhos
Fosse mais fermosa.

Nem no Cêo Estrellas,
Nem no Campo Flores
Me parecem bellas,

A Como

Como os meus amores
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos, & cansados
Mas não de matar.

Hũa graça viuã,
que nelles lhe mora,
Para ser senhora
De quem he cattiua,
Pretos os cabellos,
Onde o pouo vão
Perde opinião
qu'os louros sam bellos.

Pretidão d'Amor,
Tão doce a figura,
Qu'a neue lle jura
Que trocàra a cor
Leda mansidão
qu'o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas Barbora não.

Presença serenã
qu'a tormentã mansa
Nella emfim descansa
Toda a minha pena.
Esta he cattiua
que me tem cattiuo:
E pois nella viuo
He força que viua.

Outra.

quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
que o semeasse,

D'Amor, & seus dannos
Me fiz laurador.
Semeaua Amor,
E colhia enganos:
Não vi em meus Annos
Homem que apanhasse
O que semeasse.

Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida,
Mas a rez perdida

que

Que tal herua pasce
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi
Trabalhaua em vam,
Se semeey gram,
Grande dor colhi,
Amor nunca vi
que muito durasse.
Que nam magoasse.

Alheo.

Se me leuam agoas,
Nos olhos as leuo.

Propias.

Se de saudade
Morrerey ou nam,
Meus olhos diram
De mim a verdade.
Por elles m'atreuo
Alcançar as agoas,
que mostrē as magoas,
que nesta alma leuo,

As agoas que em vam
Me fazem chorar
Se ellas sam do mar
Estas d'amar sam
Por ellas releuo
Todas minhas magoās,
que se força d'agoas
Me leua, eu as leuo.

Todas m'entristecem,
Todas sam salgadas,
Porem as choradas,
Doces me parecem.
Correy, doces agoas,
que se em vos m'enleuo
Naõ doem as magos
Que no peito leuo?

Outro alheo.

Menina dos olhos verdes,
porque me nam vedes?

Proprias.

Elles verdes sam,
E tem por vsança

Na cor esperança,
E nas obras nam,
Vossa condiçam
Nam he d'olhos verdes,
Porque me nam vedes?

Isenções a molhos,
Que elles dizem terdes
Nam sam d'olhos vardes
Nem de verdes olhos.
Siruo de giolhos,
E vos nam me credes,
Porque me nam vedes,

Auião de ser
Porque possa vellos,
Q u'hũs olhos tão bellos
Não se ham d'esconder,
Mas fazeisme crer
Que ja nam sam verdes,
Porque me nam vedes,

Verdes nam o sam,
No que alcanço delles,
Verdes sam aquelles,
Que esperança dão,
Se na condiçam
Está serem verdes,
Porque me nam vedes?

Outro alheo.

Trocai o cudado
Senhora comigo,
Vereis o perigo,
Que'he ser defamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nos,
He para que em vos
Vejais o que vejo.
E sendo trocado,
Este amor comigo
Seruos ha castigo,
Terdes meu cudado,

Tendes o sentido
D'amor liure,& isento
E cudais que he vento,
Ser tam mal querido,

Nam

Não seja o cudado
Tão vosso inimigo
que quero o perigo
De ser desamado.

Mas nunca foi tal
Este meu querer,
que quem tanto quer
queira a tanto mal,
Seja eu mal tratado,
E nunca o castigo
Vou mostre o perigo,
que he ser desamado.

Outra à tenção de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
Dever outro dia
quem o acabaria?

A lindeza vossa,
Dama quem a ve,
Impossiuel he
que guardar se possa,
Se faz tãnta mòsa,
Veruos hum sò dia
quem se guardaria?

Milhor deue ser
Neste auenturar,
Ver, & não guardar,
Que guardar de ver
Ver, & defender
Muito bem seria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero madre
Aquella galera,
Con el marinero
A ser marinera.

Voltas proprias.

Madre si me fuere
Do quiera que vò
No lo quiero yo,
Quel Amor lo quiere,
Aquel niño fiero
Haze que me muera,
Por vn marinero

A ser marinera.

El que todo puede,
Madre no podra,
Pues el alma va,
que el cuerpo se quede
Con el porquié muero
Voy porque no muera
Que si es marinero,
Sere marinera,

Es tyranna ley,
Del ninho senhor,
que por vn amor
Se deseche vn Rey,
Pues desta manera
quiero, yo me quiere,
Por vn marinero
A ser marinera.

Dizid, ondas quando
Vistes vos donzella,
Siendo tierna, y bella
Andar nauegando,
Mas no se espera,
Daquel ninho fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra cantiga velha.

Saudade minha
Quando vos veria?

Voltas proprias.

Este tempo vam,
Esta vida escassa
Para todos passa
Soo para mim nam,
Os dias se vam,
Sem ver este dia
quando vos veria?

Vede esta mudança,
Se esta bem perdida,
Em tam curta vida
Tam longa esperança,
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria,
quando vos veria.

Sau-

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo,
Mas nam me deffendo
Porque offendo amor
Se fosseis mayor,
Em mayor valia,
Vos estimaria.

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direy eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite, & de dia
Sempre vos teria.

Outra alheã.

Vida da minh'alma
Nam vos posso ver
Isto nam he vida
Para se soffrer.

Voltas proprias.

Quando vos eu via,
Esse bem lograua
A vida estimaua
Mais entam viuia,
Porque vos seruia
So para vos ver
Ia que vos nam vejo,
Para que he viuer,

Viuo sem rezam
Porque em minha dor
Nam apos amor
Que inimigos sam
Muy grande treyçam,
Me obriga a fazer
Que viua senhora
Sem vos poder ver

Nam me atreuo já
Minha tam querida
A chamaruos vida,
Porque a tenho mà,
Ninguem cuidara
Que isto pode ser
Sendome vos vida,
Nam poder viuer.

Coyfa de Beyrame
Namorou Ioane.

Voltas proprias.

Por couſa tam pouca
Andas namorado?
Amas a toucado,
E nam quẽ o touca,
Ando cega, & louca,
Por ti meu Ioane,
Tu pelo beyrame.

Amas o veſtido
Es falſo amador
Tu não ves qu'amor
Se pinta diſpido?
Cego, & perdido
Andas por Beyramẽ,
E eu por ti Ioane.

Se alguem te vir,
Que dira de ti?
Que deixas a mim,
Por couſa tam vil,
Terà beẽ que rir
Pois amas Beirame
E a mim nam Ioane.

Quem amá aſsi
Ha de ſer amada,
Ando maltratada
D'amores por ti
Amame a mim
E deixa o beirame
Que he rezão Ioanne.

A todos encantã
Tua paruoice,
De tua doudice
Gonçalo ſe eſpantã,
E zombando canta
Coifa de Beyrame
namorou Ioane.

E não ſei que viſte
Neſte meu toucado,
que tam namorado
Delle te ſentiſte
Nam te veja triſte,

Amã.

Amame Ioane,
E deixo o Beirame.

Ioane gimia,
Maria choraua.
Asi lamentaua
O mal que sentia,
Os olhos firia,
E nam o beirame
Que matou Ioane.

Não sey de quem vem
Andares vestido
Que o mesmo Cupido
Vistido não tem
Sabe de que vem
Amares beirame
Vem de ser Ioane.

Motes seus.

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nasceram abrolhos

Voltas.

A verdura amena.
Gados, que pasceis,
Sabeis que a deueis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
Faz flores de abrolhos
O ar de seus olhos

Faz serras floridas,
Faz claras as fontes,
S'isto faz nos montes,
que fara nas vidas?
Tralas suspendidas
Como eruas é molhos,
Na luz de seus olhos.

Os corações prende
Com graça inhumanã
De cada pestana
Hum'alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos
Pasma nos seus olhos.

Alheo.

Verdes sam os campos,

De

De cor de limam,
Assi sam os olhos,
Do meu coração,

Com rosas, & flores
Moças que as regam,
Matam me de amores.

Voltas suas.

Campo que te estẽdes
Com verdura bella
ouelhas que nella
Vosso pasto tendes,
D'eruas vos mantẽdes
que traz o veram,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Voltas suas.

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes heruas crecem,
Altos arnoredos,
Vay destes rochedos
Agoa cõ que as flores,
D'outras sam regadas
Que matão d'amores.

Gado que pasceis
Co contentamento
Vosso mantimento
Nam o entendeis,
Isso que comeis
Não sam heruas, nam,
Sam graças dos olhos,
Do meu coraçã,

Co agoa que cay
Daquella espessura,
Outra se mestura,
Que dos olhos say
Toda junta vay
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos
que matam d'amores,

Alheo,
Verdes sam as hortas,

Celestes jardins
As flores estrellas,

Hor-

Horteloas dellas,
Sam huns Seraphins
Rosas, & jazmins
De diuersas cores,
Anjos que as regam
Matãome d'amores

Alhea.

Menina fermosa
Dizei de quem vem,
Serdes riguroſa
Aquem vos quer bem.

Voltas proprias.

Nam ſei quem aſſella,
Voſſa fermoſura,
que quem he taõ dura
Nam pode ſer bella
Vos ſereis fermoſa,
Mas a rezam tem,
que quem he yroſa
Não parece bem,

A moſtra he de bella,
As obras ſam cruas
Pois qual deſtas duas,
Ficara na folha?
Se ficar iroſa,
Nam vos eſtà bem
Fique antes fermoſa
que mais força tem.

O amor fermoſo
Se pinta, & ſe chama,
Se he amor, ama,
Se ama, he piadoſo.
Diz agora a groſa
que eſte texto tem
que quem he fermoſa,
Ha de querer bem.

Auei do menina
Deſſa fermoſura,
que se a terra he dura,
Se caſſe a boniua,
Sede piadoſa
Nam veja ninguem
que por riguroſa
Percaes tanto bem

Alhea,

Tendeme mam nelle,

qu'hum real me deue.

Voltas proprias.

C,hum real d'amor
Dous de confiança,
E tres de eſperança
Me foge o tredor,
Falſo deſamor,
S'encerra naquelle
Qu'hum real me deue.

Pediome empreſtado
Nam lhe quis penhor,
He mao pagador
Tendeme aferrado
C'hum cordel atado
Ao tronco ſe leue
qu'hum real me deue.

Por eſta traueſſa
Se vay acolhendo,
Eylo vay correndo
Fugindo a gram preſſa.
Neſta mam,& neſſa
O falſo s'atreue
qu'hum real me deue,

Compreme amor
Sem lhe fazer preço,
Eu nam lho mereço
Darme disfauor.
Dame tanta dor.
qu'ando apos elle
Pelo que me deue.

Eu de ca bradando,
Elle vay fugindo,
Elle ſempre rindo,
Eu ſempre chorando,
De quando em quando
No amor s'atreue,
Como que não deue.

A falar verdade,
Elle ja pagou
Mas inda ficou
Deuendo a metade
Minha liberdade
He a que me deue,
So nella ſe atreue.

Car-

CARTA I. MANDADA DA INDIA A HVM SEV amigo.

DEsejei tanto hũa vossa, que cuido que pella muito desejar nam vi. Porque este he o mais certo costume da fortuna consentir que se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras Naos me não fação tamanha offensa, como he fazerem me sospeitar que vos nam lembro determinei de vos obrigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos vereis o que quero que me escreuais dessa terra. Em pago do qual, d'ante mam vos pago com nouas desta, que não seram màs no fundo de hũa arca para auiso de alguns auentureiros, que cuidam que todo mato he ourgãos, & não sabem que cà, & lâ mas fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar aquantas speranças dera de comer ate então, com pregão publico por falsificadorasde moeda. Edesenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim nam ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me não via senam por entre lusco, & fusco, as derradeias palauras que na Nao disse, foram as de Scipiaõ Africano. Ingrata patria non possidebis ossa mea. Porque quando cuydo

do que sem pecado, que me obrigasse à tres dias de Purgatorio, passei tres mil de mas lingoas, peores tenções, danadas vontades, nascidas de pura enueja, de verem su amada yedra de si arrancada, & em outro muro asida da qual tambem amizades mais brandas que cera se ascendião em odios que demanda esperauam, & o lume que me deitaua mais pingos na fama que os couros de hum leitam. Entam ajuntouse a isto acharemme sempre na pelle a virtude de Achiles, que naõ podia ser cortado senam pellas solas dos pes, as quaes de mas nam verem nunca, me fez ver as de muitos, & não engeitar conuersações da mesma impressam, a quem fracos punham mao nome, vingando com a lingoa o que nam podiam com o braço. Em fim senhor, eu nam sei com q̃ me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armauão acontecimentos, senam com me vir para esta, onde viuo mais venerado, que os touros da Merciana, & mais quieto que a cela de hum frade Pregador. Da terra vos sey dizer que he mãy de viloẽs roins, & madrasta de homens honrados. Porque os que se cà lançaõ a buscar dinheiro, sempre se sostentam sobre a agoa com bexigas. Mas os que sua opiniam deita, a las armas Mouriscote, como marè corpos mortos a praya. Porque sabei que antes que amadureção se secam, Ia estes que tomauão esta opinião de valentes as costas crede que nunca riberas del Duero arriba caualgaram

çamo-

çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando, & quando vem ao effeito da obra saluamse com dizerem, que se nam podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometer, & dar. Informado disto, veo a esta terra Ioam Toscano, que como se achaua em algũ magusto de rosiões verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la bina sangre. Calisto de Siqueira se veo ca mais humanamente, porque asi o prometteo em hũa tormenta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hum olho, se tem cà prouado arrezoadamente. Porque fui tomado por juiz de certas palauras deque elle fez desdizer a hum soldado, o qual pola postura de sua pessoa, era cà tido em boa cõta. Se das damas da terra quereis nouas, as quais sam obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a festa de S. F. Pero Gonçalues, sabei q̃ as Portuguesas todas caem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, alem de serem de rala fazeime m. que lhe faleis alguns amores de Petrarca, ou de Boscam, respondem vos hũa lingoagem meada de eruilhaca, que traua na gargãta do entendimento, a qual vos lança agoa na ferrura da mòr quentura do mundo. Hora julgai senhor a que sentirà hum estamago costumado a resistir as falsidades de hum rostinho de Tauxia de huma dama Lisbonense, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vendose agora

ãgora entre esta carne de selè,que nenhum amor dà de si,como não chorarà las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que às molheres dessa terra digaes de minha parte,que se querem absolutamente ter alçada com baraço,& pregam, que nam receem seis meses de ma vida por esse mar,que eu as espero, com procissam,& paleo reuestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe iram entregar as chaues da cidade, & reconheceram toda a obediencia,a que por sua muyta ida de sam ja obrigadas.Por agora nam mais senam que este Soneto que aqui vay,que fiz à morte de dom Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto della me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe,que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vo la mandara para a mostrardes là a Miguel Diaz que pela muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escreuer muytas cartas para o Reyno me nam deu lugar. Tambem là escreuo a Luis de Lemos,em rep osta doutra que vi sua,se lha nam deram,sabe que he culpa da Viagem,na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de entam crecida
Ah senhor Dom Antonio,a dura sorte,
Donde fazendo andaua o braço forte

A fa-

A fama dos antigos esquecida,
Hũa so razão tenho conhecida
Com que tamanha magoa se conforte,
que pois no mundo auia honrada morte,
que não podieis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto
Que co engenho meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste,& doce canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

CARTA II. A OVTRO AMIGO.

ESta vay com a candea na mam morrer nas de v. m. & se dahi passar seja em cinza,porque nam quero q̃ do meu pouco,comão muitos. Ese todauia quiser meter mais mãos na escudela,mandelhe lauar o nome,& valha sem cunhos.

La mar en medio,y tierras he dexado,
Y quanto bien cuytado yo tenia.
Mas quã vano ymaginar,quam claro engaño
Es darme yo a entender que con partirme,
De mim se ha de partir hum mal tamanho,
Quam mal está no caso quem cuda que a mudãça do

lugar, muda a dor do sentimento. E senão digão quiẽ dixo que l'ausencia causa oluido. Porque em fim la tierra queda, & o mais a Alma acompanha. A o aluo destes cudados jogão meus pensamentos à barreira tendome jà pello costume tão contente de triste, que triste me faria ser contente, porque o longo vso dos annos se cõuerte em natureza. Pois o q̃ he para mor mal, tenho eu para mòr bẽ. Ainda que para viuer no mundo, me debruo doutro pano, por não parecer curuja entre pardais, fazendome hũ para ser outro, sendo outro para ser hum: mas a dor dessimulada darà seu fruito, que a tristeza no coração, he como a traça no pano: & tão triste me tenho, que se sentisse alegria, de triste não viuiria. Porque a tal sorte vim, que não vejo bem algum em quanto vejo que não naceo para mim, & por não sentir nenhum, nenhum desejo. Porque cousas impossiueis he melhor esquecelas, que desejalas. E por isso.

Sò tristeza ver queria
Pois minha ventura quer
Que sô ella
Conheça por alegria,
E que se outra quiser,
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois não ve que alheos con-

tenta

tentamentos a hum coração descontente, não lhe remedeando que sente, lhe dobram o que padece. Vos, se vem à mão esperareis de mim palaurinhas jueiradas, enforcadas de bons propositos. Pois desenganaiuos que desque professei tristeza, nunca mais soube jugar a outro fito. E porque não digais q̃ não sou gente fora do meu bairro. vedes vai hũa volta feita a este mote, q̃ escolhi na manada dos engeitados. E tudo q̃ não he tã dedo queimado, q̃ não seja dos q̃ el Rey mãdou chamar, o qual fala assi.

Não quero, nam quero
Iubam amarelo.

Se de negro for
Tambem me aborrece
Quanto m'aborrece
Toda a alegre cor,
Cor que mostra dor
Quero, & nam quero,
Iubam amarelo.

Pareceuos que se pode dizer mais, nam me respondais quem gabara a noiua, por que assentai qu'foi comendo, & fazendo, ou assoprando, que não he tão pequena abilidade. E porque vos não pareça que foi mais acertar, q̃ querelo fazer, vedes vay outra do mesmo jaez com tanto que se não va a pasmar.

Perdigam perdeo a pena,
Nam ha mal que lhe nam venha

Em hum mal outro começa
Que nunca vem so nenhum,
E o triste que tem hum,
A soffrer outro s'offereça,
E so pello ver conheça,
Que basta hum so que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça será esperardes de mim propositos em cousas que os não tem pera comigo, pois ainda q̃ queira nã posso o que quero, que hum sentido remontado de não por pe em ramo verde, tudo lhe succede assi, & cada hũ acode ao que lhe mais doe. E mais eu, que oque mais me entristece he contentamento ter, pois fujo delle, que minh'alma o aborrece, que lhe lembra que he virtude de viuer sem elle. Porque ja sabeis que magoa he veloâs, & nam o paparàs. Por fugir destes inconuenientes.

Toda a cousa descontente
Contentar me so conuinha
De meu gosto,
Que o mal de que sou doente,
Sua mais certa mezinha,
He desgosto.

Ia ouuireis dizer, Mouro o q̃ nam podes auer, dão pela tua alma. O mal sem remedio, o mais certo, que tem, he he fazer da necessidade virtude, quanto mais se tudo tã pouco dura, como opassado prazer. Porque em fim, Allegados son iguales, los que viuẽ por sus manos, &c. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizeram hũas voltas a hum mote denchemam, que diz por sua arte zõ bando, mais que nam de sizo (que toda a galantaria he tirala donde senam espera) o qual crede, que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneira, De fuera dormiredes pastorzico. E o meu senhor diz assi.

Daualhe o vento no chapeirão
Quer de, quer não.
Bem o pode reuoluer
Que o vento nam.
E mais vento he sentir muyto,
O que em fim, fim a de ter.
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeirão,
Quer lhe de quer nam.

Hũa cousa sabei de mim, que queria antes o bẽ do mal, que o mal do bem, porq̃ muito mais se sente o por vir, q̃ o passado. E a morte ate matar, mata. Nam ser sereis

m̃arca de voar tam alto? porque para tomar a palha a esta materia, sam necessarias asas de nebri? Mas vos sois homem de prol, & desculpame a conta em q̃ vos tenho. E a que de mim vos sei dar he.

Que esperança me despede.
Tristeza nam me fallece,
E tudo o mais m'aborrece.
Ia que mais nam mereceo
Minha estrella,
So a tristeza conheço,
Pois que para mim nasceo,
E eu para ella.

No mundo nam tem boa sorte, se não quem tẽ por boã a que tẽ. E daqui me vem contentarme de triste. Mas olhais de que maneira viuo assi ao reues, tomãdo por certa vida, certa morte, cõ q̃ folgo em q̃ me pes, pois minha sorte he seruida, de tal sorte, hũa cousa sabei, que o mal inda que as vezes o vejais louuar, nam ha quem o louue com a boca, que o nam tache com o coraçam:

Ajudame a sofrer,
Vida tam sem sofrimento.
E tam sem vida,
Ver que em fim a de ter
Desgosto, & contentamento,
Hũa medida.

Atentai que não saõ maos confeitos de enforcado para os que estão com o baraço na garganta, cudar que o bé, & o mal ainda que sejão differentes na vida, sam conformes na morte: porque vemos que nam ha tam alta sorte, nem ventura tam subida, ou desestrada, a quem nam asopre a morte, não sopre o fogo da vida. A seu fim todas as cousas vam correndo. Nem ha cousa a q̃ o tempo nam consumma, nem vida que de si tanto presuma, que se nam veja nada, em se vendo, que o mais certo que temos, he nada termos certo, cà na terra, pois para seus não nascemos, se o seu nos da incerto, nadar era. Querouos dar conta de hum Soneto sem pernas, que se fez a hum certo recontro, que se teue com este destruidor de bons propositos, & naõ se acabou, porque se teue por mal empregada a obra. Cujo teor he o seguinte.

Forçoume Amor hum dia que jugasse
Deu as cartas, & douros leuantou,
E sem respeitar mão logo triunfou,
Cudando que o metal que m'enganasse.
Dizendo pois triunfou, que triunsasse.
A hũa çota douros que jugou,
Eu então por burlar quem me burlou,
Tres paos jugei, & dize que ganhasse.
Principes de condição, ainda que o sejam de sangue,

ſão mais enfadonhos q̃ a pobreza, fazem com ſua fidalguia, com que lhe cauemos, fidalguias de ſeus auòs onde nam ha trigo tam jueirado, que não tenha algũ ceuilhaca. Ia ſabeis, que baſta hum frade roim, para dar q̃ fallar a hum conuento. Tres couſas nam ſe ſofrem ſem diſcordia. Companhia, namorar, mandar villam roim ſobre couſa de ſeu intereſſe. Nam ſe pode ter paciencia com quem quer que lhe façam o q̃ nam faz. Deſaguardecimentos de boas obras, deſtruem a vontade para não fazellas a amigo, q̃ tem mais conta com o intereſſe, q̃ cõ a amizade, rezai delle que he dos cà nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre roſto, quando o coração eſtà triſte: pano he q̃ nam toma nunca bẽ eſta tinta, q̃ a lũa recebe a claridade do ſol, & o roſto do coraçam: Nada dà quem nam dà honra no que dà. Não tem q̃ aguardecer, quem no q̃ recebe a nam recebe: porque bem comprado vai, o que com ella ſe compra. Nada ſe dà de graça, o que ſe pede muito. Eſtà certo quẽ nã tem hũa vida, tem muitas. Onde a razão ſe gouerna pella vontade, ha muito que praguejar, & pouco q̃ louuar. Nenhũa couſa homezea os homẽs tanto conſigo, como males de que ſe nam guardaram, podendo. Nam ha Alma ſem corpo, que tantos corpos faça ſem Almas, como eſte purgatorio, a que chamais honra, donde muitas vezes o homens cudam que a ganham, ahi a perdem

onde

Onde ha inueja,não ha amizade,né a pode auer em desi gual conuersaçam. Bem mereceo o engano,quem creo mais o que lhe dizem,que o que vio. Agora,ou se ade viuer no mundo sem verdade,ou com verdade sem mũdo E para muito pontual preguntailhe donde vem? vereis que algo tiene en él cuerpo que le duele. Hora temperaime la esta gaita,que nẽ assi,nem assi, achareis meo real de descanso nesta vida,ella nos tratta somente, como alheos de si,& com razão,pois somente nos he dada para ganharmos nella,o que sabemos, se se gasta mal gastada,juntamente com perdela,nos perdermos. Em fim esta minha senhora,sendo a cousa,porque mais fazemos he a mais fraca alfaya de que nos seruimos. E se queremos ver quam breue he ponderemos,& vejamos, que ganhamos em viuer,os que nacemos, veremos que naõ ganhamos,senam algum bem fazer,se o fazemos. E por que respeitando,que o por ver tal sera, entheseuremos, porque nam sabemos,quando a morte nos pedira, que lhe paguemos. Nunca vi cousa mais para lembrar, & menos lembrada,que a morte, sendo mais aborrecida que a verdade,temse em menos cõto que a virtude. Mas com tudo com seu pensamento,quando lhe vem a vontade a carreta mil pensamientos vãos, que tudo para cõ ella he hum lume de palhas. Nenhuma cousa me inche tanto as medidas, para com estes que viuem a mor bonança

bonãnça,como ella.Porque quando lhe menos lembrã. entam lhe arranca as amaras,dando com os corpos a costa,&se vem a mam com as almas no inferno,que he bẽ roim gasalhado.

E pois todos isto temos
Nam nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos]
E tras que vamos,
Ia que temos por certeza
Que quando mais a queremos
A deixamos.

Gastamos em alcançala
A vida,& quando queremos
Vsar della,
Nos tira a morte lograla
Assi que a Deos perdemos.
E a ella.

Porque ja ouuirieis dizer ninho feito,pegã mortã. Quẽ me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura delle estâ em quanto se alcança? porque acabado de passar,acabado de esquecer.E com razam, porque acabado de alcançar he passado, & mayor saudade deixa, do que he o contentamento que deu.Esperai por me fazer.m.que lhe quero dar bũas palaurinhas de proposito.

Mun-

Mudo se te conhecemos
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Muy sem causa nos queixamos,
De teus danos.

Tu não enganas ninguem
Pois a quem te desejar,
Vemos que danas,
Se te querem qual te vem;
Se te querem enganar,
Ninguem enganas.

Vejãose os bens que tiuerã
Os que mais em alcançarte
Se esmerarão,
Que huns viuendo, não viueram
E outros sò com deixarte,
Descansarão.

Se esta tão clara fè
Te a clara teus enganos
Desengana,
Sobejamente mal ve,

Quem

Quem com tantos desenganos
Se engana.

Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos
E que vemos.
Nam cremos o que tu podes,
Senam o que desejamos
E queremos.

Nada te pode estimar
Quem bem quiser conhecerte,
E estimarte,
Que em te perder, ou ganhar
O mais seguro ganharte
He perderte.

E quem em ti determina
Descanso poder achar
Saiba que era,
Que sendo alma diuina
Não a pode descansar
Nada da terra.

Nascemos pâra morrer,

Morremos para ter vida
Em ti morrendo,
O mais certo he merecer,
Nos a vida conhecida
Ca viuendo.

Em fim mundo, es estalagem,
Em que pousam nossas vidas,
De corrida,
De ti leuão de passajem
Ser bem ou mal recebidas
Na outra vida.

A fuera, a fuera Rodrigo, que eu se muito for por este caminho darey en enfadonho. Ainda que me parece ja me não liurará priuilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vos sofreime com meus encargos E porque não digais que sou hereje do Amor, e que lhe nã sei orações, vedes vay hũa. Di Iuan de que murio Blas com hũ pè à Portuguesa, & outro à Castellana, & não vos espanteis da libre, que em qualquer palmo desta materia perco o norte. E os supricantes dizem assi.

Di, Iuan, de que murio Blas,
Tan niño y tan mal logrado,
Gil murio de desamado,

Dime

Dime Iuan quien le engaño,
que con amor se engañasse
Pensando que el bien hallasse
Adonde el mal cierto hallo.
Despues que el engaño vio
Que hizo desengañado?
Gil murio de desamado.

Trauou com elle pendença,
Em ter razão confiado
Mas amor como he letrado,
Ouue contr'elle a sentença
E co aquella differença
Disse entre si o coytado,
Gil morreo de desamado.

Quem tem razão tão cerrada,
que não saiba, sendo rudo
E sem respeito,
que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo
Sem defeito?

E sendo isto tão certo.
Como todo confessamos.

E sabemos
Não demos pello incerto
O em que tão certo estamos
Pois o vemos,

A tudo isto podeis responder q̃ todos morremos de mal de Phaetam, porque del dicho al hecho, va grã trecho. E de saber as cousas, & passar por ellas, ha mais differença que de consolar a ser consolado, mas assi entrou o mundo & assi ha de sair, muitas a reprendelo, & poucos a emendalo. E com isso amaino beijando essas poderosas mãos hũa quatrinqua de vezes, cuja vida, & reuerendissima pessoa, nosso Senhor, &c,

Zombaria que fez sobre alguns homens a que naõ sabia mal o vinho, fingindo, que em Goa nas festas que se fizeram a socceſſam deſhum Gouernador, sahiram a jugar as canas estes certos galantes com diuisas nas bandeiras, & letras conformes suas tenções, & inclinações.

E hum que bebia excessiuamente tirou por diuisa hum Morcego, aue em que foi conuertida Alcithoe com as irmans por desprezarem os sacrificios de Bacho. E como aquelle que se em tal erro caisse, nam queria ser conuertido em tam baixo animal, & tam nojoso, dizia a sua letra assi em Castellano.

Si

Si yo desobedeciere
A tu deydad sancta, y purã
En almudes mi figura.

Algũs praguentos quiserão dizer, que esta letra era mã licioſa, & que nam queria dizer tanto, que desejar este galante de ser mudado em al, como desejaua almudes deste licor. Mas he muyto grande falcidade, que sendo a letra assi feita, a caso acertou de sair aquella palaura com que molhaua as suas, quem tiraua a deuisa. Do que o innocẽte autor despois ficou para se ẽforcar. Mas outro galante que de fino bebado ja passaua os limites do bom, & costumado beber, tirou por hũa diuisa hũa palmeira aruore, q̃ entre os antigos significaua victoria, & ao pè della algũs ramos de vides, & de parreiras pisadas, & dizia a letra assi.

Ficay vencidas sem gloria
Vos vides, & vos parreiras,
Porque os ramos das palmeiras,
São os que tem a victoria.

Tambem aqui não faltarão praguentos, que quiserão dizer, o vinho que este deuoto deixando já atras de Portugal, cometia com valeroso animo: Orracas, & Fullas, tẽdo em pouco Caparicas, & Seixais. Mas quem hà que fuia de màs lingoas: ou de mal costumadas gargantas?

Outro galante a quem fazia mal ao estamago beber

ò vinho aguado, tirou por diuiſa hũa peça de chamalote ſem aguas, que lhe apreſentaua Deos Bacco: & dizia a letra como por parte do meſmo Bacco.

Sem aguas, ſenhor, leuayo
Se for bom,
Que las aguas de Moncayo
Frias ſon.

Aqui não tiuerão praguentos que dizer, por ſer opinião de fiſica, ſerem melhores os mantimentos ſimples, q̃ compoſtos.

Outro que no beber lançaua a barra, inda mais alem que os acima eſcritos, tirou por diuiſa hũa ſalmoudria, paſseando por cima de hũas braſas de fogo, & a letra dizia.

En el fuego biuo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de por. De fuego la beuo yo. Donde os praguentos quiſerã adiuinhar, que eſte galante bebia Orraca de fogo. O demonio foy fazer tal erro para delle ſayr tamanho acerto. Outro deuoto, que deſque eſtaua quente, dizia dos companheiros quaeſquer que foſſem, o que de cada hum ſabia ſem reſpeito, tirou por diuiſa hum demoninhado, lançãdo os olhos em aluo eſcumando, & apontando com o dedo para hum fraſco de vinho, & dizia a letra.

Se fallar demaſiado

Não mo tachem, porque em fim
Aquella alma falla em mim.

Sendo atê qui introduzidos os religiosos do Bacco pedirão dous, doutra religião que tambem os deixassem jugar as canas, & que elles tirarião tal diuisa, com que se tirasse a linpo sua abelidade, & sendo entrados ambos juntos por certa conformidade, que auia entre ambos, trouxerão pintados nas bandeiras, cada hũ seu par de Pombas, & dizia a letra.

Se como vos ha hi par,
Vos o podereis julgar.

Certo que atè aqui chegou a malicia dos homẽs, porque tão sutilmente quiserã o interpretar a innocencia desta letra, que tomarão a derradeira sillaba da primeira regra, & ajuntarãona com a primeira da derradeira, que vem a dizer paruos, & disserão que junto significauão isso aquelles dous innocentes. Mal peccado, tão errada anda a maldade humana, que logo tem por paruos aos que sabem pouco.

Outro homem entrou tambem por aderencia nas canas, o qual dizem que tinha partes maraujlhosas, porque era tão perfeito em suas cousas, que o seu comer auia de ser melhor temperado, & mais suaue do mundo. E os seus vestidos eram sempre dos mais finos panos, & setins que se podessem descobrir: & esta perfeição

feição ate nos amores,& amizades se lhe estendia. Porque com os amigos sempre tinha sutilezas de conuersaçam,& com as amigas hum fingir,que queria o que nã queria.E em fim ate no jugar vsaua daquellas manhas todas as que pera ganhar eram necessarias.E tinha mais hum reues da fortuna recebidoq̃ se lhe estendia desde a ponta do nariz ate hũa orelha.Este senhor tirou por diuisa hũa camisa toda laurada de pontinhos,lauor antigo & a letra dizia assi.

Pontos de honrado,& sesudo,
Sempre na vida quis ter.
Apontado no viuer
Apontado mais que tudo
Em meu vestir,& comer,
Pontos sutis no meu gosto,
Mais sutis no conuersar
Tanto me vim apontar,
Que apontado trago o rosto,
E as cartas para jugar,

Muitos outros homens illustres quiserão ser admitidos nestas festas,& canas,& q̃ se fizera memoria delles conforme suas calidades,mas infinita escriptura fora,segundo todos os homẽs da India sam assinalados,& por isto estes bastẽ,pera seruirẽ de amostra do que ha nos mais,

FINIS,

S Sobre os rios que vam. 154
Soſpeitas que me quereis. 161
Se deriuais de verdade. 165
Se nam quereis padecer, 162
Se voſſa dama vos dà. 168
Sem vos,& com meu cudado, 172
Sem ventura he por demais, 172
Senhora ſe eu alcançaſſe. 164
Senhora pois me chamais, 176
Se me leuam aguas. 186
Se de meu mal me contento. 179
Saudade minha. 187
Senhora pois vida. 180
Se n'alma,& no penſamento. 166
Sem ventura he por demais. 172
Se alma verſe não pode. 183
Se me deſta terra for. 84
Se Helena apartar. 189
T Tendeme mam nelle. 190
Trabalhos deſcanſariaõ. 170
Triſte vida ſe me ordena, 170
Tudo pode huma affeiçam, 173
Trocay o cudado. 180
Todo es poco lo poſsible. 180

	Daime hũa ley ſenhora de quereruos.	18
	Despois que quis amor que eu ſó paſſaſſe.	2
	Ditoſo ſeja a quelle que sòmente.	19
	Dos illuſtres antigos que deixarão.	22
E	Em quanto quis fortuna que tiueſſe.	1
	Eu cantarei de amor tão docemente	ibidẽ.
	Em flor vos arrancou de então crecida.	4
	Em fermoſa Lethea ſe confia.	7
	Eſtaſe a Primauera traſladando.	8
	Eſtâ o laſciuo, & doce paſſarilho.	8
	Em priſoẽs baixas foi hum tempo atado.	2
	Eſforço grande igual ao penſamento.	23
F	Fermoſos olhos que na idade noſſa.	10
	Fermoſura do ceo a nos decida.	17
	Ferido ſem ter cura perecia.	17
	Fiouſe o coração de muito iſento.	26
	Foi ja num tempo doce couſa amar.	22
C	Grão tempo ha que ſoube da ventura.	12
H	Hum mouer d'olhos brando, & piadoſo.	9
I	Ia a ſaudoſa aurora deſtoucaua.	18
L	Lindo, & ſutil trançado que ficaſte.	11
	Lembranças ſaudoſas ſe cudais.	14
	Leda ſerenidade deleitoſa.	20
M	Males que contra mim vos conjuraſtes.	8

Mudãose os tempos, mudãose as vontades. 15
N Num jardim adornado de verdura. 4
Nũ boſque que das Nymphas ſe habitaua. 6
Não paſſes caminhante, quem me chama. 10
Nayadas vos que os rios habitaes 15
Na metade do ceo ſubido ardia. 18
No tempo que de amor viuer ſoya. 2
No mundo quis hum tẽpo que ſe achaſſe. 23
No mundo poucos annos, & canſados. 26
O Os Reynos, & os imperios poderoſos 6
O fogo que na branda cera ardia. 18
O ciſne quando ſente ſer chegada. 11
O como ſe me alonga de anno em anno. 13
O culto diuinal ſe celebraua. 20
Ondados fios de ouro reluzente. 22
Os veſtidos Eliſa reboluia. 25
O quaõ caro me cuſta o entenderte. 25
O rayo criſtallino ſe eſtendia. 25
P. Paſſo por meus trabalhos tão iſento. 3
Pedeme o deſejo dama que vos veja. 8
Porque quereis ſenhora que offereça. 9
Pellos eſtremos raros que moſtrou. 12
Pois meus olhos naõ canſaõ de chorar. 17
Penſamentos que agora nouamente. 24

Q Quem vè ſenhora claro, & manifeſto. 5
Quando da bella viſta, & doce riſo, ibide.
Quando o Sol encuberto vay moſtrando. 9
Quantas vezes do fuſo ſe eſquecia. 11
Quando vejo que meu deſtino ordena. 14
Quem jaz no grão ſepulcro que deſcreue. 15
Quem pode liure ſer gentil ſenhora. 16
Que vençais no Oriente tantos Reys. 17
Quando de minhas magoas à comprida. 19
Quem foſſe acompanhado juntamente. 20
Que leuas cruel morte? hum claro dia. 21
Que poderei do mundo ja querer. 24
Que me quereis perpetuas ſaudades. 26
Quem quiſer ver de amor hũa excellẽcia. 27
R. Rezaõ he ja que minha confiança. 2
S. Se quando vos perdi minha eſperança. 7
Sete annos de paſtor Iacob ſeruia. 8
Se tanta pena tenho merecida. 9
Se algũa hora em vos ha piedade. 12
Se as penas cõ que amor tão mal me trata. 15
Sospiros inflammados que cantais. 19
Se tomar minha pena em penitencia. 24
Se pena por amaruos ſe merece 21
Se deſpois de eſperança tão perdida 25

T Tanto de meu estado me acho incerto. 3
Transformase o amador na cousa amada. 3
Todo animal da calma repousaua. 4
Tomoume vossa vista soberana. 01
Tomaua Deliana por vingança. 12
Tempo he ja que minha confiança. 13
V Vossos olhos senhora que competem. 17
Verdade, amor, razão, merecimento. 26
Vos que de olhos suaues, & serenos. 23
Vos Nymphas da Gangetica espessura. 27

Cançoes.

A A instabilidade da fortuna. 29
C Com força desusada. 36
F Fermosa, & gentil dama quando vejo. 27
I Ia a roxa menhã clara. 31
Iunto de hum seco, fero, & esteril monte. 42
M Mandame amor que cante docemente. 39
S Se este meu pensamento. 34
T Tomey a triste pena. 41
V Vão as serenas agoas. 33
Vinde cà meu tão certo secretario. 45

Sextina.

F Foge me pouco a pouco a curta vida. 68

Odes

Odes.

A Aquem darão de pindo os moradores. 61
Aquelle vnico exemplo. 63
Aquelle moço fero, 66
D Detem hum pouco Musa o largo pranto. 50
F Fermosa fera humana. 56
Fogem as neues frias. 64
N Nunca manhã suaue. 58
P Pode hum desejo immenso. 59
S Se de meu pensamento. 50
T Tão suaue, tão fresca, & tão fermosa. 53

Elegias.

A Aquella de amor descomedido. 74
O O Poeta Simonides falando. 69
Sulmonense Ouuidio desterrado. 76

Terceto.

Despois que Magalhães teue tecida. 78

Capitulo.

A Aquelle mouer de olhos excellente. 81

Oitaua Rima.

C Como nos vossos hombros tão constantes 87
M Muy alto Rey aquem os ceos em sorte. 90
Q Quem pode ser no mundo tão quieto. 82

Eclo-

TABOADA.

Eclogas.

A Ao longo do ſereno. 102
A quem darei queixumes namorados: 128
A ruſtica contenda deſuſada. 135
As doces cantilenas que cantauão. 141
Arde por Galathea branca, & loura. 152
C Cantando por hum valle docemente. 120
P Paſſado ja algum tempo que os amores. 14
Q Que grande variedade vão fazendo. 92

Taboada das redondilhas, Motes Sparſas, & Gloſas.

A A morte pois ſou voſſo. 171
Amor que todos offende. 176
A dor que minha alma ſente. 176
Amores de hũa caſada. 177
Aquella catiua. 185
Apartarãoſe os meus olhos. 178
Amor loco, amor loco. 180
Amor cuja prouidencia, 172
C Conde cujo illuſtre peito. 163
Campos bemauenturados. 169
Corre ſem vela, & ſem leme. 162
Com voſſos olhos Gonçalues. 181

Coyſa

Coyfa de Beyrame. 188
D. Dama de eſtranho primor. 160
Da doença em que ardeis. 174
Deu ſenhora por ſentença. 174
De atormentado, & perdido. 175
Deſcalça vay pola neue. 176
D'alma, & de quanto tiuer. 177
De pequena tomey amor. 178
De vueſtros ojos centellas. 179
De dentro tengo mi mal. 179
De que me ſerue fogir. 182
E Enforquey minha eſperança. 177
Eſſes alfinetes vão. 180
Eſte mundo es el camino. 166
Eſconjurote Domingas. 183
F Falſo caualeiro ingrato. 178
H Ha hum bẽ que chega, & foge. 182
I Ia não poſſo ſer contente. 173
Iuſta fue mi perdicion. 187
Irme quiero madre. 168
M Mas porem a que cudados. 164
Muyto ſois meu enemigo. 172
Minha alma lembraiuos della. 172
Menina fermoſa, & crua. 173

Menina dos olhos verdes. 186
Menina não sey dizer. 181
Menina fermosa. 190
N Não estejaes agrauada. 175
Não sey se me engana Elena. 181
O Olhay que dura sentença. 174
Olhos não vos mereci. 182
Os bõs vi sempre passar. 183
P Peçouos que me digaes. 165
Pus o coração nos olhos. 177
Pus meus olhos nũa funda. 177
Para que me dão tormentos. 179
Pois he mais vosso que meu. 180
Pois me faz dano olharuos. 181
Posible es a mi cuidado. 180
Perguntaisme quem me mata. 183
Pequenos contentamentos. 184
Perdigão perdeo a pena. 185
Pois a tantas condiçoẽs. 188
Q Querendo escreuer hum dia. 156
Quem no mundo quiser ser. 176
Qual terà culpa de nos. 176
Quem ora soubesse. 185
Quando me quer enganar. 182

TABOADA
SONETOS.

A Alma minha gentil que te partiſte. 5
Aquella triſte,& leda madrugada. 7
Alegres campos,verdes aruoredos. 11
Amor coa ſperança ja perdida. 13
Apollo & as noue Muſas diſcantando. 13
Apartauaſe Niſe de Montano. 14
Amor que a geſto humano n'alma eſcreue. 3
Amor he hum fogo que arde ſem ſe ver. 21
Aquella fera humana que enriquece. 19
A perfeiçam,a graça,o doce geito. 23
Aquella que de pura caſtidade. 24
B Buſca amor nouas artes,nouo engenho. 4
Bem ſey amor que he certo o que receo. 20
C Clara minha enemiga em cuja mam. 6
Como fizeſte Porcia tal ferida. 16
Com grandes eſperanças ja cantei. 1
Como quando do mar tempeſtuoſo. 21
Conuerſação domeſtica affeiçoa. 22
D Doces lembranças da paſſada gloria. 5
De vos me aparto o Nymphas em tal mudança. 6
Depois de tantos dias mal gaſtados. 14
De tão diuino accento,& voz humana. 16
Debaixo deſta pedra eſta metido. 16

Dai-

V Vejo n'alma à pintada. 171
Ver,& mais guardar. 187
Vos senhora tudo tendes. 179
Vida da minha alma. 188
Vede bem se nos meus dias. 180
Vos teneis mi coraçon. 182
Vay o bem fugindo, ibidem
Venceome amor nam no nego. 183
Vosso bem querer senhora. 184
Verdes sam os campos. 189
Verdes sam as horas. 189

FINIS,